Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Abril
1981
Terça-feira

ANO 61.°
N.° 20 521
15$00

60 anos

Diário de Lisboa

O «Diário de Lisboa» faz hoje 60 anos. Esta edição celebra a efeméride. Independentemente dos assuntos anunciados nesta primeira página, publicamos hoje vários «dossiers» sobre questões internacionais com destaque para uma reportagem sobre a tentativa de golpe em Moçambique e para um exclusivo sobre o golpe abortado em Espanha. Quarenta personalidades dizem, por outro lado, o que pensam do jornal. Fernando Pessoa, repescado das nossas páginas de há mais de trinta anos, defende a Maçonaria...

É um semanário dentro de um jornal diário. Requere maior tempo de consulta e de leitura. Esperamos que a nossa «prenda de anos» seja inteiramente do vosso agrado...

Hoje: 64 páginas

Incluindo "Concurso DL"

Governo afasta gestores do Banco de Portugal

O Governo Balsemão está empenhado em afastar diversos administradores do Banco de Portugal. Para além do próprio governador do BP, mais dois administradores deverão ser afastados. E a Caixa Geral de Depósitos não escapa também à onda de «remodelações».

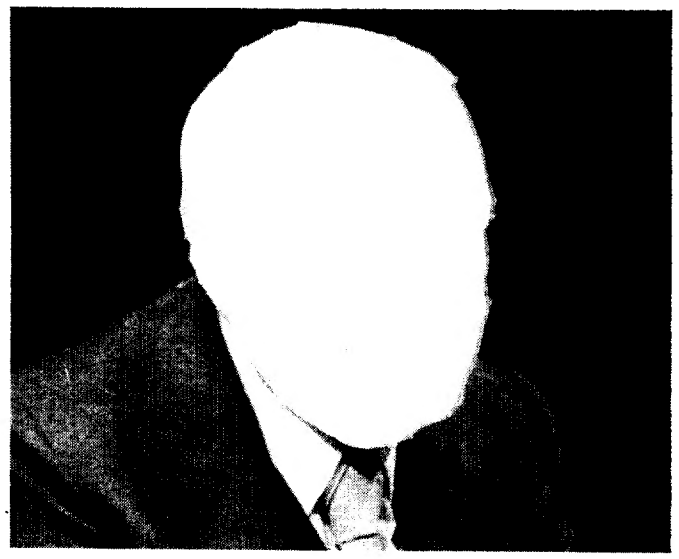
O embaixador de Portugal junto da CEE Ernâni Lopes deverá substituir Jacinto Nunes no cargo de governador do Banco de Portugal a partir de Setembro. Ernâni Lopes, contactado em Bruxelas, recusou-se no enanto a comentar esta informação. «As minhas funções – declarou – dizem estritamente respeito à chefia da missão de Portugal junto das Comunidades Europeias e portanto, esse assunto não cabe na esfera da minha competência».

Mas as substituições na administração do Banco de Portugal não ficam por aqui. Tanto quanto sabemos, também Joaquim Mestre e Luís Rui Teixeira terão sido notificados de que não serão reconduzidos nas funções de administradores, que actualmente exercem.

No campo dos afastamentos, a nível de dirigentes de instituições financeiras, recorde-se que Lopes Alves, da Caixa Geral de Depósitos, foi igualmente posto de parte.

Desconhece-se, de momento, quem será o sucessor de Ernani Lopes em Bruxelas. Pedro Pires de Miranda, actual embaixador itinerante para as questões do petróleo e antigo presidente da Comissão de Integração Europeia, é um dos nomes considerados pelo Governo. Admite-se, no entanto, que o Ministério dos Negócios Estrangeiros defenda a nomeação de um embaixador de carreira, seguindo critérios que têm sido enunciados neste domínio por Gonçalves Pereira.

As razões da substituição de Jacinto Nunes não foram ainda esclarecidas, mas presume-se que estejam ligadas a divergências com o Ministério das Finanças.



De como se entra e sai na Polícia Judiciária

Um agente da Polícia Judiciária suspenso de funções desde Dezembro, explica como lhe cresceu a paixão pelo ofício, a partir de uma juventude em que venerava os ídolos oferecidos pelo cinema, televisão e literatura policial. Com os mesmos ideais de justiça sobreviria a pena que lhe foi aplicada, na sequência de processo disciplinar, sob a acusação de ter distribuído droga a um informador.

Pág. 13

Entrevista com Mário Soares:

Tudo por tudo

O homem que desde as eleições presidenciais se tornou no alvo dilecto das preocupações da «direita», Mário Soares, enquanto é acusado de pretender dirigir o seu partido, o PS, como um déspota ou como um monarca absoluto, foi entrevistado no Porto pelo «DL». Soares insiste em que é contra a moção de síntese, quer que os conflitos se resolvam por votação em pleno Congresso e reafirma que não aceitaria vir a ser um secretário-geral «diminuído, desprestigiado no conceito público, desautorizado».

Pág. 7

Amanhã:
entrevista
com Salgado
Zenha

Confirmado oficialmente em Bona

Brejnev visitará este ano a RFA

Pág. 47

UGT também suspendeu relações com o Governo

Na sequência de idêntica posição assumida pela CGTP no dia 20 de Março, a UGT anunciou a suspensão dos contactos e negociações com o Governo. Esta decisão prende-se no imediato com o facto de o Ministério da Reforma Administrativa ter imposto ontem uma tabela salarial para a Função Pública. A UGT considera que a decisão constitui um «autêntico atentado aos mais elementares direitos constitucionais e às convenções da OIT sobre a matéria». No âmbito da suspensão de contactos com o Governo, ficam igualmente interrompidas as negociações entre a GT e vários membros do Governo sobre o caderno reivindicativo relativo a política geral.

Pág. 60

Concurso "DL"/81

Na pág. 2 8.° cupão
e págs. 15/16 do Álbum
e, em repetição excepcional
as páginas 3/4 do Álbum
e o 2.° cupão

Este é o jornal dos nossos 60 anos

O «Diário de Lisboa» faz hoje 60 anos. São pelo menos duas vezes a idade da razão – para muitos serão três.

Por esse motivo, um consciencioso frémito percorre hoje, discretamente, o arquivo das suas mais de quinze mil edições.

Nas suas páginas entrecruzam-se, em 7 de Abril de 1981 como em 7 de Abril de 1921, diversos e por vezes contraditórios calendários: o calendário dos acontecimentos previsíveis e dos acontecimentos imprevistos; o que anima a agenda da Sociedade Civil e aquele em que se noticia e discute a actuação do Estado; o da intervenção cultural e o do relato da cultura; o dos dias fastos e o dos dias nefastos; o das grandes notícias de primeira página e o das pequenas «breves» que noticiam apagadamente os factos dignos de registo...

Equilibrando sob tensão estes vários calendários, operando dia a dia a maravilha do caleidoscópio, o «Diário de Lisboa» cresceu, implantou-se, criou um público e ampliou-o, robusteceu aolongo de seis décadas o seu lugar na Imprensa portuguesa.

Mais: um pouco como diz nesta edição o poeta José Gomes Ferreira, interrogado com quarenta outras personalidades sobre o nosso trabalho, o«Diário de Lisboa» tornou-se num «diário público que Lisboa escreve todos os dias».

Claro que o «Diário de Lisboa» se modificou, no seu próprio modo de produção. É verdade que alguns dos seus melhores textos continuam a ser escritos, como disse alguém, contra-relógio em quartos de hotéis onde o cinzeiro transborda e a cama está por fazer e tendo como única música de fundo o crepitar insone da máquina de escrever. Mas também é verdade que a memória computarizada, o «dossier» electrónico e vários outros agentes da Informação moderna passaram a trabalhar com ele, a trabalhar «nele» por forma a actualizar permanentemente a sua capacidade de resposta perante uma sociedade nacional e internacional cada vez mais rica e mais complexa, que todos os dias põe à prova a nossa capacidade de triagem dos acontecimentos.

É sabido: cada órgão de Comunicação Social produz, em parte, a história contemporânea. O «Diário de Lisboa» esforça-se por ter deste facto, dia a dia, uma consciência muito aguda.

No momento em que entra, expandindo o seu público, no 61.º ano de existência, o «Diário de Lisboa» prepara um novo arranjo gráfico das suas páginas, destinado a exprimir de um modo mais rico os seus actuais conteúdos e a abrir caminho de forma controlada, a novos espaços noticiosos e de opinião que resultam de uma escuta atenta das solicitações dos seus leitores mais fiéis.

Dentro de poucas semanas, e sem modificação das suas actuais características, o nosso jornal, passará, assim, a espelhar numa nova superfície gráfica o equilíbrio de tensões de que é, já hoje, a resultante, e que o transformou num jornal indispensável à esquerda portuguesa – mas que, por isso mesmo, também a direita na sua pluralidade cada vez mais procura e consulta. Este facto, que os estudos de mercado confirmam mas que como qualquer verdade estatística só se faz aceitar depois de há bastante tempo estar já «em acto», assegura-nos da justeza da nossa política de informação e convida-nos a aprofundá-la.

Basta como palavras de apresentação. Quase esquecíamos a principal razão de ser destas primeiras linhas: queríamos convidar-vos a dedicar mais tempo ao bolo de aniversário que é hoje, para nós, esta edição...

João Mendes

Confraternização num aniversário do «DL». Separa-nos desta fotografia meio século. Muitos companheiros desapareceram. Vivos, e sempre presentes na casa, o Bisarro e o Teles. Vivo o dr. Norberto Lopes que sucedeu a Joaquim Manso na direcção do «DL». Mas Vieira Pinto e Pedro Bordalo partiram há muitos anos. Há muitos anos faleceu o Dr. Joaquim Manso, primeiro director do «DL». É ele que preside àreunião ladeado por Norberto de Araújo, Artur Portela, Norberto Lopes. Reconhecem-se na fotografia os jornalistas Manuel Nunes, Aprígio Mafra, Vasconcelos e Sá, Maurício de Oliveira, Rogério Perez, Tavares da Silva, Felix Correia e Carlos Ferrão está encoberto entre o tipógrafo Pina e Maurício de Oliveira

Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Comunicação Social

Ainda a assistência aos jornalistas

Os Serviços Médicos-Sociais vão em breve apresentar ao Sindicato dos Jornalistas um projecto sobre a prestação de assistência médico-social à classe – segundo um membro da direcção do SJ após reunião efectuada naqueles Serviços. A reunião veio na sequência deum contacto anterior, resultante da deccsão, já revogada, de suspender os actuais moldes de prestação de assistência praticados através da Caixa de Previdência dos Jornalistas. Entretanto, continua a manter-se em vigor o sistema de reembolso utilizado pelos jornalistas. Na referida reunião, o SJ apresentou uma proposya na qual se sublinha que a integraçao da sua assistência no sistema geral «não poderá ser feito com prejuízo do esquema que vem sendo praticado pela Caixa de Previdência, e recordou que os jornalistas, para além dos seus descontos, devem beneficiar dos efeitos assistenciais do desconto das empresas sobre a publicidade publicada.

Mensurado

A CA da RTP instaurou um processo disciplinar ao jornalista José Mensurado, depois de este ter criticado duramente os responsáveis daquela estação em entrevista ao «Expresso» de 24 de Março. «Parece voltar a haver em Portugal delito de opinião» – afirmou, a propósito, Mensurado. A instrução do processo foi confiado ao advogado Manuel João da Palma Carlos.

ANOP/Madeira

O Governo Regional da Madeira declarou já que não receberá Comissão de Inquérito do Conselho de Informação para a ANOP, que se desloca ao Funchal na próxima semana. Aquela Comissão tem por objectivo averiguar o fundamento de acusações de censura interna dirigidas pelo Gove no Regional da Hadeira áquela agência.

«Diário do Alentejo»

O jornalista José Moedas foi convidado para director dm matutino «Diário do Alentejo», de Beja, cujo reaparecimento está para breve. Um membro do Conselho de Administração da Associação de Municípios do Distrito, proprietário do jornal, afirmou que os jornais devem ser dirigidos por jornalistas.

Novosti

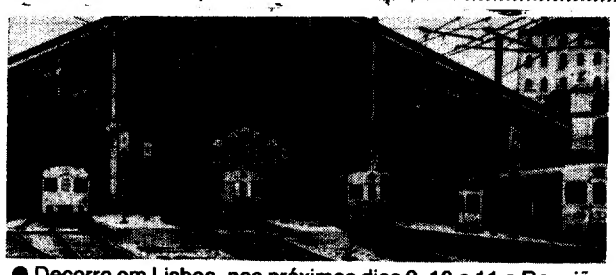
A agência Novosti completa hoje seis anos de trabalho em Portugal, sob o lema «Informação em prol da paz e da amizade entre os povos».

Via Veneza
SAPATOS — MALAS
ALTA QUALIDADE
NOVAS COLECÇÕES
DE PRIMAVERA E VERÃO
CENTRO COMERCIAL DE BENFICA
Est. de Benfica, 739 - Loja 5-F 1500 LISBOA

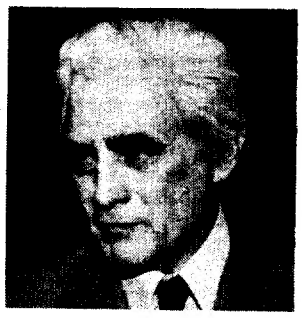
CHÁ HIPERICÃO-DO-GERÊS
(PRODUTO CENDERMA)
Planta medicinal benéfica para:
FÍGADO, VISÍCULA BILIAR, BEXIGA E RINS.
Preço 200$00 (2 pacotes) mais 2 oferecidos a cada cliente. Envia-se a encomenda à cobrança para todo o País. Os portes do correio são de conta do cliente, mais 70$00.
PEDIDOS A:
CENDERMA — CHÁS MEDICINAIS
Apartado 12 — 2901 Setúbal Codex
FORNECE-SE PARA REVENDA AOS SUPERMERCADOS

CHÁ PAU D'ARCO
(PRODUTO CENDERMA)
Especial para ULCERAS ESTOMACAIS E DUODENAIS, REUMATISMO, DIABETES, ASMA, GASTRITE, ANEMIAS — FAVORECENDO O AUMENTO DOS GLOBULOS VERMELHOS, LEUCEMIA, HEMORROIDAL, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES INTESTINAIS, VARIZES, ÚLCERAS VARICOSAS E FERIDAS DE QUALQUES NATUREZA.
Preço 200$00 (2 pacotes) mais 2 oferecidos a cada cliente. Envia-se encomendas à cobrança, a quem pedir. Mais 70$00 para portes de correio, por conta do cliente.
PEDIDOS A:
CENDERMA — CHÁS MEDICINAIS
Apartado 12 — 2901 Setúbal Codex
FORNECE-SE PARA REVENDA AOS SUPERMERCADOS

ponto a ponto

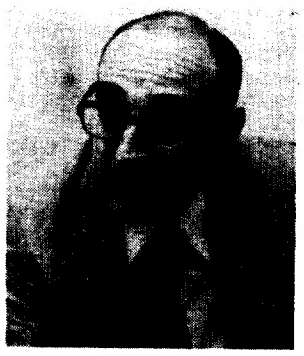


● Decorre em Lisboa, nos próximos dias 9, 10 e 11 a Reunião Anual dos Chefes de Relações Públicas das redes rodoviárias que integram a União Internacional dos **Caminhos de Ferro** (UIC). Esta reunião de trabalho terá a presença do novo secretário-geral da UIC, o francês J. Bouley, e espera-se a participação, entre outros, dos representantes dos Serviços de Relações Públicas da RENFE (Espanha), da SNCF (França), da FS (Itália), da CFF (Suíça), da DB (Alemanha), da DSB (Dinamarca), da JZ (Jugoslávia), da NS (Holanda), da OBB (Áustria), da SJ (Suécia), da RATP (Metropolitano de Paris), da OFERMAT (Organismo Francês de Cooperação com os Caminhos de Ferro), além de representantes do próprio Secretariado Geral da União Internacional dos Caminhos de Ferro.



● O secretário-geral do Partido Comunista Português **Álvaro Cunhal,** estará logo à noite (cerca das 22.30) em directo na RTP. Cunhal será entrevistado sobre questões de política internacional no programa «Zoom».

● Um despacho do **ministro da Educação e Ciência, Vítor Crespo,** enviado ontem para publicação no «Diário da República», aprova o regulamento da organização e funcionamento dos conselhos científicos da Universidade Nova de Lisboa. O diploma determina que, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação na folha oficial, as comissões instaladoras de cada Faculdade deverão marcar as datas das primeiras eleições para presidentes das comissões científicas e para presidente do Conselho Científico.



● A APU das Mercês promove esta noite, às 21.30 no edifício da Junta de Freguesia, situado na Rua do Jasmim, 11, um encontro-debate sobre os problemas de saúde que será orientado pelo **dr. Sá Marques, presidente do Sindicato dos Médicos do Sul.**

● João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, encontra-se em **Tenerife, nas ilhas Canárias,** onde participa na Conferência das Regiões Insulares Europeias, reunião que se realiza sob a égide do Conselho da Europa. Jardim apresentará uma comunicação sobre o turismo e outra sobre a experiência autonómica madeirense.

QUATRO NOTAS POLÍTICAS QUE SE OFERECEM À CIRCULAÇÃO

1

Se os velhos programas foram reprovados, e pateados os velhos homens, será porventura uma solução política levá-los outra vez ao poder? Para quê? Para os reprovar e patear de novo? Em tal caso, fora então a política um círculo vicioso sem significação, e a História uma sabatina moral e tediosa. – OLIVEIRA MARTINS

Neste mês de Abril, entre o dia 2, em que comemorámos a promulgação da Constituição da República, e o próximo dia 25, em que vamos celebrar o acto militar de libertação nacional e a Revolução que por ele, e com ele, foi historicamente possível, e foi explosão jubilosa de sentimentos reprimidos, e foi ponto cardeal de esperança colectiva; neste mês de Abril, dizíamos, apetece recordar as palavras do jovem Oliveira Martins, escritas naquele ano de 1870 em que funda, com José Fontana, o jornal «República – Orgão da Democracia Portuguesa».

E não se trata de recordar uma simples frase. As palavras velhas ajustam-se às circunstâncias presentes. **Eles** regressam. São «os velhos programas reprovados» que novamente nos são oferecidos e aos «velhos homens pateados» novamente se recorre. No Governo, e, também, na oposição. Sendo evidente, a vários títulos e na análise conduzida a partir de diversos ângulos, que esses «velhos programas reprovados» não tinham, na altura em que foram reprovados, qualquer validade e que a própria evolução sublinhou o seu carácter precário, tendencioso e obsoleto. Sendo evidente, sem contestação possível, que os «velhos homens pateados» não adquiriram maior saber, não ganharam mais experiência, nem remoçaram as ideias velhas. Quanto era duvidosa no outro tempo a sua competência, quanto é duvidoso nos presentes dias que os seus conselhos e a sua intervenção possam representar reforço de eficiência, alargamento da capacidade de análise e de decisão, enriquecimento do conteúdo das soluções.

Legítimo será supor o contrário, que o erro trágico de «antigamente» poderá reproduzir-se ao nível da farsa; legítimo será supor que **eles** nada aprenderam. Pior ainda: que nada esqueceram e que vêm acertar contas antigas com o destino que não souberam dominar, com a «continuidade» que lhes escapou e os frustrou, com a frustração que, na sua conduta actual, se reflecte no facto de exprimirem a vontade de um «regresso» na linguagem policiada e fria que anuncia uma «estabilidade».

Fala-se de **governar**, pensa-se em termos de **recuperação**. Os «programas» visam a involução do curso político em Abril iniciado. A «classe política» pensa segundo os seus «interesses **de classe**». Não é só o «socialismo» que foi adiado (e com alguma culpa da parte dos socialistas), é a «democracia» que está sujeita ao condicionamento de uma **maioria parlamentar** que, nessa qualidade e função, não pode prescindir de apoios não-democráticos, não pode dispensar-se de recuperar pessoal político entre os servidores do regime salazarista e da continuidade marcelista, nem tem força de ânimo, mentalidade e vocação, para se empenhar num projecto de justiça social, de modernização de métodos e tecnológica, de revolução cultural, de autêntico desenvolvimento.

Neste Abril, a sete anos do Abril da alegria e da esperança, devemos repetir as interrogações do jovem Oliveira Martins perante a recondução equívoca dos «velhos homens», dos «valores de antigamente»: «Para quê? Para os reprovar e patear de novo?»

2

A política tradicional, reduzida ao absurdo pelos factos, não está à altura das exigências da situação – OLIVEIRA MARTINS

O Oliveira Martins de 1870 – ia abria-se a década que registaria a criação, em Portugal, dos partidos **socialista** e **republicano** – era um republicano que, pela mão de Proudhon, se encaminhava para um radicalismo social que não deixava adivinhar o posterior discurso cesarista. O **crítico literário** («Teófilo Braga e o Cancioneiro» vira a luz em 1869), iria ceder o passo ao jornalista doutrinário que reunia materiais e adestrava o estilo para a «Teoria do Socialismo» e para o «Portugal e o Socialismo». Mas as colaborações no jornal «República», nesse ano que vem alterar a quietude da sua vida lisboeta – em Agosto de 1870, parte para Espanha como administrador das minas de Santa Eufémia – reflectem já as preocupações do «exame constitucional da sociedade portuguesa e da sua reorganização pelo Socialismo» e a consciência clara de que, sendo a política «movimento e novidade», as soluções de regresso (de homens) e de repetição (das soluções e dos erros) seria «simples arqueologia».

Aos «arqueólogos» políticos do seu tempo, advertia o Oliveira Martins: «Mas a História é movimento e progresso». E exemplificava: «Um Fontes, um Loulé, um bispo de Vizeu, serão sempre, dadas as prisões partidárias que os ligam, a idade que contam, e a incapacidade de renovação intelectual que os caracteriza, serão sempre o mesmo bispo de Vizeu, o mesmo Fontes, o mesmo Loulé. Tudo isto está visto e sabido. Não vale a pena recomeçar a Regeneração ou o Movimento de Janeiro».

Verdade ontem, verdade hoje. Não vale a pena recomeçar o «milagre financeiro» ou repetir a «mitologia da ordem». Não vale a pena recuperar os servidores do «Estado Novo» ou os frustrados da «continuidade». Nem São Bento, nem Belém, poderão funcionar como oficinas de recauchutagem política. Nem as rampas de lançamento partidário poderão operar o prodígio de dar novo verniz aos «velhos homens pateados».

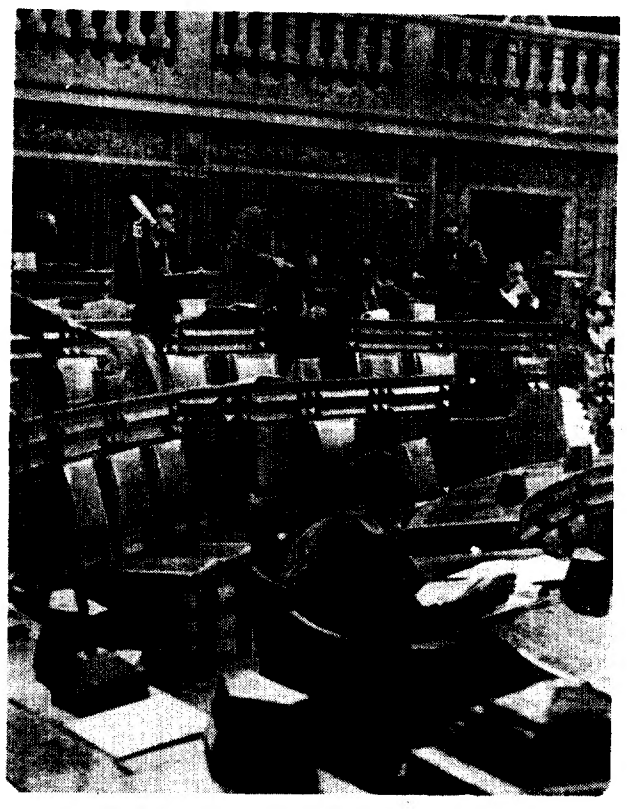
E não vale a pena porque entre a «recuperação» que se pretende e o movimento da História, só os pobres de espírito por «espírito **de classe**», só os cegos da «classe política», não descortinam a contradição profunda, irremediável: os expedientes formais não resolvem os problemas reais.

Querem imitar no imobilismo, no parasitismo, sociedades que se souberam organizar como associações de trabalho colectivo e ganharam o espírito da iniciativa; sociedades que se souberam modernizar.

Em Portugal o «regresso potítico» e a política primeiro hesitante, e, agora, deliberada, arrogante até, de «recuperação económica», representa não só uma reacção de privilegiados e de incapazes em relação ao processo de transformação da sociedade portuguesa, como a prova de que a «classe política» e a camada plutocrática – ou dos plutocratas servidora – não tem a consciência da **História** e da **modernidade**.

Incapazes de renovar processos e estruturas, de se adaptar ao ritmo do nosso tempo e de suportar a abertura às ideias novas e às novas tecnologias, a camada dirigente da sociedade portuguesa confunde a **política** com metodologias de contenção do avanço sociopolítico, com «simples arqueologia».

Outros, na euforia da libertação, terão tido a ilusão de que tudo era **possível**. E se é certo que, aprioristicamente, não se poderá definir o **impossível**, que o **impossível**, à luz da experiência milenária é apenas o ainda não realizado, também é verdade que não se poderá ignorar, **na conjuntura**, o peso, os atritos e as travagens que nos são impostos pela **estrutura**. As condições sociais, económicas e políticas não se inventam. Mas inventam-se os meios, as ferramentas, e as iniciativas para as modificar. A abertura revolucionária de Abril proporcionava as condições sociopolíticas favoráveis à **iniciativa histórica** de transformar (e de modernizar) a sociedade portuguesa.



Essa questão – a da modernização da sociedade portuguesa, a da revolução cultural e tecnológica na indústria e na agricultura, nas escolas e nas universidades, nos serviços – não poderá ser adiada, nem iludida. Nesta matéria não há regresso possível. Para esse objectivo nacional a **política** – como ciência e prática específica – não poderá converter-se, arrefecer e desvirtuar-se, em «simples arqueologia».

3

E contudo o Governo, o sistema constitucional, a dinastia estão em crise. Porquê? Porque o «deficit» tem mais eloquência revolucionária que Mirabeau, e, quando o fisco quiser meter as mãos nas arcas aferrolhadas do povo, há-de encontrar sentados sobre essas arcas os Cromwell e os Danton, – OLIVEIRA MARTINS

Incorre Oliveira Martins no erro clássico, e tão português, e tão burguês, de identificar a «situação económica» com a «situação financeira». Mas, aos tempos de hoje transportadas, as palavras de Oliveira Martins, com o acento profético que as ilumina, despertam a nossa atenção para a inviabilidade, numa situação constitucional normal e com o respeito dos direitos políticos e sociais dos trabalhadores, de prosseguir uma política de cargas fiscais, encargos e sacrifícios unilaterais. A **crise** existe. Pergunta-se: quem suporta o maior peso, a carga mais opressora, os mais dilatados custos da **crise?**

Pergunta-se, igualmente, se o Governo – este 7.º Governo Constitucional – supõe que pode manter a discriminação social que consiste em votar uma parte da população portuguesa, a sua maioria, a uma situação de subconsumo, sem ter que recorrer à metodologia repressiva do **anterior regime?** Se supõe que a **política de classe** do «Estado Novo» (de Oliveira Salazar) e do «Estado Social» (de Marcelo Caetano), é compatível com a Democracia?

O **problema económico** não se reduz ao **problema financeiro.** Não será necessário perder espaço e tempo a

Continua na pág. 4

O «Diário de Lisboa» sempre teve abertas as suas páginas à opinião dos seus leitores, principalmente quando estão em causa interesses gerais ou pontos de vista respeitáveis e dignos de consideração. Com esta secção «Tem a palavra o leitor» – pretendemos não só estimular a voz interveniente e estimável dos nossos leitores, mas igualmente garantir uma certa oportunidade na sua publicação.
É evidente que os autores das cartas devem sempre identificar-se e assumir a responsabilidade do que afirmem, aceitando também o critério de selecção do jornal, fundamentalmente derivado do respeito pelo seu estatuto editorial que em síntese se baseia no respeito pela verdade e entende a liberdade como um direito que inclui a máxima responsabilidade. Além disso, entenda-se, a publicação de cartas no «Tem a palavra o leitor» não significa concordância do «DL» com os pontos de vista expressos.

Os postos regularizadores da Junta Nacional das Frutas

Quando foram criados os Postos Regularizadores de Preços da JNF com o objectivo de conter a subida de preços, o público consumidor, muito especialmente o de parcos recursos económicos, passou a ser bastante beneficiado e houve de certo modo, até determinada altura, uma notória estabilização de preços de alguns produtos, o que obviamente não agradou aos comerciantes mais atingidos, os quais moveram-lhes uma guerra tenaz para que fossem encerrados, ao que resistiram com maior ou menor dificuldade. Passados alguns anos, essa guerra parece ter acalmado para surgir outra mais feroz vinda de dentro para fora. Certamente que a JNF possui dados irrefutáveis para informar que os Postos são deficitários, mas o que honestamente não apresenta em promenor é a razão desse prejuízo, quando, na realidade, não há motivo para haver uma situação dessa natureza e só se poderá justificar por uma má gestão do Serviço de Abastecimentos e um notado interesse de destruição que de há muito as empregadas desses Postos vêm observando, na medida em que os fornecimentos lhes são enviados desordenadamente em excesso, não requisitados por elas, portanto, sem possibilidade de transacção por falta de pretendentes para, depois, serem devolvidos deteriorados. Isto acontece diariamente em todos os Postos, onde pode ser comprovado, além de outros produtos de preços mais elevados do que os praticados no mercado que, por isso, não têm saída e também se deterioram. A falta de estruturas e de condições de trabalho, também são as notas dominantes da degradação dos Postos da JNF.

Só assim se pode justificar que esse Postos dêem prejuízo, com a agravante de possuir uma enorme vantagem económica em relação aos estabelecimentos comerciais em geral que normalmente dão lucro, em virtude de não pagar rendas e impostos e, na sua maioria, não suportar despesas por consumo de água e de energia eléctrica por não estarem dotados das respectivas instalações. Além disso, ainda possuem a vantagem de poder adquirir os artigos no produtor por preços mais acessíveis.

Saber o porquê desta situação, parece ser uma necessidade imperiosa dos responsáveis e não a adopção de medidas que lesem os interesses dos consumidores e dos trabalhadores, pondo em risco a sobrevivência destes com a ameaça do encerramento total dos Postos, conforme já aconteceu com os de Lisboa e alguns da província.

É uma situação verdadeiramente angustiosa para as trabalhadoras, muito especialmente as que padecem de doença dos nervos, que, com tanto sacrifício, mourejam o pão de cada dia, ao verem os seus postos de trabalho em perigo e, assim, na eventualidade, serem elas as castigadas por erros que outros cometeram e ficam impunes.

José António Santos Martins – Queluz

Venda de habitação social com graves deficiências

Os compradores dum prédio social no âmbito do Fundo de Fomento de Habitação, de 9 pisos e 60 andares, de renda limitada, deparando com múltiplas e graves deficiências, existentes no imóvel e, ainda pela obrigatoriedade de pagarem «juros» ou «renda», viram-se obrigados a solicitar, através dum Gabinete Jurídico (os serviços dum advogado e dum perito, engenheiro civil) somente, pelo motivo da empresa vendedora nada ter resolvido há largos meses – conforme então prometeu aos condóminos – em que se sentem lesados com incalculáveis prejuízos materiais e psicológicos.

O edifício, é o Lote 16, sito na Quinta da Caldeira, rotulado na sua construção como «Edifício Ensaio», o primeiro que deu a arrancada do plano urbanístico «Cidade Nova» em St. António dos Cavaleiros, do concelho de Loures.

No amontoado de deficiências específicas do Lote e nos fogos, tudo está relacionado com a qualidade rudimentar dos materiais e com os seus péssimos acabamentos, desde as pinturas; infiltrações de humidades e águas pluviais, antena colectiva de televisão, dando origem a interferências de grau apreciável em todos os televisores, supondo-se que houve lapso no especificado em projecto; ausência geral de rodapés. A conduta de limpeza não funciona nas devidas condições os exaustores têm falta de potência, os elevadores são frágeis e não têm comando selectivo, fendas na maioria das paredes divisórias por má aplicação do produto de ligação nos blocos «ytong», entre outras anomalias. É de vital importância o isolamento da placa do terraço com protecção adequada.

Ora numa construção deste tipo e que a lei especificamente determina, não foram de facto respeitadas as boas normas que se impõem.

Infelizmente tal não aconteceu e não se compreende como a fiscalização camarária e a de outras entidades oficiais que tenham intervido na aprovação e recepção do edifício, não tenham detectado deficiências que não poderiam passar despercebidas mesmo a um «leigo» na construção civil.

É evidente que, o empreiteiro terminou o contrato em Março/80 e logo a partir de Julho do mesmo ano o prédio começou a ser habitado, para só passados três meses, em Outubro, a Câmara Municipal de Loures ter passado a respectiva licença de habitabilidade.

É de esperar para salvaguardar a boa reputação da firma Estil o fiel cumprimento das obrigações que cabem ao vendedor e empreiteiro do prédio.

Quando ao caso dos «juros» ou «renda», em que a firma Estil paga à Caixa Geral de Depósitos sobre milhares de contos de financiamento, obriga que sejam os compradores (ma sua maior parte «retornados» de fracos recursos financeiros) a suportá-los pelo período duns 6 meses, que vai desde assinatura do contrato promessa e compra, à assinatura da escritura.

Se há legalidade ou ilegalidade o Decreto Regulamentar n.º 15/79 de 28 de Agosto «Contrato de desenvolvimento da habitação», Artigo 22, Ponto 2, esclarece que, «ao promitente comprador não poderá ser-lhe exigida quantia de montante superior à parte do preço da habitação não coberta pelo mesmo financiamento especial, segundo o escalão de rendimentos previstos na respectiva regulamentação (a páginas 2113 da 1.ª série do «Diário da República» de 28 de Agosto de 1979).

Neste caso concludente – já para não se falar noutros sectores viciosos de sacudir as culpabilidades para terceiros – compete à Estil e ao Fundo de Fomento de Habitação uma clara explicação sobre toda esta polémica vicissitude.

J.M.B. – (Retornado)

TEATRO DA TRINDADE

INATEL

Apresenta nos dias 10, 11 e 12 de Abril

"VARIEDADES"

4 Espectáculos Musicais com

Alexandra, Artur Garcia, Carlos Quintas, Doll Phoenix, Gabriel Cardoso, Lara Lee, Manuela Bravo, Maria de Lourdes Resende

e
Rui Guedes como apresentador e pianista

HORÁRIO DE ESPECTÁCULOS

Dia 10 às 21.30h.
Dia 11 às 15.30 e às 21.30h.
Dia 12 às 15.30h.

Os sócios do INATEL, dos CCD's, CPT's e Sindicatos beneficiam de 50% de desconto.

Continuação da pág. 3.

reafirmar o que os especialistas ensinam e os povos, por experiência, aprenderam. Nem a efémera glória de Afonso Costa, nem a duradoura manipulação de Oliveira Salazar, endireitando **as contas,** corrigiram os aspectos negativos e os desequilíbrios estruturais da vida económica nacional.

Mas o «Orçamento Geral do Estado», ou na codificação do nosso mundo de siglas, o «OGE», é um documento importante, um importante instrumento de trabalho. Nele devemos ter uma informação da administração corrente e nele se deverá reflectir o delineamento das medidas necessárias para transformar e modernizar a sociedade portuguesa. O «Orçamento» e o «Plano» deverão articular-se; a administração **na conjuntura** pressupõe a intervenção modificadora relativamente à **estrutura.** O novo **deficit** não é uma simples consequência conjuntural de **contas,** é um reflexo de **insuficiências estruturais.** E essas **insuficiências estruturais,** nem todas resultam da escassez de recursos próprios.

Da discussão parlamentar do OGE – nesta nossa época dominada pela velocidade de comunicação é cada vez mais difícil recusarmos as siglas – chegaram-nos ecos e imagens pela Imprensa, pela Rádio, pela Televisão. A Televisão é ainda mais cruel do que a Rádio e a Imprensa. Mais do que o desconcerto dos discursos, que o destemperado das réplicas e que o próprio leve zunido dos bocejos, é desoladora a imagem, em nossas casas e nos lugares públicos projectada, das bancadas vazias, dos deputados distraídos, dos oradores debitando a crítica de circunstância ou a circunstância apologia das posições de um Governo que dispõe de uma «maioria parlamentar» complacente.

Nem o **Governo** se comporta com a consciência de ser «maioria parlamentar» (e «minoria nacional), nem as **oposições** (divididas, uma vezes por fatalidade, outras vezes por táctica, sempre contra o seu próprio interesse), se comportam com a noção da responsabilidade de serem «maioria nacional» (e, por acaso legal, «minoria parlamentar»). E parece que um e outras, o **Governo** e as **oposições,** não reconhecem a contradição entre o **país legal** e o **país real,** entre a **realidade parlamentar** e a bem diferente **realidade sociológica.**

Pergunta-se: Será possível empreender o esforço de modernização, de racionalização e de desenvolvimento, não interessando e não mobilizando os trabalhadores, os quadros técnicos, os quadros intelectuais e científicos?

4

Não sei se espera, com a confiança insensata dos revolucionários, extirpar o «deficit» às baionetadas, ou se, gangrenado pelo sibaritismo, tenciona espreguiçar-se nas cadeiras do Poder, esperando que sobre outros desmorone o edifício social a que eles vão arrancando o cimento. Violência e incúria são dois meios, ambos ajustados ao intento de precipitar as catástrofes iminentes. – OLIVEIRA MARTINS

Os «governichos constitucuonais» – usamos uma expressão de Oliveira Martins – derrotado que foi em 7 de Dezembro o «projecto político da AD» juntamente com o seu candidato presidencial, recorrem à **legislação corrente** e à **discussão parlamentar,** dispondo como dispõem de uma «maioria parlamentar» arregimentada e dócil, para deterem e inflectirem o curso político iniciado em Abril de 1974. No plano da administração geral e no quadro da revisão constitucional, a política dos «governichos constitucionais» é uma política de regresso, de recuperação de posições, de restauração de privilégios. Não se registam apenas regressos pessoais, é o regresso aos métodos, às concepções, às soluções de «antigamente». Por enquanto, **o estilo** é diferente. Pergunta-se: Se a política é de **regresso** e de **restauração,** será possível manter **o estilo,** o sorriso, o diálogo?

Já na Assembleia da República o diálogo, o confronto de ideias, a procura comum de soluções negociadas, a actividade participativa e integradora, a discussão liberta de preconceitos que tornaria viável a criatividade colectiva, estão impedidas pelas fronteiras partidárias rígidas e pela guilhotina da «maioria parlamentar». O Governo exerce a **ditadura constitucional.**

Conhecemos a objecção: a Democracia é o **Governo da maioria.** A Democracia é **ditadura constitucional,** não só quando a «maioria parlamentar» é «minoria nacional», mas sempre que a decisão maioritária não resulte do diálogo, da negociação, e não exprima um consenso – respondemos. E respondemos – sem o receio de sermos acusados de incoerência – porque a realidade histórica tem sempre mostrado que as maiorias precárias, que as «maiorias políticas» que não correspondem a «maiorias sociológicas» não são capazes de governar **em democracia.** Mais cedo, ou mais tarde, perante o autoritarismo institucionalizado, a «minoria parlamentar» que é «maioria nacional» haverá de revoltar-se contra a sujeição legal ou a opressão material. É a consciência de que «só o poder detém o poder» (Montesquieu **dixit**), conduzirá à procura da solução política fora do quadro constitucional. A Democracia, ou é aberta e participativa, ou tende a utilizar os mecanismos formais como meios de imposição de **uma vontade política.** A actual **vontade política** é, não só política (como as urnas proclamaram), mas sociologicamente, **uma vontade minoritária.**

E, talvez, seja a consciência desse facto que explica a mornidão e o desinteresse que se verificaram na discussão do Orçamento Geral do Estado. Com as excepções, que são os sobressaltos e o sal da regra, os oradores sucederam-se numa procissão convencional: os da **maioria governamental** seguros da vitória, os das **oposições** certos da derrota. A máquina funcionou. A **minoria nacional** fez triunfar, com a complacente **maioria parlamentar,** a sua **vontade política.** A **vontade política** da «maioria-minoria».

A vasta quadra da Assembleia da República ofereceu-nos um espectáculo desolador. A Televisão, devassando a nossa intimidade, projectou nas nossas casas imagens do escândalo cívico: o do absentismo parlamentar, o da discussão convencional, o da inutilidade das raras diligências críticas e correctivas.

Estarão os leitores lembrados daquela «nota política» de António Sérgio, redigida no exílio parisiense no ano de 1929, na qual o ensaista recorda a sua primeira ida ao Parlamento? Sérgio esboçou uma tela severa, carregada de negras cores. Profética. Naquele abandono e abandalhamento da instituição parlamentar, António Sérgio previa, com o desprestígio da instituição, o próprio desprestígio do sistema.

Releia-se a página. Estamos ainda a tempo. Releia-se a página. Enquanto é tempo.

Reunidas no Altis desde ontem à noite

Jornadas parlamentares do PS discutem revisão constitucional

Iniciaram-se ontem no Hotel Altis as Jornadas Parlamentares do Partido Socialista, que têm como tema principal de discussão o projecto de revisão constitucional da FRS. Os deputados socialistas, logo no início da reunião, ouviram uma exposição sobre o tema do dr. Nunes de Almeida, que com Almeida Santos representou o PS na comissão redactora do projecto da FRS.

As Jornadas Parlamentares vão prolongar-se até amanhã de manhã e nelas será discutida também a posição dos socialistas perante as alterações do Regimento da AR propostas pela AD e, ainda, a estratégia de oposição a ser seguida no Parlamento.

No início da reunião, encontravam-se presentes apenas 36 deputados, mais dois do que o mínimo necessário para a reunião se realizar. Dos 21 apoiantes de Soares no Grupo Parlamentar do PS apenas estavam presentes Manuel Tito de Morais, Luís Saias e Armando Santos. Os dois primeiros apresentaram na semana passada um pedido de adiamento da reunião das Jornadas, que foi rejeitado em reunião plenária dos deputados. A maioria sustentou que perante a possibilidade de ser apresentada em breve a proposta de revisão da AD, o PS tem de ter os seus trabalhos adiantados. Outro argumento foi a impossibilidade de se preparar a intervenção parlamentar do partido apenas no fim da sessão legislativa.

No entanto, a reunião do Altis não irá tomar decisões. Ela é antes do mais, uma reunião de reflexão, conforme afirmou o dr. Salgado Zenha, que adiantou também que será necessário consultar os deputados das Assembleias Regionais dos Açores e da Madeira antes de se tomar alguma deliberação em matéria de revisão.

Entretanto, foi anunciado que o deputado Manuel da Costa resolveu aderir à moção do Secretariado, indignado por Soares não se resolver a apoiar posições de diálogo e de abertura à síntese. O deputado socialista mostrou-se favorável à democracia dentro do partido, contra o centralismo de Mário Soares. O Secretariado dispõe neste momento do apoio de 39 deputados, contra 21 pró-Soares, quatro pró-esquerda Laboral e – dois neutros – Teófilo Carvalho dos Santos e Francisco Verdasca.

Comissão Nacional

O Secretariado Nacional resolveu convocar uma reunião da Comissão Nacional, que foi marcada para o próximo dia 26 de Abril, doze dias antes do Congresso. Os temas para debate são a questão financeira (que não chegou a ser debatida na reunião de 7 de Março por falta de quorum), introduzida por um documento de António Reis, o relatório da actividade do Secretariado e a realização do próprio Congresso. É ainda possível que o tema da revisão constitucional seja discutida. Tudo dependerá da data em que a AD apresentar o seu projecto. Se, tal como está previsto, os partidos da maioria entregarem o documento a 25 de Abril, isso significa que os restantes partidos terão de fazê-lo até 25 de Maio. E o PS dificilmente terá tempo de concretizar as suas posições apenas depois do Congresso, sendo necessário que o debate se desenvolva antes.

Edições

A guerra que se trava entre as tendências socialistas tem-se alargado também à edição de textos de apoio às correntes em conflito. Com a indicação de ter sido composto e impresso na CEIG (cooperativa controlada pelos socialistas e onde também é impresso o «Portugal Hoje») está a ser distribuído pelos militantes socialistas um documento de 26 páginas intitulado «Dez pontos de vista sobre a crise no PS». Os chamados «pontos de vista» são da responsabilidade de «soaristas» conhecidos e reproduzem declarações públicas já conhecidas de Manuel Alegre, Jaime Gama, Sottomayor Cardia, Almeida Santos, Alfredo Barroso, Raul Rego, Eduardo Pereira, José Meneses, José Luís Nunes e José Manuel Duarte. De acordo com uma fonte socialista, naturalmente próxima das posições defendidas pelo Secretariado, o texto estará a ser distribuído pelas Fundações «soaristas» por todo o partido, sendo um dos elementos da campanha «eleitoral» de Mário Soares.

Congresso do PDC marcado para Viseu

O Partido da Democracia Cristã realiza dia 25 em Viseu um Congresso Nacional – soube a ANOP junto da Comissão Executiva distrital do partido.

A reunião foi pedida ao secretário-geral do PDC, Santos Ferreira, após um encontro de dirigentes dos distritos de Viseu, Porto, Braga, Aveiro, Leiria, Faro e Viana do Castelo.

O pedido, feito por telegrama no domingo, imediatamente foi satisfeito.

Brigada Mista Independente comemorou 3.º aniversário

Um desfile em que participaram 3300 homens e 460 viaturas e um exercício de fogos reais tendo como fim o assalto a dois objectivos consecutivos onde era suposto terem-se concentrado forças inimigas que vinham sendo expulsas desde o Norte, assinalaram as comemorações do terceiro aniversário da 1.ª Brigada Mista Independente de Santa Margarida.

Presidiu às cerimónias o general Melo Egídio, Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, acompanhado pelo general Garcia dos Santos, Chefe do Estado-Maior do Exército.

Entre os convidados encontravam-se os conselheiros da Revolução, general Franco Charais e coronel Ribeiro Cardoso, representantes dos chefes do Estado-Maior da Armada e da Força Aérea, numerosos oficiais superiores e convidados, além do secretário de Estado da Defesa, eng. Anacoreta Correia e dos adidos militares do Canadá, Itália, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, França e RFA.

Uma força poderosa e bem treinada

A 1.ª Brigada Mista Independente, que recebeu o seu primeiro material em Junho de 1976 é hoje no contexto nacional uma força poderosa e sob o ponto de vista de treino e eficiência dos seus meios humanos atingiu também um nível que prestigia as Forças Armadas. Elementos desta Brigada participaram recentemente em Itália no exercício «Display Determination 80» e a sua actuação foi destacada tanto no plano militar como no comportamento cívico dos componentes do grupo que ali se deslocou.

Sendo uma força poderosa a 1.ª Brigada Mista Independente não pretende assumir-se todavia como um corpo de elite de recrutamento restrito.

O brigadeiro Tomé Pinto, comandante da Brigada, sublinhou o facto de por ela já terem passado milhares de quadros, entre oficiais e sargentos, e quase todos terão essa oportunidade visto que o recrutamento é nacional.

Das tarefas nacionais que competem à Brigada sem dúvida que algumas são assumidas no plano interno.

A este ponto se referiu no seu discurso o brigadeiro Tomé Pinto ao referir que «das tarefas de carácter interno deduzidas da missão da Brigada assume especial relevância o contributo que esta Unidade poderá prestar, integrada no conjunto do Exército e mercê do seu elevado grau de operacionalidade, para a defesa da independência nacional, e para a salvaguarda da democracia.

«E não quero deixar aqui de lembrar àqueles que porventura disso não estejam conscientes que às forças terrestres caberá sempre o papel decisivo perante eventuais ameaças que façam perigar esses valores essenciais.»

SOCAR

Sociedade Agro-Pecuária da Quinta do Anjo, Lda.
Quinta do Anjo 2950 Palmela - Telef. 2370256/7

PRESUNTOS – MORTADELA

SALSICHAS – FIAMBRE

CHOURIÇOS – CARNES FRESCAS

PREFIRA PRODUTOS SOCAR

INDÚSTRIA DE CARNES

Mudámos o padrão mundial de precisão mas o aperfeiçoamento não parou

Seiko introduz
Uma nova linha de relógios de quartzo com mostrador duplo

O compromisso Seiko com a qualidade impecável e a total eficiência, produziu agora uma nova linha de relógios de quartzo com mostrador duplo, para cidade ou desporto. Uma dupla visão concebida para destacar todos os benefícios da leitura digital de zona horária dupla, alarme, cronómetro e calendário sem sacrificar o aspecto distinto dos relógios de quartzo Seiko tradicionais.
Venha vê-los nos Agentes Oficiais Seiko.

SEIKO
Um dia todos os relógios serão feitos desta maneira.

INDUSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICO

GREVE NACIONAL

8 e 9 de Abril

Um contrato a conquistar. Uma luta a vencer!

REUNIÃO DIA 6.4.81

A deliberação tomada na Assembleia de Delegados Sindicais aberta às CT's, de se marcarem 2 dias de greve, caso o patronato mantivesse a mesma posição, foi um factor importante que evitou, na reunião de dia 31 de Março, que o técnico da CIP pedisse, desde logo, a passagem à via administrativa.

Dia 6, 2.ª feira, as associações patronais continuaram a querer impor condições inaceitáveis:

- **Negociar na base da proposta mais baixa — a do sindeq**
- **Negociar, afinal, uma nova convenção favorável ao patronato**
- **A aceitação por parte da Federação/STICF de tudo o que fosse negociado, mesmo que não constasse da nossa proposta de revisão**

O sindeq diz ir iniciar as negociações, aceitando as imposições do patronato apesar de a Federação/STICF terem demonstrado os riscos de tal aceitação.

Este «acordo» significa que os divisionistas estão dispostos a sacrificar os direitos que os trabalhadores, através da sua luta, conseguiram consagrar no contrato em vigor.

A POSIÇÃO DA FEDERAÇÃO E DO STICF

- **TUDO FIZERAM PARA DESBLOQUEAR A SITUAÇÃO, FAZENDO DIVERSAS PROPOSTAS QUE O PATRONATO SEMPRE REJEITOU**
- **NÃO ACEITAM ACORDOS QUE TRAIM OS INTERESSES DOS TRABALHADORES**
- **EXIGEM A NEGOCIAÇÃO DA REVISÃO DO CONTRATO**
- **ESTARÃO ATENTOS A NOVAS TRAIÇÕES**
- **MOBILIZAM OS TRABALHADORES, CERTOS DE QUE SÓ LUTANDO SE DEFENDEM OS SEUS DIREITOS**

AUMENTAM OS PREÇOS, DIMINUEM OS SALÁRIOS

- **O custo de vida tem subido nestes últimos meses. Recentemente o Governo autorizou o aumento do leite, do pão, do açúcar, do arroz, entre outros géneros de primeira necessidade.**
  A carne e o peixe são inacessíveis à bolsa dos trabalhadores
- **Os transportes aumentam de preço e cada dia é mais difícil arranjar transportes com um mínimo de condições**
- **As taxas a pagar à Previdência sofreram agravamentos espectaculares e, de acordo com notícias recentes, o Governo autorizou um aumento do preço dos medicamentos, na ordem dos 40%**
- **A vida vai-se tornando cada vez mais insuportável para os trabalhadores, enquanto os patrões engordam à nossa custa**

PORQUÊ A GREVE DE 8 E 9

1. **Porque, apesar das propostas construtivas feitas pela Federação/STICF e da greve do dia 18, o patronato continua a querer brincar com os trabalhadores**
2. **Porque, se um dia ainda não chegou, há que demonstrar claramente com 2 dias de greve, que estamos dispostos a lutar pelos nossos direitos**
3. **Porque a greve é um direito reconhecido na Constituição e na Lei que, tal como outros direitos, devemos utilizar sempre que estejam em causa os nossos interesses**
4. **Porque o patronato tem demonstrado que, só através da luta, os trabalhadores conseguem conquistar melhores condições de vida e de trabalho**

O ÚNICO CAMINHO

A greve é um acto de grande importância na vida sindical.

Por isso deve ser utilizada por razões bem claras e quando não há qualquer outra alternativa.

Esta é uma dessas situações.

Ergamos bem alto a nossa vontade, partamos para a luta na convicção de que venceremos mais esta batalha.

LUTA PELOS TEUS DIREITOS O PATRONATO TEM QUE NEGOCIAR

SNQF
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICA E FARMACÊUTICA DE PORTUGAL
FSTIQFP

confecções

marimi

alberto silva de sousa & c.ª, l.da

Telefone 93429

Riba d'Ave 4760 V. N. de Famalicão

PORTUGAL

Exclusivo

Moção

O fulcro das divergências no seio do PS (insanáveis?) não é a FRS, nem Eanes. É antes o poder interno. Ou melhor: os poderes do secretário-geral. Mário Soares tem dito que o querem atar de pés e mãos, pô-lo num andor, transformá-lo no Carmona ou no Américo Tomás do partido. Salgado Zenha diz que o PS não pode ter monarcas absolutos, nem «caudilhos carismáticos mas irresponsáveis». Ou seja: o secretário-geral não pode ter poderes sem controlo, tem que responder perante a comissão nacional.
E a guerra tem sido gerada à volta desta dicotomia.
Percorrendo o País inteiro, numa campanha que já tem sido classificada de muito mais dura do que nas legislativas, o líder socialista tem conquistado a «praia miúda», fazendo valer o seu incontestável carisma. E apronta-se para ganhar o Congresso.
«Se o secretário-geral é eleito pelo Congresso, é evidente que só perante o Congresso deve responder» – defende assim Mário Soares os seus poderes, nesta longa entrevista que nos concedeu ontem. «Sempre foi assim desde que o partido existe», sublinha.
Extremamente cauteloso, medindo, palavra a palavra, as respostas, o líder socialista aborda aspectos da crise do PS que, conforme as suas próprias palavras, nunca tinham sido referidos até aqui. Às vezes responde ao lado. Todavia, a entrevista foi quase toda com respostas escritas o que vedou naturalmente a interpelação incisiva.
Outros problemas abordados: FRS, entendimento com o PSD, Governo, resultados do Congresso.
Se por um lado Mário Soares diz que a «loiça» partida está em condições de ser restaurada, por outro mantém-se irredutível contra a moção-síntese. «Seria comprometer a autêntica revolução democrática que se está a viver no PS.

«Diário de Lisboa» – O sr. dr. tem dito que fazer a conciliação antes do Congresso seria frustrar as bases. Todavia se fosse desejo das próprias bases, como já tem sido expresso em várias sessões, que se avançasse para a moção-síntese, se houvesse mesmo um movimento nesse sentido, com abaixo-assinados e tudo, o sr. dr. dava cumprimento a esse desejo?

Mário Soares – Uma moção-síntese impediria que o debate democrático que se verifica actualmente no partido chegasse às suas naturais consequências: uma escolha clara pelas bases em relação às teses em confronto. Sucede que o debate a que se tem procedido tem sido altamente mobilizador dos militantes PS, revelando-se ainda com enorme valor formativo. Uma síntese necessariamente feita por algumas cúpulas, nas costas das bases, comprometeria a autêntica **«revolução democrática»**, de amplo sentido cultural e político, que se está a viver no PS.

Um movimento de abaixo-assinados para **«forçar»** a moção-síntese traria, a meu ver, **«água no bico»**, relevando de uma metodologia de manipulação que não é socialista. Explico-me melhor: seria jogar com o desejo de unidade que existe inegavelmente nas bases, frustrando ao mesmo tempo o debate democrático, que assim perderia o seu sentido profundo. Por isso tenho defendido que a exigência imperiosa de unidade se deverá por na fase posterior à clarificação – que se vai operar justamente no Congresso da votação das diferentes moções – e não antes do Congresso, retirando-lhe qualquer sentido e evitando a discussão. As bases participam escolhendo entre diversas opções votando, definindo pelo voto uma maioria e uma ou várias minorias, e não aplaudindo moções-síntese, ou arranjos entre dirigentes que, na prática, os privariam de escolha e de livre decisão.

«DL» – Como é que seria frustrar o debate se esse mesmo debate até agora já foi suficientemente alargado e por outro lado se as próprias moções surgiram nas cúpulas e não nas bases?

M.S. – Não estou de acordo porque houve debate mas não houve decisão. O debate concluiu-se através de uma decisão que é o voto. Em segundo lugar, na medida em que as bases apoiam certas moções fazem-nas suas. Portanto, as moções deixariam de ser de cúpulas para serem de todos aqueles que as apoiam e de que até têm introduzido modificações, correcções de pormenor, acrescentamentos e sugestões.

«DL» – O sr. dr. está de facto intransigente quanto à não conciliação antes do Congresso?

M.S. – Não se trata da palavra intransigente. Trata-se da palavra coerente.

«DL» – Numa das sessões de domingo passado o sr. dr. disse que se houvesse uma moção-síntese tudo ficava na mesma. Como?

M.S. – Naturalmente, porque não se produziria a clarificação e não se saberia qual era o voto do partido.

Restaurar a loiça

«DL» – Antes de se lançar propriamente nesta batalha de conquista das bases o sr. dr. disse que ia «partir a loiça». Agora que estamos a poucos dias das eleições dos delegados ao Congresso acha que essa tarefa está terminada, ou continua?

M.S. – A expressão **«partir a loiça»** – empregada num debate aberto entre militantes – quis apenas significar **«falar claro»**, **«chamar os nomes aos bois»**, sem eufemismos nem excessivas preocupações de **«salvar as aparências»** para uso externo. Isso foi feito. Hoje todos os militantes do PS conhecem os nossos problemas internos, as dificuldades de relacionamento que existem entre certos dirigentes, as lutas de poder e pelo poder no partido – e no partido como força política fulcral na sociedade portuguesa.

«DL» – E a loiça partida poderá ser restaurada?

M.S. – Necessariamente que sim. A unidade do partido, no respeito pela sua identidade plural, tem sido sempre – e continua a ser uma das minhas preocupações dominantes. Ao contrário do que têm dito – ou temido – alguns, se ganhar o Congresso (como espero) não vão **«rolar cabeças»**, nem serão feitas quaisquer depurações. Isso é uma linguagem que não é socialista. Os socialistas são partidários do pluralismo e, por isso, como digo na minha moção, reconhecem **«o direito à diferença»** e pensam mesmo que é esse direito que enriquece o partido e o torna a grande força plural e de equilíbrio da sociedade portuguesa que sempre foi e continua a ser.

«Limpeza» e «vassourada»

«DL» – O sr. dr. acabou de dizer que se vencer o Congresso não vão rolar cabeças. Não deixa, no entanto, de verificar-se em alguns dos seus apoiantes, como tem sido manifesto em várias sessões, esse desejo. «É preciso correr com eles», «limpeza» e «vassourada» têm sido algumas das expressões utilizadas. Não acha que a fulanização em que tem caído o debate impede a pretendida clarificação no Congresso?

M.S. – Essas expressões acaloradas não podem ser tomadas ao pé da letra. Resultam da própria dialéctica do debate. É evidente, porém, que definida em Congresso uma linha estratégica maioritária para os próximos dois anos, não poderão mais permitir-se as declarações contraditórias de certos dirigentes nem certas polémicas públicas intempestivas que tanto desorientam (e desgostam) os militantes socialistas. Um partido – qualquer que seja – para ter credibilidade tem que ser capaz de projectar para o exterior uma imagem coerente, não contraditória, e responsável.

Finalmente estou de acordo consigo em que deve evitar-se ao máximo a funalização do debate que, sem dúvida, prejudica a clarificação que se pretende obter no 4.º Congresso. É bem assim devem os congressistas auto-inibirem-se de produzir ataques pessoais como aqueles com que tenho sido mimoseado, lamentavelmente, nos últimos dias.

«DL» – Já me têm dito apoiantes seus que este Congresso não será de facto o da clarificação. Terá de haver outro. Como é? Saber quem está com quem será suficiente para clarificar?

M.S. – Clarificar, para mim, significa: definir, sem ambiguidades, uma linha estratégica global, para os próximos dois anos, que obrigue todos os mili-

Mário Soares defende poderes que sempre teve

síntese? De modo nenhum

tantes sem excepção. Significa definir a reestruturação orgânica do partido, em termos de eficácia e por forma a que o PS possa responder, neste momento histórico particular, ao que dele esperam milhões de portugueses. Significa, finalmente, que das eleições dos órgãos nacionais resulte uma maioria clara e coerente capaz de orientar o partido com sentido de responsabilidade e credibilidade externa.

Não sou, como sabe, presidencialista

«DL» – Embora defenda a eleição da Comissão Política pelo método de Hondt, ao contrário do Secretariado, o sr. dr. diz que o secretário-geral deve responder apenas perante o Congresso, o que acontece praticamente em todos os partidos presidencialistas. O Secretariado considera que o secretário-geral deve responder perante o órgão máximo do partido entre os Congressos. O sr. dr. é um democrata socialista ou presidencialista?

M.S. – Não sou, como sabe, presidencialista e sou – sempre o fui e ninguém o contesta, com fundamento – democrata e socialista. Explico: qualquer órgão em democracia responde apenas perante quem o elege. Esta é a regra. Se o secretário-geral é eleito directamente em Congresso é evidente que só perante o Congresso deve responder. Sempre assim foi, de resto, desde que o partido existe. Se fosse eleito pela Comissão Nacional – o que nunca foi o caso – então, sim, deveria responder perante a Comissão Nacional. A Comissão Nacional, eleita em Congresso, também só perante o Congresso responde. Como a Comissão Nacional de Conflitos, ou agora (na minha proposta) a Comissão Nacional de Fiscalização de Contas.

Dito isto, observo-lhe que nunca pretendi – nem pretendo – sobrepor a minha vontade a órgãos colegiais, com os quais sempre trabalhei, desde que o partido é partido, colegialmente.

Pelo contrário, fui sempre eu que, com paciência (e algum tacto), procurei estabelecer os consensos necessários, como principal coordenador e impulsionador da actividade do partido. Mesmo no caso da manutenção do apoio à recandidatura do general Eanes, como sabe, acatei a decisão da Comissão Nacional. Por isso mesmo me auto-suspendi das minhas funções e me mantive em absoluto silêncio durante a campanha.

Mário Soares com o jornalista do «DL»

Sempre foi assim

«DL» – Nos actuais estatutos qual a delimitação da responsabilidade do secretário-geral perante outros órgãos eleitos em Congresso? O secretário-geral responde actualmente perante a Comissão Nacional ou os estatutos são omissos nessa matéria?

M.S. – O secretário-geral não responde perante a Comissão Nacional nos actuais estatutos. Responde apenas perante o Congresso. Sempre assim foi. É esta situação que eu acho que se deve manter, sem prejuízo de a Comissão Nacional ser o órgão máximo de definição da orientação política entre os Congressos e do secretário-geral nunca ter querido sobrepor a sua opinião à da Comissão Nacional, antes acatando as suas decisões.

«DL» – Tem sido dito que na Internacional Socialista nenhum partido tem esta estrutura. Como é que se passa de facto?

M.S. – Em todos os partidos em que o secretário-geral é eleito democraticamente em Congresso, este responde perante o Congresso. Mas há partidos, como o espanhol, em que o que é eleito em Congresso é lista do executivo, sendo o cabeça da lista o primeiro-secretário, eleito como todos os outros secretários. Nesse caso só esses respondem em Congresso e não perante qualquer outro órgão.

DL» – E isso só acontece com o PSOE?

MS – Com o PSOE e o PSF. Por isso se chamam primeiros-secretários e não secretários-gerais.

«DL» – Admitamos esta situação que pode vir a acontecer no Congresso: os delegados aprovam a sua moção e a sua proposta de estatutos, mas votam maioritariamente nas listas do Secretariado e ao mesmo tempo, consideram imperativo que o sr. dr. fique à frente do partido, por ser o único capaz de assegurar e fortalecer a sua identidade e o crescimento. Que faria, neste caso? Iria contra a vontade dos congressistas?

M.S. – Isso seria, a meu ver, uma incoerência, representando portanto, uma hipótese académica. Incongruência que resulta, aliás, reconheço-o» da debilidade de algumas posições de subscritores da moção dita do Secretariado: chamaram-me «monarca absoluto» ou «caudilho irresponsável» e, ao mesmo tempo, continuaram a propor-me como candidato a secretário-geral.

«DL» – Parece-me que quando lhe aplicam esses qualificativos é para evitar aquilo que pode vir a acontecer se o secretário-geral responder apenas perante o Congresso, ficando, como dizem, com poderes absolutos...

M.S. – Mas repito que sempre foi assim. E o que eu não percebo é isto: porque é que agora se quer inovar nessa matéria, retirando alguns poderes e competências que sempre foram dadas, e que os actuais estatutos dão, ao secretário-geral.

«DL» – Os seus pontos de vista terão de ser totalmente aceites para continuar no lugar de secretário-geral?

M.S. – Não é isso. A questão põe-se de outro modo. Penso que não teria legitimidade democrática para continuar a exercer as funções de secretário-geral do PS se, por hipótese, a maioria dos congressistas rejeitasse as minhas propostas de orientação política e de reestruturação orgânica. Trata-se até de uma simples questão de dignidade. Produzidas, em público certas críticas que me tem sido dirigidas – se elas viessem a ter o acolhimento maioritário na revisão dos estatutos – só por si isso me impediria de aceitar recandidatar-me a secretário-geral. Caso contrário, significaria que aceitava ser um secretário-geral diminuído, desprestigiado no conceito público, desautorizado, o que não serviria o partido nem a esquerda democrática em geral.

A revolução foi salva

«DL» – Outra questão: o sr. dr. tem dito que teve de pôr o socialismo na gaveta para vencer a crise e salvar a Revolução. Desde 1979 está a direita no poder. A Revolução foi salva? E a crise foi de facto vencida?

M.S. – A Revolução foi salva no sentido de que impedimos, até agora, um regresso ao passado e uma ditadura militar. Em 1976 o país estava muito perto do caos: um milhão de retornados, sem casa e sem trabalho; o turismo reduzido a zero; o investimento interno e externo paralisado; ameaça de uma ruptura financeira (bancarrota); redução alarmante das remessas dos emigrantes; baixa impressionante da produtividade e aumento do absentismo nas empresas. Foi neste contexto global que os governos socialistas actuaram, clarificando as regras económicas, criando estímulos à economia e resolvendo algumas das dificuldades apontadas. Nesse sentido, ultrapassamos no imediato a crise (que agora de novo se manifesta agudamente) e salvamos a Revolução. Quanto ao socialismo na gaveta, frase que me é atribuída fora do contexto, cito-lhe o insuspeito Lenine: «numa Revolução muitas vezes é preciso saber dar um passo atrás para depois, dar dois para a frente»...

«DL» – Há dias, em Barcelos, o sr. dr. disse que « o Presidente da República fez coisas horríveis ao PC, mas que os comunistas fazem que não percebem porque a sua estratégia é a longo prazo e porque preferem um militar a partidos democráticos, designadamente o PS». Quer explicar?

M.S. – Como jornalista, conhece melhor do que eu certos discursos do Presidente que não são nada amáveis para o PCP. A sua actuação em Novembro de 75 também não o foi. O dr. Álvaro Cunhal, como ele próprio explicou, tem uma grande capacidade para «engolir sapos vivos». Faço-lhe a justiça de pensar que o faz com reserva mental e porque é um táctico muito hábil. Quanto à inclinação dos comunistas pelos militares não é um facto novo: veja como têm procedido, por exemplo, na Argentina.

Governo de inicitiava presidencial: não

«DL» – Outro assunto: situação política actual. Se eventualmente o Governo de Pinto Balsemão caísse e a AD não pudesse constituir outro, defende que se lhe deveria seguir um governo de «iniciativa presidencial» ou, antes, que se deveria proceder a novas eleições?

M.S. – Tenho-me sempre pronunciado contra os governos ditos de «iniciativa presidencial». Porquê? Porque falseiam os resultados das eleições legislativas e, a prazo, desmotivam o eleitorado. Para que votar se não se seguem, no plano governativo, as indicações dos eleitores?

Por esta razão, digamos, de fundo, disse no Parlamento que, se o Governo Balsemão cair – o que prevejo venha a acontecer até ao fim do ano – é no quadro da actual maioria AD que se deve encontrar uma solução governativa. Porquê? Em obediência ao princípio democrático de que «quem ganha tem o direito, mas também o dever de governar». Se a AD se apresentar dividida e incapaz de produzir um novo governo maioritário, então a alternativa será dissolver a Assembleia e marcar novas eleições – contrários ao sentido do voto popular, isso é que não: só serviria, sem grandeza e sem força, para fazer descrer o povo português das virtualidades da democracia.

«DL» – Se se vier a verificar esta última situação, estará a FRS ou o PS em condições de ser alternativa à AD, já este ano?

M.S.– Penso que o PS estará em condições de subir enormemente a sua percentagem eleitoral e de poder vir a ser o fulcro de uma nova maioria.

«Nunca falei em desintegração da FRS»

«DL» – No quadro da actual FRS admite como possível qualquer acordo com o PSD? Ou para que este se faça ter-se-á de desintegrar primeiro a FRS?

MS – Nunca falei em desintegração da FRS. Limitei-me a dizer que, para o PS, a Frente foi «um mau negócio». Para os militantes socialistas isso representa uma evidência. Mas afirmei, ao mesmo tempo, que somos fiéis aos acordos firmados no quadro da FRS, sem que eles, contudo, possam entravar a expansão nacional do PS no eleitorado, imediatamente à sua esquerda e junto do eleitorado moderado.

O PSD está integrado numa coligação de direita, a AD.

Sempre nos afirmámos adversários da AD. E continuamos a sê-lo sem hesitações. Para mim, de resto, o fundamental não reside em acordos entre cúpulas partidárias, mas sim em seguir a evolução do eleitorado e em influenciar essa evolução. Há muitas centenas de milhares de eleitores que já votaram PS e que depois votaram AD. É necessário convencê-los a votarem de novo PS. Há hoje boas razões para isso. É pois necessário «tocar» esse eleitorado. Se se produzir um tal movimento sairemos da bipolarização (que só convém à direita) para entrarmos numa nova situação partidária que designarei por **multipolar.** Estarão então criadas condições para que o PS, de novo, seja o fulcro da vida política portuguesa. Esta é a única via – repare que digo a única – para que a esquerda possa, a médio prazo, em Portugal, voltar ao poder.

PS e PSD

«DL» – A partir de acordos pontuais com o PSD será possível formar, lenta e progressivamente no futuro, um grande partido social-democrata do tipo dos que estão na Internacional Socialista? Ou nunca será possível juntar o PS ao PSD?

MS – Como sabe sempre defendi que o socialismo democrático em Portugal é representado pelo Partido Socialista. Esse tem sido sempre o entendimento da Internacional Socialista. E não há qualquer motivo para haver mudanças nesse entendimento. A questão socialismo versus social-democracia não é tão só terminológica. Tem a ver com a tradição do movimento socialista, em cada país. Em Portugal, o Partido Socialista foi fundado em 1875, por Antero Quental, e José Fontana, e essa é a nossa tradição. Como na Áustria, em Espanha, na Itália, ou na França. Noutros países – como na Alemanha ou na Suécia – o movimento operário é tradicionalmente social-democrata. Como na Inglaterra ou na Noruega é trabalhista. Em Portugal, até 1974, nunca se falou em social-democracia. Reunir no mesmo partido toda a família que se reclama do socialismo democrático é uma boa e generosa ambição. Mas será que o PSD se reclama mesmo da social-democracia? Muitos militantes, com certeza. Mas isso não tem sido a sua prática política. Bem pelo contrário. Aí reside a dificuldade para um entendimento do PS com o PSD que não seja pontual e conjuntural.

«DL» – Mas no momento actual tais entendimentos, mesmo pontuais, não reduzirão o papel de alternativa de que o PS se tem vindo a afirmar, relativamente ao Governo AD?

MS – Quando eu digo que o PS e a Frente, se quiserem, podem ser o fulcro de uma nova maioria estou a afirmar com credibilidade, a existência de uma alternativa democrática à actual AD.

«DL» – Estão quase passados sete anos sobre o 25 de Abril. Desde os fulgores da Revolução em 74 até agora, muita coisa mudou. Com a esquerda na oposição e vultos do fascismo a ascenderem à ribalta política acha que o 25 de Abril foi traído?

Não descrer de Abril

MS – Para muitos o 25 de Abril constitui uma decepção. O que temos hoje está longe de corresponder àquilo com que sonhámos para este País. Entretanto, o saldo é quanto a mim, positivo. Apesar dos erros, dos exageros, das perversões totalitárias, dos desvios. A história apontará os responsáveis. Para já, porém, importa não descrer de Abril. Não dividir o campo dos que estão com o regime democrático – constitucional.

Não permitir – ter a sagacidade e a coragem de não permitir – que as rupturas se operem no mesmo sítio, facilitando (por sectarismo) o trabalho da direita e daqueles, que, na direita, hoje o procuram hegemonizar, ou seja os saudosistas do salazarismo.

«DL» – Voltando ao PS, o sr. dr. disse ainda no último domingo que o queriam abater e que por isso mesmo tinha vindo para junto das bases apelar «aqui-del-rei que querem destruir o partido». Será mesmo assim?

Quererão os socialistas apoiantes e subscritores da moção dita do Secretariado destruir o Partido? A sua acção poderá conduzir a isso?

MS – A afirmação não foi minha. Já que a cita, deve lembrar-se que foi um militante numa secção que a referiu:

A situação é muito clara: querem abater o líder do PS, querem abater o Mário Soares. De facto muitos militantes do PS não entendem que no momento em que a direita perdeu o seu líder carismático, se queira diminuir e desprestigiar o líder do PS e da esquerda democrática. Os militantes têm um reflexo de autodefesa do Partido, porque sabem que é indispensável para o PS e, em especial, para o eleitorado, que as virtualidades do Partido através do prestígio da penetração que tem o seu próprio líder, se mantenham intactas.

«DL» – Ninguém nega que o sr. dr. seja um líder carismático, mas acha-se insubstituível no seu Partido, o socialista?

MS – Ninguém é insubstituível. Há pessoas que em determinado momento são mais dificilmente substituíveis. Neste momento não percebo bem a quem interessa substituir-me.

«DL» – Última questão: se vencer o Congresso está seguro de que ganhará o partido?

MS – Não tenho a menor dúvida. Até porque no coração – e mesmo na cabeça – da esmagadora maioria dos militantes PS, nunca o perdi.

Entrevista de Luís Humberto Marcos.

de ontem para hoje

Na Madeira: dois silos para cimento

Dois silos para cimento com uma capacidade de dez mil toneladas irão ser construídos no próximo ano em Socorridos nos arredores do Funchal, soube-se ontem naquela cidade. Os reservatórios, que custarão cerca de 300 mil contos, destinam-se a garantir o abastecimento de cimento à Madeira, que, a partir de Junho, com o início das obras no aeroporto local, passará a gastar mensalmente duas mil toneladas. Firmas norueguesas, espanholas e italianas estão interessadas na construção dos dois silos, seu equipamento e posterior fornecimento de cimento à Região Autónoma da Madeira.

General Lopes da Conceição: adjunto-coordenador de Melo Egídio

O general Lopes da Conceição foi ontem nomeado adjunto-coordenador do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, João António, da Conceição, de 53 anos, era adjunto para o Pessoal e Logística, lugar que foi preenchido interinamente pelo contra-almirante Adriano de Carvalho. Aquelas funções foram preenchidas pela última vez em 1978 pelo general Melo Egídio (actual chefe do EMGFA) na altura de Ramalho Eanes. Depois de Melo Egídio, o lugar não foi preenchido, admitindo-se que o reactivar agora do posto esteja relacionado com a não existência de um vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Bombeiros Voluntários Lisbonenses: oito mil serviços em 1980

O corpo de Bombeiros Voluntários Lisbonenses prestou mais de oito mil serviços durante o ano de 1980, segundo anunciou ontem um porta-voz daquela corporação. Os 90 elementos do corpo totalizaram mais de 14 mil horas nas mais variadas missões. Das acções desempenhadas destaca-se o transporte de mais de sete mil doentes, e o combate a 407 incêndios.

Regimento de Castelo Branco:fogos reais em Penamacor

O Regimento de Infantaria de Castelo Branco executa hoje e amanhã exercícios militares de fogos reais nas proximidades de Penamacor. Os exercícios condicionam o trânsito nas estradas que servem Meimão, Fonte dos Caçadores e Meimoa. Estando ainda interdita a permanência de pessoas e animais nas proximidades das ribeiras de Malveira, Alto do Cavalo Branco, Barroca do Ouro e Arrancada.

Assalto à mão armada: português condenado em Pontevedra

O português Domingos Vieira Pires foi ontem condenado em Pontevedra (Espanha) a seis anos e um dia de prisão por posse ilegal de armas de fogo. Também lhe foi imposta outra pena de cinco anos, quatro meses e 21 dias de prisão menor, por um crime de roubo com intimidação. Em 19 de Janeiro deste ano, Domingos Vieira, natural de Castelo de Meira, que trazia consigo uma pistola sem licença introduzida ilegalmente em Espanha, assaltou a Caixa de Poupança de Vigo e roubou 60.000 pesetas (cerca de 42 contos), sendo capturado hora e meia depois pela Polícia.

Choque em cadeia: quatro feridos graves em S. João da Madeira

Nas proximidades de S. João da Madeira, um camião chocou ontem violentamente com um automóvel, o qual, por sua vez, embateu em mais dois, que estavam numa fila. Do acidente resultaram dez feridos, quatro dos quais de certa gravidade, que recolheram ao Hospital de Santo António, do Porto. São eles: Fernando da Silva Santos, de 22 anos, José António dos Santos, de 19 anos, Manuel Pereira Ribeiro, de 40 anos, e Vítor da Silva Ribeiro, de 16 anos.

Em segunda mão: graneleiro comprado a armador espanhol

A Companhia Nacional de Navegação (CNN) comprou um graneleiro em segunda mão a um armador espanhol por cerca de 880 mil contos.

O «Nacional Sines», de 53.450 toneladas, com capacidade de carga nos sete porões de 60.803 metros cúbicos, foi construído no estaleiro naval Astano, no Ferrol (Espanha) em 1971. O navio, o segundo que a CNN comprou em segunda mão este ano, entregue no porto espanhol de Santander, chegou ontem a Lisboa e destina-se ao transporte de granéis sólidos dos EUA para Portugal.

Incêndio numa cadeia: duas portuguesas feridas na Corunha

Duas portuguesas (Rosa Domingues e Fátima da Silva) ficaram ontem feridas num incêndio que deflagrou na prisão de Santiago de Compostela, na Corunha, na qual se encontravam detidas acusadas de prostituição, aguardando a ordem de expulsão de Espanha. No sinistro ficaram feridos mais onze reclusos, todos de nacionalidade espanhola.

Continuam as dificuldades: ponte internacional sobre o Guadiana

Autoridades portuguesas e espanholas formaram ontem em Ayamonte uma comissão mista para estudar a construção da ponte internacional sobre o rio Guadiana ligando os dois países. As três zonas consideradas ideais para a construção da ponte, todas afastadas de Ayamonte e de Vila Real de Santo António, são rejeitadas pelas autoridades locais por considerarem que vão afectar o turismo. A comissão, numa primeira abordagem, defende a construção da ponte internacional a sul de Ayamonte e a norte de Vila Real.

Vai ser legalizado em Portugal

Nudismo: o buraco da fechadura da CEE

O nudismo, como é vulgarmente conhecida a prática do naturismo, poderá ser objecto de legislação a publicar provavelmente ainda no ano corrente. A necessidade de se legislar sobre aquele tema foi considerada urgente na reunião do Conselho Nacional de Turismo, que ontem se realizou.

A lei sobre o nudismo poderá autorizar a sua prática em terrenos públicos perfeitamente demarcados e sinalizados, sendo que é intenção obter prévia autorização dos responsáveis camarários respectivos.

Além de corresponder ao desejo de numerosos empresários nacionais e internacionais, a publicação da referida lei reguladora da prática do nudismo poderá representar, no entender de alguns especialistas, uma porta de entrada para a CEE. Ou seja, o naturismo está já plenamente autorizado e regulado na Europa.

Com a introdução de disposições legais sobre a matéria poderemos caminhar para o fim do nudismo selvagem que acarreta inúmeros inconvenientes, para praticantes e não praticantes, além de frequentes conflitos com as autoridades.

Na reunião do Conselho Nacional do Turismo, ontem efectuado, o presidente da Federação Portuguesa de Naturismo recordou que se abte desde há anos pela prática legalizada do naturismo.Lembrou ainda que foi a pedido das capitanias que, em 1975, o Ministério da Justiça esboçou um projecto de lei sobre a matéria.

Na opinião de José Godinho, houve cinco mil pessoas que, no ano passado, fizeram nudismo de fim-de-semana, em locais «tolerados» mas nem por isso menos susceptíveis de provocar uma intervenção dos cabos de mar que a isso são solicitados por estranhos ao naturismo.

Os naturistas portugueses não querem desalojar os «têxteis» disse ainda o responsável pela Federação aludindo aos frequentadores das praias que usam fato de banho.

Este ponto de vista parece coincidir com a intenção do Governo como foi salientado na reunião, segundo o qual se impõe que o problema seja «francamente encarado, tendo vista a próxima (?) adesão de Portugal à Comunidade Europeia.

De pequenino se constrói o futuro!

PROTEJA A CRIANÇA ATRAVÉS DA POUPANÇA

PRESENTE NA juventus

MONTEPIO GERAL
FUNDADO EM 1840

MONTEPIO GERAL

Conselho Nacional de Turismo em reunião:

Mais 26 mil camas em cinco anos

O Governo vai «encorajar» o investimento privado no turismo, de modo a atingir o objectivo de mais 26 mil camas nos próximos cinco anos o que proporcionará a criação de oito mil novos postos de trabalho no sector.

A informação foi dada, ontem, pelo secretário de Estado, Alcino Cardoso, na reunião do Conselho Nacional de Turismo que está a decorrer em Lisboa.

O Conselho Nacional de Turismo, recém-formado, engloba organismos públicos, empresas, representações patronais e sindicais e técnicos do sector. A reunião em curso é de carácter extraordinário estando a primeira reunião ordinária prevista para o mês de Maio.

Até 31 de Dezembro

Acabam as empresas intervencionadas

Um decreto-lei em vias de publicação, preparado pelo Ministério das Finanças, vai pôr termo à intervenção do Estado nas empresas, seja pela proibição de novas intervenções seja pel7a normalização da situação das empresas intervencionadas até 31 de Dezembro de 1981.

Para as empresas intervencionadas, até à data referida ou até à assinatura de contrato de viabilização, se ocorrer antes, manter-se-á, no entanto, em vigor o regime actual que as coloca ao abrigo da falência ou da execução por dívidas.

O decreto-lei 422/76, de 29 de Maio que fixava o prazo de intervenção em 18 meses – o que nem sempre foi seguido – tinha como outra importante disposição a proibição de as empresas intervencionadas virem a ser declaradas em estado de falência assim como suspendia as acções de execução por dívidas contra elas movidas.

A nova legislação, mantendo em vigor estas últimas disposições, apressará a clebração de contratos de viabilização e pretende normalizar, por essa via ou, também, pela devolução aos antigos patrões, as empresas actualmente intervencionadas.

Holandeses abrem fábrica de queijo em Sintra

O chefe da Missão Agro-Industrial holandesa que se encontra de visita ao nosso país, anunciou, ontem, a intenção de abrir uma fábrica de queijo nos arredores de Lisboa, na zona de Sintra.

A fábrica Eru, que o chefe da missão, Lardinois afirmou vir a ser uma das mais modernas do Mundo, terá como suporte financeiro investimentos enquadrados na nova dinâmica que está a ser introduzida à cooperação económica entre Portugal e a Holanda.

SEEL-EVM acrescenta espaço ao espaço da sua empresa!

SEEL-EVM é a nova criação da SELDEX em mobiliário de escritório.
É o novo estilo que acrescenta espaço ao espaço da sua empresa.
O novo sistema de módulos práticos e funcionais.
SEEL-EVM adapta-se facilmente a qualquer espaço. Desde o escritório convencional, à empresa que começa a preferir o «open-space» — onde a comunicação é livre, imediata, total. A nova concepção de aproveitamento do espaço que SEEL-EVM traduz e realiza totalmente.
Em qualquer situação, SEEL-EVM é feita à medida da sua empresa.
Significa funcionalidade, economia de espaço, baixos custos na mudança, ambiente de trabalho mais humanizado, comunicação rápida e informal, redução significativa dos tempos perdidos... É produtividade!

SEEL-EVM: na pureza da forma, o milagre do espaço...

SEEL

SELDEX - Sociedade de Equipamentos de Escritório, SARL
Av. da Liberdade, 127 • Telefs. 32 86 71/32 49 86 – 1200 LISBOA
Rua Guedes de Azevedo, 196 – 204 • Telefs. 2 14 24/5 – 4000 PORTO

PUB.

PELA RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DOS TRABALHADORES

SÁBADO, 11 ABRIL – 10.00 HORAS
REFEITÓRIO DA PARRY & SON

CACILHAS

ENCONTRO O.R.T.s EMPRESAS EM LUTA

COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS DIRIGENTES, DELEGADOS SINDICAIS ECTs — LISBOA E SETÚBAL

A discussão centrar-se-á nos seguintes temas:

"PELA RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DOS TRABALHADORES!"
"REFORÇAR A LUTA!"
"POR UMA NOVA POLÍTICA!"

USL CIL USS CIS

"Casas de bonecas" em colecções de adultos

A maior coleccionadora mundial de «Casas de Bonecas», Vivien Green, apreciou na semana passada réplicas de uma casa senhorial portuguesa do século XIX e do Palácio de Angeja, no Museu do Trajo, em Lisboa.

Viven Green, mulher do escritor britânico Graham Green, possui no jardim da sua residência, perto de Oxford, um museu com 48 «casas de bonecas» do período de 1700 a 1886

A coleccionadora, que esteve em Portugal durante a primeira semana de Abril, visitou o Museu do Trajo, onde apreciou miniaturas de uma casa senhorial portuguesa de 1850 e do palácio de Angeja, no interior das quais se podem admirar réplicas dos mobiliários de origem, candelabros em estanho, ou uma mesa posta para um jantar, serviço em louças de porcelana e talheres de prata.

Ali se encontram cinco «casinhas» desse mundo das bonecas que identifica as crianças com o ambiente familiar, além de um «mini-drugstore», réplicas dos Armazéns do Chiado, Grandelas e Lafayette francês, todas elas protegidas por vitrinas.

No Museu de Vivien Green, especialmente construído para o efeito e com as características da época, os brinquedos não estão protegidos por vitrinas e, por isso só os adultos as podem admirar.

A senhora Green, que não tem filhos, possui em casa quatro «casas de bonecas» porque «casa sem brinquedo de crianças não é casa» – disse.

O seu museu é, no entanto, interdito a menores de 16 anos, mesmo se acompanhados de adultos.

A exposição destina-se apenas a coleccionadores e pessoas que saibam apreciar os mobiliários e os hábitos sociais da época – afirmou Viven Green.

Enquanto bordava uma tapeçaria em miniatura para uma das casinhas cujas dimensões vão dos 20 centímetros a três metros, Vivien Green explicou que começou a colecção há 32 anos, após a segunda guerra mundial, com um desses brinquedos no quarto.

Actualmente possui, através de fotografias ou desenhos, cerca de mil registos de casinhas inglesas e escreveu sobre o tema dois livros um dos quais intitulado «Family Dolls'Houses» e o outro sobre «casas de bonecas» dos séculos XVIII e XIX.

Sobre o trabalho que tem nos antiquários e casas particulares à procura de objectos que correspondam àquelas épocas, a coleccionadora afirmou, por exemplo, que levou seis anos a encontrar um bocadinho de vidro duma torre da época vitoriana.

Uma torre, datada de 1700, pertencente a senhores feudais que costumavam ali pernoitar quando iam à caça do faisão, figura na colecção da senhora Green, que sobre uma miniatura da mesa onde os caçadores almoçavam colocou as armas usuais na época.

A forma como são restauradas as peças que se vão estragando são discutidas num clube de coleccionadores ingleses que editam uma revista destinada a outros países, nomeadamente Austrália e Estados Unidos e que tem uma tiragem de três mil exemplares.

Otília Leitão da ANOP/«DL»

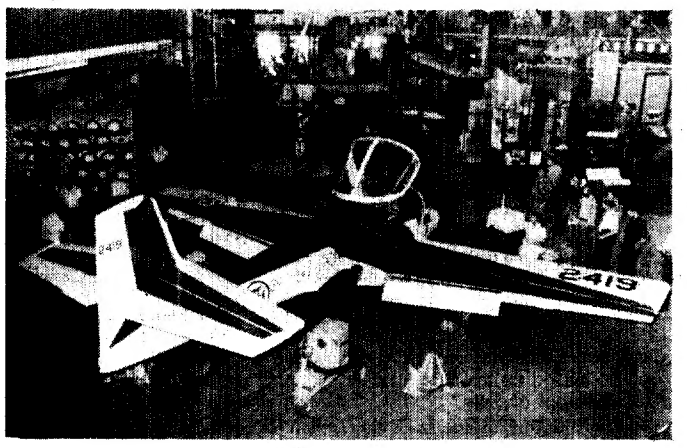
Se tem cem contos para voar 34 horas

História breve de como se obtem o "brevet" de pilotagem em Portugal

Se tem o antigo 2.º ano dos liceus ou o Ciclo Preparatório (ou a também chamada 6.ª classe) e se encontra seguro de que as condições físicas não o vão trair seja qual for o teste a que seja submetido, pode muito bem candidatar-se a obter o «brevet» de pilotagem, que é a modos que a carta de condução para «guiar» no espaço.

O problema que de imediato se coloca é simples: deverá inscrever-se num aeroclube que tenha escola de pilotagem. Se vive na capital ou periferia essa dificuldade nem sequer se coloca: tem o Aero Clube de Portugal e a garantia prévia de que as obrigatórias 34 horas de voo para obter o «brevet» lhe vão custar entre cem a 120 contos. Isso porque o Aero Clube de Portugal, que montou a sua escola de pilotagem, por assim dizermos, no Aeródromo «Conde de Monte Real», também chamado de Tires por se encontrar naquela localidade do concelho de Cascais. No entanto, o seu verdadeiro nome é Aeródromo Municipal de Cascais.

Aero Clube de Portugal (com sede na Avenida da Liberdade, n.º 226, em Lisboa), Torres Vedras (Santa Cruz), Faro e Costa Verde (Paramos-Espinho) são os principais aeroclubes, com mais alunos, e aqueles que dispõem de escola de pilotagem. É neles que se «formam» os pilotos portugueses, os futuros «donos» dos «Cessna», dos «Pippers» e dos «Rally», aviões de 4 e 8 lugares, por vezes de 12, que em



Portugal são utilizados por várias empresas privadas em viagens de negócios ou de outro tipo, casos da RAR (Refinarias de Açúcar Reunidas), Soares da Costa, Azevedo Campos e BPA.

Mas não se julgue que a obtenção do «brevet» é meio caminho andado para ingressar numa grande companhia, para pilotar aviões comerciais de peso. É, se a imagem nos é permitida, como que comprar na câmara a licença para guiar bicicleta e aspirar a conduzir automóvel. Isto é: depois do «brevet», se o piloto tem paciência, dinheiro e disposição para seguir, deverá ser submetido aos «comerciais» (200 horas de voo como piloto comandante) e ao teste dos «instrumentos», ficando por esta última forma habilitado a piloto de noite e por entre as nuvens.

Depois disso, poderá ter andado meio caminho, «voado» meio espaço. Com um pouco de sorte, como nos afirmou o presidente do Aero Clube de Portugal, Rui Pratas, poderá ingressar na TAP, nos chamados táxis aéreos (Lisboa à Covilhã, Viseu e Bragança, e vice-versa). Mas terá sempre poucas possibilidades. Restar-lhe-á o «mercado piloto» disponível do Terceiro Mundo, com especial incidência na Líbia e no Zaire, onde há sempre uma vaga à espera de um piloto sequioso ou disposto a arrostar com dificuldades. É essa a «porta de entrada» numa companhia internacional, aquela que poderá dar acesso a uma grande empresa internacional.

O curso de pilotagem que o Aero Clube de Portugal (que se rege por normas da FAI) ministra começou em Março deste ano e terminará em Junho, afirmou ao «DL» o seu presidente, Rui Pratas. O curso decorre na escola de pilotagem do Aeródromo de Tires, de que é director Fernando Martins, dispondo os alunos de 11 aviões. O aero clube não habilita mais de 20/30 pilotos com o «brevet», licença de pilotagem essa que lhe é dada pela Direcção-Geral de Aviação Civil, a cuja esfera aquele aero clube pertence e por isso dispõe de um escasso subsídio que lhe permite instruir candidatos a um preço inferior à outra escola de pilotagem (essa particular) com instalações em Tires, escola essa fundada há dois anos sem que ninguém deste mundo e do outro saiba explicar como, qual o expediente ou a influência de origem para o seu aparecimento.

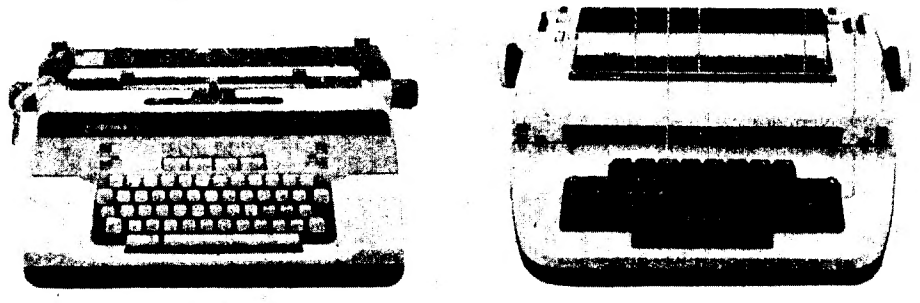
Não é só pilotando, não é só com 34 horas de voo no mínimo que se obtém o «brevet» que só a Direcção-Geral de Aviação Civil pode passar, como se o candidato fosse proposto por uma escola de condução e o exame decorresse numa delegação distrital da Direcção-Geral de Viação. Os candidatos, além do voo são testados em disciplinas como meteorologia, aerodinâmica, navegação, motores, regras do ar, radiotelefonia, célula do avião e sua componente. Os alunos menos habilitados culturalmente sentem grandes dificuldades para passar no teste final, a não ser que estudem muito e sejam inteligentes, disse-nos o presidente do Aero Clube de Lisboa.

Júlio Rodrigues

PUB

STUDATA

EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO DO SUL, LDA.



MÁQUINAS MODERNAS PARA ESCRITÓRIOS MODERNOS
MÁQUINAS DE ESCREVER, DE CALCULAR, DE FOTOCÓPIA
DUPLICADORES, REGISTADORAS, GRAVADORES DE STENCIL
E ACESSÓRIOS PARA AS RESPECTIVAS MÁQUINAS

AVENIDA PROFESSOR EGAS MONIZ, 40-F
AVENIDA RAINHA D. LEONOR, 43-B
TELEFONE 275 42 59 – COVA DA PIEDADE – 2800 ALMADA

o Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

AOS COMERCIANTES DE LISBOA
VOCÊ QUER MONTAR UMA

ERVANÁRIA

EM LISBOA OU ARREDORES, EM TODAS AS CIDADES DO PAÍS À SOCIEDADE?

Se tem casa em bom local e quer mudar de ramo.
Você tem a casa e eu tenho ou produtos fabricados, para encher a casa e abrir em dois dias. Escreva para CENDERMA
Armazenista de plantas Medicinais Portuguesas

FABRICANTE DE CHÁS MEDICINAIS CENDERMA
PREPARADOS PARA ERVANÁRIAS E CASAS DE MACROBIÓTICA .

Apartado n.º 12 — 2901 SETÚBAL CODEX

REPRESENTAÇÃO

NÓS OFERECEMOS EXCLUSIVO

As firmas organizadas com boa rede de clientes nos Supermercados, de Lisboa e de todos os distritos do País.
Produtos a representar e distribuír, são CHÁS MEDICINAIS CEN
As firmas organizadas com boa rede de clientes nos Supermercados, de Lisboa e de todos os distritos do País.
Produtos a representar e distribuir são CHÁS MEDICINAIS CENDERMA NUMERADOS EM EMBALAGENS DE CLASSE, CHÁS PAU D'ARCO, HIPERICÃO-DO-GERÊS, S. ROBERTO, PULITAÍNA, CIDREIRA E TÍLIA, fabricamos estes chás para Supermercados FORNECEMOS ARGILA VERDE NATURAL.

Os nossos produtos já estão à venda nos Supermercados de Lisboa, Porto e em todo o País.
Se você tem capacidade para ser nosso Agente-Distribuidor, escreva-nos para:

CENDERMA
Armazenistas de Plantas Medicinais Portuguesas

CHÁS MEDICINAIS PREPARADOS

APARTADO n.º 12 2901 SETÚBAL

Cinquenta anos depois Acciaioli revela que preço pagou pela revolta da Madeira

Funchal (do nosso correspondente) — «Envolvi-me na chamada Revolta da Madeira porque acreditava na liberdade, na democracia, na justiça. Ainda hoje esses alvos não foram atingidos. Até eu sou alvo de injustiça, que venho reclamando, sem resultado, antes e depois do 25 de Abril» — afirmou, em entrevista ao correspondente do «Diário de Lisboa» na Madeira, o coronel madeirense Ernesto Acciaoli, um dos poucos oficiais ainda vivos, sobrevivente da Revolta da Madeira, cujo 50.º aniversário passou no sábado.

«Aderi na primeira hora, como aliás toda a guarnição ao Movimento que originou a chamada Revolta da Madeira contra o Governo de Ditadura» – prosseguiu o coronel reformado Ernesto Acciaoli. Para além do nosso entrevistado, dos oficiais que participaram nesse pronunciamento militar, são ainda vivos Francisco Machado (reside também na Madeira) e Jaime Albuquerque Gonçalves, que vive, actualmente, no Porto.

Fez sábado precisamente 50 anos que deflagrou a Revolta da Madeira. Ernesto Acciaoli repetiu que os ideais por que lutaram, «nem então nem agora foram alcançados. Ainda andam à procura de alcançá-los. Mas sabe, já estou esquecido. Faltam-me nomes e datas. Se quer elementos certos sobre isso, estão todos num livro chamado A REVOLTA DA MADEIRA, escrito pelo dr. Soares com base nos elementos que eu lhe dei». E prossegue o coronel Acciaoli: «Até as fotos lhe disse onde havia de obter: no Manuel Peres-telo, que estava bem documentado sobre o assunto. Pena foi que o dr. Soares fizesse o livro com base no que lhe indiquei e não tivesse a delicadeza de me oferecer um exemplar».

Mas era o «seu» depoimento que nos interessava e não a recolha de elementos já publicados. Se o «seu» envolvimento nessa Revolta tinha dado frutos, criado raízes. «Os ideais por que lutámos começam agora a concretizar-se, mas os frutos ainda não». Mas há mais liberdade, mais justiça? «Ainda hoje a injustiça permanece. Fui demitido do Exército e deportado para a ilha de Porto Santo durante 11 anos, após o movimento revolucionário».

«A Revolta da Madeira durou de 4 de Abril de 1931 até 2 de Maio. Em 1942 – prossegue – precisavam de gente para o Exército e eu fui chamado como tenente miliciano. Imagine, eu que já era tenente do Quadro Permanente quando da Revolta.

Depois, o Chefe de Estado-Maior dessa altura, major Sarsfield Rodrigues insistiu comigo para frequentar um curso de Comandante de Companhia. Recusei. Disse-lhes que seria perder tempo, porque nunca me aprovariam. Ele insistiu e eu lá fui.

De facto, aprovaram-me e fui promovido a capitão, sempre miliciano. Entretanto, acabou a guerra e eles começaram a desmobilizar gente e eu de novo estava ameaçado de voltar para casa. Eu, que tanto gostava da vida militar e que era nela que me sentia bem.

Um grande amigo meu, Chianga da Maia sugeriu que a única maneira de me manter no Exército era uma comissão em África, pois talvez surgisse, entretanto, a oportunidade de reingressar no Quadro Permanente. Isso dependeria, em grande parte, do humor e vontade do então ministro da Defesa, Santos Costa. Segui para Angola para uma comissão de 1947 a 1950. Durante a viagem, recebi a notícia de que tinha sido reintegrado no Quadro Permanente com o posto de capitão».

«Nunca deixei de pedir que me fosse contado todo o tempo de serviço, mas isso foi sempre negado. Apareceu depois o ministro a seguir a Salazar... Isso! Pois, Marcelo Caetano e apareceu uma nova oportunidade para rever processos. Vou a julgamento. O Presidente do Conselho Superior de Disciplina, general Beleza Ferraz, em 1966, deliberou a suspensão da pena de demissão pela de 10 dias de prisão disciplinar e fui promovido, de imediato, a coronel. Nessa ocasião, pedi também que me fosse entregue a verba correspondente ao vencimento de tenente, durante 11 anos, o período em que estive fora do Exército em nítida infracção da lei vigente, já que eu não podia ser afastado do Exército sem condenação a pena maior».

O coronel Acciaoli continua: «O ministro Marcelo Caetano mandou-me um recado: já tem a compensação moral. Não se dá mais nada. Surgiu o 25 de Abril e com ele a Junta de Salvação Nacional. Expus-lhe a minha pretensão e esses cavalheiros responderam-me que tal «não era da competência desta Junta». Em 1977, foi publicado no «Diário da República», um decreto-lei em que atribuíam uma pensão aos militares que tivessem lutado de maneira bem evidente pela defesa da liberdade e democracia. «Julguei que estava nessa situação e fiz uma exposição ao general Chefe do Estado-Maior do Exército, em 17 de Agosto de 78. Recebi a resposta no ofício n.º 44.258 de 21 de Novembro de 78: a 2.ª Secção do Estado-Maior do Exército responde por informação da Repartição de Vencimentos do Centro Financeiro do Exército, o prazo para recorrer abonos já foi largamente excedido, de acordo com o artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 34.800 de 31/7/54, que determina que «o prazo máximo para a interposição dos recursos é de 30 dias, a partir da data que os militares interessados tomarem conhecimento oficial da decisão ou do documento legal que motiva o recurso». Nestas condições, foi arquivado mais uma vez o processo. Ainda contactou o coronel Acciaoli os líderes políticos madeirenses. Todos me disseram que tinha razão, mas nunca vi resultados. Isso passou-se com o dr. Alberto João Jardim, líder do PSD, dr. Baltasar Gonçalves, líder do CDS e com João da Conceição, líder do PS madeirense e os resultados foram nulos.

Acciaoli, «coronel madeirense»

Talves que essa situação seja revista? – perguntamos. «Se assim fosse, estaríamos os dois de parabéns» – responde o coronel Acciaoli. Só que não seríamos os dois – respondemos – mas todos aqueles que acreditam na liberdade, democracia e justiça. Esta às vezes demora, mas chega sempre.

Apresentando-se no Quartel-General para cumprir dias de detenção

Lembram-se da candidatura do capitão Calvinho?

O capitão António Calvinho foi um dos militares que apareceu como pré-candidato às últimas eleições presidenciais, só não participando na corrida às urnas por lhe faltarem escassas duzentas e cinquenta assinaturas das sete mil e quinhentas exigidas. Na altura, o capitão Calvinho considerou esse facto como «uma ironia que iria pesar futuramente» na prossecução dos projectos que perseguia com a sua candidatura, situados no âmbito dos problemas dos milhares de deficientes das Forças Armadas, vítimas dos catorze anos de guerra colonial das frentes de Angola, Guiné e Moçambique. Quatro meses decorridos, muitos leitores se interrogarão certamente sobre o itineráio do jovem militar, fundador e primeiro presidente da ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas) e da situação em que se encontram os projectos e os anseios do movimento que encabeçava. Acontece, porém, que o capitão Calvinho é neste momento um militar no activo, logo impedido de prestar declarações públicas, pelo que tivemos de recorrer ao primeiro-sargento pára-quedista Carmo Vicente, um dos operacionais afastados na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro de 1975, também ele deficiente e dirigente da Codefa (Cooperativa dos Deficientes das Forças Armadas), na sua qualidade de membro do MAAC (Movimento de Apoio à Candidatura do capitão Calvinho).

Segundo Carmo Vicente, o projecto consubstanciado na candidatura do capitão Calvinho, continua vivo e preparado para avançar nas próximas presidenciais, já com outra estrutura, fruto das experiências colhidas. «Conforme nos comprometemos em Novembro – afirmou ao «DL» Carmo Vicente – o MÁAC não se dissolveu na prática. E isto porque o cômputo da pré-candidatura do capitão Calvinho foi positivo. Chegaram-nos dados estatísticos sobre os deficientes esquecidos (sem pensões de reforma, nem próteses nos membros amputados), dos antigos combatentes que morrem anualmente às dezenas, em consequência de ferimentos sofridos em combate ou de doenças contraídas nas selvas africanas, e nestes meses temos estado a analisá-los. Durante a campanha também nos chegaram documentos escritos e fotográficos, material que iremos futuramente analisar, não só em debates públicos, como também na elaboração de livros a publicar no âmbito do Ano Internacional do Deficiente, à semelhança do que já tínhamos feito com a edição do livro «Gritos de Guerra».

«DL» – E que tipo de relações mantém a antiga estrutura do MAAC com a ADFA?

Carmo Vicente: «A nossa acção tem uma amplitude e uma dinâmica que ultrapassam o quadro específico da ADFA, já que integra muitos antigos combatentes, e não só, que felizmente não sofreram deficiências visíveis durante os seus anos de campanha, mas que estão necessariamente mobilizados para a nossa experiência. É evidente que a maioria dos integrantes do MAAC são membros da ADFA, mas também é verdade que muitos deles têm algumas divergências, que procuram (os) ultrapassar. Daí a nossa participação nas actividades relacionadas com as comemorações do Ano Internacional do Deficiente.»

«DL» – E quanto à últimas reivindicações apresentadas pela direcção da ADFA, o MAAC concorda, ou melhor os deficientes que o integram, estão de acordo com elas?

Carmo Vicente: «É claro que estamos, embora nem sempre concordemos com a forma como está a ser dirigida a luta para as alcançar. Estamos por exemplo de acordo em que seja aclarado na Lei, pelo Governo, o conceito de Deficientes das Forças Armadas, a extensão dos direitos dos deficientes de campanha (sobretudo na guerra colonial) aos deficientes em serviço, ou seja àqueles que sofreram lesões graves em acidentes fora do teatro dos operações, e a revisão de legislação sobre as pensões. Bem como que os deficientes de grau elevado e sem recursos tenham uma pensão não inferior ao salário mínimo, até ao estabelecimento de uma política nacional de compensação material aos deficientes.»

«DL» – Para finalizar: qual é a vossa posição sobre a intenção, já várias vezes ventilada, da ADFA ser desalojada do Palácio da Independência?

Carmo Vicente: «A nossa posição é coincidente com a expressa há tempos pelo jornal «Elo», órgão da ADFA, que diz textualmente: «Aqui – no Palácio da Independência – antes do 25 de Abril se ministra à juventude portuguesa o vírus do fascismo que havia de manter todo um povo no mais refinado obscurantismo; aqui se forjaram os «SS» que nos amordaçaram o corpo e nos marcaram a alma; aqui se construíram os «heróis» da opressão colonial; aqui desde Novembro de 1974, estamos nós, deficientes das Forças Armadas, sentindo na alma e no corpo as verdastadas dos carrascos de 48 anos, aqui estamos nós empenhados em destruir todo o mobiliário de ódio que ornamenta estas paredes, testemunhas impassíveis de crimes que clamam por julgamento, aqui queremos trabalhar na reconstrução de um Portugal livre e democrático, pois só assim haverá uma verdadeira política de reintegração dos marginalizados.»

CONSTRUÇÕES
RUIVO DO MONTE
A SUA CASA A MEDIDA DA SUA BOLSA
CONSULTE-NOS JÁ PELO TEL. 24128-SETÚBAL VENDAS
TODOS OS DIAS: RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM
SETÚBAL RUA DO ETIO, Nº 28, 2900 SETÚBAL

Greve da Marinha Mercante cria problemas com as autoridades angolanas

Iniciou-se ontem a quinta fase de luta dos maquinistas da Marinha Mercante, com a paralisação de 29 navios da Companhia Nacional de Navegação e da Sacor, que constituem cerca de um terço da frota nacional.

Esta greve, que se prolonga até amanhã, surge na sequência do conflito laboral que desde Fevereiro afecta uma parte da frota mercante portuguesa. Segundo a direcção do Sindicato dos Oficiais e Engenheiros Maquinistas da M.M., a restantes empresas afirmaram já um acordo total sobre o cumprimento das reivindicações dos trabalhadores.

Um dirigente sindical afirmou que uma parte das empresas nacionalizadas está a cumprir os acordos, «mas outra não está». Tais acordos, que não estão a ser cumpridos em várias cláusulas, são de três tipos: o CCT propriamente dito, um acordo complementar sobre complementos de pensões de reforma e sobrevivência (actualização de pensões) e um terceiro sobre grelhas e enquadramentos salariais – referiu a mesma fonte.

A nova paralisação da Marinha Mercante criou uma situação que envolve as autoridades angolanas, embora, de acordo com o ministro português dos Negócios Estrangeiros, não haja «conhecimento oficial de quaisquer iniciativas que ponham em causa as relações bilaterais» entre os dois países.

Do ponto de vista do direito internacional, a situação é complexa, admitindo-se que as autoridades angolanas sejam soberanas relativamente aos barcos portugueses que se encontram nas suas águas territoriais. Assim, as autoridades angolanas poderão intervir na descarga dos navios portugueses que se encontram ao largo do porto de Luanda, aguardando autorização para atracar.

Os seis navios, uma vez atracados, poderão paralisar durante duas semanas, em cumprimento da greve de Fevereiro da Marinha Mercante que, quando foi decretada, estas unidades se encontravam em viagem.

As autoridades angolanas deram ao conselho de gerência da companhia um prazo até sábado para desbloquear o conflito. Este endurecimento da posição angolana, segundo um dirigente sindical da Marinha Mercante, deve-se ao facto de o navio «Manica» ter a bordo um carregamento de oito mil toneladas de milho provenientes dos Estados Unidos e que se destinam aos guerrilheiros da Swapo, acampados na zona de Kassinga. A mesma fonte acrescentou que «estão neste momento estacionados em Luanda 120 elementos da Swapo para descarregar o milho logo que o navio atraque».

Os outros barcos têm a bordo carregamentos vários, nomeadamente matérias-primas, cuja falta já provocou a paralisação de cinco unidades industriais.

O navio «S. Tomé» transporta, entre outros produtos, 12 contentores de leite e 70 por cento da carga do «Novo Redondo» é constituída por máquinas agrícolas e ferramentas da firma F. Ramada, empresa com sede em Lisboa e com 51 por cento de capital angolano.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, FABRICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL, GRÁFICA E IMPRENSA DO SUL E ILHAS

CCTV-INDUSTRIA GRÁFICA E DE TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL PLENÁRIOS VERTICAIS DE ZONA

Com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 – Situação político-social
   a) Acções de Massas
2 – Análise e discussão do projecto de revisão do CCTV – Indústria Gráfica e de Transformação do Papel
3 – Informações diversas

ZONA	LOCAL	DIA	HORA
AMADORA	Deleg.Sind.dos Químicos e C. Civil Rua Diogo Bernardes,4-B	9	19
ESTREMOZ	Biblioteca Nacional	9	19
MEM MARTINS	Deleg.Sind.Mem Martins Rua Antº.Boto,3 -C/v Bº da Bela Vista	10	19
ÉVORA	União dos Sindicatos Rua Alcarcova de Cima,1-A-1º	10	19
BEJA	União dos Sindicatos Pª Diogo Bernardes,9-r/c Dº	10	19
PORTIMÃO	União dos Sindicatos Quinta do Bispo	13	19
FARO	União dos Sindicatos Rua Tenente Valadim,36-1º	13	19
SETUBAL	Delegação do Sindicato Rua 19 de Abril,10-A	14	19
MARINHA GRANDE	Sindicato Vidreiros Rua 18 de Janeiro,13	15	18,30
ALMADA	Deleg.Sindic.Metalurgicos Rua de Moçambique,6-A	15	19
MAFRA	União dos Sindicatos Avª Frei Estevão Jesus,lote 4 r/c Esqº	15	19
V.FRANCA DE XIRA	União dos Sindicatos Rua Serpa Pinto,136-2º	16	19
TORRES NOVAS	União dos Sindicatos Rua Mouzinho de Albuquerque,35	20	19
SANTARÉM	União dos Sindicatos R.José Cardoso da Silva Júnior,8	20	19
TORRES VEDRAS	União dos Sindicatos A.Tenente Valadim,1-2º	20	19
TOMAR	Delegação do Sindicato Pª da República,16-1º	21	19
ABRANTES	Delegação Sind.Comércio Lº Avelar Machado,9-1ºEsqº Rossio ao Sul do Tejo	21	19
LISBOA	Sede do Sindicato Lº da Trindade,16-1º	23	19,30

No momento em que as condições de vida impostas pelo Governo AD se vão degradando, a participação dos trabalhadores é fundamental para melhorar o projecto de proposta e na construção de uma tabela que mobilize todos os trabalhadores abrangidos.

– POR UMA ACTUALIZAÇÃO JUSTA DE SALÁRIOS!
– PELA MELHORIA DAS NOSSAS CONDIÇÕES DE VIDA!
– UNIDOS, ORGANIZADOS E MOBILIZADOS, VENCEREMOS!

COMPARECE!
PARTICIPA!

A Direcção

ABRIL 1981

Quinta e sexta-feira

Paralisam as mais importantes empresas de transportes do País

Como já anunciámos, na sexta-feira vão estar paralisadas as mais importantes empresas de transportes do País, algumas das quais durante um período de quatro horas, tendo como denominador comum, para além das reivindicações específicas, a política para o sector desenvolvida pelo Governo AD.

Na madrugada de quinta-feira, os trabalhadores do Serviço de Transportes Públicos do Porto (STCP) iniciam uma greve de quatro dias e os da Rodoviária Nacional (RN) outra de 48 horas. Na sexta-feira, entre as 10 e as 14 horas, paralisarão também os trabalhadores da CP, Metro Carris, Transtejo e Socarmar.

Os trabalhadores do STCP, que amanhã se concentram, às 17 e 30, junto da delegação local do Ministério do Trabalho, lutam por aumentos salariais. A proposta sindical, que inicialmente era de 26% baixou para 24, mas o Governo, de acordo com um porta-voz do Sindicato dos Rodoviários, pretende impor naquela empresa um tecto salarial de 18,5%, tendo em vista criar um precedente que sirva os seus propósitos na discussão das tabelas salariais dos ACT da RN e CP, que em breve se iniciará.

Na Rodoviária Nacional, para além das reivindicações salariais, os trabalhadores estão contra uma resolução do Conselho de Ministros que, a concretizar-se poria em risco muitos postos de trabalho e levaria a uma considerável agravamento das tarifas. Essa resolução determina a alienação dos sectores mais rentáveis da da RN, tornando-a deficitária. A medida afectaria não só os trabalhadores, como os próprios utentes.

A luta dos trabalhadores das restantes empresas, decidida em plenário dos sindicatos do sector, visa sobretudo repudiar a política do Governo AD/Balsemão no sector de transportes, desenvolvida no sentido de as empresas públicas ficarem só com «aquilo que dá prejuízo ou que é recusado pelo patronato».

COMUNICADO

DEFESA DOS COMPRADORES DE HABITAÇÃO

Em flagrante violação da Constituição da República que assegura às Autarquias Locais a competência para defenderem as populações das actuações ilegais e até marginais de diversos agentes económicos, o 4.º Governo Constitucional chefiado por Mota Pinto, aprovou o Decreto-Lei n.º 342/79, de 27 de Agosto, que, a pretexto de tornar "mais operacional"o regime jurídico dos loteamentos urbanos (Decreto-Lei) n.º 289/73) concede à Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico/Ministério da Habitação e Obras Públicas poderes contraditórios com a competência constitucionalmente deferida dos orgãos locais e eleitos pela população.

Apesar da denúncia pública de que foi alvo este decreto-lei, o que é certo é que o mesmo ainda não foi revogado.

Ora o Município de Setúbal foi recentemente vítima duma abusiva utilização do Decreto-Lei n.º 342/79, por parte da Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico.

Na verdade, tendo a Câmara Municipal de Setúbal deliberado maioritariamente indeferir o pedido de loteamento formulado pela empresa PLANIL, LDA., com fundamentos claramente expressos e definidos na lei e estando em discussão a matéria em causa no tribunal competente, o Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, por proposta da Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, sem aguardar a decisão judicial, concedeu ilegal e abusivamente à referida empresa um documento que lhe permite negociar a venda das habitações.

Tal documento, porém, não oferece quaisquer garantias aos compradores porque o Secretário de Estado nem o próprio Decreto-Lei 342/79 cumpriu, nem sequer estavam reunidas as condições para a aplicação deste diploma.

Na verdade, os hipotéticos compradores não terão qualquer garantia da realização das infraestruturas (águas, esgotos, electricidade, equipamentos colectivos, arranjos exteriores, etc.), porque o Governo não estipulou qualquer garantia da realização das mesmas, contrariando a deliberação camarária.

Essa garantia só pode resultar do cumprimento, pela construtora, da deliberação camarária de 17.12.80, só assim estando assegurada aos futuros habitantes da chamada "Urbanização de S. Francisco Xavier" a entrega de habitações condignas.

A Câmara Municipal de Setúbal interpôs no tribunal competente recurso contencioso de anulação do despacho do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo e do documento emitido pela Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico.

Entretanto, a Câmara Municipal de Setúbal adverte a população para o facto de poderem ser negociadas habitações sem observância das normas urbanísticas, o que lesa os interesses dos compradores de habitação na referida urbanização.

Recorda-se a propósito que, recentemente, uma situação semelhante foi denunciada pela Câmara Municipal de Setúbal em comunicado de 15.1.81. Trata-se da chamada Urbanização Mira, que tantas contrariedades e aflições tem provocado aos promitentes compradores de habitação própria que aí gastam as suas economias.

A Câmara Municipal de Setúbal recusa-se a dar cobertura a situações que possam lesar os interesses dos compradores de habitações em urbanizações nas quais não seja minimamente cumprida a lei e respeitada a competência camarária.

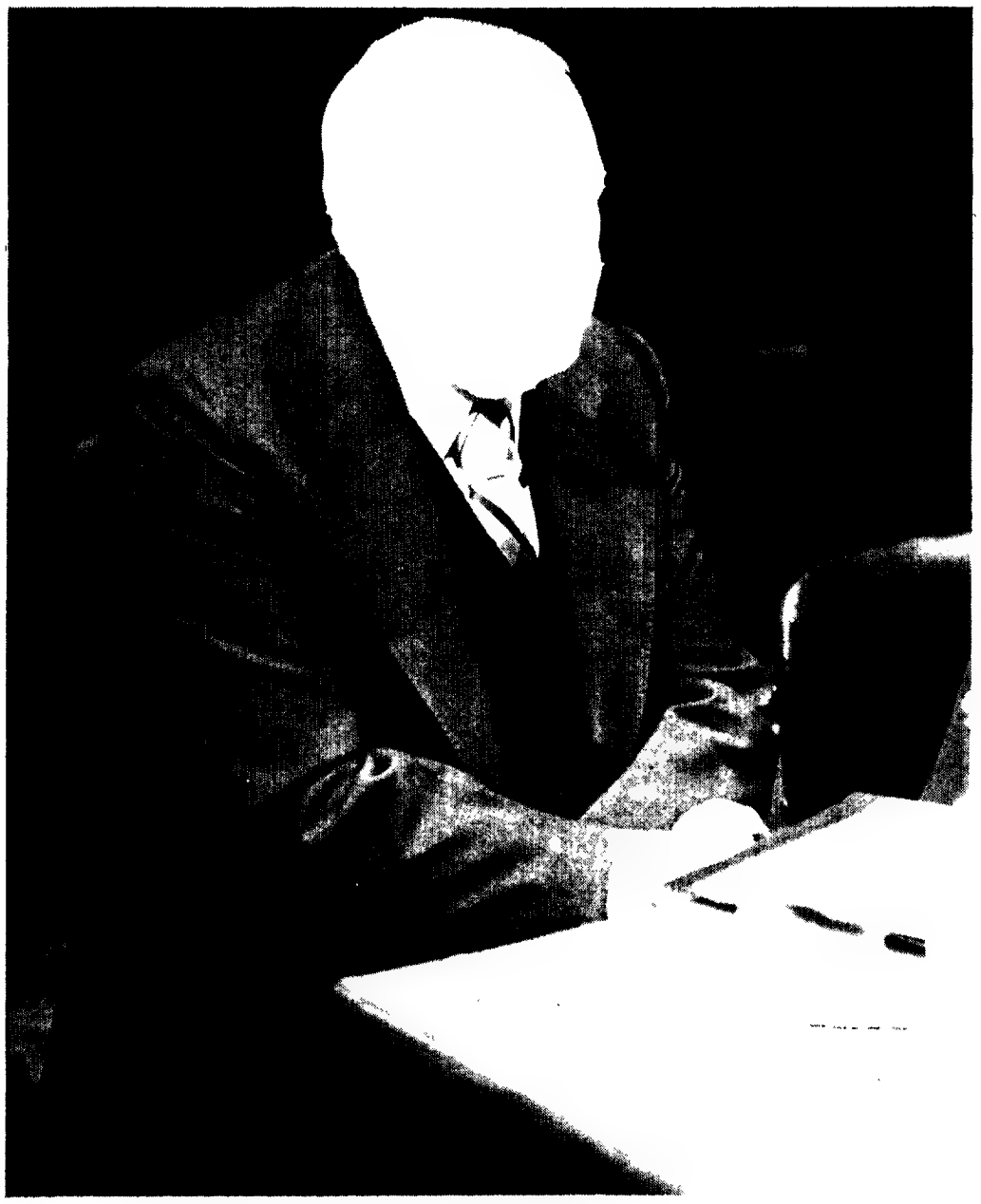
Setúbal, 23 de Março de 1981.

INFORMAÇÃO 4/81

CÂMARA MUNICIPAL de SETÚBAL

Entrevista em exclusivo com um agente da Judiciária

O polícia que veio dos filmes...



«Eu quero ir para a Pide».

Assim falava um jovem finalista de um curso comercial, procurando organizar uma excursão colectiva a Espanha. Dirigia-se a um taxista, no Cais do Sodré, e o homem fez-lhe ver que poderia perfeitamente ir a pé, era logo ali a dois passos.

JCGF não sabia. Mesmo o que era a Pide sabia-o mal e guardaria da sua passagem pela António Maria Cardoso uma recordação um tanto difusa, a figura de um agente matulão, o translúcido de uma organização em retrato público.

Anos mais tarde, regressado da Guiné, um providencial anúncio no «Diário de Notícias» levou-o aos quadros da Polícia Judiciária e aí acabaria por semear a confusão quando se transformou numa espécie de «anjo do diabo».

Foi o caso de, após um breve estágio na secção de homicídios, onde aprendeu o bê-á-bá do ofício, ter transitado para os narcóticos, ou droga como se lhe queira chamar, onde passou a tentar combater o crime pela parte grande.

Um dia, porém, constatou que a desorganização imperava dentro da própria organização. Droga apreendida não era depositada, acabava, em alguns casos, por reentrar no circuito comercial. E um dia o facto foi denunciado lá dentro da estrutura.

«O meu segundo grande choque foi quando constatei que aquilo não era formado por um conjunto de 007 mas sim por pessoas perfeitamente normais» – conta-nos, muito tranquilo.

Agora tem o tempo do dia. Todo. À noite está por aí num «pub», foi um abrigo que apareceu, um postigo na rua escura do desemprego. Desde Dezembro que se encontra suspenso da PJ, nos termos de uma decisão que, tudo o indica, vai durar 24 meses.

«Agora é diferente. Deito-me tarde mas depois também dá para ir até á praia com os filhos, lá para o princípio da tarde».

Fala assim quando andamos tranquilamente pelo Bairro Alto, depois de o termos arrancado da cama, ainda manhã cedo para ele. Deita-se pelas tantas da manhã, numa inversão razoável do ritmo de vida.

«Mas hei-de voltar à Judiciária, nem que seja só para...».

Estamos agora sentados num gabinete, manifesta-se desinquieto pela possibilidade de esta ser uma história muito pessoal. É quando lhe pergunto se pensa dar um novo rumo à vida.

«Sim. Gostava muito de ser jornalista. Gosto muito de escrever».

Contudo, ele próprio o confessa, quando regressou da tropa, em 1975, se lhe dessem a hipótese de optar entre um emprego neste próprio «DL» ou a carreira policial, ele estaria na mesma.

«Vim muito modificado da Guiné. A tropa teve muita influência em mim» – diz-nos quando voltamos a essa época. Mas quando viu o anúncio no jornal não teve hesitações. Respondeu imediatamente e ao prestar provas teve a antevisão de que não precisava de se esforçar muito, estava desde logo na polícia.

E foi.

E voltaria quando tivesse a certeza de que tudo seria, afinal, para servir a justiça, para o bem de todos. Eram esses os princípios que o norteavam, desde pequeno que procurava ser útil, assim passou pelos Bombeiros de Algés. «Fui bombeiro toda a vida...».

De facto, de facto, foi-o apenas durante dois ou três anos.

«Assisti a partos, apaguei fogos, sei lá, foram montes de coisas assim». Morava ali mesmo ao pé, seguia as suas operações com sangue quente, participava nem que fosse com os olhos.

Aliás, transponha-se tudo isso para os estudos. Não era bom ou mau aluno, no fundo limitava-se a gostar ou não. Para os temas favoritos lá estava ele. Seguia o inglês nas telas, refastelava-se no convívio dos heróis policiais.

«A minha admiração pelos polícias nasceu através da literatura policial» – recorda agora, no silêncio de um gabinete. Veste despreocupadamente, era assim mesmo quando se meteu nas vestes de um consumidor de droga, algures nos Açores, só para entrar na rede.

A admiração pelos heróis crescia com a idade. Aos 17, recorda-nos, era o 007. E na TV, era o «Santo».

«Também era um bom marginal como polícia» – diz-nos, com os olhos em alvo, recordando essas interpretações de Roger Moore.

E há o Beretta. «Já era um polícia mais realista. O próprio Colombo era mais realista». E ainda hoje gosta muito de filmes policiais.

Mas, no funfo, não sabe bem. Seriam realmente esses os heróis que lhe mandavam os passos na vida real? E pergunta-se ele próprio: «Talvez um Humphrey Bogart». Não é bem isso, acaba por reconhecer, rememorando.

O certo é que entrou numa organização chamada Polícia Judiciária. Eram outros os tempos, claro, outras as vontades. Os conceitos pessoais, esses eram os dele próprio. Não frequentou as artes marciais, as escolas de tiro, «isso não era obrigatório, de qualquer forma». Foram os homicídios, na maioria frustrados, coisas da época: «Agora está tudo muito diferente».

Um dia, houve uma aberta para a secção de droga. Empurrou a porta com força, mobilizou amigos, as boas vontades, tudo o que pôde. E foi. Como veremos, estava aí a porta de entrada e a de saída, que a corrente é forte por aquelas bandas.

«O mais marcante para mim foi a falta de especialização de quadros. Pessoas com capacidade para ensinar não ensinavam. Quem ensinava tinha um canudo, os que sabiam e tinham experiência não o faziam».

E um dia desembarcou no continente um inspector que veio dos Açores. Por lá andavam a braços com problemas dos grandes, era droga aos montes mas os homens da PJ eram por lá bem conhecidos. Posta a questão ao inspector Lacerda este desde logo respondeu que tinha à mão os homens necessários – e indispensáveis.

Pouco tempo depois estavam lá, lado a lado com os passadores e consumidores das mais variadas especiarias do mundo da droga. Um regressou rapidamente, o seu papel era o de traficante, procurava convencer o pessoal de que tinha 15 quilos de haxixe para vender. «Era um embrulho feito com papéis, o que tínhamos». Mas levaram amostras, do muito de apreensões que tinha freio livre nas instalações da Gomes Freire. Levaram e trouxeram, que havia recibos e tudo.

O agente-traficante estava de regresso pouco tempo depois. O eterno problema das ajudas de custo, o dinheiro que não chegava para as despesas. Era preciso pelo menos o dobro, diz-nos o nosso amigo, «era tudo para o hotel».

Ele ficou por lá, conheceu um Charlie agente duplo que meteria a pata na argola, foi descoberto quando lhe armaram a cialada. Inventado um avião que vinha da Alemanha, introduziu-se-lhe pela mesma via uma carga de droga e, à escala nos Açores, á estava a passagem a pente fino. Não resultou.

Ele ficou. Fumava, consumia a par dos militares americanos, com alguns portugueses de permeio, poucos, que aquilo é parada alta. «Fumava mas não inalava» – é ainda a tranquilidade na explicação, repondo a figura de então, a barba em vez do bigode inicial, o vestuário progressivamente descuidade e que viria a levantar problemas com os seus superiores, alguns, dos bem barbeados, bem vestidos, perfumados.

Ficou por lá, em sessões que incluíam mulheres dos próprios militares e os ditos. E chegou a haver uma criança de quatro anos que participava activamente, consumia a par dos adultos o que aparecia. A colaboração era com o «Office Secret of Investigation», um braço que funcionava para a Força Aérea dos americanos.

Claro que, assim infiltrados, acabaram por ser todos remetidos ao castigo na pátria que os deu. Trabalhos forçados, cadeia, que alguns deles já vinham referenciados da vida civil, já então davam as suas passas, fugiam do tempo, da vida.

Louvor não houve. Resumiu-se, o «raid», a um ofício de lá, agradecendo a colaboração registada. O nosso homem rjgressou ao continente. Era ainda c polícia crente, a partir de determinada altura virou-se «só para os traficantes», começou a recusar, ele e mais dois ou três, as rusgas para apanhar os consumidores, aí pelos cafés, Rossio, lugares desse tipo.

Dedicava tudo à sua actividade, este jovem vindo de pais adoptivos, ele operário de um arsenal da outra margem, desembarcado no mundo algures, no Socorro ou Maternidade Alfredo da Costa. Houve também tempo, então, para uma incursão ao seu mundo privado.

E um dia foi ao local à procura dela, da mãe. Ou melhor, sabia que ela era de uma povoação no Ribatejo e pediu a dois agentes que se deslocavam ao local, para outro serviço, que procurassem saber algo.

Os seus colegas chegaram a falar com uma das irmãs dela e souberam que tinha passado a viver no Algarve, «já nem lembro do nome da terra».

Depois deixou essas investigações. «O interesse era saber se ela existia».

Era uma época dura, aquela, intensifecavam-se os mercados da droga, vinham os retornados, diz-nos, traziam de tudo, era liamba, era heroína, era o que podiam.

E então despertou para o tráfico internacional, foi mesmo no Algarve que isso aconteceu e aí começou a traçar-se a rota que conduziria ao fim.

Desenrolando por essa via, a história tem ainda a sua vida própria. Já com os problemas dentro da organização, o nosso polícia começaria a ser alvo de pressões. Conta-o assim, a frio, despreocupadamente, agora que a suspensão é uma realidade.

«Diziam-me que tivesse cuidado, sugeriam os filhos, o carro enfim os desastres possíveis a qualquer pessoa» – recorda.

Nessa altura deixou de andar armado. A pistola que lhe estava distribuída ficou em casa, tranquilamente circulava, entregou-a quando foi suspenso das funções.

Rogério Vidigal

... e assim saiu da "Judiciária"

Foi no Algarve, o princípio do fim.

O nosso polícia contactou, em determinada altura, um suspeito que verificou poder tornar-se um bom informador. E isso veio na realidade a acontecer, pois, em seis meses, foram apanhadas centenas de quilos de droga.

A colaboração era frutuosa, foi assim posta a descoberto uma rede que vinha de Marrocos, utilizava as mais diversas vias, desde os automóveis chegando por barco, às malas que escapavam à perspicácia dos agentes especializados.

«Para pagar essas informações entreguei-lhe a droga de que ele precisava, processualmente no total de 50 gramas» – conta-nos o agente desempregado, o gerente de «pub» por circunstância.

A suspensão chegou por aí. Mas o clima que se gerou à sua volta, a tensão, as ameaças, tiveram como ponto de partida as posições que passou a assumir quando se esboroavam os seus sonhos de 007 adentro da corporação. Dezenas de quilos de haxixe tinham

desaparecido, chegou-se a pensar que teria sido algum outro funcionário, que não um agente da secção de estupefacientes.

E, em 1979, a pedido de funcionários da secção foi feito um inquérito. Em Setembro/Outubro desse ano, depois do furto da droga, o inquérito marcava passo. No agente desfaziam-se sonhos de justiça que arquitectara desde os tempos de voluntariado nos bombeiros.

«Então decidi depor dizendo que estranhava ter sido furtada droga sem que tivessem sido accionados os mecanismos legais» – estávamos a aproximar-nos de Dezembro do ano passado.

A chefia da polícia era ela própria atingida. O inspector dizia que dera conhecimento oficial, «mas continuou tudo na mesma».

Mantendo a sua acusação, ele próprio acabou por ser denunciado, uma vez que dera 50 gramas de uma tableta, como se viu para entrar na rede que ajudaria a desmembrar, com os frutos que explicámos.

A desilusão está aí. À entrada do restaurante onde almoçamos descrê, com outro ex-agente, da pureza original dessas organizações chamadas polícias. Suborno, sim, pancada, sim, a polícia não é de 007. É tudo gente normal?

R.V.

Hoje é o Dia Mundial da Saúde

Saúde para todos no ano 2000» é o lema da Organização Mundial de Saúde, para o dia de hoje, Dia Mundial da Saúde.

Em Portugal, a data é assinalada pela divulgação de uma série de textos subscritos por membros da Fundação Portuguesa de Cardiologia, alertando para os perigos das doenças cardiovasculares e para as vantagens dos cuidados preventivos nesse campo.

A orientação da OMS para que no ano 2000 todos tenhamos saúde é a divulgação e prestação dos cuidados primários da saúde às populações, conforme foi decidido na Conferência de Alma-Ata (União Soviética), patrocinada pela OMS e Unicef em 1978.

Os cuidados primários de saúde, tal como então foram definidos, deverão ser prestados a toda a gente sem discriminação étnica, social ou económica, e compreendem educação perante os problemas da saúde e os processos de prevenção e luta contra as doenças evitáveis, a promoção de condições alimentares e nutricionais, adequadas, medidas de saneamento básico, abastecimento de água potável às populações, protecção materno-infantil (e planeamento familiar) campanhas de vacinação contra as doenças infecciosas endémicas (de carácter permanente nesses locais) para além do seu controlo, tratamento das afecções e lesões comuns e fornecimento dos medicamentos essenciais.

Os cuidados primários de saúde devem relacionar-se directamente com as deficiências de saúde, a nível regional e tentar resolvê-las com a participação activa das populações, tendo em conta as suas condições de vida e meios locais», afirma no seu texto o dr. A. Pais de Lacerda, membro do Conselho Geral da Fundação Portuguesa de Cardiologia.

A Fundação Portuguesa de Cardiologia promove de 6 a 12 deste mês, a Semana do Coração, que inclui a divulgação nos meios de informação textos sobre as doenças cardiovasculares, um peditório e uma festa

Endoscopia em Lisboa: "milagre" do século

Rafael tem 14 meses e está na fase de experimentar prazer metendo objectos na boca. Tudo o que vem à mão — se não for interceptado — zás! chama-lhe um figo.
Um dia, a mãe surpreendeu-o de olhos e lábios ávidos para uma reluzente moeda de vinte e cinco tostões. Rapidamente, tentou desviá-lo do objecto cobiçado, prevendo o que se ia passar mas a criança, mais lesta e inconsciente no jogo, glup! — engoliu o pequeno disco reluzente.

Sem pânico, a mãe de Rafael recorreu à velha operação de lhe enfiar os dedos na goela. Mas qual quê! Foi inútil. Resolveu então esperar que o filho a expelisse pelas vias normais. Passou, porém, um dia e nada. E a preocupação pela presença de um corpo estranho no organismo de Rafael, de consequências imprevisíveis, foi crescendo e a mãe resolveu levá-lo a um hospital central de Lisboa. Aí aconselharam-na a esperar uma semana para ver se a moeda saía nas fezes. Mas uma semana passou e o organismo da criança persistia nas suas zelosas funções de mealheiro. Ao fim de uma semana a mãe, cada vez mais preocupada, volta com o filho ao hospital, onde é radiografado e a informam que a moeda se encontra nos intestinos. Aconselham-na a esperar mais uns dias uma resolução normal, findos os quais, se a situação se mantiver, Rafael terá de ser submetido a uma intervenção cirúrgica para extracção do corpo estranho.

Mais de um mês a família e, particularmente, a mãe, caminharam para o hospital, investigaram, angustiaram-se cada vez mais: à mais pequena elevação de temperatura, ao mais leve vómito, a moeda de vinte e cinco tostões, tão insignificante nos tempos inflacionários que correm, ganhava dimensões de pesadelo. Até que Rafael ficou à espera de vaga para ser internado e operado.

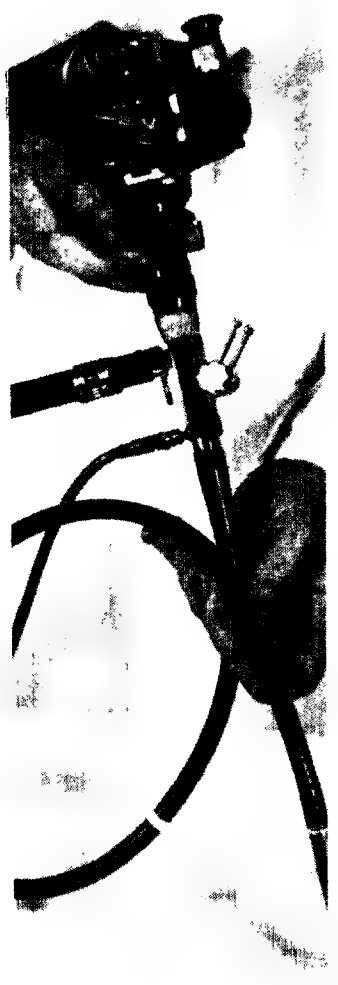
Lágrimas da mãe, ansiedade na família. Operado aos intestinos aos catorze meses: que consequências na vida de uma criança de tão tenra idade? Mas um milagre – tal como nos dias de hoje se pode entender um milagre, isto é, por via da ciência e do saber dos homens – aconteceu. Alguém informou a mãe de Rafael que no Instituto Português de Oncologia havia equipamento e pessoal especializado para extrair a moeda sem operação, nem anestesia, nem sequer internamento. E no dia em que se devia apresentar no hospital para ser operado, Rafael apresentou-se pela mão da mãe no IPO. E ao fim dessa manhã, através de um tubo que lhe enfiaram pela boca, a moeda era-lhe retirada em dez minutos, do estomago – e não dos intestinos, após o que, com grande alívio de todos voltou a casa.

Endo(dentro)+Scopia(ver)

A técnica aplicada no caso, bem como o nome da secção em que a intervenção foi realizada, tem o nome de endoscopia que, do ponto de vista etimológico, significa ver (scopia) dentro (endo). Daí que endoscopia se possa definir «lato sensu», como a técnica que permite ver dentro das cavidades (do organismo humano).

E como consegue o médico essa observação? Através do endoscópio ou, modernamente, do fibroscópio: um aparelho constituído por um tubo de matéria flexível ligado numa das extremidades a uma fonte de luz fria, sendo a outra extremidade que se introduz no organismo em direcção à cavidade ou cavidades que se pretende explorar. Esse tubo é percorrido por milhares de fibras ópticas, finíssimas e flexíveis que conduzem a luz, da fonte exterior até ao objecto a observar. Por uma lente inserida a determinada altura do tubo, o médico «vê» as superfícies internas dos órgãos, iluminadas pela luz e com uma nitidez perfeita. A essa lente pode-se adaptar uma câmara fotográfica ou de filmar e estudar mais tarde, as imagens recolhidas por um desses processos.

Mas o grande progresso que representa a endiscopia não se traduz apenas na possibilidade de o médico «ver» o interior dos orgãos sem ter que os abrir por intervenção cirúrgica. Ao mesmo tempo que vê, o médico pode actuar dentro desses mesmos orgãos introduzindo no tubo pinças muito finas que lhe permitem aspirar secreções, detectar a existência de tumores, extirpar alguns deles (os conhecidos por polipos), recolher tecidos para análise (biopsia) ou recolher células para análise (citologia); extrair corpos estranhos (é hoje corrente extrair através da endoscopia, além de moedas, agulhas, alfinetes, argolas, rodas de carro de brincar, ossos, próteses dentárias, etc.); extrair cálculos das vias biliares em doentes com risco operatório; implantar próteses no terço inferior do esófago (no caso de tumores malignos em fase de incurabilidade) ou nas vias biliares.



O fibroscópio com óptica de fibra de vidro, utilizado na observação do antro pilórico

Tudo isto, sem os riscos da intervenção cirúrgica e para falar apenas no aparelho digestivo, campo em que a aplicação da endoscopia está particularmente desenvolvida. Mas a endoscopia pode aplicar-se em vários aparelhos do organismo humano como, por exemplo, o respiratório e urinário.

Sem anestesia sem internamento

Do que atrás ficou dito fácil é concluir que o desenvolvimento da endoscopia e a sua grande utilização, quer como meio de diagnóstico quer como meio terapêutico, prendem-se fundamentalmente com o combate a esse flagelo da humanidade no século em que vivemos, que é o cancro. E isto porque a detecção precoce do tumor e o seu tratamento ou extirpação significam para muitos doentes a cura do mal. E o alargamento da sua esperança de vida.

Um bom exemplo do progresso que significa na saúde da humanidade a utilização da endoscopia, é o caso do cancro gástrico, um dos tumores até agora mais difíceis de detectar em fase de curabilidade e que através da endoscopia pode não só ser detectado a tempo de cura, mas também submetido a análise e até extirpado (no caso dos polipos).

A aplicação da endoscopia reduziu no Japão (país onde era muito elevado o número de mortes por cancro gástrico) o índice de mortalidade o cancro do estômago.

Os progressos conseguidos no diagnóstico endoscópico permitem a substituição da radiologia convencional. Há mesmo médicos que dispensam a radiologia convencional e, a partir das queixas dos doentes aplicam imediatamente a endoscopia como meio de diagnóstico.

Há no entanto uma certa rivalidade entre os dois meios de diagnóstico, «rivalidade» que se evidenciou no último Congresso Mundial de Endoscopia, em que o grupo de radiologistas se confrontou com o dos endoscopistas (apenas em opinião, claro) quanto às vantagens de cada um dos meios de diagnóstico. Afirmam os radiologistas que se uma radiografia for bem feita, de duplo contraste (o que no nosso país nem sempre acontece, deixando os males ocultos) o exame radiológico é um meio de diagnóstico tão seguro como o exame endoscópico, sem ter para o paciente os incómodos deste.

O que é facto é que a endoscopia é um meio mais completo na medida em que permite ao médico realizar no interior dos órgãos as acções acima referidas.

Defendem os endoscopistas por seu turno que os exames de diagnóstico são bem tolerados pelo doente e, frequentemente, fazem-se sem pré-medicação (não exige anestesia) nem internamento. Nos casos de aplicação terapêutica como polipectomias (extracção dos tumores conhecidos por polipos) a extracção de corpos estranhos (excepto em crianças com mais de um ano) não é obrigatório a pré-medicação e o doente não fica internado. Para implantação das próteses esofágicas e nas vias biliares é necessário o recurso à anestesia geral, controlo radiológico e internamento por 24 horas.

Devido aos riscos inerentes a esta técnica, a aplicação da endoscopia exige pessoal médico e de enfermagem devidamente treinado e escrupulosos cuidados de desinfecção do equipamento, utilizado.

Breve história

A necessidade de observar tão perfeitamente quanto possível o interior dos órgãos tem sido uma constante na história da medicina.

A primeira resposta a essa necessidade deu-a o médico alemão Kussmaul que em 1868 introduziu um tubo de metal de 13 milímetros de espessura num engulidor de espadas.

De acordo com notas fornecidas em literatura distribuida por um laboratório alemão sobre Gastroscopia, foi em 1881 que o cirurgião húngaro Mikulicz fez as primeiras observações endoscópicas do estômago, tendo a partir de então, a técnica sido desenvolvida fundamentalmente por alemães e, mais modernamente por japoneses.

Resumidamente a história da endoscopia pode dividir-se em duas fases: antes e depois da descoberta e introdução das fibras ópticas, em 1958, por Hirschowitz.

Os primeiros endoscópios eram constituidos por um tubo metálico rígido e depois semiflexível, que permitia explorar o esófago e o estômago, o recto e sigmoideia (30 centímetros de intestino grosso a partir da margem do ânus), sendo utilizado com fins quase exclusivamente de diagnóstico.

A segunda fase iniciou-se com a introdução das fibras ópticas, flexíveis, que permitem uma observação em várias direcções, passando a aplicação da endoscopia a ser extensiva à terapêutica.

A técnica das fibras ópticas baseia-se no princípio segundo o qual um raio de luz ao encontrar a camada de separação de dois meios é reflectido, sendo o ângulo de incidência do raio de luz igual ao ângulo de reflexão. No sistema de óptica de fibra, o raio incidente é reflectido para o eixo da fibra e atinge sempre, por maior que seja a curvatura do instrumento, os olhos do médico.

Em Portugal, a endoscopia é aplicada no Instituto Português de Oncologia, nalguns hospitais de Lisboa (pelo menos, Santa Maria, Capuchos, Hospital Militar, H. da Cuf, Casa de Saúde da Cruz Vermelha, Porto, Coimbra e alguns hospitais distritais, bem como em centros particulares. Praticam-se sobretudo acções de diagnóstico, estando iniciada a endoscopia terapêutica para extração de cálculos biliares, implantação de próteses esofágicas, extracção de corpos estranhos e realização de polipectomias.

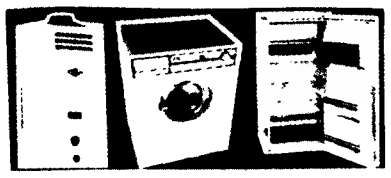
Manuela Alves

SENSACIONAIS DESCONTOS
DURANTE A CAMPANHA DE PÁSCOA

Agora também com abastecimento de gás até às 21h do próprio dia

Na nossa gama de electrodomésticos, facilitamos o pagamento até 12 meses. Pagamento até 3 meses sem encargos.

Assistência técnica garantida, em fogões, esquentadores até às 21 horas



Shell butagaz

"CLAVE"

COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES DE ALHOS VEDROS, LDA.

AGENTES: BUTAGAZ • PROPAGAZ • CAMPING-GAZ

PRACETA DA BELA ROSA, 6 •

TELEFONE 204 02 22 • 2860 ALHOS VEDROS

Repúblicas de Coimbra ameaçadas de despejo mobilizam antigos e actuais estudantes

Um enorme movimento de opinião tendente a defender as Repúblicas de Coimbra, ameaçadas de despejo por senhorios que só pensam no lucro, por um lado, e acham chegada a hora de vingança, por outro, está já a dar os primeiros passos, unindo antigos repúblicos espalhados por todo o país e situados nos mais variados sectores socioprofissionais e políticos.

Em Coimbra, o movimento entre os actuais estudantes é também vigoroso e, pesem embora algumas dificuldades em encontrar um consenso quanto à melhor forma de conduzir todo o processo de luta, todos estão unidos no mesmo objectivo: nem uma República será despejada.

Com a população da cidade interrogando-se sobre os reais motivos que levam os senhorios a esta ofensiva generalizada contra repúblicas e casas colectivas de estudantes – neste momento são sete as casas que estão ameaçadas com processos de despejo – assiste-se, curiosamente, ao renascer da vitalidade dos contactos inter-repúblicas que, após o 25 de Abril, se tinham naturalmente diluído.

Para já foi criado uma Assembleia de Repúblicas, Solares e Casas de Estudantes que engloba o Ninho dos Matulões, Spreitó-Furo, Baco, Pynguyns, Ay-ó-Linda, Fantasmas, Rapó-Tacho, Palácio da Loucura, Kimbo dos Sobas, Pra-Kys-Tão, Trunfé-Kopos e Boa-bay-Ela (Repúblicas), Solar das Carriças, Solar dos Kapangas, Solar 5 de Outubro, Casa Cor de Rosa e Residência dos Estudantes Açorianos. Não pertencendo directamente a este órgão, mas apoiando-o e dando-lhe toda a solidariedade, encontram-se ainda as repúblicas dos Inkas, Kágados, Corsários e Raś-te-Parta. A Assembleia de Repúblicas, Solares e Casas Colectivas têm um executivo a funcionar que já desenvolveu várias iniciativas e, pela receptividade que encontrou junto das autoridades académicas (o reitor da Universidade já declarou pôr a assessoria jurídica da Reitoria à disposição das Repúblicas), junto da Academia em geral dos órgãos autárquicos e da opinião pública da cidade e do país, pode afirmar-se sem grande margem de erro que a sua luta será vitoriosa e nem uma única República será despejada.

Isto apesar dos graves perigos que continuam de pé, traduzidos numa estranha (ou não?) aliança entre senhorios gananciosos e uma certa justiça de classe que não esquece que nas Repúblicas, a brincar a brincar se fizeram e fazem coisas muito sérias.

Pensar mais fundo e mais largo

«As nossas reivindicações são fundamentalmente três: que não haja nem um único despejo de qualquer República, Solar ou Casa Colectiva de estudantes que se reconheça personalidade jurídica a essas casas colectivas; que não se arranje qualquer «solução» jurídica ou não, que ponha minimamente em causa a real autonomia das casas de estudantes» – disseram ao «DL» os Matulões Jorge Araújo, e Jorge Almeida, e Glória Branco, uma futura engenheira electrotécnica a viver na Casa Cor de Rosa, todos pertencentes ao Executivo da Assembleia da Repúblicas, Solares e Casas Colectivas.

Na verdade, estes três pontos são essenciais. Como o «DL» pode comprovar ao longo do fim-de-semana que passou em Coimbra contactando estudantes, professores, autarcas ou simples habitantes da cidade, todos põem a mesma interrogação: «Por que razão se sentem os senhorios com força para tentar o que nem sequer antes do 25 de Abril ousaram?

O prof. Orlando Carvalho, docente prestigiado e respeitado por toda a Academia, e que sempre esteve ao lado dos estudantes, disse-o de um modo claro no sábado, à noite, durante o Centenário da República Ninho dos Matulões:

Porque nas Repúblicas se pode pensar mais fundo e mais longe. Por isso é que se verifica esta investida contra as Repúblicas. E por que razão é que esta investida não se fez antes do 25 de Abril? Porque não havia coragem. Como não houve, em 75, em 76, em 77. Mas há agora... E por dois motivos: pela desenfreada especulação existente no sector da construção; e porque há quem pense que chegou a altura de... que é preciso tirar vindicta de... que é preciso acabar com isto das Repúblicas que, mesmo bricando, se tem tornado frequentemente perigoso».

Certa magistratura

Porém, como dizem os estudantes e o próprio prof. Orlando Carvalho recordou, «há meios de luta e o problema tem solução jurídica».

Ou melhor: teria solução jurídica, «se certa magistratura não sentisse que é a altura de ser subserviente perante os interesses de classe dos senhorios».

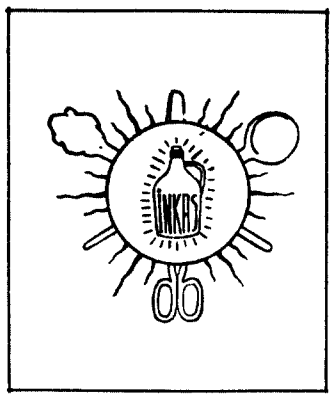
E na verdade é escandaloso que um juiz – no caso da República Ninho dos Matulões – tenha decidido na 1.ª Instância a favor do senhorio da casa onde há longos anos está instalada a República, ordenando o despejo (aguarda-se agora a decisão do Tribunal da Relação de Coimbra, para onde foi interposto recurso).

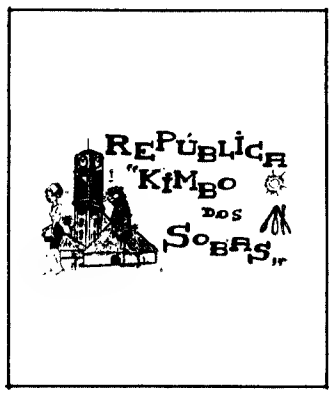
«Mas é escandaloso porquê? – perguntará o leitor, de resto como nós perguntamos aos Matulões. E a resposta veio clara e rápida:

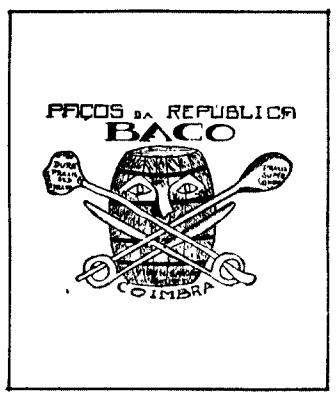
«Por que a acção foi posta contra um antigo estudante que, já lá vão mais de dez anos, assinou o contrato de arrendamento e depois se formou e abandonou Coimbra. O senhorio, no mo-

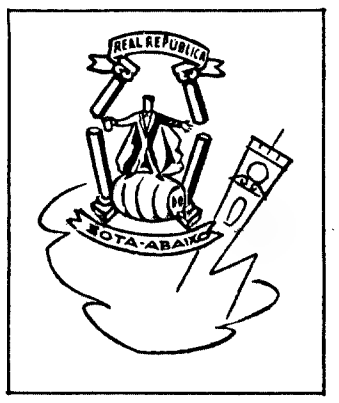
Neste belo e secular edifício – a Casa da Nau – está instalada, desde o início dos anos 50, a «Real República Pra-Kys-tão». O senhorio teve uma atitude diferente e os estudantes prá-ly-continuarão.

A heráldica das Repúblicas









Na história da Academia e da cidade de Coimbra esta é uma imagem bem viva das Repúblicas.

Repúblicas de Coimbra

mento do arrendamento sabia perfeitamente que era de uma casa colectiva de estudantes que se tratava, pois não era um jovem de 20 e poucos anos, estudante, solteiro, que precisava de uma casa de oito quartos, uma sala comum, três casas de banho e cozinha, pagando dois mil e quinhentos escudos mensais, que nessa altura era bastante dinheiro. Além disso a tabuleta com o nome da República foi desde logo colocada numa das varandas. Durante estes anos sempre comemorámos os nossos centenários, fizemos as nossas festas da casa. Toda a vizinhança e o próprio administrador do prédio, que representa o senhorio, sempre souberam que aqui existia uma República a quem a casa estava alugada. E o mais curioso é que nem o Domingos Lopes, que pôs a sua assinatura no papel, nem o senhorio ou o seu representante, se conheciam sequer. E só passados estes anos todos é que se lembra que o Domingos já cá não vive pretendendo por esse facto despejar-nos».

O mais curioso é que, apesar das Repúblicas não possuirem personalidade jurídica – se possuíssem os senhorios não podiam desencadear a ofensiva que agora desencadearam – de acordo com as próprias leis existentes, se correctamente interpretadas, o despejo não seria possível. Mas aí, como em muitos outros casos de resto, entra em cena a magistratura que temos. Por isso, paralelamente a uma luta no campo jurídico, as Repúblicas e as casas colectivas de estudantes estão empenhadas a fundo em suscitar um largo movimento de opinião que começa a ser já visível.

Entre as muitas iniciativas que os estudantes, afectados ou simplesmente ameaçados por esta ofensiva dos senhorios, pensam tomar, encontra-se a realização de uma semana cultural em Coimbra para divulgação do que são as repúblicas. Exposições, colóquios, teatro, uma grande serenata na Sé Velha com antigos repúblicos, uma manifestação de rua, tudo são hipóteses neste momento em estudo. Paralelamente, pensa-se também na criação, urgente, de uma espécie de Comité de Defesa das Repúblicas composto por antigos repúblicos (sugestão feita por um «antigo» no centenário do Ninho dos Matulões e transmitido ao executivo da Assembelia de Repúblicas, Solares e Casas Colectivas) que poderá englobar muitas personalidades de vários sectores da vida portuguesa que se encontram espalhados pelo País. Outra medida importante, será a elaboração, por parte das próprias repúblicas, de um projecto de lei a apresentar a todos os grupos parlamentares que reconheça personalidade jurídica às casas de estudantes, para que o problema seja resolvido de uma forma definitiva (o professor Orlando Carvalho e outros juristas já se ofereceram para colaborar na elaboração desse projecto. Por fim, o Executivo da Assembleia das Repúblicas vai pedir audiências ao Reitor, ao Governo Civil, à Câmara, aos grupos parlamentares e ao secretário de Estado da Cultura.

«É que, convém não esquecer» – disseram ao «DL» elementos do Executivo das Repúblicas – «esta ofensiva contra as repúblicas é uma ofensiva contra a cultura, contra a tradição, contra um modo de vivência estudantil extremamente rico e profundamente enraizado na academia. E como é óbvio os responsáveis pela cultura deste País não podem ficar alheios».

O prof. dr. Orlando de Carvalho nunca falta a um centenário do Ninho dos Matulões. Sempre ao lado dos estudantes – nos momentos de luta ou de confraternização, antes e depois do 25 de Abril – este professor, respeitado e estimado pela academia, foi proclamado Matulão Honorário no último sábado, durante o centenário daquela república que reuniu em Coimbra actuais e antigos matulões, vindos de todos os pontos do País.

Prof. Orlando de Carvalho, no centenário dos Matulões

"... Onde se aprende a pensar mais fundo e mais longe"

Na madrugada de domingo as gargantas de antigos e actuais «matulões» estavam roucas. Mas estavam satisfeitas: desfazia-se mais um centenário (uma forma de dizer aniversário na gíria estudantil) da República Ninho dos Matulões e todos e cada um partiam com a certeza de que as repúblicas e as casas colectivas de estudantes serão defendidas.

Emocionado — era visível — estava o prof. dr. Orlando Carvalho, «velho» companheiro que desde há muitos e bons anos sempre esteve presente nos centenários da matulónia. Antes e depois do 25 de Abril. Nas festas e nos momentos de luta. E estava emocionado porque, como o jornalista teve oportunidade de assistir, as largas dezenas de repúblicos ali reunidos naquela noite fraterna, tinham levantado o copo e aplaudido vibrantemente a sua proclamação como Matulão Honorário.

«É, somente, um acto simbólico. Trata-se apenas de formalizar o que estava no coração de todos nós ao longo destes anos em que o prof. Orlando Carvalho teve, nesta, a sua casa» – disse João Seiça Neves, antigo «matulão», hoje advogado em Aveiro, e o primeiro a «botar» discurso.

Pela noite fora, nenhum dos «antigos» que falou se esqueceu de lembrar um dos muitos episódios vividos em comum com aquele «matulão» mais «velho». António Simões, actualmente professor de inglês no Liceu de Estremoz, evocou mesmo cenas de luta em que, muitos anos antes do 25 de Abril, era ele ainda estudante, se encontrou na rua ao lado daquele que era já um prestigiado docente da Universidade.

Um grito autêntico de liberdade

Como acontece em todos os centenários dos «matulões», Orlando Carvalho falou também. Atentamente escutado por antigos e actuais estudantes, o catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra, e respeitado antifascista de sempre, lembrou que nos seus tempos de estudante não tinha sido republico.

«Fui até um bocado individualista» – confessou. «Mas aprendi muito convosco. Aprendi muito com a vida das repúblicas.»

E Orlando de Carvalho falou então longamente das virtudes da vida colectiva das repúblicas, onde se aprende a fraternidade, onde se compartilha a responsabilidade, onde se aprende a pensar mais fundo e mais longe.

«Foi a partir das repúblicas» – sublinhou – «que se criou todo o movimento de resistência até ao 25 de Abril.»

E a partir daqui, Orlando de Carvalho debruçou-se sobre as causas da ofensiva actualmente existente contra as repúblicas e que tem que ser analisada em toda a sua profundidade. Lembrou, a propósito, o que se passa com os autoproclamados defensores da tradição estudantil coimbrã.

«Faz-se muito barulho com a defesa do fado, da Queima das Fitas, da tradição. Mas porque não se defende a verdadeira tradição de vida comunitária, a rica tradição das repúblicas? Se são defensores das tradições, então que não se defendam apenas os gargarejos líricos ao luar (devo dizer que gosto do fado de Coimbra).»

E no final de longos e escutados minutos, Orlando de Carvalho afirmou que aquele «não seria o último centenário festejado nesta casa» e lançou «o grito que não é puramente tradicional, grito que representa para todos vós, para este País em transformação – a roda não pára – um grito autêntico de liberdade: N-I-I; N-O-O; Ninho, Ninho, Ninho, Matulões, Matulões, Matulões».

E naquela madrugada quente, o grito saído do mais profundo das largas dezenas de repúblicos ouviu-se em toda a alta coimbrã.

Muito da cultura portuguesa

Na verdade foi um centenário diferente, o do último sábado na República Ninho dos Matulões. É certo que os quatro caloiros da casa deram o seu gozo quando tiveram que subir para cima das cadeiras a botar discurso. Não é menos certo que os «doutores» também não deixaram de dar as suas calinadas para gáudio de todos os «matulões» e convidados (estiveram presentes representantes de vários organismos autónomos da Academia). Mas o que dominou este centenário foi, sem dúvida, a consciência da necessidade de defender a existência das repúblicas.

«Que fique bem claro: as repúblicas, no plano ideológico, podem e devem defender as posições que entenderem. Mas que se defenda esta tradição de vida comunitária, que, sublinhe-se, volta a ser necessária mesmo depois da revolução de 25 de Abril» – realçou o antigo «matulão» Domingos Lopes.

«O que está em causa» – referiu ainda – «é uma rica e fecunda tradição da juventude universitária, que tem raízes no século XIX. Tocar numa república é tocar no património cultural, associativo, social da Academia. É tocar em muito da cultura portuguesa, é tocar naquilo que também ajudou a construir o Portugal que somos.»

Mas, como lembraram antigos e actuais repúblicos, a vida nestas casas de estudantes, para além de ser uma escola onde se aprende a viver em conjunto e onde se ganha o sentido do fraterno, é também um modo de responder às dificuldades económicas com que se debate o universitário. Na especulação desenfreada a que hoje se assiste no campo da habitação, e perante o constante agravamento do custo de vida, as repúblicas, os solares, as casas colectivas constituem uma solução. Actualmente, um estudante paga em Coimbra entre 2500 a 4000 escudos mensais por um quarto não individual – e tem que ficar sujeito a tomar um ou dois banhos por semana, a não poder utilizar aparelhos eléctricos quando quer (secador, ferro eléctrico, gira-discos, por exemplo) e, em muitos casos, a não poder servir-se do telefone que a dona da casa fecha com um cadeado... Isto para além de ter que ir comer fora, com tudo o que de negativo que tal situação origina a diversos níveis.

Também por isso, as repúblicas têm que ser defendidas. E quem esteve em Coimbra, até de madrugada, na República Ninho dos Matulões, sabe que é isso que vai acontecer.

Ribeiro Cardoso

Os dez comissários

As repúblicas, solares ou casas colectivas têm normas internas que, embora variando conforme as casas, possuem significado idêntico.

Nos Matulões, por exemplo, há 10 Comissários do Povo – tantos quantos os elementos da casa – que têm tarefas específicas.

Assim, temos: Comissário para a Economia – gere as finanças da casa e avisa os parceiros da situação financeira corrente; Comissário para a Cultura – escolhe temas e os dias para a sua discussão; Comissário para a Saúde – trata da saúde aos outros matulões, nomeadamente arrajando aspirinas e medicamentos variados para as emergências; Comissário para as Obras Públicas – dirige as obras necessárias ao bom funcionamento da casa com relevo para as canalizações entupidas, fechos das portas, vidros partidos, etc; Comissário para as Telecomunicações – paga, fundamentalmente, as contas do telefone; Comissário das Relações Internas – põe uma certa ordem nas grandes discussões que vão surgindo entre os elementos da casa; Comissário das Relações Externas – trata dos contactos com as outras casas colectivas, propõe a realização de jogos de futebol ou outro tipo de encontros, etc; Comissário para a Comunicação Social – compra os jornais e recorta artigos que ache interessantes para afixar no «placard» interno; Comissário para a Biblioteca e Arquivo – propõe livros para a casa comprar ou adquirir de outra forma menos onerosa, e organiza o arquivo; Comissário para e Contra a Burocracia – faz as actas da casa (para) e vai tirando o que está afixado no placard (contra).

TALHO FRANCÊS
RUA S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 53, C-D
TELEF. 562319 — LISBOA

PARA SI
MINHA SENHORA
ESTE É O SEU TALHO
EM LISBOA.

GERÊNCIA DE: LEONEL PEREIRA.

DESEJA PÁSCOA FELIZ

claras turismo

VIAGENS EM AUTOPULLMAN
NEVE NA
SERRA DA ESTRELA

AOS FINS-DE-SEMANA

Viagem, Jantar e Alojamento no Hotel — 2 250$00
Peça-nos programas detalhados
Informações e Reservas:

CLARAS TURISMO
CENTRO DE TURISMO DA R.N.E.P.

Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 LISBOA CODEX

Telef. 56 00 15/6/7, 56 34 51/2/3
Telex 12315 CLARAS P.

Fernando Pessoa defende a Maçonaria

A «Assembleia Nacional» que Oliveira Salazar imaginou como elemento complementar do «Estado Novo», deu início aos seus trabalhos em Janeiro de 1935. A essa «Assembleia» foi presente um projecto de lei sobre «associações secretas». O poeta Fernando Pessoa toma a defesa da Maçonaria e examina o projecto da autoria do deputado José Cabral, no «Diário de Lisboa» de 4 de Fevereiro. É um dos seus derradeiros escritos. Fernando Pessoa foi a enterrar, acompanhado por poucos amigos, no dia 2 de Dezembro de 1935. Pelos seus companheiros do «Orfeu», Luiz de Montalvor disse algumas palavras. Desfolhou, sobre a sepultura, «o lírio branco do silêncio».

ESTREOU-SE a Assembleia Nacional, do ponto de vista legislativo, com a apresentação, por um deputado, de um projecto de lei sobre «associações secretas». De tal ordem é o projecto, tanto em natureza como em conteúdo, que não há que felicitar o actual Parlamento por lhe ter sido dada essa estreia. Antes que dizer-lhe *Absit omen!*, ou seja, em português, *Longe vá o agoiro!*

Apresentou o projecto o sr. José Cabral, que, se não é dominicano, deveria sê-lo, de tal modo o seu trabalho se integra, em natureza como em conteúdo, nas melhores tradições dos inquisidores. O projecto que todos terão lido nos jornais, estabelece várias e fortes sanções (com excepção da pena de morte) para todos quantos pertençam ao que o seu autor chama «asssociações secretas, sejam quais forem os seus fins e organização».

Dada a latitude desta definição, e consideração que por «associação» se entende um agrupamento de homens, ligados por um fim comum, e que por «secreto» se entende o que, pelo menos parcialmente, se não faz à vista do público, ou, feito, se não torna inteiramente público, posso, desde já denunciar ao sr. José Cabral uma associação secreta – o Conselho de Ministros. De resto, tudo quanto de sério ou de importante se faz em reunião neste mundo, faz-se secretamente. Se não reúnem em público os conselhos de ministros, também o não fazem as direcções dos partidos políticos, as tenebrosas figuras que orientam os clubes desportivos, ou os sinistros comunistas que formam os conselhos de administração das companhias comerciais e industriais.

Embora uma interpretação desta ordem legitimamente se extraia do frasear pouco nacionalista do sr. José Cabral, creio, tanto porque assim deve ser, como pelos encómios com que o projecto foi afagado pela Imprensa pseudo-cristã, que as «associações secretas», que ele verdadeiramente visa, são aquelas que envolvem o que se chama «iniciação», e portanto o segredo especial a esta inerente.

Ora no nosso país, caída há muito em dormência a Ordem Templária de Portugal, desaparecida a Carbonária – formada para fins transitórios, que se realizaram, – não existem suponho, àparte uma ou outra possível Loja martinista ou semelhante, mais do que duas «associações secretas» dessa espécie. Uma é a Maçonaria, a outra essa curiosa organização que, em um dos seus ramos, usa o nome profano de Companhia de Jesus, exactamente como, na Maçonaria, a Ordem de Heredom e Kilwinning usa o nome profano de Real Ordem da Escória.

Dos chamados jesuítas não tratarei, e por três motivos, dos quais calarei o primeiro. Os outros dois são: que não creio, por mais razões do que uma, que eles corram risco de, aprovado que fosse o projecto lhes serem aplicadas as suas sanções; e que não creio, por uma razão só, que o sr. José Cabral tenha pretendido que tal aplicação se fizesse. Presumo pois que o projecto de lei do urgente deputado se dirija, total ou principalmente, contra a Ordem Maçónica. Como tal o examinarei.

Não faço, creio, ofensa ao sr. José Cabral em supor que, como a maioria dos antimaçons, o autor deste projecto é totalmente desconhecedor do assunto Maçonaria. O que sabe dele é até, porventura, pior que nada, pois, naturalmente, terá nutrido o seu antimaçonismo da leitura da Imprensa chamada católica, onde, até nas coisas mais elementares na matéria, erros se acumulam sobre erros, e aos erros se junta, com a má-vontade, a mentira e a calúnia, senhoras suas filhas. Não creio que o sr. José Cabral conviva habitualmente com os livros de Findel, Kiuss ou Gould, ou que passe as suas horas de ócio na leitura atenta da *Ars Quatour Coronatorum* ou das publicações da Grande Loja de Iowa. Duvido, até, que o sr. José Cabral tenha grande conhecimento da literatura antimaçónica – Barruel ou Robison ou Eckert, – tão admirável, aliás, do ponto de vista humorístico. Nem terá tido porventura noção, sequer de ouvido, do artigo célebre do Padre Hermann Gruber na *Catholic Encyclopaedia*, artigo citado com elogio em livros maçónicos, e em que o douto jesuíta por pouco não defende a Maçonaria.

Ora se o sr. José Cabral está nesse estado de trevas com respeito à natureza, fins e organização da Ordem Maçónica, suponho que em igual condição estejam muitos dos outros membros da Assembleia Nacional, com a diferença de que se não propuseram legislar sobre matéria que ignoram. Sendo assim, nem o deputado apresentante, nem os seus colegas de assembleia, estarão talvez em estado de medir claramente as consequências nacionais, internas e *sobretudo externas*, que adviriam da aprovação do projecto. Como conheço o assunto suficientemente para saber de antemão, e com certeza, quais seriam essas consequências, vou fazer patrioticamente presente da minha ciência ao sr. José Cabral e à Assembleia Legislativa de que é ornamento.

Começo por uma referência pessoal, que cuido, por necessária, não dever evitar. Não sou maçon, nem pertenço a qualquer outra Ordem, semelhante ou diferente. Não sou porém antimaçon, pois o que sei do assunto me leva a ter uma ideia absolutamente favorável da Ordem Maçónica. A estas duas circunstâncias, que em certo modo me habilitam a poder ser imparcial na matéria, acresce a de que, por virtude de certos estudos meus, cuja natureza confina com a parte oculta da Maçonaria – parte que nada tem de político ou social, – fui necessariamente levado a estudar também esse asunto – assunto muito belo, mas muito difícil, sobretudo para quem o estuda de fora. Tendo eu, porém, certa preparação, cuja natureza me não proponho indicar, pude ir, embora lentamente, compreendendo o que lia e sabendo meditar o que compreendia. Posso hoje dizer, sem que use de excesso de vaidade, que pouca gente haverá, fora da Maçonaria, aqui ou em qualquer outra parte, que tanto tenha conseguido entranhar-se na alma daquela vida, e portanto, e derivadamente nos seus aspectos por assim dizer externos.

Se falo de mim, e deste modo, é para que o sr. José Cabral e os seus colegas legisladores saibam perfeitamente quem lhes está falando, e que o que vão ler, se quiserem, é escrito por quem sabe o que está escrevendo. Não que o que vou dizer exija profundos conhecimentos maçónicos: é matéria puramente de superfície, da vida externa da Ordem. Exige porém conhecimentos, e não ignorâncias, fantasias ou mentiras.

Começo a valer. Creio não errar ao presumir que o sr. José Cabral supõe que a Maçonaria é uma associação secreta. Não é. A Maçonaria é uma *Ordem* secreta, ou, com plena propriedade, uma *Ordem iniciática*. O sr. José Cabral não sabe, provavelmente, em que consiste a diferença. Pois o mal é esse – não sabe. Nesse ponto, se não sabe, terá que continuar a não saber. De mim, pelo menos, não receberá a luz. Forneço-lhe, em todo o caso, uma espécie de meia-luz, qualquer coisa como a «treva visível» de certo grande ritual. Vou insinuar-lhe o que é essa diferença por o que em linguagem maçónica se chama «termos de substituição».

A Ordem Maçónica é secreta por uma razão indirecta e derivada – a mesma razão por que eram secretos os Mistérios antigos, incluindo os dos cristão, que se reuniam em segredo, para louvar a Deus, em o que hoje se chamariam Lojas ou Capítulos, e que, para se distinguir dos profanos, tinham fórmulas de reconhecimento – toques, ou palavras de passe, ou o que quer que fosse. Por esse motivo os romanos lhes chamavam ateus, inimigos da sociedade e inimigos do Império – precisamente os mesmos termos com que hoje os maçons são brindados pelos sequazes da Igreja Romana, filha, talvez ilegítima, daquela maçonaria remota.

Feito assim o meu pequeno presente de meia-luz, entro directamente no que verdadeiramente interessa – as consequências que adviriam, para o país, da aprovação do projecto de lei do sr. José Cabral. Tratarei primeiro das consequências internas.

A primeira consequência seria esta – coisa nenhuma. Se o sr. José Cabral cuida que ele, ou a Assembleia Nacional, ou o Governo, ou quem quer que seja, pode extinguir o Grande Oriente Lusitano, fique desde já desenganado. As Ordens Iniciáticas estão defendidas, *ab origine symboli*, por condições e forças muito especiais, que as tornam indestrutíveis *de fora*. Não me proponho explicar o que sejam essas forças e condições: basta que indique a sua existência.

De resto, têm os srs. deputados a prova prática em o que tem sucedido noutros países, onde se tem pretendido suprimir as Obediências maçónicas. Ponho de parte o caso da Rússia, porque não sei concretamente o que ali se passou: sei apenas que os Sovietes, como todo o comunismo são violentamente antimaçónicos e que perseguiram a Maçonaria; e também sei que pouco teriam que persequir, pois na Rússia quase não havia Maçonaria. Considerarei os casos da Itália, da Espanha e da Alemanha.

Mussolini procedeu contra a Maçonaria, isto é, contra o Grande Oriente de Itália, mais ou menos nos termos pagãos o projecto do sr. José Cabral. Não sei se perseguiu muita gente, nem me importa saber. O que sei, de ciência certa, é que o Grande Oriente de Itália é um daqueles mortos que continuam de perfeita saúde. Mantém-se, concentra-se, tem-se depurado, e lá está à espera; se tem em que esperar é outro assunto. O camartelo do Duce pode destruir o edifício do comunismo italiano; não tem força para abater colunas simbólicas, vasadas num metal que procede da Alquimia.

Primo de Rivera procedeu mais brandamente, conforme a sua índole fidalga, contra a Maçonaria espanhola. Também sei ao certo qual foi o resultado – o grande desenvolvimento, numérico como político, da Maçonaria em Espanha. Não sei se alguns fenómenos secundários, como, por exemplo, a queda da Monarquia, teriam qualquer relação com esse facto.

Hitler, depois de se ter apoiado nas três Grandes Lojas cristãs da Prússia, procedeu segundo o seu admirável costume ariano de morder a mão que lhe dera de comer. Deixou em paz as outras Grandes Lojas – as que o não tinham apoiado nem eram cristãs – e, por intermédio de um tal Goering, intimou aquelas três a dissolverem-se. Elas disseram que sim – aos Goerings diz-se sempre que sim – e continuaram a existir. Por coincidência, foi depois de se tomar essa medida que começaram a surgir cisões e outras dificuldades adentro do partido nazi. A história, como o sr. José Cabral deve saber, tem muitas destas coincidências.

Como tenho estado a apresentar razões e factos até certo ponto desanimadores para o sr. José Cabral, vou desde já animá-lo com a indicação de um

PUB.
jobel
ALCATIFAS 140$00 M²
PAPÉIS DE PAREDE
GRANDE COLECÇÃO DE REVESTIMENTOS PLÁSTICOS
PARA COZINHAS E CASAS DE BANHO, CHÃO E PAREDES
EXECUTAMOS COM RAPIDEZ E EFICIÊNCIA AS APLICAÇÕES DE TODOS OS MATERIAIS
AVENIDA COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 17-E — TELEF. 94 60 82 – AMADORA ORÇAMENTOS GRÁTIS

Fernando Pessoa defende a Maçonaria

resultado certo, positivo, que adviria da aprovação do seu projecto. Resultaria dele – alegre-se o dominicano! – um grande número de perseguições a oficiais do Exército e da Armada e a funcionários públicos. Perderiam os seus lugares os que não quisessem ter a indignidade de repudiar a sua Ordem.

Resultaria, portanto, a miséria para as suas famílias, onde é possível – e isto é que é grave – que se encontrassem pessoas devotas de Santa Teresinha do Menino Jesus, personagem que ocupa, na actual mitologia portuguesa, um lugar um pouco acima de Deus. Resolver-se-ia, é certo, no estilo inesperado do *roulement* que não rola, o problema do desemprego – para aqueles actuais desempregados bem entendido, que têm por Grão Mestre Adjunto o sr. conselheiro João de Azevedo Coutinho.

Seriam essas consequências internas da aprovação do projecto: dois zeros – um para o efeito antimaçónico da lei, outro para a barriga de muita gente. Seriam essas as consequências internas da aprovação do projecto: dois zeros – um para o efeito antimaçónico da lei, outro para a barriga de muita gente. Seriam essas as consequências internas. Vou tratar agora das consequências externas, isto é, das consequências que adviriam da aprovação do projecto para a vida e o crédito de Portugal no estrangeiro. Esse aspecto da questão, esse resultado, não só possível mas até certo, creio bem que não ocorreu ao sr. José Cabral. Presto homenagem – e a sério – ao seu patriotismo, embora lamente que seja com patriotismo tão analfabeto.

Existem hoje em actividade, em todo o mundo, cerca de seis milhões de maçons, dos quais cerca de quatro milhões nos Estados Unidos e cerca de um milhão sob as diversas Obediências independentes britânicas.

Assim, cinco sextos dos maçons hoje em actividade são maçons de fala inglesa. O milhão restante, ou conta parecida, acha-se repartido pelas várias Grandes Obediências dos outros países do mundo, das quais a mais importante e influente é talvez o Grande Oriente de França.

As Obediências maçónicas são potências autónomas e independentes, pois não há governo central da Maçonaria, que é por isso menos «internacional» que a Igreja Romana. Há Obediências maçónicas que poucas relações têm entre si; há até Obediências que estão de relações suspensas ou cortadas. Dou dois exemplos. A Grande Loja de Inglaterra cortou em 1877, por um motivo técnico, as relações, que ainda não reatou, com o Grande Oriente de França. A mesma Grande Loja cortou, em 1933, as relações com a Grande Loja das Filipinas, em virtude de divergências – cuja natureza não sei mas presumo – quanto à maneira de desenvolver a Maçonaria na China.

Assim a Maçonaria necessariamente toma aspectos diferentes – políticos, sociais e até rituais – de país para país, e até, dentro do mesmo país, de Obediência para Obediência, se houver mais que uma. Dou um exemplo. Há em França três Obediências independentes – o Grande Oriente de França, a Grande Loja de França (prolongada capitularmente pelo Supremo Conselho do Grau 33) e a Grande Loja Regular, Nacional e Independente para França e suas colónias. O Grande Oriente é acentuadamente radical e anti-religioso; a Grende Loja limita-se a ser liberal e anticlerical; a Grande Loja Nacional não tem política nenhuma. Dou outro exemplo. O Grande Oriente de França tem uma grende influência política, mas, excepto através dessa, pouca influência social. A Grande Loja de Inglaterra não se preocupa com política, mas a sua influência social é enorme.

Conquanto, porém, a Maçonaria esteja assim materialmente dividida, pode considerar-se como unida espiritualmente. O espírito dos rituais, e sobretudo o dos Graus Simbólicos (nos quais, e sobretudo no Grau de Mestre está já, para quem saiba ver ou sentir, a Maçonaria inteira), é o mesmo em toda a parte, por muitas que sejam as divergências verbais e rituais entre graus idênticos, trabalhados por Obediências diferentes. Em palavras mais perspícuas, mas necessariamente menos claras: quem tiver as chaves herméticas, em qualquer forma de um ritual encontrará sob mais ou menos véus, as mesmas fechaduras.

Resulta desta comunidade de espírito profundo, deste íntimo e secreto laço fraternal, que ninguém quebrou nem pode quebrar, que uma Obediência, ainda que tenha poucas ou nenhumas relações com outra não vê todavia com indiferença o ser esta atacada por profanos. Os maçons da Grande Loja de Inglaterra não têm, como disse, relações com os do Grande Oriente de França. Quando, porém, recentemente surgiu em França a propósito dos casos Stavisky e Prince, uma campanha antimaçónica, de origem aliás ultra-suspeita, a vaga simpatia, que potencialmente se estava formando em Inglaterra pelos conservadores que atacavam o governo francês, desapareceu imediatamente. O *Times*, conservador mas acentuadamente maçónico, relatou as manifestações contra o governo francês com uma antipatia que roçou pela deturpação de factos. E há muitos casos semelhantes, como o de certo escritor maçónico inglês, que em seus livros constantemente ataca o Grande Oriente de França, mudar completamente de atitude ao responder a uma escritora inglesa antimaçónica que afinal dissera pouco mais ou menos o mesmo que ele havia sempre dito.

Nisto tudo, que serviu de exemplos, trata-se de coisas de pouca monta, simples campanhas de jornal, e por certo de atitudes espontâneas e individuais da parte dos maçons que

Fernando Pessoa visto por Almada Negreiros

Fernando Pessoa defende a Maçonaria

as tomaram. Quando porém se trate de factos maçonicamente graves, como seja a tentativa, por um governo, de suprimir ou perseguir uma Obediência maçónica, já a acção dos maçons não é tão individual e isolada, nem se resume a uma maior ou menor antipatia jornalística.

Provam-no diversas complicações, de origem aparentemente desconhecida, que encontrou em países estrangeiros o governo de Primo de Rivera, e que encontraram, e ainda encontram, os governos da Itália e da Alemanha. Esses, porém, são países grandes e fortes, com recursos, de vária ordem, que em certo modo podem contrabalançar aquelas oposições. Vem mais a propósito citar o caso de um país que não é grande nem influente na política europeia em geral. Refiro-me à Hungria e ao que se passou com o célebre empréstimo americano.

Aqui há anos, pouco depois da guerra, o governo húngaro decretou a supressão da Maçonaria no seu território. Pouco depois negociava um empréstimo nos Estados Unidos. Estava o empréstimo praticamente feito quando veio da América a indicação final de que ele não seria concedido se não se restabelecessem «certas instituições legítimas». O governo húngaro percebeu e viu-se obrigado a entrar em transacções com o Grão-Mestre; disse-lhe que autorizava a reabertura das Lojas, com a condição (que parece do sr. José Cabral) de que nelas pudessem assistir profanos. É escusado dizer que o Grão-Mestre recusou. O governo manteve portanto a «suspensão» das Lojas... e o empréstimo não se fez. Ora isto sucedeu com a Maçonaria americana, que não faz propriamente política nem mantém relações muito intensas com as Obediências europeias à excepção das britânicas. Tratava-se, porém, de uma grave injúria à Maçonaria, e o resultado foi o que se vê.

Não venha o sr. José Cabral dizer-me que não precisamos de empréstimos do estrangeiro. Nem só de empréstimos vive o país. Precisa, por exemplo, de colónias, sobretudo das que ainda tem. E precisa de muitas outras coisas, incluindo o não incorrer na hostilidade activa dos cinco e tal milhões de maçons que, por apolíticos, ainda nos não têm hostilizado.

Creio que disse o suficiente para que o sr. José Cabral e os outros srs. deputados compreendam perfeitamente qual pode e deve ser o alcance da aprovação deste projecto na vida e no crédito de Portugal. Antes de acabar, porém, quero dar-lhes uma pequena amostra da espécie de gente em cuja antipatia activa incorreríamos.

Tomarei para exemplo a Grande Loja Unida de Inglaterra, não só pela importância que para nós têm as nossas relações com aquele país, mas também porque qualquer acção dessa Grande Loja – a Loja-Mãe do Universo, com cêrca de 450.0000 maçons em actividade – arrasta consigo todos os maçons de fala inglesa e todas as Obediências dos países protestantes. Do resto da Maçonaria não é preciso falar.

São maçons, sob a obediência da Grande Loja de Inglaterra, três filhos do Rei – o principe de Gales, Grão-Mestre Provincial de Surrey, o duque de York, Grão-Mestre Provincial de Middlesex, e o duque de Kent, antigo Primeiro Grande Vigilante. É maçon o genro do rei, conde de Harewood, Grão-Mestre Provincial de West Yorkshire. São maçons o tio do rei, duque de Connaught, Grão-Mestre da Maçonaria Inglesa, e seu filho o principe Artur de Connaught, Grão-Mestre Provincial de Berkshire. São maçons, em sua maioria, os fidalgos ingleses, sobretudo os de antiga linhagem. São maçons, em grande numero, os prelados e sacerdotes da Igreja de Inglaterra, o clero mais profundamente culto de todo o mundo, a Igreja protestante que mais perto está, em dogma e ritual, da Igreja de Roma. Não prossigo porque já basta... Lembro todavia que os três grandes jornais *conservadores* ingleses – o *Times, o Sunday Times* e o *Daily Telegraph* – são ao mesmo tempo maçónicos...

Acabei. Convém, porém não acabar ainda. Provei neste artigo que o projecto de lei do sr. José Cabral, além do produto da mais completa ignorância do assunto, seria, se fosse aprovado: primeiro, inútil e improfícuo; segundo, injusto e cruel; terceiro, um malefício para o país na sua vida internacional. Não considerei, porque não tinha que considerar, se a Maçonaria merece o mau conceito em que evidentemente a tem o sr. José Cabral e outros que nada sabem da matéria. Esse ponto estava fora da linha do meu argumento. Como, porém, a maioria da gente não sabe raciocinar, pode alguém supor que me esquivei a esse ponto. Vou por isso tratar dele embora protestando contra mim mesmo. Quem sofre com isso é o leitor.

A Maçonaria compõe-se de três elementos: o elemento iniciatico, pelo qual é secreta; o elemento fraternal; e o elemento a que chamarei humano – isto é, o que resulta de ela ser composta por diversas espécies de homens, de diferentes graus de inteligência e cultura, e o que resulta de ela existir em muitos países, sujeita portanto a diversas circunstâncias de meio e de momento histórico, perante as quais, de país para país e de época para época, reage, quanto a atitude social, diferentemente.

O Liceu da cidade de Durban, onde Pessoa estudou

Nos primeiros dois elementos, onde reside essencialmente o espírito maçónico, a Ordem é a mesma sempre e em todo o mundo. No terceiro a Maçonaria – como aliás qualquer instituição humana, secreta ou não – apresenta diferentes aspectos, conforme a mentalidade de maçons individuais, e conforme circunstâncias de meio e momento histórico, de que ela não tem culpa.

Neste terceiro ponto de vista, toda a Maçonaria gira, porém, em torno de uma só ideia – a tolerância; isto é, o não impor a alguém dogma nenhum, deixando-o pensar como entender. Por isso a Maçonaria não tem uma doutrina. Tudo quanto se chama «doutrina maçónica» são opiniões individuais, de maçons, quer sobre a Ordem em si mesma, quer sobre as suas relações com o mundo profano. São divertidíssimas: vão desde o panteísmo naturalista de Oswald Wirth até ao misticismo cristão de Arthur Edward Waite, ambos eles tentando converter em doutrina o espírito da Ordem. As suas afirmações, porém, são simplesmente suas; a Maçonaria nada tem com elas. Ora o primeiro erro dos antimaçons consiste em tentar definir o espírito maçónico em geral pelas afirmações de maçons particulares, escolhidas ordinariamente com grande má-fé.

O segundo erro dos antimaçons consiste em não querer ver que a Maçonaria, unida espiritualmente, está materialmente dividida, como já expliquei. A sua acção social varia de país para país, de momento histórico para momento histórico, em função das circunstancias do meio e da época, que afectam a Maçonaria como afectam toda a gente. A sua acção social varia, dentro do mesmo país, de Obediencia para Obediencia, onde houver mais que uma, em virtude de divergencias doutrinarias – as que provocaram a formação dessas Obediencias distintas, pois, a haver entre elas acordo em tudo, estariam unidas. Segue de aqui que nenhum acto político ocasional de nenhuma Obediencia pode ser levado à conta da Maçonaria em geral, ou até dessa Obediencia particular, pois pode provir, como em geral provém, de circunstâncias políticas de momento, que a Maçonaria não criou.

Resulta de tudo isto que todas as campanhas antimaçonicas – baseadas nesta dupla confusão do particular com o geral e do ocasional com o permanente – estão absolutamente erradas, e que nada até hoje se provou em desabono da Maçonaria. Por esse critério – o de avaliar uma instituição pelos seus actos ocasionais por ventura infelizes, ou um homem por seus lapsos ou erros ocasionais – que haveria neste mundo senão abominação? Quere o sr. José Cabral que se avaliem os papas por Rodrigo Borgia, assassino e incestuoso? Quere que se considere a Igreja de Roma perfeitamente definida, em seu íntimo espírito pelas torturas dos Inquisidores (provenientes de um uso profano do tempo), ou pelos massacres dos albigenses e dos piemonteses? E contudo com muito mais razão se poderia fazer, pois essas crueldades foram feitas com ordem ou com consentimento dos papas, obrigando assim, espiritualmente, a Igreja inteira.

Sejamos, ao menos, justos. Se debitamos à Maçonaria em geral todos aqueles casos particulares, ponhamos-lhe a crédito, em contrapartida, os benefícios que dela temos recebido em iguais condições. Beijem-lhe os jesuitas as mãos, por lhes ter sido dado acolhimento e liberdade na Prussia, no século dezoito – quando, expulsos de toda a parte, os repudiava o próprio papa – pelo maçon Frederico II. Agradeçamos-lhe a vitória de Waterloo, pois que Wellington e Blucher eram ambos maçons. Sejamos-lhe gratos por ter sido ela quem criou a base onde veio a assentar a futura vitória dos Aliados – a *Entente Cordiale*, obra do maçon Eduardo VII. Nem esqueçamos, finalmente, que devemos à Maçonaria a maior obra da literatura moderna – o *Fausto*, do maçon Goethe.

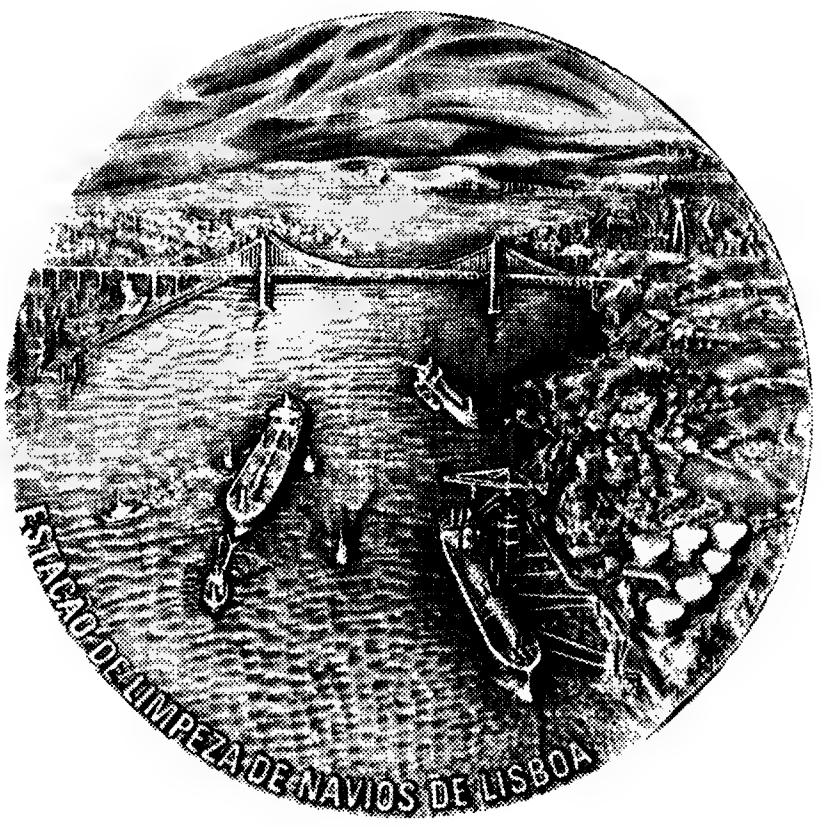
Acabei de vez. Deixe o sr. José Cabral a Maçonaria aos maçons e aos que, embora o não sejam, viram, ainda que noutro Templo, a mesma Luz. Deixe a antimaçonaria àqueles antimaçons que são os legítimos descendentes intelectuais do celebre prégador que descobriu que Herodes e Pilatos eram Vigilantes de uma Loja de Jerusalém.

Deixe isso tudo, e no próximo dia 13, se quiser, vamos juntos a Fátima. E calha bem porque será 13 de Fevereiro – o aniversário daquela lei de João Franco que estabelecia a pena de morte para os crimes politicos.

Fernando Pessoa

LISNAVE

Crescimento na Responsabilidade



ESTAÇÃO DE LIMPEZA DE NAVIOS DE LISBOA

CONCEPÇÃO DA LISNAVE SÍNTESE DE 13 ANOS DE TRABALHO E ESTUDO NA DEFESA DO MEIO AMBIENTE ESPECIALMENTE NA ZEE* UM DOS BENÉFICOS EFEITOS SECUNDÁRIOS DE UM PROCESSO RESPONSÁVEL DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

*ZEE – ZONA ECONÓMICA EXCLUSIVA PORTUGUESA

Momento é difícil, mas...

"Numa Universidade como a portuguesa JCP é a força com maior expressão"

Um importante acontecimento emergiu recentemente na vida universitária portuguesa: a Conferência Nacional do Ensino Superior da Juventude Comunista Portuguesa, que reuniu nos seus trabalhos 300 militantes e 100 estudantes independentes, a 28 e 29 de Março, na Faculdade de Letras de Lisboa.
A autonomia universitária ocupou lugar destacado nas questões em debate. Foram também analisadas a situação da Universidade e problemas relativos à JCP. O balanço, na opinião dos responsáveis, é positivo.

«Nós pensámos que a realização desta Conferência foi muito importante porque, por um lado, permitiu o aprofundamento da nossa orientação em todos os terrenos do Movimento Estudantil e, por outro lado, permitiu trazer ao de cima e assumir colectivamente algumas insuficiências da nossa organização, nomeadamente no que toca a propaganda, imprensa e recrutamento, – afirmou Pina Moura, membro do executivo da JCP e do Comité Central do PCP. «Ao contrário do que se diz», prosseguiu, «nós pensamos que o conhecimento das dificuldades e a tentativa de encontrar soluções são questões que, principalmente em organizações de juventude, devem ser encaradas abertamente, com serenidade e optimismo para que as dificuldades possam ser superadas.»

«Existem algumas insuficiências nomeadamente o que respeita ao alargamento da organização», insistiu Teresa Conde, da Nova Direcção Central do Ensino Superior e do Executivo da JCP. «Mas com o apoio de massas de que dispomos, quer a Direcção-Geral do ES, quer a Direcção da JCP, estão em condições de ultrapassar as dificiências. Nesse sentido, uma série de iniciativas foram propostas e aprovadas pela CNES, iniciativas capazes de galvanizar a organização e – estudantes de fora da organização. Referirei, no plano imediato, a realização das Conferências de Maio, que já no ano passado se realizaram na Faculdade de Letras de Lisboa. Este ano, pensamos tornar o ciclo de conferências expressivo às ciências exactas e, portanto, a outras escolas, como a Faculdade de Ciências de Lisboa e às Academias de Coimbra e Porto. Para o próximo ano lectivo, estão projectadas as realizações do segundo Encontro sobre Reestruturação do Ensino Superior (o primeiro foi da iniciativa da UEC, em Dezembro de 78, em Coimbra) e um Encontro de quadros de JCP em que serão analisadas as formas de organização e actividades da JCP. Pensamos também participar em todas as iniciativas e acções a desenvolver pelo Comité Português para a Paz e Cooperação no âmbito da campanha contra a instalação de armas nucleares em Portugal. Pensamos mesmo propor ao Movimento Associativo um conjunto de acções de denúncia da instalação de armamento nuclear no nosso País.»

Entre as iniciativas aprovadas na Conferência Nacional do Ensino Superior, inclui-se a divulgação do projecto de autonomia universitária também discutido e aprovado durante os trabalhos. Qual o conceito de autonomia que presidiu à elaboração desse projecto e de que modo se garante essa autonomia?

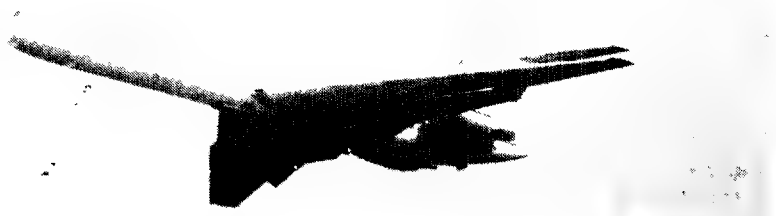
«Nós não queremos transformar a Universidade num feudo do Estado democrático. Mas queremos criar instrumentos instuticionais na própria Universidade que lhe permitam cumprir melhor que actualmente as funções sociais, científicas e pedagógicas que o Estado democrático atribui e virá a atribuir à Universidade» – respondeu Pina Moura. «A autonomia é fundamentalmente garantida pela eleição do leitor, pela própria Universidade e por uma participação mais activa da Universidade e dos seus orgãos de gestão na administração dos meios financeiros e administrativos (fornecidos pelo Estado) e na concretização da política científica e pedagógica aprovada pelo Governo e pela Assembleia da República. Mas nós consideramos que, fundamentalmente, a autonomia assenta na eleição do Reitor pelo Senado Universitário. O Reitor só pode ser eleito e destituído pelo Senado Universitário. Este órgão é composto por professores, estudantes e funcionários eleitos por sufrágio directo, secreto e universal.»

«Este projecto deverá ser ainda debatido quer dentro da organização quer nas escolas», prosseguiu Teresa Conde, «nomeadamente nos aspectos que ofereceram maior discussão na Conferência Nacional. Por exemplo, a questão da Assembleia de Representantes. Este órgão foi, dentro das medidas criadas pelo Ministério Cardia, o único que em nossa opinião merecia alguma aceitação. Mas o seu funcionamento foi afectado por uma grande inércia, tornou-se inoperacional e, por isso, o excluímos. No entanto, não damos de modo algum a questão por arrumada e mesmo dentro da nossa organização há várias sensibilidades a esta questão.»

Durante a Conferência Nacional do Ensino Superior falou-se por diversas vezes na alteração da correlação de forças dentro da Universidade, na elitização cada vez maior das componentes sociais da Universidade o que dificulta a acção da JCP e das forças democráticas de um modo geral. Como vê a JCP possibilidade de ultrapassar essa situação?

«Verifica-se de facto o desenvolvimento de tendências bastante contraditórias quanto à influência política, ideológica e orgânica das várias forças – esclareceu Pina Moura. «Verifica-se também uma grande insatisfação entre os estudantes universitários quanto à situação do ensino, da vida em geral perspectivas profissionais. Nós entendemos que estas dificuldades resultam de problemas gerados pela política de direita dos Governos AD e anteriores. Constata-se simultaneamente que em ssectores importantes da massa estudantil universitária não se faz uma correcta identificação das forças responsáveis pelo agravamento da situação: a direita atribui essas responsabilidades aos sectores democráticos, nalguns casos mesmo ao 25 de Abril. Essa é uma das frentes em que a JCP deve ser maior e melhor, como decidiu a CNES. Mas numa Universidade como a portuguesa, altamente neutralizada, são os estudantes comunistas a força com maior expressão, o que está patente no número de votos que as nossas listas recebem e o número de direcções associativas eleitas com o nosso apoio.»

«Fomentar a unidade e outro dos nossos objectivos», conclui Teresa Conde. «Entendemos que a luta por aspirações e interesses comuns dos estudantes universitários ultrapassa em muito os acordos partidários que se possam fazer com outras forças do campo democrático. Em relação a este último aspecto, tem sido nossa prática o estabelecimento das nossas relações com outras forças, nomeadamente JS, UEDS, ASDI. Pensamos que devemos reforçá-los e que este entendimento deve ultrapassar em muito situações pontuais, como eleições associativas ou para orgãos de gestão. Por exemplo, consideramos muito positiva a cooperação com a JS na Faculdade de Letras, de Ciências e de Medicina de Lisboa e no ESCTE. Do mesmo modo foi extremamente negativa a recusa de cooperação da JS nas eleições para Associação Académica de Coimbra, o que muito contribuiu para a vitória da lista da JSD.»



AEROFLOT OFFERS:

A shortcut from Europe to Asian and African countries via Moscow.

Flights aboard Aeroflot's comfortable IL-62 and TU-154 liners.

Aeroflot representatives in your country will help you choose the shortest and most convenient route.

АЭРОФЛОТ

English edition prepared by Moscow News 16/2 Gorky Street, Moscow, USSR

MATINGRAFE

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES E ARTES GRÁFICAS, LDA.
R. Engenheiro Nobre Guedes, 19 r/c — Tel. 70 80 50 — 1500 Lisboa

TINTAS PARA IMPRESSÃO, «REOGRAFE», DE FABRICO NACIONAL

GAMA EUROPA PARA QUADRICROMIA SÉRIES «77» E «RESOLUÇÃO»

SÉRIE «OCTOCROME», 8+2=700 CORES

GRANDES ÊXITOS DE QUALIDADE

PRODUTOS PARA ARTES GRÁFICAS

CHAPAS PRESENSIBILIZADAS

NOVA ULTRANOVA

PARA TODAS AS TIRAGENS-OPTIMO RECORTE EM UTILIZAÇÃO NAS MELHORES GRÁFICAS

CAUCHÚS — MANGAS
ENCHIMENTO DE ROLOS
PRODUTOS QUÍMICOS
PELÍCULAS DIVERSAS, etc.

TRIDEL

SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE TINTAS, LDA.
R. Padre Alexandre, 125 — Tel. 69 76 91 — 4100 PORTO

QUEM VAMOS SER

Retrato "à la minute"

Viviam em Portugal no início da década de setenta, oito milhões e seiscentas mil pessoas. Passados dez anos, entrados na década de oitenta, a década da Europa, como nos têm prometido em miríficas visões de futuro, governo após governos, quantos somos, e, sobretudo, como somos?

O último censo, desencadeado há duas semanas com um ano de atraso, deve apontar para os dez milhões de cidadãos a habitarem este cantinho da Europa. Isto se se confirmarem as previsões do Instituto Nacional de Estatística que falam, exactamente, de 9.862.000 pessoas, das quais 4.676.000 homens e 5.186.000 mulheres.

Este aumento populacional deveu-se, em grande parte, ao regresso acelerado de centenas de milhares de compatriotas, que viviam em África e foram empurrados para as origens europeias pelo fragor das independências, e também à travagem do surto emigratório que sangrava o País sob a ditadura.

Um e outro destes fenómenos entroncam, directamente, numa data, o 25 de Abril de 1974, que nos marcou a todos profundamente nos tornou mais gente e mais País, também mais solidários e mais humanos. Os traços da mudança foram vivíssimos nos anos de brasa de 74,75 e 76. Hoje muitos desses traços estão a esbater-se e nestes primeiros anos da década, talvez se possa já fazer um balanço: que País, que gente somos, os filhos do 25 de Abril?

Em retrato sumário, diríamos, «á lá minute», verifica-se que os assalariados ganham menos que há uns quatro anos, mas bastante mais que no início da década de setenta. Emigramos cada vez menos, vamos mais à escola e estudamos mais tempo mas não nos importamos de comer menos para comprar o automóvel através do qual o vizinho do prédio nos respeita e considerar. Estamos a fugir da agricultura e em mudança para a indústria e os serviços. Os nossos campos são latifúndios ou leiras avulsas. Não gostamos lá muito de ir à missa ainda que se continue a proclamar que somos um país católico. Se nos dividimos, quase ao meio, metade para a direita e metade para a esquerda, é só à boca das urnas e pelas causas que adiante se tentarão explicar.

Este é o retrato sumário dos dez milhões de cidadãos da pátria de Camões e, principalmente, do 25 de Abril.

Os baixos salários no continente

Distritos	%
Aveiro	26,3
Beja	18,5
Braga	58,5
Bragança	27,3
Castelo Branco	33,3
Coimbra	31,5
Évora	14,7
Faro	27,9
Guarda	51,4
Leiria	29,2
Lisboa	11,4
Portalegre	44,5
Porto	34,0
Santarém	20,5
Setúbal	17,1
Viana do Castelo	42,7
Vila Real	32,4
Viseu	45,0

Braga é o distrito onde, percentualmente, há mais gente a ganhar baixos salários (salário mínimo de 5700 escudos, em 1977). Mais de metade dos assalariados ganhava em 1977 apenas (ou menos) que o salário mínimo nacional

Muito trabalhamos para a bucha diária

Portugal é no conjunto dos países da Europa Ocidental aquele onde é preciso trabalhar mais tempo para dquirir os alimentos necessários à dieta básica diária. Em 1970 era necessário trabalhar hora e meia para acorrer às despesas básicas de alimentação enquanto nos outros países nem uma hora se gastava para o efeito exceptuando a Itália onde o trabalhador médio dispendia 60 minutos para adquirir idêntica quantidade de alimentos. Na França gastavam-se entre 52 e 54 minutos na Alemanha Federal de 35 a 39 e na Bélgica entre 36 e 40.

De 1970 a 74 foi-se reduzindo o tempo necessário para ganhar o pão nosso de cada dia, redução essa que o 25 de Abril acelerou em termos tais que em 1976, na industria transformadora, chegou a ser necessário trabalhar apenas 44 minutos para prover às despesas básicas de subsistência atingindo-se pela primeira vez um nível quase europeu: por esse tempo marginaram-se os padrões da França e até se ultrapassava a Itália, para melhor.

Mas a partir daí os salários dos trabalhadores portugueses entraram em perda acelerada – principalmente com a fixação dos tectos salariais, como o de 15% em 1977 – e como nesse ano de 77 (lembram-se, ano do casamento do dr. Mário Soares com o CDS?) os preços subiram em flecha, a degradação salarial recomeçou. Em 1978, o poder de compra excedia apenas 1% o registado em 1974 enquanto que, no ano anterior, ainda era superior em 10 por cento.

Salários em perda lucros a subir

Esta situação traduz bastante do que tem acontecido em Portugal nos últimos dez anos e dá ideia das perspectivas para que aponta a década actual. Para os trabalhadores portugueses o período 74/76 ficará marcado a fogo pelos sinais que o 25 de Abril desencadeou: mas a recuperação dos privilégios perdidos dos que dominavam a cena até 1974, está a partir, de então, a ser uma constante e hoje, embora a um nível mais alto de consumismo, a caminho da Europa, o poder de compra dos trabalhadores está já a roçar os índices do 24 de Abril.

A OCDE no seu último relatório sobre Portugal (referente a 1979) explica, claramente, a situação: em 1973 as remunerações de trabalho correspondiam a 49 por cento do rendimento nacional; em 1975 elas atingiram o seu nível mais alto – 66 por cento – mas em 1979 tinham já baixado para 51 por cento.

Dirão alguns que os anos de glória dos trabalhadores portugueses corresponderam a um período irrealista ou demagógico e que não havia possibilidades de distribuir 66 por cento do rendimento nacional ao factor trabalho. Simplesmente, nos países capitalistas avançados, a participação da massa salarial no rendimento nacional oscila entre os 65 e os 75 por cento. Logo...

É evidente que esta degradação salarial teve como contrapartida directa o aumento dos lucros, e rendimentos do capital.

Mas será já o tempo para, face a estes dados de facto, entrar no carro dos profetas da desgraça e gritar que antes é que era bom? Óbvio que não pois há outros indicadores económicos a garantir que este País não é nem será mais o mesmo dos primórdios da década de 70 e ainda que com o poder de compra corroído, os portugueses encaminham-se para a Europa com um enquadramento económico e social de nível superior.

O rendimento nacional «per capita» que era em 1974 de 1.539 dólares subia em 1979 a 2.152 dólares. Claro que continuamos na cauda da Europa, apenas com a Turquia à ilharga, mas o fosso é menor e tenderá a diminuir, com a entrada na CEE.

Emigramos cada vez menos

Outro sinal da mudança positiva é o crescente numero de jovens que hoje franqueiam as escolas principalmente do ensino superior, originários das classes mais baixas e dos meios rurais. Antes, ultrapassar a escola primária numa aldeia dessas perdidas no interior do País, era luxo só acessível aos filhos do dono da loja de comércio. Com a nacionalização da Rodoviária e os passes para estudantes, a abertura de escolas médias e superiores pelo País e as transformações estruturais de ordem económica nos campos, tornou, de facto, mais iguais as possibilidades oferecidas aos jovens. Não é ainda o mesmo nascer em Portugal no campo ou na cidade: mas as diferenças atenuam-se.

Se dermos uma olhadela às estatísticas de emigração, compreendemos também outro sintoma da mudança positiva, porque passa o País. A emigração diminuiu de 70 mil pessoas em 1974 para 28 mil em 1977 e 24 mil em 1979.

Sabe-se que os países de emigração tradicional portuguesa na Europa tornaram muito mais fechado o circuito; mas sabe-se também que os jovens preferem ficar no seu país onde as perspectivas de morrer na guerra em África são apenas traços da memória e onde o futuro é mais desanuviado que há uma década atrás, ainda que esperem anos pelo primeiro emprego.

Subsiste o problema do desemprego, principalmente entre os jovens que procuram o seu primeiro trabalho: mas isso tem a ver muito com o facto de estar a baixar, nos últimos anos, o investimento no sector produtivo o que compromete o futuro a médio prazo, se modificações aceleradas não forem encaradas de frente e não criarem novos empregos no presente. É por isso que embora não se sintam tensões mais fortes no sector e a tendência seja para uma certa estabilização, o certo é que em fins de 79 havia em Portugal 345 mil desempregados dos quais 198 mil procuravam o primeiro emprego.

Deixamos de comer para comprar automóvel

Uma característica que ganhou corpo nos anos subsequentes ao 25 de Abril, foi o aumento do consumo de carne em prejuízo do peixe que era, até então, a base alimentar de grande parte da população. Mas também aqui está retratada em plena a inversão de marcha porque passa a sociedade portuguesa.

A alta subida do preço da carne em 78/79 (só nesse período 64,5%) e posteriormente fizeram reduzir o seu consumo. Aliás, reduzidos estão também a ser os consumos alimentares na generalidade. Só o leite está a ser preferido, crescentemente, em detrimento do vinho que consumimos menos e vendemos mais aos estrangeiros, ganhando com isso divisas.

Mas se comemos menos, por alguma razão é: o custo de vida sobe e o português aperta o cinto, que anda debaixo da camisola e o vizinho do lado não topa. Topa sim o automóvel arrumado ao pé da porta... E é assim que os automóveis comerciais, cuja venda tinha conhecido uma baixa espectacular em 77 e 78 (menos de 44%) voltam a ser muito procurados e, em 79, já se venderam mais 3,2%. O automóvel continua a ser, pelos vistos, um símbolo do prestígio pessoal e dele não abdica o português médio ainda que a gasolina esteja pelo preço do ouro.

Fugimos da agricultura para a indústria e serviços

Na opinião do autor destas linhas, a transformação mais importante que está a ocorrer na sociedade portuguesa, com tendência para se acentuar nos anos vindouros, acontece nos campos. É uma mudança lenta, deslizante, mas que está a acontecer mesmo e com os efeitos a produzirem-se a todos os níveis. Trata-se do número de pessoas activas no sector primário – agricultura e pescas – que está a diminuir com transferência para os sectores secundário (indústrias, grosso modo) e terciário (simplificadamente, o sector de serviços).

Em 1960 o número de pessoas empregadas nos campos representava 41% do total. A emigração maciça nos anos 60 provocou a primeira hemorragia. Em 1974 ano da ruptura institucional, eram ainda 34,9. O 25 de Abril acentuou a tendência e não obstante os emigrantes que regressaram e as centenas de milhares de retornados, em fins de 79 e segundo o relatório da OCDE o sector primário já empregava menos de um terço da população activa, ou seja, 30,6%.

Indicadores do nível de vida e do "desenvolvimento" português

	PORTUGAL	ALEMANHA	FRANÇA	ESPANHA	GRÉCIA	TURQUIA
Consumo privado por habitante (dólares)	1.350	5.750	5.440	2.700	2.200	950
Automóveis de turismo por 1.000 habitan	107	326	314	161	66	11
Telefones por 1.000 habitantes	120	374	329	261	250	28
Televisões " " "	76	308	274	185	127	44
Médicos " " "	1,2	2,0	1,5	1,8	2,1	0,6
Taxa de escolarização	33,4	41,5	54,6	35,5	45,4	12,7
Mortalidade infantil até 1 ano de vida	38,9	15,5	11,4	15,6	20,3	-
Produto interno bruto por cabeça (dólares)	2.152	10.420	8.850	3.960	3.370	1.160
População empregada na agricultura e pesca	30,2	6,5	9,1	20,2	27,3	60,9

Índices de poder de compra: Salários Reais

ÍNDICES DE PODER DE COMPRA (1) CONFERIDOS PELOS SALÁRIOS EM ALGUNS RAMOS DE ACTIVIDADE E PELO SALÁRIO MÍNIMO (2)

	R.F.A.		FRANÇA			ITÁLIA		PORTUGAL			BÉLGICA	
	Indústria Transformadora	Construção Civil	Indústria Transformadora	Construção Civil	SMIC	Indústria Transformadora	Construção Civil	Indústria Transformadora	Construção Civil	Salário Mínimo	Indústria Transformadora	Construção Civil
1970	153.2	173.0	116.3	112.0	-	98.1	101.0	62.2	71.1	-	151.1	164.8
1971	196.9	219.6	117.6	112.7	-	97.4	93.2	78.7	87.2	-	154.0	161.0
19.	203.5	231.9	122.3	122.3	-	102.2	100.0	77.6	81.0	-	168.1	171.4
1973	202.6	229.1	123.9	124.5	-	107.4	103.1	76.3	78.9	-	168.0	172.5
1974	220.0	241.2	136.7	132.9	80.4	117.2	118.1	107.2	100.0	75.9	193.4	201.2
1975	207.3	220.3	139.3	134.8	84.6	122.8	124.4	128.0	116.0	70.0	209.4	214.1
1976	207.5	217.9	142.9	141.9	85.7	121.6	125.3	136.4	115.2	64.6	198.6	209.3
1977	218.5	226.6	147.2	146.8	88.4	122.0	127.1	119.0	101.0	53.3	210.0	223.0
1978	227.5	229.4	144.7	143.5	92.2	118.4	124.9	108.1	90.1	53.2	199.7	211.5

NA DÉCADA DE OITENTA?

de dez milhões de cidadãos

É um sintoma de progresso este, a diminuição da mão-de-obra nos campos sem diminuição da produção agrícola e paralelamente o aumento da produção industrial. Mas é ainda muito pouco. Pelo quadro anexo pode verificar-se como, na Europa, a Alemanha e a França têm apenas 8,5 e 9,1 da sua população nos campos e são exactamente as agriculturas mais produtivas e rentáveis. Os Estados Unidos, o país mais rico do mundo, têm apenas 4,6 da sua mão-de-obra empregada na agricultura. Em contrapartida a Turquia emprega 60,9.

Não é a quantidade de mão-de-obra utilizada que marca uma agricultura progressiva: são, antes, a mecanização, o redimensionamento da propriedade, a introdução de novas culturas, a irrigação, a utilização mais intensiva de adubos e fertilizantes. Só eles poderão arrancar a agricultura portuguesa ao seu tradicional atavismo e subdesenvolvimento.

Em Portugal há outra agravante: a idade avançada da população camponesa. Em 1968 metade da população que trabalhava nos campos tinha mais de 55 anos e uns 40% deles eram analfabetos.

Os nossos campos são latifúndios ou leiras avulsas

Para alguns especialistas, porém, a errada distribuição da propriedade é a causa principal para o atraso da agricultura portuguesa.

Nos campos portugueses há os dois extremos: ou a propriedade está polarizada em pequenas explorações familiares, minifúndios que dão muito trabalho e pouco rendimento, ou se estende por latifúndios de exploração extensiva e monoculturas igualmente de baixo rendimento e onde os trabalhadores eram, até há poucos anos, explorados a níveis incompatíveis com um país europeu.

Segundo o último inquérito às explorações agrícolas do continente, em 1968, cerca de 97% das explorações com áreas até 20 hectares, ocupavam apenas 38%, enquanto as restantes 3% das explorações abrangiam 62% da superfície cultivável do continente.

A par da pequena propriedade de feição familiar, predominante a norte do Tejo, existe a grande propriedade ao sul do Tejo e em certas áreas da Beira Baixa (Idanha e parte da Cova da Beira) e Beira Litoral.

Este panorama é ainda agravado pelo facto de nas zonas de minifúndio raras serem as famílias que têm as suas propriedades num único bloco. Por razão das sucessivas partilhas familiares os blocos vão encolhendo e cada família acaba por ter três, quatro e às vezes até mais leiras dispersas e longe umas das outras exigindo esforços redobrados e rendimento incompatível com o trabalho nelas desenvolvido. O forte recurso ao factor trabalho resulta numa baixa produtividade que impede o desenvolvimento social dos camponeses portugueses.

Uns 63% das explorações agrícolas são trabalhadas e geridas por conta própria seguindo-se, em importância e arrendamento (15%) e a parceria. Esta titularidade da propriedade agrícola leva a comportamentos políticos próprios e geralmente conservadores, pois por regra conjuga-se também esta zona de pequena propriedade com a alta prática religiosa, como aliás, veremos mais adiante.

Enquanto no distrito de Viana do Castelo havia 2 por cento de patrões com explorações agrícolas extensas e tendo trabalhadores por conta própria, os «isolados», incluindo familiares não remunerados era 78 por cento. Havia também 20 por cento de assalariados.

Em contrapartida, no distrito de Évora, havia uma larguíssima maioria de assalariados (92 por cento) com apenas 1,4 de patrões latifundiários e 5 por cento de «isolados» trabalhando por conta própria, sozinhos ou com a colaboração de familiares não remunerados.

As alterações verificadas neste quadro não são muito acentuadas sabendo-se que depois do 25 de Abril há algumas mudanças, ainda não quantificadas, mas sem significado na visão de conjunto da situação. As alterações produziram-se a dois níveis:

Na Zona de Intervenção da Reforma Agrária há uma inversão da propriedade das explorações latifundiárias que passou dos antigos proprietários para o Estado. Houve assim, profundas alterações da posse da terra mas não da sua divisão. As explorações continuam em sistema de latifúndio mas o Estado é o seu titular. Muitas organizaram-se em unidades colectivas ou cooperativas mas a base continua a ser o trabalho assalariado ainda que remunerado a um nível muito mais digno.

A Norte do Tejo começam a notar-se influências do regresso dos emigrantes ou da compra de propriedades por sua conta com a preocupação de comprarem blocos contíguos, dando assim à exploração da terra um mais racional aproveitamento para aumentar a produtividade. Simplesmente esta tendência não é ainda muito nítida, prevalecendo a exploração familiar e o camponês «isolado».

Não vamos muito à missa

Esta divisão da propriedade, junto com o grau de industrialização e urbanização têm outras consequências. Por exemplo, o facto de irmos ou não à missa com regularidade e votarmos à esquerda ou à direita quando o eleitorado é convocado às urnas.

Segundo um estudo do padre Luís França, efectuado em Fevereiro de 77, a relação entre industrialização e latifúndio e baixa prática religiosa é um facto, verificando-se que nessas zonas menos de 10 por cento das pessoas com mais de 18 anos vai à missa todos os domingos.

Considerando «missalizantes» os maiores de 18 anos que assistem regularmente à missa dominical, o padre Luís França apurou no País três áreas de base:

Área de alta prática religiosa – Formada pelos concelhos com percentagem de «missalizantes» entre 31 e 80 por cento da população com idade igual ou superior a 18 anos. Essa área abrange os distritos de Aveiro (com excepção de dois concelhos), Braga, Bragança (excepção de um concelho), Castelo Branco (menos o concelho de Vila Velha de Ródão), Guarda, Leiria (com metade dos concelhos a fugir um tanto à regra), Porto (menos a zona industrializada da cidade, de Gaia e Matosinhos), Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

Área de média prática religiosa – Formada por concelhos com média de «missalizantes» entre 11 e 30 por cento. Alarga-se por três concelhos do Distrito de Aveiro (Águeda, Albergaria, Aveiro propriamente dito, e Oliveira de Bairro), Freixo de Espada à Cinta, no distrito de Bragança, Vila Velha de Ródão, 10 dos 17 concelhos do distrito de Coimbra, em Monchique (no Algarve), em nove dos 16 concelhos de Leiria, nos cinco concelhos rurais que integram o distrito de Lisboa (14 concelhos), num terço do distrito de Portalegre, em cinco concelhos do Porto, seis dos 21 que formam o distrito de Santarém e em Carregal do Sal, Mangualde, Mortágua e Santa Comba, do distrito de Viseu.

Área de baixa prática religiosa – Concelhos com percentagens de «missalizantes» de menos de 10 por cento. Estão nestas condições os distritos de Beja, Évora, Faro e Setúbal. Nos distritos de Lisboa e Portalegre são sensivelmente metade os concelhos que têm baixa prática religiosa e os que registam média prática religiosa. Em Santarém, distrito de transição, é possível detectar os três tipos de comportamento com predominância da baixa prática religiosa.

Dividimo-nos à boca das urnas

Tomando em consideração este Inquérito sobre o comportamento religioso, a área das explorações agrícolas e as votações no conjunto das eleições realizadas em Portugal, desde o 25 de Abril, José Nunes Coelho, num recente caderno sobre os «Factores Explicativos do Comportamento Político da População Portuguesa», conclui:

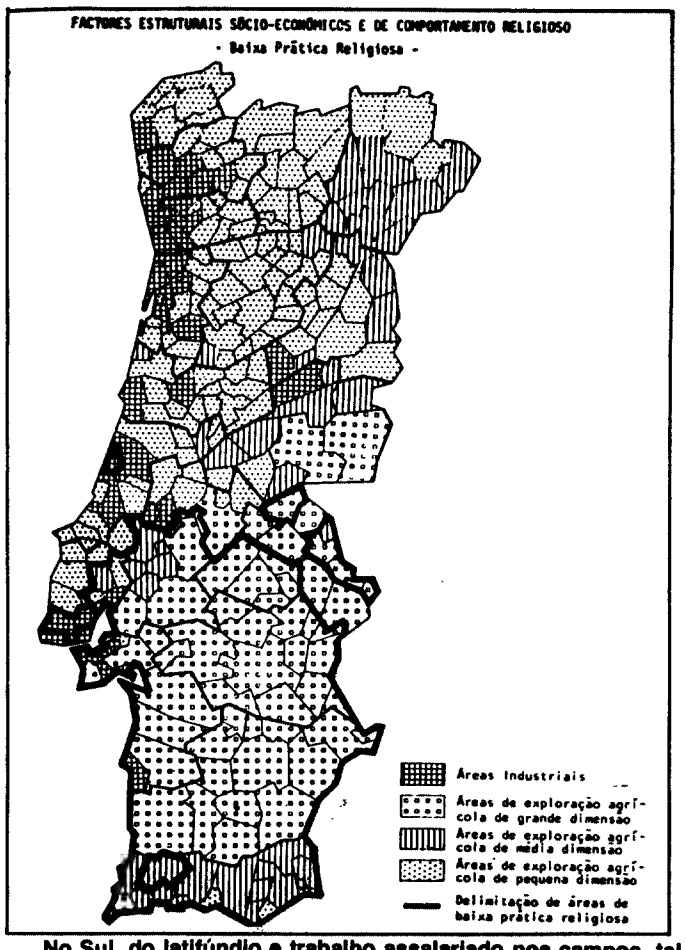
«A Sul do Tejo, até ao Algarve, às áreas de predomínio das forças à esquerda do PS correspondem às áreas suburbanas de recente desenvolvimento industrial ou áreas rurais de exploração agrícola de grande dimensão, todas elas com prática religiosa baixa.»

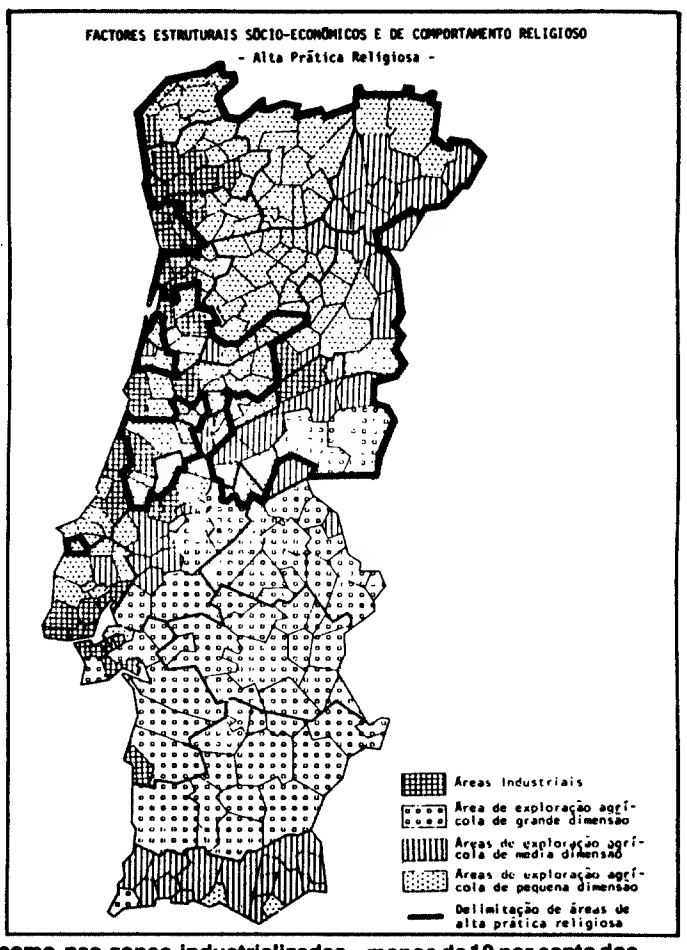
«No Norte do País, em regra nas áreas rurais de pequena e média dimensão das explorações agrícolas, com elevada prática religiosa, o comportamento político reflecte um predomínio das forças à direita do PS.»

«Às zonas intermédias do espectro político, ou seja, as duas áreas de transição à esquerda e à direita do PS e a área de predomínio do PS, correspondem, em regra, situações estruturais intermédias, média prática religiosa, média dimensão das explorações agrícolas e ainda a determinadas áreas industriais do Norte e Centro do País.»

Daniel Reis

Factores económicos e prática religiosa





No Sul, do latifúndio e trabalho assalariado nos campos, tal como nas zonas industrializadas, menos de 10 por cento dos maiores de 18 anos vão regularmente à missa. No Norte, da organização minifundiária e comportamento político conservador, mais de 30 e até 60 por cento dos maiores de 18 anos vão todos os domingos à missa

Minutos de trabalho para pagar a dieta alimentar

	R.F.A.		FRANÇA			ITÁLIA		PORTUGAL			BÉLGICA	
	Indústria Transformadora	Construção Civil	Indústria Transformadora	Construção Civil	SMIC	Indústria Transformadora	Construção Civil	Indústria Transformadora	Construção Civil	Salário Mínimo	Indústria Transformadora	Construção Civil
1970	39.2	34.7	51.6	53.6	-	61.2	59.4	96.4	84.4	-	39.7	36.4
1971	30.5	27.3	51.0	53.2	-	61.6	64.4	76.2	68.8	-	39.0	37.3
1972	29.5	25.9	49.1	49.1	-	58.7	60.0	77.3	74.0	-	35.7	35.0
1973	29.6	26.2	48.4	48.2	-	55.9	58.2	78.6	76.0	-	35.7	34.8
1974	27.3	24.9	43.9	45.1	74.6	51.2	50.7	56.0	60.0	79.0	31.0	29.8
1975	28.9	27.2	43.1	44.5	70.9	48.9	48.2	46.9	51.7	85.7	28.7	28.0
1976	28.9	27.5	42.0	42.3	70.0	49.3	47.9	44.0	52.1	92.8	30.2	28.7
1977	27.5	26.5	40.8	40.9	67.9	49.2	47.2	50.4	59.4	112.5	28.6	26.9
1978	26.4	26.2	41.5	41.8	65.1	50.7	48.0	55.5	66.6	112.9	30.1	28.4

NOTA:

Como fontes principais de informação utilizámos:

a) Relatório da OCDE-1979, sobre Portugal;

b) Relatório de 1979, do Banco de Portugal;

c) «Factores explicativos do comportamento político da população portuguesa», de José Nunes Coelho, edição do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento;

d) «Para onde vai a economia portuguesa», Francisco Pereira de Moura, 1974, edições Seara Nova;

e) Indicadores económicos 1974-79, do Banco de Portugal

f) «Análise comparativa do poder de compra dos salários em Portugal e em alguns países da CEE», de Maria Manuela Ramalho, em «Planeamento», volume 3, n.º 1/2 de Fevereiro/Junho 80, publicado pelo Departamento Central de Planeamento;

g) «Os trabalhadores de baixos salários no mercado de emprego em Portugal», de Maria Eduarda Ribeiro, publicado pelo Ministério do Trabalho.

Violências policiais silenciadas pelas autoridades

Seis anos passados sobre a implantação da Democracia no nosso País não foi ainda possível pôr termo aos mecanismos que permitem a escalada da violência perpetrada pelass «forças da ordem», com alarmante impunidade. Já nem escandaliza pela habitualidade.

Nem os autores materiais são punidos nem responsabilizados os que nos postos de decisão determinam essas práticas, mentalizam os seus agentes para acções de força gratuita, lhes encobrem os actos quando puníveis por Lei e chegam a premiá-los com promoções.

O advogado Fitz Quintela, morto a tiro por um elemento da PSP, mas «irresponsavelmente»

Desde o cassetete à metralhadora, do gás aos cães enraivecidos, todo um arsenal pago com o dinheiro do povo, tão carecido das mais elementares necessidades no capítulo de alimentação, saúde e educação, se volta contra esse mesmo povo. E num simples caso de rua, num campo desportivo, na perseguição a um delinquente, mas, principalmente, é nas fábricas, nas cooperativas, nas UCPs da Reforma Agrária, nas manifestações, que a sanha da brutalidade se manifesta com furor até ao assassínio.

A impunidade dos autores das várias mortes e dos muitos feridos, vítimas de violências sem justificação, não só indica o nível do estofo moral de quem permite tal impunidade como não abona os poderes judiciais que a sancionam.

No primeiro ano que se seguiu ao 25 de Abril pareceu que as forças policiais, em especial as militarizadas, se iriam penitenciar de um longo passado de repressão, aproveitar a euforia colectiva para de mãos dadas com o povo trilharem novos e diferentes caminhos, ganhando em respeito o que perdiam em ódio. Infelizmente tal não aconteceu.

As armas e os vilões assinalados

Um policia é um homem como os outros e como todos gostaria de gozar do respeito e consideração dos restantes cidadãos. Na maioria dos casos inicia as funções imbuído de idéias cívicas respeitáveis: defensor da Sociedade, estrito cumpridor da Lei, obrigando-se ao sacrifício até da própria vida para o bem comum. Alguma coisa estará errada na corporação pois na quase totalidade esses elevados ideais se esfumam ou se invertem. Passam a ser homens marcados a quem as pessoas temem mas não respeitam, e essa frustração, de que raramente têm percepção, é mais um factor que leva a acumular ódio.

Quem os manipula, sabe de ciência certa que é assim e sabe muito mais coisas: como transformar mentes simples e cordatas em autênticas feras; com verdadeiras lavagens ao cérebro, em que pátria, religião, banditismo e propriedade são os temperos com que se fabrica uma máquina de bater e matar. Destituído de razão e sensibilidade fica apto a ser jogado contra o seu semelhante sem remorso, apenas temeroso de desagradar ao superior, de quem recebe as ordens, de quem espera as informações que permitam a promoção e com esta mais uns tostões.

São as primeiras vítimas das máquinas repressivas. São vítimas ao serem agredidos no melhor que possuíam ao ingressar na corporação: a sua humanidade e identificação social, esbulhados da personalização para se tornarem meros instrumentos das decisões que outros na sombra dos gabinetes, numa impunidade confortável, tomam sabendo de antemão que o odioso irá cair sobre os agentes. Odiados pelo povo que ajudam a espezinhar, desprezados por aqueles a quem servem, e que deles se servem enquanto lhes servirem, estes homens são como se disse, as primeiras vítimas dos poderes repressivos. São as vítimas dos vilões e as armas vêm a seguir.

É compreensível que uma polícia tem de ter força e dela usar. Mas essa força e muito em especial esse uso, está condicionado pelas leis que regulamentam a função. E sempre que é usada deve do modo mais transparente dar-se ao facto conhecimento público. Fazer uso da

Luís Caracol, morto durante uma carga em que a Polícia batia com os bastões invertidos

força, nas ciracnstâncias previstas na Lei é próprio duma polícia, fora disso são actos ilícitos puníveis, com a agravante da qualidade do infractor.

A entrega de armas aos agentes de autoridade tem como finalidade única a legítima defesa, sua ou alheia, no exercício das funções ou sempre que as circunstâncias o impuserem. Nunca por nunca ser, para castigar um infractor. As autoridades policiais ou seus agentes não estão apoiados por qualquer disposição legal quando usam qualquer instrumento ou arma de fogo contra qualquer indivíduo que no momento não esteja a pôr em risco a vida ou a integridade física dele ou de outrem. Por desobediência, injúria ou prática de outra infracção, a autoridade policial ou seu agente limita-se a prender, no caso de a Lei prever prisão ou a identificar o infractor para procedimento posterior.

No entanto o que se vê? Cargas de cassetete, por vezes com a parte metálica virada para a frente; coronhadas, açulagem de cães treinados para esse fim;

Para todos os fins. Produzimos
e instalamos ar condicionado Winner.
Estamos onde são necessárias
condições especiais de ambiente,
salubridade e conforto.
Em grandes espaços. Supermercados.
Museus. Bibliotecas. Hospitais.
Departamentos do Estado. Nas empresas.
Possuimos a experiência
e a tecnologia adequadas
para responder a quaisquer exigências.
A Tepclima fornece tudo
o que os instaladores necessitam.
Sem recorrer a importação.

Aparelhos de ar condicionado.
Desumidificadores. Câmaras frigoríficas.
Instalações para camiões frigoríficos.
Pavimentos falsos.

Fabricado por

Fábrica Nacional de Ar Condicionado / UCRL

Distribuido por TeP Clima scrl

Rua do Arco do Carvalhão, 235-C
Tel. 65 83 85 - 65 67 28
1300 LISBOA

PORTO	VLADIMIRO GUIMARÃES Rua Campo Alegre, 478 4100 PORTO Tel 69 08 06 - 6 43 62
MADEIRA	BEARLEY & FERNANDES, LDA Rua dos Ferreiros, 71 · 9000 FUNCHAL · Tel. 2 53 12
AÇORES	ADALBERTO MARTINS & FILHOS, LDA. Rua Duque de Palmela, 17 9700 ANGRA DO HEROISMO - Terceira · Tel. 2 40 21/2

HIPER

CAIXIPRATA

MARQUISES EM ALUMÍNIO
PORTAS, JANELAS E MONTRAS
ESTORES METÁLICOS

EXECUTA-SE COM RAPIDEZ
COM PESSOAL ESPECIALIZADO

ORÇAMENTOS GRÁTIS
DAMOS CERTIFICADO DE GARANTIA

Escritório — Rua Francisco da Holanda, 22-2.º Esq.º — Lisboa
Tels. 730816-761343

FÁBRICA — 2947953

FILIAIS — Porto- Almada - Odivelas - Cernache do Bonjardim
9413752-2294545-730920-67366

Agora também nos Açores — R. Conselheiro Medeiros, 42-2.º
9900 HORTA — AÇORES
Tels. 23339-23104

espezinhamento com cavalos, tiros de pistola e metralhadora.

E porquê? Por estar à porta de uma fábrica a protestar contra o patrão que o despediu; por estar a insultar um árbitro; por ter ocupado uma casa para abrigar os filhos; por querer impedir um latifundiário de o esbulhar; por fazer um comício; por fugir com uma carteira; por simples bebedeira; por ser toxicómano; por tudo e até mesmo por nada.

Encobrimento a pretexto dum falso prestígio

Das centenas de casos de violências policiais cometidas nestes últimos anos apenas uma escassa dezena terá dado origem a julgamento dos seus autores. Alegando a defesa do bom nome da corporação, processa-se toda uma manobra para evitar os inquéritos e na impossibilidade de o conseguir, levá-los a desfecho nulo de modo a isentar os agentes infractores de qualquer culpa. Pretende-se assim manter o prestígio do organismo, esquecidos que este só é real pelo cumprimento da legalidade, pela transparência de actuações e pela completa subordinação aos interesses da Sociedade para o serviço da qual foi criado.

Nas poucas ocasiões em que um Tribunal teve oportunidade de se debruçar sobre um dos mais flagrantes casos de violência policial, com total desrespeito pelas normas que regulam a actuação dos polícias e pela vida humana, o juiz, entendeu aplicar quatro meses de prisão, pena que pela mesma sentença seria suspensa por dois anos, a um guarda que, **por engano,** matou um honesto advogado em vez de matar um presumível assaltante de supermercados.

Foi em 16 de Maio de 1977, quando Fitz Augusto Neves Quintela seguia no seu automóvel ao meio-dia e meia hora de um dia soalheiro pela Estrada da Estrangeira na Serra de Monsanto, em Lisboa, na companhia da esposa, foi alvejado com uma rajada de metralhadora disparada por um guarda da PSP que terá confundido o número de matrícula: DN-53-24, um Morris-Mini de castanho-claro do advogado com o DN-55-24, um Trimph azul, cujas características recebera via rádio do carro patrulha. Este segundo carro estaria a ser utilizada pelos assaltantes de um supermercado de Linda-a-Velha.

Bastou a simples alegação do guarda, Conceição Araújo, de que confundira o carro, para que o juiz, Araujo e Sá, posteriormente secretário de Estado da Juventude e Desportos no VI Governo, lhe aplicasse a referida pena. Parece ter ficado assim sancionada, formalmente, a execução imediata de qualquer suspeito que não pare, por não querer ou por não ter visto, à intimação de qualquer polícia daltónico. Parece mesmo que, se em vez de ter acertado no advogado tivesse morto ali mesmo sem qualquer preâmbulo o autor do tal assalto, nem sequer os quatro meses de prisão, (a não cumprir) lhe seriam aplicados pela douta sentença.

Note-se que o guarda Conceição Araújo, entre a sua «brilhante actuação» na Serra de Monsanto e o dia em que compareceu a juízo já tinha merecido do seu comando as divisas de subchefe.

Em 13 de Julho de 1977, um jovem de 17 anos, Luís Augusto Caracol, toma parte numa manifestação de apoio ao estudante antifascista, Rui Gomes, que nesse dia ia a julgamento em Santa Clara depois de um longo período de prisão sem culpa formada para a qual nunca houve explicação cabal.

A PSP, com os piquetes do Governo Civil reforçados pelo Corpo de Intervenção, carrega em força sobre os manifestantes e entre muitos feridos, o jovem Caracol, atingido na cabeça com a parte metálica dos cassetetes, viria a falecer no hospital de S. José.

Até hoje as autoridades responsáveis não se dignaram tornar público o resultado das averiguações, nem tão-pouco as conclusões da autópsia levada a efeito no no instituto de Medicina Legal. Este encobrimento, a mais descarada falta de consideração e respeito, não já pela Verdade e Justiça mas pela Sociedade que lhes paga o vencimento tem uma designação própria que nos dispensamos de indicar.

Em 30 de Outubro do mesmo ano, quando os trabalhadores da UCP, Bento Gonçalves, em Montemor-o-Novo, procuravam legitimamente impedir uma ilegalidade clamorosa cometida pelo MAP, viram-se confrontados por um numeroso grupo de agrários e seus capangas, armados de paus apoiados por um destacamento da GNR. Ainda a uma grande distância, portanto sem representarem perigo imediato e sem terem quaisquer armas, foram alvejados por disparos das metralhadoras que aqueles agentes de autoridade empunhavam. Dois trabalhadores, caíram, ali mesmo na terra que defendiam. Caíram mortos pela terra que era deles, de todos nós, afinal...

António Maria Casquinha, de 17 anos, João Geraldo Caravela, de 57 anos, dois marcos a recordar em Abril neste Portugal que há-de ser de Abril. Neste caso, também, as autoridades responsáveis fizeram os possíveis para que se ignorem as suas mortes.Até quando?.

Dias Brito

Casquinha e Caravela mortos por balas da GNR em terra de Reforma Agrária

BASTA SABER
FAZER CONTAS...

ALUGANDO

UM TELEVISOR A CORES
(EM VEZ DE O COMPRAR)
VOCÊ POUPA MUITO

DINHEIRO!

NEWCOLOR
NOVA CÔR

EXPLICA-LHE COMO E PORQUÊ!

MAS SE ASSIM NÃO
ENTENDER NÓS TAMBÉM
O VENDEMOS, MAS
DISCORDAMOS DA SUA OPÇÃO...

CONSULTE-NOS
Tel. 682128 — 840439 — 655922
Av. Alvares Cabral 58/60 LX
Av. Almirante Reis 94/B LX

todo o ano
super
segurança

GALP SUPER
dá aos motores
a lubrificação necessária
para altas e baixas temperaturas

GALP SUPER
um autêntico óleo MULTIGRADE
mantendo sempre
uma viscosidade adequada
em todas as condições
de uso e de temperatura

Assim,
o motor trabalha
com o mínimo de resistência e de atrito
o que significa
maior rendimento
com menor consumo

GALP SUPER
a comodidade
de usar sempre o lubrificante adequado
a qualquer estação do ano.

ESPECIFICAÇÃO
CCMC
COMISSÃO DE CONSTRUTORES
MERCADO COMUM

GALP

QUALIDADE EM LUBRIFICANTES

LATINA

linhas aéreas de angola

TAAG DELEGAÇÃO EM PORTUGAL

Av. da Liberdade, 259 - 1º 1200 LISBOA - Tels. 575899 / 575918 - Telex: 18475

Passagens e Reservas
Av. da Liberdade, 259/loja
Telef. 53 18 25 - 57 58 99

Aeroporto de Lisboa
Serviço Escala/Carga
Sala 452 - 2º - Tel. 89 61 73 - 80 35 33

Filipe Portugal

O "espinho" de telefonar à censura

Filipe Portugal, 67 anos, trinta e cinco dos quais vividos intensamente ao serviço do «DL». Nascido em Murtosa, Portugal, a quem já demos aquele abraço há dias num almoço mais de homenagem do que de despedida, realizado numa «tasca» do Bairro Alto, começou a ganhar os primeiros tostões da sobrevivência como carteiro assalariado, fazendo as folgas e as férias sem vencimento dos profissionais. Eram giros diários de trinta quilómetros em volta de Murtosa, montado numa «pasteleira». Mas, aos 23 anos, Portugal (este nome com fortes reminiscências simbólicas a um certo fatalismo será (?) – da emigração) resolveu dar o «salto» para a capital. Tinha então 23 anos e, após curvas e contra-curvas, acabou por arranjar um «buraco» no Grémio dos Armadores de Pesca de Arrasto, como fiel. O Grémio era conhecido na gíria por «Frigorífico de Santos» e Portugal entrou a ganhar qualquer coisa como quinze escudos diários, com horários rotativos, à semana. Tarefa dura a lidar com pesos, balanças, pescadores, armadores, e sobretudo com o cheiro que «não larga» das sardinhas, bogas... e dos intermediários mais ou menos chatos.

Fiel citadino depois de ter sido carteiro rural, o «nosso» Portugal acabou por chegar à conclusão de que cem escudos e «piques» por semana não davam para um homem casado e já pai de filhos. Voltas e mais voltas à cabeça, em noites ou tardes de insónia, conforme o horário da «lota», e Portugal a decidir-se que não havia outra solução, a não ser procurar um duplo emprego.

E aí temos o Filipe de Murtosa, fiel de lota em Santos a caminho da Rua Luz Soriano, onde pontificava um parente chamado Alfredo Vieira Pinto, companheiro de Joaquim Manso e Pedro Bordalo Pinheiro, nessa «aventura» que foi o lançamento do «DL» em 1921. Contacto sem dificuldades, «terçar» de memórias comuns, e Alfredo Vieira Pinto a mandar avançar Filipe Portugal no dia seguinte, para ocupar o lugar de porteiro, no preenchimento de uma vaga recentemente deixada em aberto. Só que Portugal não estava predestinado para ser porteiro e ei-lo como «contínuo», uma espécie de filtro entre a Redacção e a sua clientela habitual ou furtiva.

João de Barros, Gago Coutinho

Era só o tempo de sair da «lota» de Santos, chegar a casa, mudar de roupa «porque cheirava a peixe», esfregar os olhos com um pouco de água e «toca a andar para o jornal», onde no seu posto, teve oportunidade de contactar com várias gerações de jornalistas entre os quais destaca Carlos Ferrão, Tavares da Silva, César dos Santos, Maurício de Oliveira, Portela Filho, Norberto Lopes, Ribeiro dos Santos, Manuel Nunes, Félix Correia, Mário Neves, Rogério Peres, «El Terrible Perez», Manuel de Azevedo. E ainda com figuras como Beatriz Costa, almirante Gago Coutinho «era uma visita assídua do dr. Norberto Lopes, grandes amigos após a travessia aérea do Atlântico» e de João de Barros, «tinha deixado de fumar e trazia cigarros que oferecia a toda a gente, enquanto ele ia chupando o seu rebuçadito».

Mas para além desta função, Filipe Portugal passou muitos amos colocado junto aos serviços da Censura, com a missão de ir informando telefonicamente o chefe de Redacção sobre os cortes ou suspensões verificadas nos textos. Os artigos, por exemplo, de João de Barros, recorda, eram «bastante mexidos» e quanto às «Notas do Dia» de Norberto Lopes «havia algumas que tinham de ser muitas vezes vistas por Salazar, pois os censores, na sua maioria oficiais do Exército, não queriam responsabilizar-se por uma decisão final».

O 25 de Abril

Como marco fundamental no seu itinerário pelo «DL», Portugal, que entretanto abandonara o «Frigorífico de Santos» porque a vista já não aguentava o reflexo das máquinas, revive com emoção o 25 de Abril e a possibilidade dos «camaradas da empresa voltarem a ser uma família, no seu contacto quotidiano», após a separação de alguns anos, sobretudo entre a Redacção e os serviços gráficos, colocados respectivamente na Rua Castilho e na Rua Luz Soriano. E agora, Portugal, 67 anos, quatro filhos, dois netos? E agora Portugal, que chegou a hora da reforma? A resposta: «Olha, Manel, viver para a minha mulher que está doente, para as recordações, e para a vida.

Vida que passa, vai passar, por uma passagem quase diária pela Rua Luz Soriano, para abraçar os meus camaradas, que são a minha segunda família.» Aquele abraço, Portugal.

Manuel Geraldo

COMECIL

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO
E ARTES GRÁFICAS SARL

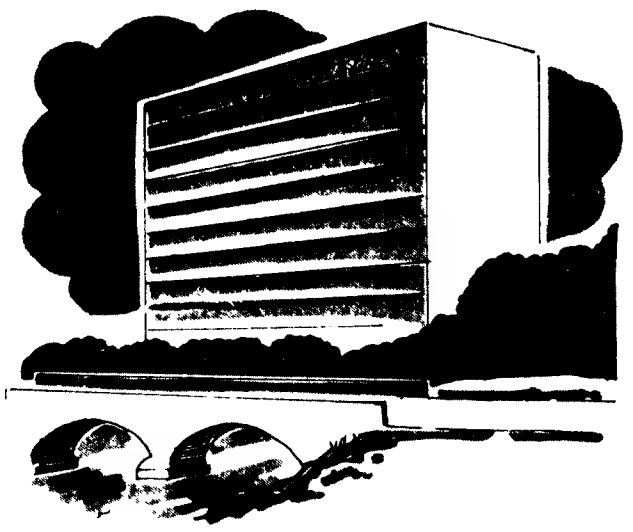
CASAL DA FONTE – PORTO DE PAIÃ

ODIVELAS TELEF. 990142/9

PUB

CUOP

COOPERATIVA DE UNIDADE OPERÁRIA
DE CONSTRUÇÃO CIVIL ALENTEJANA
S. C. A. R. L.



CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

SANEAMENTOS – ÁGUAS – ESGOTOS

SEDE E ESCRITÓRIOS
RUA LAGAR DO CEBO, 2
7000 ÉVORA
☎ *2 62 35
*2 73 92

Ema Rufino: O jornal que o avô lhe "ensinou"

Ema Rufino, 53 anos, funcionária dos Serviços Médico-Sociais, leitora do «DL» desde os sete anos. Os pais partiram para S. Tomé e Príncipe. Estava-se numa fase em que a emigração dos «excedentes» era dirigida para as áreas coloniais. Ema ficou a residir com os avós paternos. O avô, então com 63 anos, era um «infalível» leitor, desde a primeira hora, do jornal lançado por Joaquim Manso, Pedro Bordalo Pinheiro e António Vieira Pinto. E Ema habitou-se a «soletrar» os princípios da «Cartilha Maternal» de João de Deus, nos caracteres do periódico da Rua Luz Soriano. «O meu avô morreu pouco depois da ida dos meus pais para S. Tomé e Príncipe – recorda Ema Rufino. Era um republicano dos quatro costados. De antes quebrar que torcer. Era natural do Pombal e veio para Lisboa com apenas nove anos. Empregou-se como marçano no Eduardo Martins, ficava à porta a orientar os clientes e a guardar as peças de roupa expostas. Mais tarde passou para chefe de secção e chegou a fazer parte da Administração, até ao momento em que o Eduardo Martins foi à falência. E o meu avô foi arrastado na voragem, acabando por cair no desemprego. Situação em que se encontrava quando a morte o surpreendeu».

Ema contou-nos depois como a avó, que continuou a tradição do marido, comprando todos os dias o «DL», apesar das dificuldades económicas, e narrando-lhe alguns dos episódios em que o seu avô se envolvera durante os acontecimentos anteriores e posteriores à implantação da República. Rememora Ema Rufino: «A minha avó levava noites a contar-me os factos que vivera directamente e aqueles que conhecia através do meu avô. E defendia plenamente os ideais progressistas, dizendo com convicção: Minha querida, nunca tenhas medo das revoluções. Elas transportam sempre umaaragem nova!.»

Portanto para Ema Rufino ler o «DL» foi desde o princípio «um hábito adquirido na infância» e recriado mais tarde na adolescência, quando aluna no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, que frequentou até completar o sétimo ano. Nessa altura havia muitos dias em que não lhe chegava um só jornal e então comprava também a «República». Mas também havia um tio que comprava todas as manhãs um matutino. E foi a partir destas duas experiências que Ema Rufino passou a ter a possibilidade de fazer «uma opção consciente». Quando saiu do Liceu, o matutino funcionava apenas como barómetro, para aquilatar, em sua opinião, das diferenças entre um jornal «que dava as notícias de chapa, muitas vezes deformando-as» e um «jornal, o «Diário de Lisboa» que informava, comentando, um jornal que, apesar dos condicionalismos impostos, afrontava, e muitas vezes conseguia ultrapassar a Censura instituída» recordemo-lo, em 27 de Maio de 1924, por ordem do ministro do Interior de então.

«Caça às bruxas»

Depois de uma breve passagem pelos quadros de uma empresa fotográfica, e da fase de «doméstica» nos primeiros anos de casamento, Ema Rufino empregou-se em 1966 nos Serviços Médico-Sociais, onde era então «chefe» o «indefectível salazarista» Veiga de Macedo.

Foram dois anos, em que Ema Rufino conheceu duas espécies de Censura: a censura do Estado Novo sobre os jornais e a censura do «chefe» numa autêntica «caça às bruxas» aos funcionários que liam jornais como a «República» ou o «DL».

Mas as dificuldades desse período e de outros períodos difíceis que se seguiram, não torceram Ema Rufino e assim o 25 de Abril veio encontrá-la como hoje, «leitora incondicional» do vespertino que, continuamos a ser, da Rua Luz Soriano, ao Bairro Alto.

PUB

FOTO-ÓPTICA, ORE

V. É BENEFICIÁRIO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA?

NÓS SOMOS FORNECEDORES OFICIAIS,
ASSIM COMO DAS EMPRESAS ASSOCIADAS

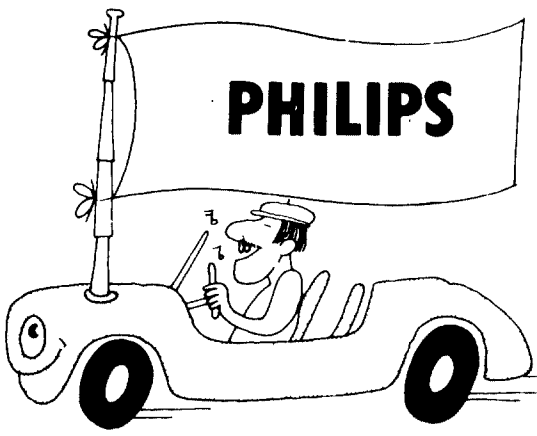
•

TEMOS AO VOSSO DISPOR UM GABINETE PARA ADAPTAÇÃO DE LENTES DE CONTACTO POR ÓPTICO (OPTOMETRISTAS SOE) DIPLOMADO PELA UNIVERSIDADE DE MONTREAL - CANADÁ

VIGIE OS SEUS OLHOS
SÃO PARA TODA A VIDA

Praça Movimento das Forças Armadas, 8-C – Telefs. 275 06 75 e 276 39 87 – ALMADA

SUCURSAIS
Rua Serpa Pinto, 4 – Telef. 223 30 34 – SESIMBRA
Estrada do Brejo, 10 (ao L. 5 de Outubro) – Tel. 276 26 89 – COVA DA PIEDADE
Vicente e Fernandes – Rua Cidade de Leiria, 1-B – Tel. 229 57 71 – CORROIOS



PHILIPS

As estradas cantam com auto-rádios Philips

PHILIPS

14 modelos à escolha:
Simples e com leitor de cassettes.

CETRA CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.
R Cidade de Bolama, 1-B - Olivais Sul 1800 Lisboa
Telefs. 33 10 23 - 31 72 73 - 32 37 07
Concessionários do serviço Philips em Lisboa para montagem de Auto-Rádios

ALCOTA

PAPÉIS E PELÍCULAS P.V.C. E ALUMNIO MYLAR, ETC., AUTO-ADESIVOS, ETIQUETAS AUTO-ADESIVAS DE TODOS OS TIPOS, INCLUSIVE PARA COMPUTADORES

CAUTCHUS P/OFFSET 3 E 4 TELAS COMPRESSÍVEIS E NORMAIS

HOWSON-ALGRAPHY

CHAPAS PRESENSIBILIZADAS

POSITIVAS
«ALYMPIC GOLD»
«SPARTAN»

NEGATIVAS
«SUPERMARATHON»
«MARATHON»

PRONTOPHOT • HAPA
MÁQUINAS DE SOBRE-IMPRESSÃO PARA EMBALAGENS E RÓTULOS (LABORATÓRIOS, FÁBRICAS DE CONSERVAS, CONCENTRADOS E OUTRAS.)

SAUVEN MARKING
MÁQUINAS DE MARCAR EMBALAGENS, DE CODIFICAR E DE PERFURAR

FORNECEDORES EXCLUSIVOS DE CHAPAS «MARATHON» À RENASCENÇA GRÁFICA DESDE 1970, INÍCIO DA SUA IMPRESSÃO DE JORNAIS E REVISTAS EM OFFSET.

TAMBÉM FORNECEDOR DO «DIÁRIO POPULAR» E OUTROS

REPRESENTAÇÕES ALCOTA, S.A.R.L. AV. DO URUGUAI 22-A 1500 LISBOA
Telefones: P.P.C.A. 74 20 51 2 3 • Telegramas: ALCOTA • Telex: 12620 P

O que pensa do "Diário de Lisboa"?

Jorge Miranda

Associo o «DL» a uma época que já se vai tornando antiga na minha vida, aos anos 50 e 60. Para mim, o «DL» é, antes de mais, a recordação de um tempo já recuado da minha vida – os anos 50 a 60 – em que praticamente com a República e pouco mais, era ao mesmo tempo um jornal noticioso e um canal de liberdade que era possível nesse tempo. Depois do 25 de Abril adoptou uma orientação diferente, uma orientação ideológica que não é a minha, mas continuou a ser um grande jornal, feito por profissonais competentes, com espírito crítico, trabalhando sobre os acontecimentos. Não apenas a descrevê-los como a interpretá-los. Por isso, para lá das divergências que naturalmente existem, o «DL» ocupa por direito próprio um lugar cimeiro na Imprensa portuguesa.

Helena Roseta

Foi o meu jornal preferido antes do 25 de Abril. Óbviamente não é agora o meu jornal, não por falta de qualidade, mas por razões que dizem respeito às opiniões que defende, que na generalidade não são as minhas. Em todo o caso é um jornal pelo qual tenho muita consideração.

Chaiana

Leio de vez em quando o «DL». É um jornal cuja leitura me distrai. Penso que é um jornal com expansão, um bom jornal que muita gente deve ler.

Caldeira Rodrigues

O «DL» é o jornal que mais leio. É um jornal que, não sendo neutro, não é sectário. Tem uma orientação aberta a toda a linha progressista em que eu também entro.

Prof. Delgado Domingues

O «DL» foi ponto de referência obrigatório antes do 25 de Abril. Voz empenhada, que sempre assumiu a diferença entre a informação aparentemente neutra mas anestesiante e a que promove o avanço de uma sociedade, levando-a a reflectir, perdoa-se facilmente ao DL alguns desvios ocasionais num balanço global francamente positivo.

António Paulouro

O «DL» representa um estrato muito grande da sociedade portuguesa e diz nitidamente o que essa gente pensa. Logo quem quiser ter uma informação correcta e global não pode dispensar a leitura do «DL», que, além do mais, e não poucas vezes, nos proporciona um grande prazer.

Rogério Paulo

Tenho 53 anos. Aprendi a ler quando tinha oito. Desde essa idade que leio o «DL», que era o jornal do meu avô, que me educou.

Penso que o «DL» através de todos estes tempos tem mantido uma independência, uma objectividade e uma dignidade que o levam a considerá-lo, para mim, sem dúvida, um dos primeiros jornais do País e um dos primeiros da Europa.

Fernando Mamede

Penso que é um jornal positivo, com o seu espaço político bem definido, e que sendo dos mais antigos do País, ultrapassa em tradição o seu próprio público leitor, como acontece por exemplo no campo desportivo, em que faz uma cobertura vasta e diversificada.

Agustina Bessa Luís

Penso que é um jornal muito «snob».

Óscar Lopes

Sou de há muitos anos leitor regular do «DL», que particularmente agora me interessa, pelo seu noticiário objectivo, pelas posições democráticas, pela variada e clara arrumação dos assuntos e por uma forma e apresentação gráfica atraentes.

Franco Charais

Penso que a luta contra o obscurantismo, pelo progresso económico, social e político é uma prerrogativa da juventude. Considero que o «DL» se tem mantido inalterável ao lado desta luta, pelo que o considero um dos jornais, apesar da sua idade, mais jovens em Portugal.

Desejo-lhe, portanto, as maiores felicidades na continuação do cumprimento daquele objectivo.

Isabel Barreno Depois do 25 de Abril, por um lado devido à inflação de jornais que houve, o que leio regularmente são semanários, mas quando compro um jornal diário é o «DL».

Vasco Lourenço

Um bom jornal, feito por jornalistas competentes e corajosos. É um dos vespertinos que leio com agrado, sempre que posso. Agrada-me, principalmente, a combinação que consegue fazer entre a informação oferecida ao público e o tratamento mais profundo que, no campo da opinião, faz dos inúmeros assuntos de maior interesse.

Luís Moita

Acho que o «DL» tem um lugar insubstituível no panorama da Imprensa portuguesa, enquanto espaço privilegiado da expressão das lutas contra as forças internas e externas de opressão e de dominação.

Maria Teresa Horta

Para mim o «DL» tem uma importância muito especial, um peso: a importância do peso da memória. Na minha adolescência a leitura do «DL» foi extremamente importante para a minha consciencialização política, para a minha tomada de posição a nível social. Daí, e por razões também afectivas, a importância que o «DL» continua a ter para mim, apesar das críticas que, porventura, eu lhe possa fazer.

Fernanda Alves

O «Diário de Lisboa» é há largos anos «o meu jornal». O que mais me agrada nele, como jornal de esquerda, é a vivacidade e o pluralismo. O que mais me desagrada é o ar incompleto, improvisado, insuficiente, que por vezes ostenta. Não deixa, porém, de ser dos raros jornais legíveis deste País.

Luso Soares

Para mim, é o jornal mais equilibrado que se publica entre nós,. E isso porque a parte informativa é completada por uma parte de comentarismo político, económico, social, cultural, etc. Além disso, o aspecto gráfico agrada-me muito, fica, por assim dizer, nos olhos...

Raul Calado

O «Diário de Lisboa» foi, para mim, o «jornal do meu pai». Desde pequeno habituei-me a ver a guerra (tinha apenas 8 anos em 1939), o nazismo, o mundo pelos olhos da redacção do «Diário de Lisboa». Por isso o «Diário de Lisboa» é tão importante para mim como a D. Judite, professora de Instrução Primária da Escola n.º 12, ou os professores do Passos Manuel, ou os meus pais – formaram-me.

Teresa Ambrósio

É o jornal que leio todos os dias, que mantém com muito interesse algumas páginas de notícias que mostram uma análise de capacidade jornalística e de crítica de esquerda que não se encontra em muitos jornais diários, ainda que não possa também deixar de observar que por vezes se deixa arrastar por algumas intenções menos isentas sobre alguns assuntos partidários.

De qualquer forma sou leitora assídua de A a Z diário do jornal.

Luís Vilas Boas

Não sendo um jornal partidário o «DL» é o jornal diário de toda a esquerda portuguesa. Por isso mesmo considero a sua leitura imprescindível. O único «defeito» que lhe encontro é o de me roubar algumas horas diárias com a leitura do conteúdo bastante rico dos seus artigos de opinião.

José Niza

Um jornal com grandes tradições democráticas no País. Teve um papel importante nos últimos anos do fascismo e durante a preparação do 25 de Abril. Considero-o, dos jornais portugueses, como sendo aquele que jornalística e tecnicamente é dos mais conseguidos, embora do ponto de vista da sua orientação política, tenha algumas discordâncias de carácter conjuntural.

Sá Marques

Bem... Como responder...? Olhe, quando chego a casa, o meu filho mais velho, que só tem 20 anos, aliás, só me faz uma única pergunta... E é esta: «Pai, trouxeste o 'Diário de Lisboa'...?»

Carlos Paredes

Durante o longo período da Censura, o «Diário de Lisboa» acompanhou-me na descoberta da verdade dos acontecimentos do dia a dia. E hoje verifico que para penetrar no mundo intrincado que é o nosso não posso prescindir da leitura do «Diário de Lisboa». Há outros jornais, há. Mas o «DL», como explicar?, dá coisas sob um outro ângulo, vai mais ao fundo das questões, alerta-nos... Torna-nos vivos, enfim!

Diniz Machado

Penso que é um jornal popular, de características muito particulares e que tem uma grande tradição que continua a cumprir.

Maria Belo

Acho que é talvez o jornal que se conseguiu manter, pelo menos até agora, com mais interesse e mais polémico, ou seja, na ponta dos jornais, independentemente da perspectiva de cada um.

José Gomes Ferreira

Penso que é um diário público que Lisboa escreve todos os dias.

Mário Zambujal

O meu pensamento sobre o «DL» está marcado por um sentimento afectivo, uma vez que passei pelo seu quadro redactorial, o que foi para mim um tempo inesquecível.

Hoje como nesse tempo o «DL» tem uma actuação crítica de combate e de defesa dos que mais precisam de ser defendidos.

Abel Pereira

Para mim, o «DL» é o exemplo de um jornal que se manteve ao longo dos tempos fiel a si próprio, com uma tradição de jornal de combate e também de jornal independente.

Manuela Eanes

O «DL» é um jornal marcado desde a sua génese por um característico pendor de intervenção numa sociedade que sempre pretendeu democrática, e que sempre se bateu por uma informação livre e digna.

Certamente que não é por acaso que, pelas suas colunas, passaram alguns dos nomes mais prestigiados de diferentes gerações do jornalismo português.

Hoje, embora não possa estar sempre de acordo com as opiniões expressas pelo «DL», reconheço que é um jornal que ocupa um lugar próprio na informação portuguesa.

Margarida Marques

Sou leitora desde há muitos anos, desde antes do 25 de Abril, do «DL». Penso que, sobretudo antes do 25 de Abril teve um papel muito importante, bem como o jornal «República», na denúncia do fascismo.

Penso que é preocupação do «DL» ter uma informação actualizada e salvo alguns períodos de menor isenção, é de facto um jornal que reflecte um pouco a vida política social e cultural do País. Penso que é um jornal ao serviço da democracia.

Carlos do Carmo

Como leitor do «DL» desde criança sempre através dele aprendi que um jornal transpira a seriedade dos homens e mulheres que nele trabalham. É, pois, o «DL» para mim, além de um bom companheiro, um dos melhores exemplos do que deve ser um jornal ao serviço da democracia.

Varela Gomes

Penso que o «DL» desempenha uma função imprescindível de pedagogia social e política.

Helena Cidade Moura

O «DL» é um espaço criativo, porque é um espaço democrático, porque é um espaço de amizade na medida em que as discordâncias pontuais que possam existir têm sempre explicação lógica. Mesmo que não se esteja de acordo pontualmente admitem-se as discordâncias com lógica. É neste País um exemplo de gestão democrática e de capacidade de lutar por uma informação isenta.

Natália Correia

O «DL» teve muita importância na minha juventude, visto que ele estava ligado a Joaquim Manso, um homem a quem me prendiam fortes laços de afectividade.

Do «DL» de hoje, ocupando uma área ideológica que não é a minha, tenho a dizer que nessa direcção procura praticar uma informação equilibrada, a qual não desce a especular com a vida privada das pessoas ou a um estilo apasquinado.

Herberto Goulart

Leio regularmente o «DL» há 25 anos. Isto diz da minha simpatia por ele.

Penso que é, actualmente, um dos órgãos de informação mais equilibrados, quer no noticiário, quer na análise dos principais acontecimentos nacionais e internacionais.

Jorge Sampaio

Para toda uma geração o «DL» tem sido um símbolo de luta pela liberdade e pela democracia, no quadro de um jornal cultural, e politicamente plural. Os tempos recentes são difíceis, é certo, mas espero que as características e os objectivos da publicação se mantenham.

Costa Gomes

É um jornal independente realmente progressista mas independente, que tem pretendido esclarecer a opinião pública portuguesa sobre os diferentes problemas não só do ponto de vista internacional, como sobretudo nacional, e sobre a forma como pensa que devem ser resolvidos.

José Viana

Pergunta fácil de fazer, mas difícil de responder... Bem, o «Diário de Lisboa» é o jornal que compro há longos anos. Juntos, temos passados bons e maus momentos. E como acontece com as pessoas que convivem longamente uma vez por outra também nos zangamos... Mas depois fazemos as pazes!

Lévy Baptista

Um jornal que é para mim um hábito diário, pela variedade e seriedade da sua informação, pela firmeza da sua posição democrática e pelo nível e diversidade dos seus colaboradores.

Helena Vaz da Silva

O «Diário de Lisboa» é um jornal que eu lia «dantes». É sobretudo por isso que continuo a lê-lo hoje. Mas há mais: apesar de lacunas de informação, apesar de, às vezes, tapar os olhos ou abrir só um, para ver o que lhe convém, o «Diário de Lisboa» continua a manter um tom de dignidade que aprecio. E, sendo todos iguais, o «Diário de Lisboa» sempre é menos igual que os outros.

César Torres

Penso que é um jornal de grande dimensão quer no que diz respeito às áreas que cobre. quer aos assuntos que trata.

Pensa que haverá novo golpe militar em Espanha?

Jorge Miranda

É possível que venha a haver, mas julgo pouco provável.

Helena Roseta

Espero ardentemente, como democrata e amiga do povo espanhol, que isso não venha a suceder. Julgo que a democracia espanhola já atingiu uma maturidade que lhe permite evitar essa eventualidade, que se viesse a acontecer seria tão nocivo para Espanha como para Portugal.

Chalana

Nunca se sabe o que é o mundo. Quando menos se espera acontecem as coisas. Penso que não haverá outro golpe, mas é uma incógnita.

Eng. Caldeira Rodrigues

Não posso estar dentro do pensamento dos golpistas, mas que há golpistas que estão a cogitar o golpe, isso não tenho dúvida nenhuma. Todavia, se tiverem o atrevimento de o realizarem também tenho a esperança de que o povo espanhol lhe dê a devida réplica.

Prof. Delgado Domingues

O modelo económico adoptado pela Espanha e que aspirava à sociedade de consumo entrou em crise irreversível quando começava a colher alguns dos esperados benefícios.

As dificuldades surgidas são facilmente associadas à mudança de regime político e tanto mais quanto menos se assumem e explicitam perspectivas coerentes e realistas de futuro.

É a fuga para a irracionalidade que gera os totalitarismos. As forças políticas, nas democracias nascentes, confundindo com demasiada facilidade desejos com realidades e palavras com acção, são os principais factores da sua própria queda. Em Espanha, as motivações profundas que estiveram na origem de tentativas de golpes de Estado permanecem. Em contexto de grande crise internacional como a presente a situação é extremamente preocupante.

António Paulouro

Sem minimizar o trabalho do rei Juan Carlos, a Europa só de má vontade aceitaria o regresso a um capitalismo franquista. Mas, como a Turquia mostrou, há formas de conseguir esses regressos. Por outro lado, Reagan é um estímulo. E quando a mentalidade castrense está enraizada, firmada numa pseudo-grandeza e o aparelho militar intacto, tudo é possível.

Rogério Paulo

Penso que se as forças democráticas em Espanha não souberem defender-se tudo é possível. Por isso mesmo caber-lhes-á evitar que isso aconteça, porque nós portugueses não podemos esquecer que o golpe do 28 de Maio de 1926 foi precedido de um outro que falhou.

Fernando Mamede

Na minha opinião, dificilmente haverá em Espanha um golpe de Estado de direita bem sucedido. Porque a Espanha é um país a caminho da Europa, onde se irá mais cedo ou mais tarde integrar.

Agustina Bessa Luís

Não é preciso. Há estratégias que se consumam na tentativa.

Óscar Lopes

A Espanha eliminou alguns dos males mais clamorosos do franquismo, mas manteve intacta grande parte do antigo aparelho do estado, inclusivamente a hierarquia das forças militares. Não admira, portanto, que ainda perdure a inquietação acerca de possíveis golpes, e isso deveria servir como séria advertência para aqueles que, em Portugal, procuram manter a ilusão de que a democracia poderá estabilizar-se ou sequer mesmo subsistir se se afastarem da chefia das Forças Armadas todos os homens do 25 de Abril, a favor duma hierarquia favorável aqueles que estão empenhados em reconstituir as grandes concentrações do poder económico e a dependência incondicional em relação às potências imperialistas.

Franco Charais

Estou convencido que os países que emergiram de regimes fascistas ou fascizantes correm sempre o perigo de golpes de Estado de direita, estes sempre necessariamente executados por forças armadas ou militarizadas, enquanto os sistemas democráticos que procuram implementar ou desenvolver não estiverem devidamente estabilizados. Como possivelmente a construção de uma sociedade democrática ainda não está devidamente estabilizada em Espanha é possível a emergência de um golpe de direita apoiado por forças militares, mas estou convencido que Espanha e o seu povo já criaram as energias e as forças suficientes para evitarem que golpes deste tipo tenham sucesso. E a prova é que o último não teve.

Isabel Barreno

Até há muito pouco tempo diria que não ou que se houvesse era incipiente e sem significado. Agora, com esta nova política externa americana a gente põe-se a pensar e fica inquieta. Em resumo: preferia acreditar que não é possível.

Vasco Lourenço

Em primeiro lugar interessa esclarecer se o golpe terá ou não falhado. Não vou analisar o assunto em pormenor, mas dir-lhe-ei que considero ter tido sucesso – ainda que não aparente – um dos golpes que estavam em marcha.

O que é um facto é que, hoje em dia, o verdadeiro poder em Espanha está nas mãos dos militares. Dir-lhe-ei mais: ainda que oficialmente não se viva em período de transição, como em Portugal, existe menos democracia em Espanha do que no nosso País. Quanto a haver um outro golpe de Estado em Espanha, poderá não ser visível a sua existência, poderá verificar-se apenas o referendo de uma nova Constituição cozinhada nos bastidores, sob a imposição dos militares, mas do que estou convencido é que se consumará um autêntico golpe de Estado.

Pelo menos acredito que a tentativa será feita...

É evidente que esta é uma opinião meramente pessoal, como cidadão que analisa e observa a cena política internacional.

Luís Moita

A minha impressão é que o que foi feito resultou para as forças franquistas. Tanto quanto compreendo as principais forças democráticas, nomeadamente o PSOE e o PCE, estão simplesmente a negociar a sua futura margem de manobra. Veremos o desenvolvimento das lutas populares.

Maria Teresa Horta

A minha resposta, qualquer que ela fosse, seria despropositada, uma vez que não estou bem dentro do que presentemente está a acontecer em Espanha.

Fernanda Alves.

Na Espanha dita democrática, as rédeas dos poderes político e económico, da Polícia e do Exército, encontram-se nas mesmas mãos que os detinham no tempo do franquismo – o pessoal é o mesmo, os interesses idênticos. Infelizmente, o passado não acaba de passar e parece infectar todo o organismo de uma democracia que, por isso, carece de real autenticidade. Contudo, se o reforço da democracia não se faz nos seus próprios termos, aquilo que devia ser o derradeiro estrebuchar do franquismo, pode ter sido o despoletar de uma situação muito mais grave e incontrolada do que a de Fevereiro.

Luso Soares

Creio que sim. Ainda um dia destes estive em Espanha e li pelas paredes numerosas provocações de direita. Nessas inscrições, fazia-se o elogio de Tejero de Molina, louvando-se o seu «patriotismo» e pedindo-se aos seus adeptos que actuem. Enfim...

Raul Calado

Com a informação de que disponho, tudo me leva a crer que, a curto prazo, haverá novas tentativas de golpe de Estado em Espanha — porque, aparentemente, estão criadas as condições para isso. Agora, se resultam ou não, depois se verá. Só a educação cívica permite estabilizar a democracia.

Teresa Ambrósio

Tenho receio de que isso volte a acontecer. É realmente uma democracia muito instável aquela que vemos neste momento em Espanha, e o que se passa, resultante do facto de se ter deixado aparecer à luz do dia muitos focos políticos de contestação democrática deve, a nós portugueses, colocar-nos de sobreaviso.

Luís Vilas Boas

Creio que se poderá verificar um novo golpe já que a situação espanhola ainda não se encontra totalmente clarificada. Ao contrário do que aconteceu em Portugal nos difíceis anos 74/75, a Espanha não conheceu a aprendizagem política que o nosso povo e as nossas instituições tiveram.

José Niza

Quando o golpe ocorreu, lembrei-me imediatamente do nosso 16 de Março das Caldas da Rainha. Receio, atendendo a que não há Democracia sem democratas e que em Espanha a maioria esmagadora das chefias militares vem do tempo do franquismo, que se continuem a verificar potencialmente condições ou tentações para um novo golpe militar de direita.

Sá Marques

Acho, sim. Pois se as pessoas que tentaram o golpe de Estado lá continuam no exercício de importantes funções . . .

Carlos Paredes

Penso que não. E isso porque a frustração do primeiro golpe não foi obra do acaso . . . Na minha opinião, os próprios militares de direita em Espanha não estão interessados em arrastar o país para aventuras que, isolando-o, o afastariam da Europa.

Diniz Machado

Outra tentativa de golpe em Espanha . . .? Não, não acredito que haja.

Maria Belo

Penso que não é fácil fazer um golpe de Estado num regime democrático e que um golpe de Estado em Espanha não será fácil.

José Gomes Ferreira

A Espanha merece melhor sorte!

Mário Zambujal

Pelo menos não quero pensar...

Abel Pereira

Na Espanha de hoje tudo é possível. Há as forças democráticas que pretendem impor-se e que eu espero consigam vencer a batalha. Mas também há condicionalismos que limitam a vitória dessas próprias forças e tornam possível que qualquer coisa inesperada aconteça, o que nós esperamos não se verifique.

Manuela Eanes

Apesar de não ser especialista em futurologia, nem pretender imiscuir-me em assuntos internos do país irmão, creio não constituir uma ingerência, o facto de não desperdiçar a oportunidade que a formulação desta pergunta me faculta, para manifestar a sincera esperança de que a democracia se consolide em todos os seus diferentes aspectos, na Península Ibérica.

Creio convictamente que os espanhóis, tanto como os portugueses, aspiram a viver em liberdade e em paz como os outros povos da Europa Ocidental.

Margarida Marques

O que penso é que o regime democrático não está ainda completamente institucionalizado e que as forças conservadoras e de direita continuam a ter um peso importante, sobretudo na estrutura militar.

Carlos do Carmo

Primeiro – Não houve 25 de Abril em Espanha: Segundo – A extrema direita espanhola é fortíssima. Terceiro – A situação internacional é extremamente tensa. Quarto – Melhor do que eu talvez a administração Reagan vos saiba responder melhor à pergunta.

Varela Gomes

Penso que vai haver outra tentativa de golpe em Espanha. Quando as Forças Armadas não são democratizadas devidamente esse risco é permanente. E não só em Espanha.

Helena Cidade Moura

Penso que sim, porque penso que a Revolução espanhola está por fazer. Houve uma evolução formal, mas não houve uma revolução de estruturas. É natural que os golpes se sucedam.

Natália Correia

São visíveis os sinais preocupantes. Houve um apelo de todos os partidos para que as Forças Armadas interviessem na luta contra o terrorismo, mas esse facto inevitável pode comportar uma situação tal como uma ocupação militar do País Basco, cujas consequências se inscrevem em hipóteses que nem sequer quero nomear.

Herberto Goulart

Cotejando os processos de democratização em Portugal e em Espanha verificamos que lá as FA tiveram uma atitude passiva perante o processo, enquanto em Portugal foram primeiro seus estimuladores e depois seus garantes. Diferenças de idêntico sentido se verificam também em relação à participação popular. Portanto, com umas FA que não foram saneadas, os riscos de uma pressão de direita em Espanha para um golpe militar são sempre elevados.

Jorge Sampaio

Não faço futurologia sobre a complexa situação espanhola.

Costa Gomes

Não conheço suficientemente a situação em Espanha para poder fazer prognósticos, mas entendo que as forças democráticas espanholas são suficientemente fortes nesta altura para evitar um golpe de Estado.

Levy Baptista

Em Espanha não houve uma revolução na transição do franquismo para o pós-franquismo. As Forças Armadas e militarizadas não foram depuradas e o seu peso na política espanhola é ainda decisivo. Proliferam nelas muitos nostálgicos do passado, que, ao serviço de forças políticas de direita e de extrema-direita, não resistem à tentação de atacar as questões sociais com os canos das espingardas. O risco de uma nova tentativa de golpe reaccionário mantém-se.

José Viana

O golpe de Estado está latente em Espanha. Em muitas cabeças. Mesmo que se não venha a concretizar de uma forma objectiva, isto não significa que se não concretize através de formas mais sofisticadas: obstrução, desestabilização, etc.

Helena Vaz da Silva

Consultados os astros, eles dizem que talvez. Como sempre.

Cesar Torres

Espero bem que não. Penso que será bom que nesta zona da Europa as pessoas se habituem à ideia de viver em democracia como nos outros países europeus e consequentemente não podemos estar sujeitos a mudar de estruturas apenas porque determinados sectores pretendem, por meios antidemocráticos, alterar aquilo que o povo escolheu através do voto.

UM RIGOROSO EXCLUSIVO «DIÁRIO DE LISBOA»

Sete jornalistas espanhóis revelam histórias secretas do golpe falhado

Todos para o chão!

«Todos al suelo» é a história de um golpe de Estado fracassado e de uma conspiração que continua. Sete jornalistas espanhóis formaram equipa para a contar, numa reportagem de duzentas páginas, que vai ser muito brevemente, lançado entre nós. O «Diário de Lisboa» conseguiu, em rigoroso exclusivo, um acordo para publicação de um capítulo da reportagem. É esse texto que publicamos aqui.

Os autores do livro são os jornalistas José Angel Esteban e José Luis Martinez, de «La Vanguardia», Bonifacio de La Cuadra, de «El Pais», Juan Van den Eynde, «free lancer», Rosa Lopez, da «EFE», Fernando Jauregui, do «Diário 16» e correspondente do «Diário de Lisboa», e Ricardo Cid Cañaveral, de «La Calle».

Carmen é uma mulher forte e colaboradora. Ajuda seu marido em tudo, anima-o, diz-lhe que isto está intolerável e os políticos vão-nos levar ao caos, como os dois sabem e todos os espanhóis podem compreender, quando tudo está sujo e não há honra, com as ruas cheias de delinquência, o separatismo e a droga.

Há muito que fazer. O tenente-coronel da Guarda Civil António Tejero é um homem público chamado a altos destinos. Nunca evitou enfrentar problemas e até riscos. Carmen Dias Pereira de Tejero, tão-pouco.

Corre o mês de Novembro. Carmen e António têm-se dado com um amigo comum, advogado de nome Arturo de Gregorio. É um homem de confiança, ainda que não se lhe possa explicar tudo por questões de segurança.

Arturo de Gregorio pensa, como eles, que é muito grave o que acontece na Espanha, que são intoleráveis a desordem, a proliferação de bandeiras catalãs e bascas, a falta de respeito pela unidade e a Bandeira. Arturo trabalhou, nos tempos de Franco, no Sindicato de Actividades Diversas, do vertical, onde foi organizada a matança de Atocha, o assassinato de advogados comunistas, pouco antes da intolerável legalização do Partido Comunista. Arturo é também bom amigo de Garcia Carrés, que era presidente desse sindicato e, igualmente, amigo cordial de Tejero.

Autocarros de saldo

– A questão – começa António – é que um pequeno empresário basco, meu amigo desde que estive em San Sebastian, está ameaçado pela ETA e quer vir para Madrid. Não quer que se saiba o seu nome, claro, questões de segurança.

– Imagina o que lhe pode acontecer – assinala Carmen, com gesto severo.

Arturo de Gregório mostra-se absolutamente compreensivo.

– Então – continua António – este homem pensou abrir uma pequena empresa de autocarros. Queria cinco ou seis autocarros em segunda mão, dos mais baratos que se possam encontrar, que funcionem, claro, uma empresa para transporte escolar e coisas assim...

Carmen tem o tema esclarecido na cabeça:

– Não poderia gastar mais de dois ou três milhões de pesetas mas, evidentemente, pagos a pronto.

Arturo de Gregório aceita encarregar-se do assunto e procurar por aí esses autocarros. Tem múltiplos contactos, colabora em dezenas de pequenos negócios e assuntos semelhantes. Logo continuam a falar sobre os assuntos de sempre, o que os apaixona e os preocupa: a política, o Exército. A questão deve estar resolvida, o mais tardar, num par de meses. O fiel amigo tê-los-á nesse prazo.

Apenas um mês mais tarde, Arturo de Gregório entra em contacto com Martin Heredero, outro amigo, a quem explica o assunto porque é parente de Martin Berrocal, accionista principal das empresas de transportes Larrea e La Sepulvedana, ambas entre as principais dedicadas ao transporte de passageiros.

Há seis autocarros que terão quinze anos mas estão em bom estado. São da Larrea e Martin Berrocal mostra-se disposto a vendê-los por bom preço, em parte porque lhe interessa desfazer-se deles e em parte porque é tudo entre amigos. Arturo chama uns peritos para que vejam como estão os autocarros. Os peritos dizem que estão bem.

A trinta de Dezembro, o casal Tejero acorre a assinar o contrato. Os autocarros ficarão em nome de Carmen Diaz Pereira. Ninguém parece estranhar isso: já se sabe que há problemas por todo o lado.

Ninguém parece estranhar, também, a morada que figura no contrato: Rua Guzmán el Bueno, 110, em Madrid.

A Direcção-Geral da Guarda Civil está na Rua Guzmán el Bueno, 110.

Os seis autocarros com o letreiro «Larrea» nos lados e atrás, trazem uma indicação de «transporte escolar» visível no pára-brisas. São de cor creme.

Plásticos Linobela
DE
FABRICOPLÁSTICOS
ADELINO FABELA
FÁBRICA DE PLÁSTICOS ESPECIALIZADA EM ACESSÓRIOS INDUSTRIAIS
TELEFONES: 910268-912035 – RUA CERÂMICA DE VALADARES, N.º 9
4400 VALADARES – V. NOVA DE GAIA

Todos para o chão!

O coronel recruta

Na segunda-feira vinte e três, de manhã, o coronel da Guarda Civil, Miguel Manchado está animado e agitado: Vai reunindo graduados no «seu» agrupamento de Trânsito da Rua Príncipe de Vergara de Madrid, antes (quando ainda não tinham chegado à Câmara de Madrid socialistas e comunistas) general Mola.

À hora de jantar, entram no agrupamento seis autocarros de passageiros, um pouco velhos, mas limpos, de cor creme.

No dia vinte e cinco de Janeiro, Arturo de Gregório leva António Tejero ao Polígono Sanitário de Fuenlabrada. Ali, na nave 417 do Polígono de Saneamento, estão os seis autocarros pelos quais o tenente-coronel e a sua esposa pagaram dois milhões e meio de pesetas. António Tejero fica com as chaves dos veículos e da nave.

No dia 23 de Fevereiro, o telejornal das três da tarde refere-se à previsível investidura de Calvo Sotelo como presidente do Governo. Também se refere o telejornal ao desconhecimento do paradeiro que, como é habitual, mostra a Polícia, que realiza busca para encontrar os três cônsules de vários países (El Salvador, Áustria e Uruguai) sequestrados pela ETA, três dias antes. No dia anterior fora decidida pela autoridade judicial a reabertura do inquérito ao assassinato de Yolanda Gonzalez, às mãos de jovens fascistas vinculados à Fuerza Nueva, caso ocorrido justamente um ano antes, e que tinha sido arquivado havia alguns meses.

Enquanto a maioria dos deputados, aterrorizados, esperam o pior do fanático Tejero, o chefe operacional do golpe mantém o «clima», nunca deixando de apontar a arma mesmo enquanto, como a imagem documenta, ajeita o tricórnio com a mão esquerda

Missão resgaste

Alguns, entre os mais leais e seguros, dos guardas civis de trânsito sabem que se dirigem a uma acção patriótica importante. Outros sabem somente que às quatro há que passar revista às armas, algo rotineira. Depois da revista os oficiais comentam aos graduados que há que fazer um «serviço especial».

O tenente-coronel António Tejero chega às seis da tarde ao aquartelamento de Príncipe de Vergara. Leva uniforme de passeio e tricórnio, os olhos a saltar das órbitas e os bigodes murchos. Um oficial está a ler aos quase quinhentos guardas civis a Ordem de Serviço. António Tejero chega ao pátio. Diz que é preciso «salvar a honra da Espanha». Diz que há que estar ao serviço do Rei. Pergunta quem quer salvar essa honra.

Pede que quem quiser participar no salvamento dê um passo em frente. Quinze oficiais do Corpo Benemérito estão atrás de Tejero. Vão ordenando, com fervor e com a metralhadora:

Para os autocarros.

Estão de abalada. Um dos oficiais ainda tem tempo de perguntar ao graduado que está a sair com um automóvel se quer juntar-se à acção patriótica que se preparam para realizar. Entretanto, um capitão comenta: — Temos que salvar a Espanha.

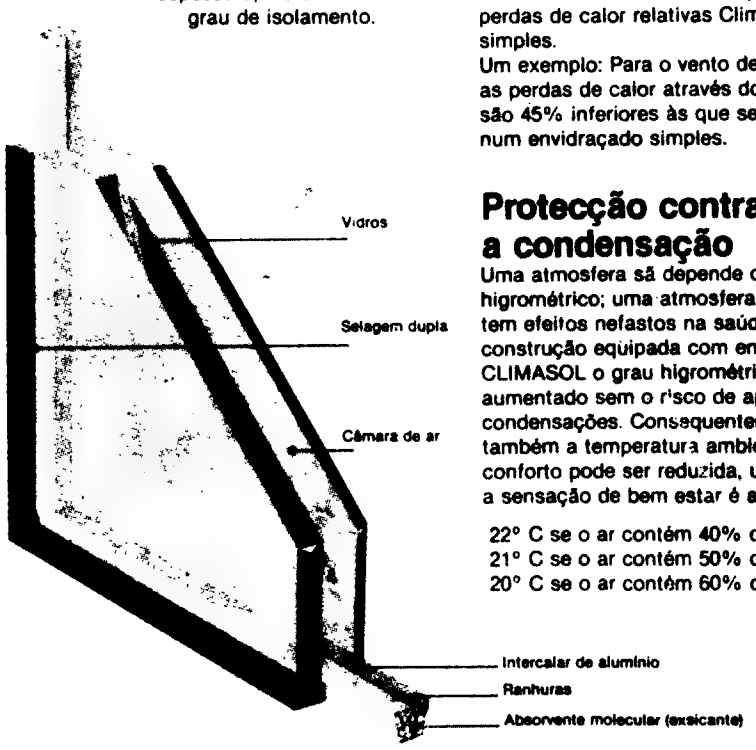
Os dois guardas civis que estão mais próximos dele concordam, sérios e decididos. Apertam com mais força as pistolas-metralhadoras. Sobem para os autocarros, à pressa, com muita pressa, entre gritos de «venha, venha». Incorporam-se

ESPIRAL - OT 2498

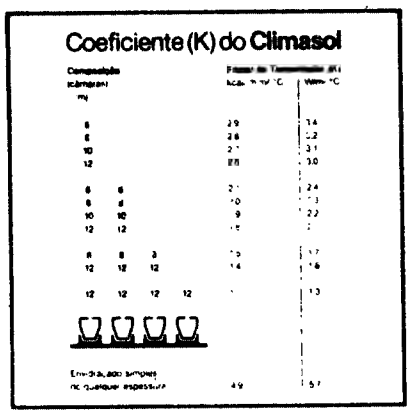
COM climasol CONSTRUIMOS CONFORTO

ENVIDRAÇADO ISOLANTE TÉRMICO E ACÚSTICO. CLIMASOL ISOLA DO FRIO E DO CALOR; DOS EFEITOS TÉRMICOS DO VENTO; DOS RUÍDOS EXTERIORES. CLIMASOL SUPRIME A CONDENSAÇÃO NAS VIDRAÇAS; PERMITE REDUZIR O FUNCIONAMENTO E A POTÊNCIA DA APARELHAGEM DE CLIMATIZAÇÃO.

Protecção contra o frio O elemento isolante térmico do envidraçado é constituído pela câmara de ar desidratado existente entre os vidros que formam o CLIMASOL. Quanto maior for o número de câmaras e a sua espessura, maior será o grau de isolamento.



Coeficiente global de transmissão térmica (K) do climasol

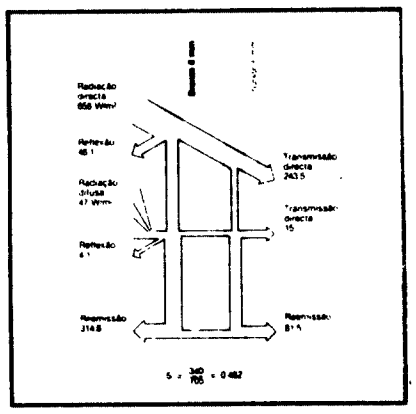


Efeitos térmicos do vento O vento frio, actuando sobre um envidraçado, expulsa as calorias da superfície, aumenta as correntes de convecção e acelera, por consequência, o seu arrefecimento.
Conforme as zonas eólico-climáticas, obtêm-se diferentes valores para as perdas de calor relativas Climasol/vidro simples.
Um exemplo: Para o vento de 65 Km/h, as perdas de calor através do CLIMASOL são 45% inferiores às que se verificam num envidraçado simples.

Protecção contra a condensação
Uma atmosfera só depende do grau higrométrico; uma atmosfera muito seca tem efeitos nefastos na saúde. Numa construção equipada com envidraçados CLIMASOL o grau higrométrico pode ser aumentado sem o risco de aparecerem condensações. Consequentemente, também a temperatura ambiente de conforto pode ser reduzida, uma vez que a sensação de bem estar é a mesma:

22° C se o ar contém 40% de humidade
21° C se o ar contém 50% de humidade
20° C se o ar contém 60% de humidade

Controlo da transmissão térmica Independentemente das soluções clássicas (para-sóis, estores...) é possível reter uma parte sensível da energia térmica emitida pelo Sol, utilizando na composição do CLIMASOL um vidro filtrante atérmico ou reflectante (para o exterior) e um vidro incolor (para o interior). Estas composições, além das vantagens próprias do CLIMASOL normal, oferem uma protecção adicional contra a radiação solar, particularmente por absorção energética no caso do vidro atérmico ou por reflexão no caso do reflectante.



climasol
Factor de conforto e economia na moderna construção

Fabricado pela COVINA

COVINA — Companhia Vidreira Nacional, SARL • Direcção de Vendas - Serviço de Acção e Promoção Comercial (SAPC) • 2826 S.ta Iria de Azóia Codex
Tel.: 259 15 25 — Telex 12843 P

Solicito envio de documentação técnica sobre produtos de vidro para construção nomeadamente dos envidraçados isolantes CLIMASOL

NOME

MORADA

GITUS

FÉRIAS DE VERÃO

TUDO INCLUÍDO

CIRC. DA BULGÁRIA	(15 dias) — DESDE	39.700	ESC.
CHECOSLOVÁQUIA	(11 «) — «	34.200	«
CUBA	(15 «) — «	61.000	«
FINLÂNDIA	(8 «) — «	39.850	«
HUNGRIA (intercâmbio)	(11 «) — «	37.600	«
LONDRES	(8 «) — «	23.600	«
VIETNAME	(15 «) — «	92.000	«
URSS	(15 «) — «	41.500	«

MEIA-PENSÃO

CIRC. DA ANDALUZIA	(7 dias) — DESDE	13.820	ESC.
ITÁLIA (Roma)	(8 «) — «	31.160	«

E AINDA ALGARVE, MADEIRA, AÇORES E SUL DE ESPANHA

CONSULTE-NOS

GITUS

NOME . . . . . .
MORADA . . . . . .
COD. POSTAL LOCALIDADE
. . . . . TEL.:
DL

Todos para o chão!

às forças alguns indivíduos à paisana, que também vão armados. Sobem aos autocarros que, ainda levam na frente a indicação: «Transporte Escolar».

A hora H

Às seis e dezassete minutos, os seis autocarros estão a chegar à Praça de Neptuno, frente ao hotel Palace. Em cada autocarro os oficiais apontam o objectivo:

– Vamos salvar os deputados e o Governo que foram atacados por um comando da ETA.

– Vamos salvar a Espanha – insiste outro capitão que, pelomenos, já o repetira umas seis vezes ao longo do percurso.

– Vamos ocupar o Congresso.

A tarde está cada vez mais fria e mais ventosa. É um dia triste, esta segunda-feira, vinte e três de Fevereiro. Há pouca gente na Rua de São Jerónimo, empinada e ampla ladeira, desde a Praça de Neptuno, com o seu deus de tridente rodeado de repuxos, e a outra encosta, atrás, sobre a qual se ergue a igreja dos Jerónimos. No cinema Palace passa uma comprida e gélida película soviética: «Silberiada». No hotel Palace penetra um grupo de turistas estrangeiros de luxo.

Os autocarros estacionam junto à grade que separa o edifício do Congresso das modernas dependências recém-inauguradas. Há no pátio nove graduados de Polícia Nacional. Guardas civis e paisanos, que desceram dos autocarros pelo lado da calçada, dirigem-se aos polícias e apontam-lhes as armas:

– Não é nada convosco, companheiros, mas se vos mexeis disparamos.

Entretanto, a tropa desce rapidamente pelo lado do passeio. O tenente-coronel António Tejero vai à cabeça com a pistola regulamentar na mão.

Não se passa nada

– Em nome do Rei!

Vocifera um indivíduo; vestido com o uniforme da Guarda Civil, quando cruza o umbral da porta que dá acesso ao edifício do Congresso.

– Mas . . . que é isto?

Pensa o graduado da Polícia Nacional que vigia a luxuosa porta, roçando o seu uniforme contra as maçanetas douradas, o cérebro a tentar explicar a que se deve esta entrada, em tropel, de dez, trinta, oitenta, cem homens de uniforme verde, de tricórnio e de gorra.

– Deus meu!

Gagueja um porteiro, ao mesmo tempo que inicia uma corrida desesperada para os aposentos interiores, procurando a porta que conduz ao hemiciclo.

– Tejero, golpe! Tejero, golpe!

Grita José Luis Martínez, correspondente de «La Vanguardia», fugindo precipitadamente da carga dos tricórnios. A figura cónica, embigodada do tenente-coronel galáctico não

engana nem um segundo o jornalista.

– Carlos Navarrete Marino.

Dita da tribuna dos oradores Victor Carrascal, primeiro secretário do Congresso, perseverando na sua litania de votantes nominais.

– Não.

Responde Carlos Navarrete, erguendo-se apenas o suficiente para que a sua figura possa ser vista pelo secretário do Congresso. Senta-se veloz, deixando correr um suspiro prolongado.

– Vamos, rápido!

Ordena enérgico um dos homens de uniforme que exibe divisas de oficial, enquanto vai distribuindo um grupo de seus subordinados, os dedos roçando os gatilhos das armas, as pernas iniciando uma corrida sobre a grossa alcatifa que recobre o soalho. Há uma gritaria abrupta, como de um tropel, que cresce no corredor e que se estende, a pouco e pouco, a todo o edifício.

– Manuel Nuñez Encabo.

Persiste Victor Carrascal, como de memória. Os olhos voltam-se levemente para a esquerda, os seus ouvidos recolhem uma estranha e inabitual agitação.

– Que é isto?

– Pergunta-se Landelino Lavilla, presidente do Congresso dos Deputados, indicando aos contínuos que lhe protegem as costas para averiguarem as causas da desordem.

– Não.

Vota Encabo.

– Vós por ali.

Ordena o oficial, aos gritos, à medida que o corredor se converte em enxame, de que se destacam duas figuras com a segurança de quem conhece, até aos últimos recônditos, a colmeia. Ao lado, imitação de guerra: veredas atapetadas, percorridas por guerreiros de mãos enluvadas. Avançam, sem dúvidas, sem uma hesitação, como identificando uma zona analisada em rigorosas sessões de cartografia militar.

– Não . . . Que se passa?

Pergunta, agora, Victor Carrascal. Estende-se ao microfone a sua dúvida e até ao hemiciclo chega algo mais que um alvoroço, um ruído áspero, seco que atravessa as portas da sala.

– Algo . . . neste momento ouve-se um golpe muito forte na Câmara. Musita Rafael Luis Diaz, jornalista da Cadeia SER, que colou a sua boca ao microfone, vai transmitindo da tribuna da Imprensa.

Ouve-se um disparo.

– Que se passa?

Insiste Victor Carrascal, erguendo os olhos sobre os óculos, coincidindo com alguns deputados que se levantam nas bancadas, observando os contí-

NA CAMBRIDGE SCHOOL
OS SEUS FILHOS TÊM 8 ANOS DE CURSOS CONTÍNUOS

1st year children, 2nd year children, 3 º grau, 4 º grau, 5 º grau, 6 º grau, Cambridge First Certificate, Cambridge Certificate of Proficiency

Cursos paralelos em francês e alemão

cambridge school

LISBOA. AV. DA LIBERDADE TEL. -554780 · -554789
GUERRA JUNQUEIRO TEL. -884544 · -899601
BENFICA TEL. -734329 · -703638
ALMADA TEL. 2760234 · 2753218
PORTO: TEL. 560380 - 561130

Peça brochura

APA - CS 1/81

Sr. Camionista
Ao conduzir um veículo pesado, tome todas as precauções para uma boa arrumação da carga.

circular e viver.

GUIA-Mor

a informação sistematizada por sector de actividade económica

Escritório
Têxtil Calçado
Agricultura Pecuária
Construção Civil
Química Industrial
Electrotecnica Metalomec
Indústria Hoteleira

Guião, sarl. LISBOA PORTO COIMBRA TOMAR FARO

Todos para o chão!

nuos de Lavilla que forcejam à porta.

– Em nome do Rei!

Ouve um deles do outro lado da porta.

– ...não sabemos o que é porque...

Conta Rafael Luis Diaz, Santiago Carrilo, secretário-geral do Partido Comunista de Espanha, acende o enésimo charuto da tarde.

– Que ruído é esse?

Pergunta Eduardo Punset, ministro em exercício para as Relações com a Comunidade Económica Europeia, desgrenhado, com a melena eriçada e agarrado ao braço de um contínuo.

– ...não sei o que se passa, deixo-te, deixo-te, ...tenho que voltar.

Volta.

Inmaculado Gomez Mardones, cronista da Gaceta Ilustrada, que sai correndo para a tribuna da Imprensa, confundindo-se com o alvoroço de vozes no corredor.

Acabam de entrar uns homens, uns homens armados, disparando tiros!

Responde histérico o contínuo, enquanto o ministro Punset se refugia na poltrona azul, precipitadamente. Landelino Lavilla levanta-se. Um murmúrio ergue-se entre os deputados, já de pé.

– Quieta toda a gente!

Grita um indivíduo vestido de guarda civil que conseguiu entrar no hemiciclo, com a pistola empunhada. Como um ritual, diante do espelho que é a Câmara, ajeita o tricórnio na sua cabeça, descansa a pistola e inicia o passeio.

– ...a Polícia, a Guarda Civil entra neste momento no Congresso dos Deputados.

Narra Rafael Luiz Diaz, de pé, inclinado para diante, uma mão segurando os óculos e outra empunhando, apertando o microfone.

– A í estão, agora....

Enquadra no visor, dispara Manuel Hernández de León, fotógrafo da EFE, enquanto os estalidos da sua máquina se esfumam entre gritos e outros disparos de objectivas.

– Toda a gente quieta!

Olhando ao redor, impassível o gesto, o guarda civil rodeia a mesa do Congresso e alcança a tribuna dos oradores. Baixou o tricórnio, seu rosto começa a revelar-se: fartos bigodes, olhos iluminados, um todo vagamente familiar.

– ...Há um tenente-coronel que com uma pistola sobe à Tribuna... está apontando a pistola... Entram mais polícias... entram mais polícias.

Rafael Luis Diáz, transmite.

– Todos quietos!

– Alto! Não é nada!

– Para o chão!

– Nada de metralhadoras aqui!

Manuel Gutiérrez Mellado, tenente-general do Exército, primeiro vice-presidente do Governo em exercício, ordena, grita, confronta-se. Seis, oito, dez, catorze guardas civis invadiram o hemiciclo.

– Cala-te.

Tejero de Molina de pistola em punho e ar ameaçador

Ao tenente-general Gutiérrez Mellado responde um sujeito com anorak verde, calças de vaqueiro e metralhadora na mão direita.

– A quem obedecem? Quem os manda?

– Ao tenente-gene...

– Aqui o único tenente-general sou eu e ordeno-lhes que entreguem as armas.

Há um guarda civil que o empurra, mais dois o rodeiam, o resto afasta-se, toma posições.

– Silêncio!

– ... está apontando ao presidente do Congresso de Deputados uma pistola e vemos como... vemos a Polícia...

Rafael Luis Diáz sussurra.

– Para o chão!

– Toda a gente para o chão! Todos ao chão!

Santiago Carrillo, de pé, fuma. Suárez abandonou o seu lugar. Há guardas civis por todo o lado. Gritam nos corredores, gritam no bar, gritam nas tribunas, gritam no hemiciclo. Desordenadamente.

– Não podemos emitir mais porque nos estão apontando... levam... levam metralhadoras...

Rafael Luis Diáz apaga-se.

O tenente-coronel da Guarda Civil levanta os braços: a mão esquerda aberta, na direita a pistola, empunhada com suavidade.

Nas poltronas, azuis, separados pelo corredor crntral, Juan José Rosón, Ministro do Interior em exercício e Jesus Sancho Rof, Ministro das Obras Públicas e Urbanismo, em exercício, velhos amigos? trocam um olhar de inteligência.

– Tejero! O da Galáxia...!

Tejero dispara. Gaguejam as metralhadoras. Os guardas civis não olham param onde disparam. Gutierrez Mellado permanece firme no centro do hemiciclo, Suárez, tensos os músculos faciais, está sentado. Todos os deputados se arojam ao solo. Peces-Barba cai sobre Alfonso Guerra. Eulalia Vintró, aterrorizada, suplica a Carrillo.

– Santiago, baixa-te. Não sejas louco, baixa-te!

Deixa-me em paz! Não me vou baixar!

Carrillo, rígido, com as mãos sobre a bancada, fuma, nem pestaneja.

Na sala da guarda, alguém tenta sacar uma pistola. Dois disparos no tecto cortam a intenção. Os restantes desistem e atiram-se para debaixo das mesas. Uma bala aloja-se a um palmo dos pés dos jornalistas. Quatro no tecto da tribuna. Um cristal desprende-se da cristaleira e acerta no nariz de Sagaseta, o rebelde deputado canário, que sangra.

– Não apontes a câmara, que te mato. Desliga isso, desliza, desliga isso.

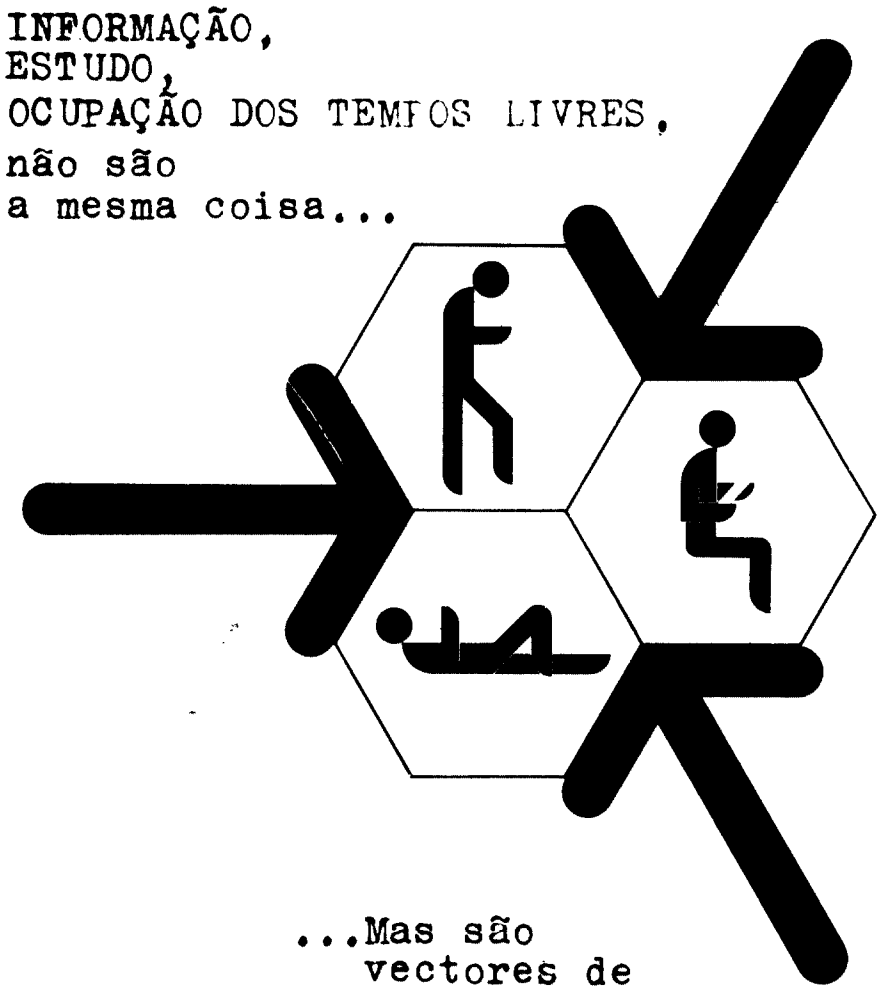
O camera-man da RTVE apaga a luz-piloto e o contraste. A câmara continua a filmar.

– Vamos, vamos, parai!

Tejero quer deter os seus homens que afrouxam os dedos sobre os gatilhos.

O tenente-general Gutiérrez Mellado repreende de novo os

Para nós
INFORMAÇÃO,
ESTUDO,
OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES,
não são
a mesma coisa...



...Mas são
vectores de
uma mesma vontade:
CONSTRUIR FUTURO.
Por isso dizemos

Na estrada do futuro editorial CAMINHO

Dimensão 6

MUNDET

– UM NOME
– UMA MARCA QUE SE PROJECTA NO MERCADO MUNDIAL
– MAIS DE UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NA INDÚSTRIA CORTICEIRA
– UMA EMPRESA EM RITMO CONSTANTE DE VALORIZAÇÃO AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

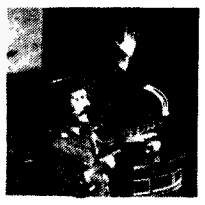
TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA

AS MELHORES ROLHAS
PARA OS MELHORES VINHOS

MUNDET & C.ª, Lda.

TELEFONE 2213090
SEIXAL-PORTUGAL

TELEG. MUNDET
TELEX-12603-P



Todos para o chão!

guardas civis.

Tejero desce da tribuna, e ajudado por dois assaltantes, prega uma rasteira traiçoeira no general.

– Tu és o mais traidor de todos!

Enquanto, três oficiais às suas ordens apontam as metralhadoras ao tenente-general Gutiérrez Mellado, o valente Tejero puxa-o pelo casaco, o galhardo Tejero prende-lhe o pescoço, com o braço e coloca-lhe a pistola na garganta, Tejero, homem de honra, mete-lhe a perna e tenta, sem o conseguir, aplicar-lhe uma rasteira. O honesto tenente-coronel da Guarda Civil, por fim, empurra o tenente-general Gutiérrez enquanto volta a insultá-lo e de novo lhe chama traidor. Gutiérrez Mellado continua de pé, agarrado à poltrona. Com serena cavalheireza, Tejero vai-se, protegido pelos seus oficiais, e levanta a pistola com enorme dignidade.

De seguida, com «temple», com serenidade e domínio de si mesmo, com galhardia, com autocontrolo, o tenente-coronel Tejero acende um cigarro.

Bonifacio de la Guarda, redactor de «El País» pensou: «Não há perigo porque é coisa do fanática do Tejero que está isolado.»

Lá em cima, na tribuna dos convidados, Ignacio Aguirre, por enquanto ainda secretário de Estado para o Turismo, lançou-se tão velozmente a beijar a alcativa que nem se pôde dar conta do que se passava. Quando, daí a pouco, levanta a cabeça, vê um guarda civil com a arma na bandoleira.

– Uf! Ainda bem que vocês já vieram!

Na tribuna de Imprensa, os jornalistas estão amontoados uns em cima dos outros. Um guarda civil jovem, com barba, tinha sido explícito.

Todos ao chão. Desliga essa câmara ou mato-te.

As expressões de terror são tão patentes que o jovenzito da metralhadora se comove.

– Não se ponham nervosos. Não se preocupem. Não é nada.

Porém o militar não está tranquilo. Chama pedindo ajuda.

– Suba alguém aqui acima que estou sozinho!

Os guardas também estão nervosos. Olham os jornalistas com desconfiança como se pudessem esperar deles alguma acção. Gritam com irritação.

– Tranquilos todos, bolas. Não vos acontece nada se estiverem quietos.

Para aqui não disparam, pois iam atingir-me a mim.

Corridas nos corredores. Uma obsessão permanente.

– Desarmai toda a gente!

– Que ninguém se mova.

– As mãos em terra!

Uma a uma, toda a artilharia da Guarda do Congresso se amontoa nos cantos.

– Onde pomos as pistolas?

– Aqui, aqui neste canto!

– Juan Van de Eynde, jornalista em regime livre, pensa: «Daqui não sai nenhum, tratando-se de uma acção do fanático do Tejero! Estendido no solo, debaixo do último degrau das escadas, ouve como Tejero, junto a ele, grita:

– Desarmai-os todos.

E como logo diz a um oficial, que com ele se cruza, enquanto lhe dá uma palmada nas costas, com a mão livre:

Tierno Galvan e Adolfo Suarez corajosamente, não se intimidam com a invasão do Parlamento

– Como vês, já estou outra vez em acção.

Debaixo das mesas do bar, cerca de trinta pessoas estão deitadas por terra. Quase todas são jornalistas, funcionários de ministérios ou empregados do Congresso. Falam entre si, muito baixinho, ou por sinais, os que estão próximos. A alguém que ao princípio sussurrara «são da ETA», agora outro melhor informado, mais próximo da porta, explica «É Tejero», sem falar, fazendo-se entender pelo movimento dos lábios.

Acontece uma surpresa: o jornalista Ramón, Moncho, del Corral, avisa os ocupantes de que está armado. Apoderam-se da sua pistola ante a estupefacção geral dos prostrados.

Um guarda intercede pelo escolta do Congresso perante um oficial:

– Bom, bom, aqui há muitos companheiros...

Com correcção, impecável, os militares vão levantando polícias que se erguem pouco a pouco, com gestos entre o envergonhado e o jucoso.

– Não vos preocupeis. Sois polícias mas agora tendes de obedecer à Guarda Civil..

Dentro do hemiciclo estava a restabelecer-se uma calma tensa.

– Podem sentar-se, com as mãos bem visíveis.

– Onde se sentam Solchaga, Brandés e Letamendia?– perguntou quase histérico um guarda civil, enquanto deixava aproximar-se o deputado Rodriguez Alcaide.

– Pois, cada dia em seu sítio... de resto o senhor Letamendia não aparece muito...

Murmurou Rodriguez Alcaide. O assaltante irritou-se, ainda mais, se é possível.

Um a um os deputados vão assomando com a cabeça. Miguel Herrero, sempre tão janota, mostra cara de menino despenteado: ajusta os óculos.

Martin Villa, ministro da Administração Territorial, deixa ver os ombros antes de aparecer a sua cara, com expressão vacilante.

– As mãos, essas mãozinhas.

Volta a gritar um guarda.

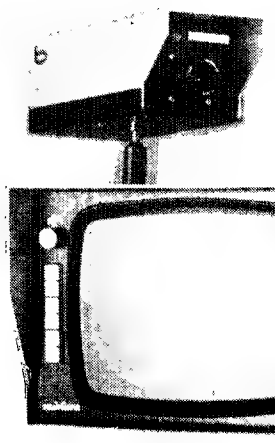
As mãos dos deputados socialistas alinham-se sobre a bancada com uma precisão escolar.

Um oficial alto, ruivo e bonito que por acaso se chama Muñecas adopta uma expressão severa e rigorosa. Tira o tricórnio, enfia-o no punho esquerdo mantendo o braço em ângulo recto, como se marchasse numa procissão. Deste modo se dirige à tribuna.

O silêncio escuta. Todos os olhares convergem sobre o capitão. Todos o olham e ele mostra sabê-lo. Sem vacilações, Muñecas dispõe-se a falar.

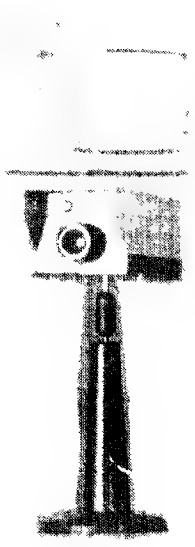
– Boas tardes, não vai acontecer nada, mas vamos esperar um momento até vir a autoridadas militar competente para dispor o que tenha que ser e o que ele próprio diga a todos nós. Fiquem tranquilos. Não sei se isto será questão de um quarto de hora, vinte minutos, meia hora. Imagino que não tardará a autoridade competente, militar naturalmente. Não acontecerá nada. Ou seja: fiquem todos tranquilos ■

CITOFONE
COMUNICAÇOÊS & ELECTRÓNICA, C.R.L.



BITRON VIDEO

Circuito Fechado T.V.



T.V. Porteiro

AIPHONE-Sistemas de Intercomunicaçaõ de alta/baixa voz

SAFNAT-Telefones de Porteiro
Centrais Telefónicas
Telefones Intercomunicantes
Telefones de Rede

OI ELECTRIC, co.-Procura Pessoas(Bip-Bip)

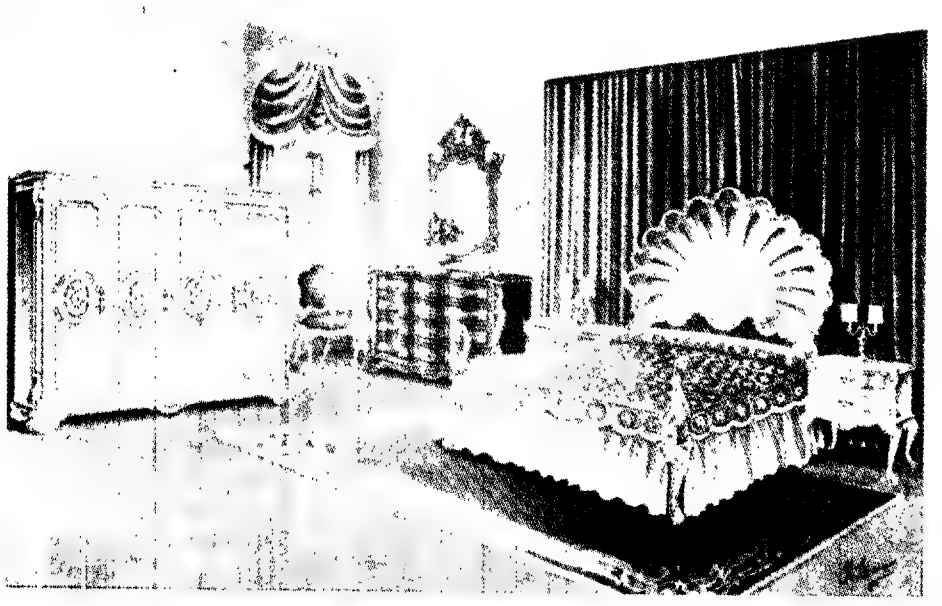
Multímetros/Pinças Amperimétricas

ORÇAMENTOS/MONTAGENS DE ANTENAS

1976/1981 – 5 ANOS

Av. Alvares Cabral ,41/A -1200 LISBOA
Telef. 657881/2-652951-Telex16629 Iberon P

ARMAZÉNS DE MÓVEIS
BEIRA RIO
DE
ANTÓNIO CARLOTO



MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

PARA VOSSO INTERESSE
CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

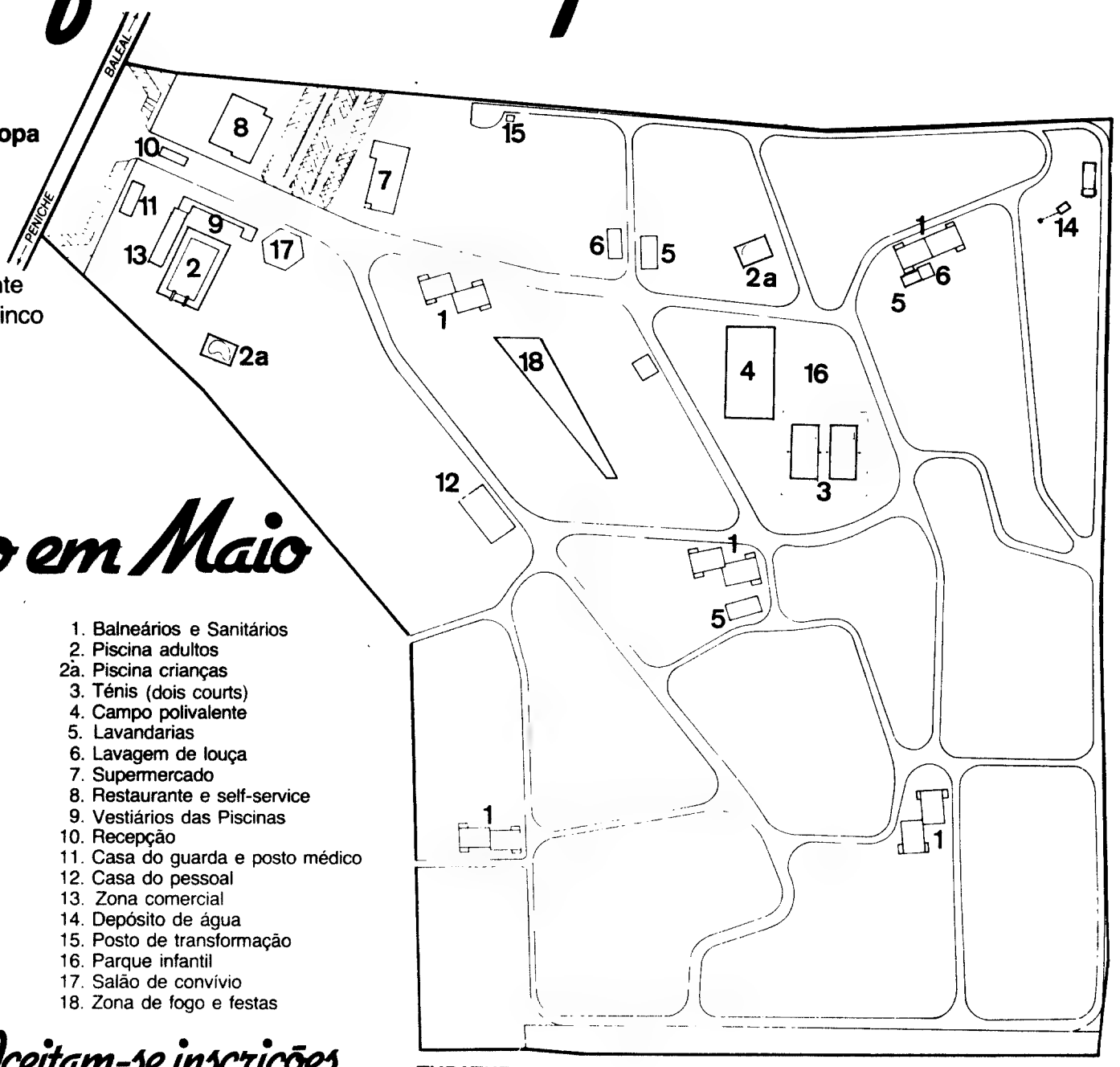
VENDAS
Rua Miguel Bombarda, n.ºs 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45
Telef. 207 24 48
BARREIRO

TUPATUR - EMPREENDIMENTOS & TURISMO, LDA - PENICHE

BALEAL
Parque de Campismo

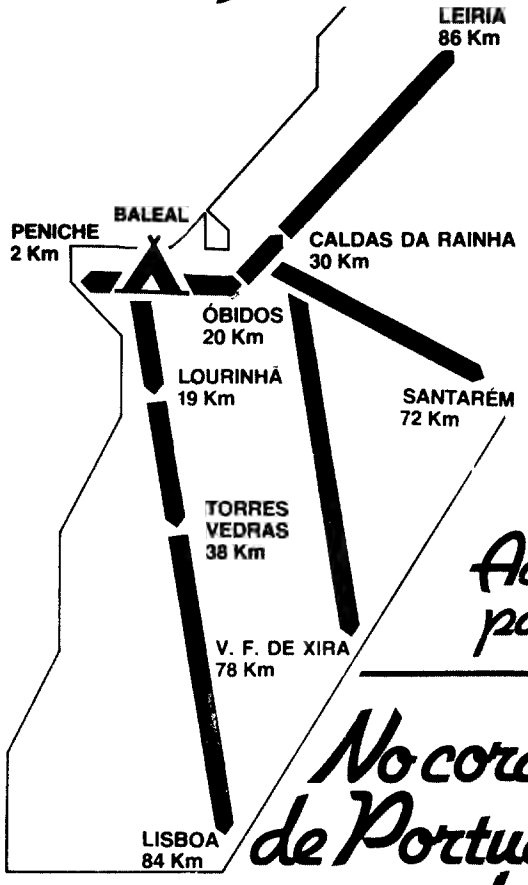
Venha conhecer
um dos melhores Parques da Europa
com os mais modernos apoios
a funcionar

- Aquecimento solar
- Electrocutores de insectos
- Todos os duches com água quente
- Dois courts de ténis, futebol de cinco e polivalente
- Assistência médica permanente
- Recinto próprio na praia com todas as comodidades e nadadores salvadores



1. Balneários e Sanitários
2. Piscina adultos
2a. Piscina crianças
3. Ténis (dois courts)
4. Campo polivalente
5. Lavandarias
6. Lavagem de louça
7. Supermercado
8. Restaurante e self-service
9. Vestiários das Piscinas
10. Recepção
11. Casa do guarda e posto médico
12. Casa do pessoal
13. Zona comercial
14. Depósito de água
15. Posto de transformação
16. Parque infantil
17. Salão de convívio
18. Zona de fogo e festas

Inauguração em Maio



Aceitam-se inscrições para a próxima época

No coração de Portugal: —o seu espaço de férias!

TUPATUR - Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. · 1100 Lisboa · Telefs. 561316/571960
Administração de: Dr. ABÍLIO CARDOSO
Visite-nos no PARQUE na praia do Baleal — Peniche

ESTOU INTERESSADO EM MAIS INFORMAÇÕES

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ TELEF.: _____

TUPATUR - Empreendimentos & Turismo, Lda.
Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. · 1100 Lisboa · Telefs. 561316/571960

estúdio salvaro

A história do "raid" sul-africano no Maputo

Como a CIA falhou em Moçambique

Conferência de Imprensa no Maputo: fala Massinga

«Todos nós perguntamos: como foi possível ao inimigo levar a cabo esta agressão contra a República Popular de Moçambique? Eu penso que todo o cidadão honesto, patriota, dedicado, tem razão para fazer este tipo de pergunta. Não é normal que um comando inimigo penetre no nosso país, penetre no nosso território, viole as nossas fronteiras, ataque residências, mate cidadãos entrangeiros que aqui vivem cobertos pela nossa bandeira que guiou a nossa luta, bandeira que significa liberdade, que representa as aspirações dos povos ainda oprimidos. Temos que conhecer as razões que permitiram ao regime da África do Sul atacar o nosso território (...) Como é que foi isso possível?»

Duas semanas depois da chacina do comando sul-africano na Matola (12 militantes da ANC, sindicalistas e um cooperante português assassinados) Samora Machel colocava frontalmente perante dezenas de milhares de moçambicanos e o corpo diplomático, reunidos num comício-gigante na Praça da Independência, a questão que intrigava a opinião pública do país.

Como fora possível que uma força de meia centena de homens, transportados em três camiões, tivesse percorrido cerca de 100 quilómetros de território moçambicano, até junto da capital e tivesse tempo para se dirigir a três residências, localizadas num meio urbano e distantes muitas centenas de metros entre si, e destruí-las à granada e com obuses (sem atingir as casas circundantes), matando boa parte dos seus ocupantes? Como fora possível ao invasor percorrer, impunemente, essa distância e revelar conhecimento tão exacto dos alvos a atingir?

«O feiticeiro»

«O nosso Povo – sublinhou Samora para a multidão – costuma dizer: «quando o feiticeiro entra numa casa é porque alguém lhe abriu a janela ou a porta para ele entrar».

Ou doutro modo: «permitimos que o inimigo penetrasse nas brechas e aproveitasse as fraquezas existentes. O inimigo utilizou vícios e insuficiências de alguns elementos das Forças de Defesa e Segurança. Como sempre, as brechas por onde o inimigo entrou foram a ambição, a corrupção, o tribalismo e o racismo»

Do feiticeiro, do inimigo, que encontrou maneira de abrir janelas e portas da RPM, pouco adiantou Samora Machel. No comício apenas foram apresentados sete dos oficiais da FPLM recrutados por agentes externos e internos e pouco mais. A história, mais pormenorizada e documentada, seria convocada exactamente um mês depois, em 14 de Março, na conferência de Imprensa internacional dada pelo ministro de Informação.

É uma longa história que poderia remontar por exemplo, ao Congo de Lumumba assassinado, ao Chana de Nkruma deposto, a Angola de Neto e a Portugal de Abril de 74 a Novembro de 75. O feiticeiro andou por aí, como por outras partes. Fracassou em Luanda, fracassou agora no Maputo, mas Lisboa foi placa giratória da sua manobra.

De Lisboa...

Natural de Boston, onde está radicada uma numerosa comunidade portuguesa, Walter Andrade percorreu já uma «animada» carreira como agente da CIA. Quarentão, entroncado, de meia altura e rosto latino, falava já um português fluente quando veio para Lisboa nos primeiros anos de 70. Adido à secção política, área normal de enquadramento dos agentes-espiões, cedo deu nas vistas. Os óculos, o «toque» de intelectual e um pequeno livro de «poemas» que distribuiu em quantidade por conhecidos e amigos, não bastaram para despistar. Era claramente conhecido como agente da CIA.

Voltou para os EUA ainda antes do 25 de Abril, passou pelo Brasil (Recife) e, pouco tempo depois da queda do regime fascista português, regressa a Lisboa, menos visível, discreto e sem livros de poemas.

Trabalhará activamente com Carlucci, o embaixador promovido a director da CIA e será visto, várias vezes, nas tarefas de recrutamento de informadores, particularmente na margem sul, em Setúbal.

As coisas por cá vão-se compondo, porém, para os interesses de Washington. Acontece o 25 de Novembro e, meses depois, já em 1976, Walter Caetano Andrade é mandado para Moçambique recém-independente.

... Ao Maputo

Ainda em 1976, conhece, numa festa, João Carneiro Gonçalves, capitão da Força Aérea da RPM e convida-o para jantar no dia seguinte, no «El Greco», um dos restaurantes mais caros do Maputo.

Aconselhado pela Segurança moçambicana, Carneiro Gonçalves (oriundo de uma família antifascista de longa data aceita o convite. Após o jantar, conversa até às cinco da manhã com Walter Andrade, em casa deste e ouve-o falar dos «perigos que os brancos correm» com o novo regime da RPM e da hipótese de um golpe executado através da África do Sul, com o apoio dos EUA.

Ainda nessa mesma noite, Andrade pede ao oficial moçambicano informações sobre o Presidente Samora, sobre a Força Aérea e outros de carácter-geral sobre o Estado-Maior General das FPLM e a cooperação militar com os países socialistas.

A partir daí, a Segurança de Moçambique penetra na rede local da CIA Carneiro Gonçalves começa a dar informações genéricas, de alcance secundário. A CIA ganha confiança e passa a pagar-lhe em dólares. Facto significativo: como se tratava de um dos pilotos presidenciais, a CIA interessava-se, particularmente pelas deslocações de Samora Machel, o que sugeria preparar o terreno para um eventual atentado contra a vida do líder moçambicano.

O contacto passou depois a ser feito por Frederic Wettering, na altura oficial da estação da CIA no Maputo. Walter de Andrade abrira o caminho e voltara, entretanto, para outras zonas de actividade.

O Wettering (o Fred, como o tratavam traidores moçambicanos ali recrutados) aparecia nos encontros com Carneiro Gonçalves disfarçado de óculos e falso

SAMORA

"Têm medo do nosso exemplo..."

Porquê tanto interesse da CIA na desestabilização da República Popular de Moçambique? Porquê a sua estreita colaboração com os BOSS (Serviços Secretos da África do Sul)?

«Será que o regime racista, minoritário e ilegal (porque não?) da África do Sul nos quer destruir apenas porque estamos a construir o socialismo?» – pergunta-se no editorial da revista «Tempo» de 1 de Março.

A resposta dera-se já Samora Machel no importante comício de 14 de Fevereiro na Praça da Independência: «Têm medo que a consolidação do nosso desenvolvimento acelere a dinâmica de libertação económica da África Austral, seja um estímulo para a libertação total dos povos da região. Têm medo que o sucesso da «Década» (plano central de desenvolvimento para os próximos 10 anos) mostre a superioridade do sistema socialista».

Ultrapassar sequelas coloniais, suprir a fuga generalizada dos quadros de origem europeia, assegurar novos esquemas de produção e distribuição, despender energias valiosas em apoio da luta do povo vizinho e irmão do Zimbabwe em luta pela sua independência, foram tarefas iniciais, pesadas, que demoraram, inevitavelmente, o arranque, em força, do novo país para o desenvolvimento.

A «Década» é um plano ambicioso. Visa a criação dos alicerces da vitória sobre o atraso e a miséria, através de múltiplos projectos, extensivos a todas as províncias do país. É o celeiro do Limpopo-Incomáti, são os planos agrícolas para a Zambézia e Niassa (meio milhão de ha. para algodão e milho), serão as indústrias para Tete e Cabo Delgado, uma vasta frota piscatória, o aproveitamento também da energia de Cabora-Bassa, a alfabetização acelerada da população, criação dos quadros próprios, melhoria e alargamento da rede sanitária, etc., etc..

Moçambique tem para estas tarefas o apoio decisivo de cooperantes de todo o mundo. São suecos, italianos, espanhóis, portugueses, franceses, brasileiros, alemães (da RDA e RFA), ingleses, soviéticos, búlgaros, romenos, chilenos (exilados) e cubanos (cerca de 700 que auferem apenas cada um cerca de mil e seiscentos escudos mensais...).

Nos breves dias passados no Maputo, pressente-se que há um país novo e próspero em construção, sem segregações económicas ou raciais. A zona do «asfalto» já não é só de brancos. É de negros, brancos, mestiços, indianos! «O regime racista e minoritário quer destruir-nos porque somos um mau exemplo para eles. Aqui mesmo ao lado estamos efectivamente a demonstrar que homens de raças diferentes podem viver em paz e harmonia, empenhando-se no alcance de objectivos comuns» – escrevia-se no editorial da «Tempo» já citado.

É isso. Moçambique é um «mau» exemplo. Mas que certamente Pretória não vai poder destruir!

M.R. MANUEL RAFAEL
GROSSISTA MATERIAL ELÉCTRICO
TUDO EM ELECTRICIDADE
TRAVESSA DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) TELEF. 371001/2 LISBOA

Como a CIA falhou em Moçambique

bigode e sob o nome de «Robert».

Shirley

Meses mais tarde, e por pensar que «Magalhães» não estava contente com os seus «favores», a CIA resolveu aumentar-lhe o ordenado e conceder-lhe os «amores» de uma especialista no aliciamento sexual, a norte-americana Shirley Smith, de 30 anos, com passagem conhecida também por Lisboa.

Shirley não perdeu tempo e logo no momento da apresentação convidou Carneiro Gonçalves para um jantar em sua casa, na Rua Afonso Henriques, 91.

«Aí esperava-me champanhe, whisky e música suave» contou aquele oficial que se apresentou na conferência de Imprensa com a farda da Força Aérea e iniciou a sua narrativa apresentando-se do seguinte modo: «O meu nome é João Carneiro Gonçalves. Sou capitão piloto-aviador da Força Aérea de Moçambique, membro do partido (Frelimo) e comunista».

«Magalhães era o nome de código usado pela Segurança moçambicana, SNASP. Nos vários contactos estabelecidos com oficiais da CIA americanos, na República Popular de Moçambique, só eles tinham nome de código, eu usava o meu nome próprio: –explicou ainda.

A infiltração de «Magalhães» durou até fins de 1979. A CIA cortou o contacto, convencida de que o seu «homem» não apresentava serviço de jeito. Todavia, foi possível à SNASP, através desse tempo de «ligação», conhecer em pormenor os objectivos e interesses da CIA na RPM, no campo militar e outros, e aprofundar a vigilância em torno dos seus diplomatas mais dados a jantares, convívios e recepções...

Carneiro Gonçalves daria ainda na conferência um elemento mais significativo da ligação da CIA com a BOSS (serviços secretos sul-africanos). «Um dia perguntei ao meu «contacto» qual seria a minha protecção no caso de ser descoberto. Ele respondeu-me que em caso de emergência deveria tentar fugir de avião para a África do Sul, onde seria muito bem recebido» – disse.

Um velho agente

O trunfo certo da CIA, o agente traidor verdadeiro e que lhe permitiu uma acelerada infiltração nas Forças Armadas e de Segurança de Moçambique, era outro, e a sua história é profundamente reveladora dos objectivos da espionagem norte-americana no Maputo.

José Chicuarra Massinga, de 51 anos, ex-director do Centro de Estudos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, preso desde o passado dia 2 de Março, foi o homem que contactado desde 1967, abriu as portas para o crescente recrutamento de novos agentes ou informadores. Quando não podia fornecer certas indicações, apresentava aos agentes norte-americanos a pessoa mais indicada para o efeito. Daqui se alargou a cadeia da CIA na RPM, através da corrupção e ambição.

Casa destruída na Matola, onde viviam refugiados e sindicalistas da África do Sul

Aderira à Frelimo em Agosto de 1962. Quatro anos depois foi estudar para os EUA. Um dia – contou – quando consultava um livro na biblioteca de Forth University, foi abordado por um tal Willy que lhe perguntou se era de África. Sou de Moçambique – disse. «Você há-de ser-me útil, eu sou estudante na Universidade de Georgtown» – contrapôs Willy.

Os contactos multiplicaram-se e, em 1967, Willy insiste junto de Massinga para que volte depressa para Dar-es-Salam, para a Frelimo (travava-se na altura intensa luta ideológica no seio do movimento) sem explicar porquê.

Massinga, porém, vai para Genebra onde prossegue os seus estudos em Direito Internacional e volta apenas em 1973 para Dar-es-Salam.

Vai para o interior de Moçambique e estará em Cabo Delgado até aos Acordos de Lusaka. Em Janeiro de 75 segue para o Maputo, onde trabalhará no gabinete de Chissano, primeiro-ministro do Governo de transição. Com a independência acompanha Chissano no Ministério dos Negócio Estrangeiros.

Em fins de 75 estará em Nova Iorque com a delegação moçambicana que apresenta a candidatura da RPM nas Nações Unidas. Aparece-lhe de novo o referido Willy que lhe dá os parabéns pela independência de Moçambique e pela sua destacada posição no ministério.

Segundo ainda o seu próprio relato aos jornalistas, Willy apresenta-se então como agente da CIA. «Quando concordei – diz Massinga – começaram a ensinar-me como é que se podia preparar as informações para lhes passar e que material era preciso para isso.»

Willy dá-lhe então papel, tinta e lapiseiras especiais, com ingredientes químicos para enviar de forma «segura» as informações e promete o pagamento de 300 dólares a depositar mensalmente nos EUA, pois «seria perigoso receber dinheiro estrangeiro no meu país».

Indica-lhe, entretanto, o nome de outro agente, a trabalhar no

CAFÉ
RESTAURANTE
SNACK-BAR

ALVORADA

De *Mário Jerónimo dos Santos Agostinho*

Aberto até às 2h da manhã

Fornecimento de Refeições para fora em Embalagens Próprias

Serviço ao Domicílio de:
CASAMENTOS
BAPTIZADOS
LANCHES

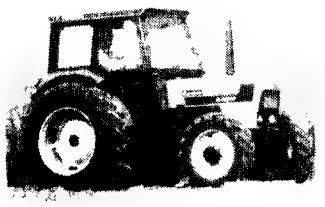
R. GASPAR BARREIROS, 24

TELEF. 22779 3500 VISEU

DEUTZ

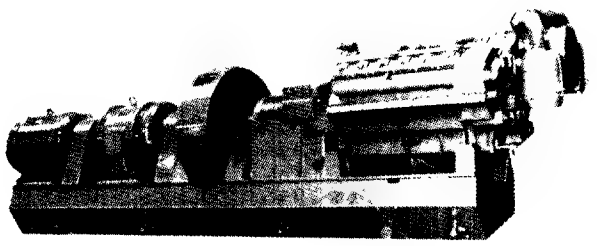
MOTOPE

AO ENCONTRO
DA MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA



TRACTORES DEUTZ
DE 35-A 150HP

RIVIERRE CASALIS
Enfardadeiras de baixa, média e alta pressão



GRUPOS ELECTROGÉNEOS

Refrigerados a ar. Potências de 10 até 250 KVA.

Rua da Vitória, 88-3.º. Lisboa. Telefs. 327195/6/7

FILIAIS: TROFA-SANTARÉM-MATOSINHOS-BEJA-ELVAS

Maputo, o citado Frederic Wettering, que contactava Carneiro Gonçalves, disfarço de bigode e óculos e sob o pseudónimo de «Robert».

«Voltei e tive de facto contacto com o senhor Fred. Fui multiplicando os contactos até que um belo dia, eu estava para sair outra vez para Genebra. Quando ele soube pediu-me para ir ter a um hotel (Polana) para conhecer um amigo que estava para vir dos EUA para o substituir.»

Tratava-se de James Smith. «Este - contou Massinga - continuou a multiplicar os contactos comigo. Depois, a determinada altura, ele apresenta-me a uma moça que diz ser secretária dele. O nome desta senhorita era Shirley. Deu-me o número de telefone também da Shirley. No caso de eu não conseguir encontrar-me com ele por qualquer razão devia telefonar para a Shirley para ratificar o próximo encontro.

O soldado sul-africano morto

«Mas falou explicitamente que eu não devia pôr os pés em casa da Shirley porque ia lá muita gente que ele não gostaria que se encontrasse comigo...»

Dois anos depois, e já Massinga apresentara muita gente a Smith e Shirley, susceptíveis de recrutamento (caso de Pedro Ximitela Magaia, seu instrutor militar em Nachingwea - Tanzania, preso também) é-lhe apresentado Louis Ollivier, 1.º secretário da Embaixada dos EUA, e que vai substituir Smith.

Ollivier, que se intitulava professor de Literatura e Poesia, esteve em fins de Fevereiro, dias antes da prisão, em casa de Massinga «muito preocupado

Porquê a conferência de Imprensa?

Ministro Luís Cabaço: "EUA dominam a Informação a nível mundial..."

Dias depois da conferência, perguntamos a José Luís Cabaço porque razão decidiram os dirigentes moçambicanos reunir a Imprensa internacional para dar conta das actividades da CIA no seu país.

Sem hesitações, o ministro da Informação da RPM, sublinhou-nos: **os norte-americanos dominam a informação a nível mundial e era de prever que desvirtuassem os factos. Tomamos por isso a iniciativa de colocar jornalistas e as principais agências mundiais perante evidências irrefutáveis, dando-lhes, ainda, a possibilidade de falar com dois dos principais agentes recrutados em Moçambique que compareceram de livre vontade.**

Outra questão inevitável era a de saber-se porque razão tendo a Segurança moçambicana um «agente» infiltrado na rede da CIA e que perdera o contacto há mais de um ano, só agora fora decidido o desmantelamento?

«É um problema técnico – disse-nos José Luís Cabaço – no qual nós, moçambicanos, nem sequer somos originais. **Habitualmente a detecção de uma rede de espionagem atinge um determinado momento em que a Segurança do País começa a entrar, efectivamente, em perigo. E nós devemos, logicamente, intervir nesse momento. Nós consideramos tecnicamente oportuno intervir nesta altura.**

Objectivos principais

Numa declaração prévia, lida na conferência de imprensa, José Luís Cabaço sintetizou os objectivos principais da CIA em Moçambique com vista «à desestabilização económica e política do nosso Estado popular e a assassinatos políticos».

Assim a espionagem norte-americana visou principalmente – a caracterização dos dirigentes da Frelimo e do Estado e o conhecimento da sua vida, em particular do chefe militar supremo e presidente da República, Samora Machel;

– Recrutamento no seio das FPLM e em particular no Estado-Maior-General;

– Recolha de informação respeitante à aviação civil e militar;

– Controlo das actividades dos movimentos de libertação com representação no Maputo (ANC, SWAPO, Fretilin, Polisário, OLP);

– Obter, em colaboração com os serviços secretos sul-africanos, informações tão detalhadas quanto possível, sobre o tipo e quantidades de armamento, sua localização, efectivos e nível de preparação combativa das FPLM;

– Saber dos meios de transporte utilizados pelo presidente Samora e recrutamento dos pilotos e tripulação das aeronaves que eventualmente fosse utilizadas para as suas deslocações;

– O interesse da CIA pela pessoa de Samora ia ao ponto de querer obter dados sobre a sua personalidade, gostos, hábitos de vida, pessoas com quem lida mais de perto, etc.

– Também em relação a outros dirigentes do Partido e Estado, em particular os membros do Comité Político Permanente, foram pedidas informações do mesmo tipo;

– «Na mais clara violação das leis da RPM» a CIA tentava igualmente recrutar cidadãos estrangeiros ali a trabalhar, o que – pela natureza das funções que desempenham (esses cooperantes não têm acesso a informação classificada sobre a RPM) visava o seu aliciamento para actividades nos países de origem;

– A CIA procedia ainda à recolha sistemática de dados sobre o estado de desenvolvimento económico do País, de planos e projectos em estudo, bem como no que se refere à cooperação internacional, países e organizações com quem Moçambique coopera.

PUB.

UNIVERSAL
AÇOS, MAQUINAS E FERRAMENTAS, S.A.R.L.

■ aços
BOEHLER ✡ VEW

■ maquinas ferramentas
nacionais
estrangeiras

■ ferramentas
de corte para a indústria metalomecânica

RUA MANUEL PINTO DE AZEVEDO, 80-96
TEL, 65151 — 4100 PORTO
Avenida 1.º de Maio – Telef. 52864 – 2430 MARINHA GRANDE
Avenida da República, 34-A – Telef. 779081 – 1000 LISBOA

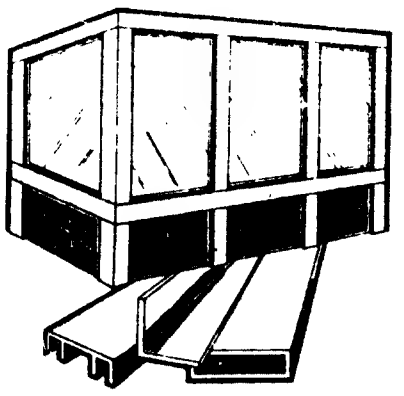
PUB.

caixilejo

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.

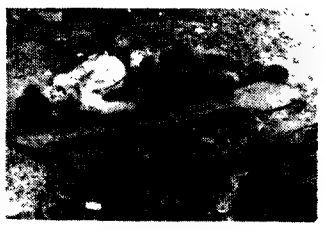
VISITE O NOSSO STAND DE EXPOSIÇÃO NO CENTRO COMERCIAL DE ALMADA – LOJA 30 – 2.º PISO

MARQUISES
DIVISÓRIAS
EM ALUMÍNIO
ANODIZADO



CONSULTE-NOS

SEDE EM CACILHAS
RUA CARVALHO FREIRINHA, 13/5
TELS. 276 14 59 – 276 21 72
FILIAL EM SETÚBAL
URBANIZAÇÃO S. GABRIEL, LT. 47



Como a CIA falhou em Moçambique

com a situação e a dizer-me o número de telefone de sua casa e do serviço para eu telefonar no caso de necessitar»...

«O que eles queriam...»

Vale a pena transcrever o que Masinga contou, calmamente, aos jornalitas sobre as «coisas que eles pediram que eu fizesse para eles...».

«No princípio queriam toda a espécie de informação. Quando eu já estava em contacto com o primeiro homem, que era o Fred, ele começa a pedir-me para eu dizer o que é que diziam os acordos assinados entre Moçambique e a União Soviética (...) Preguntavam quantos cooperantes soviéticos existiam aqui no país, quantos chineses e quantos cubanos existiam no país. Esse tipo de informação não se encontrava em nenhuma parte. A não ser aquele tipo de pequena informação que tínhamos na nos lista diplomática. Fiz então uma mensagem (para a sede da CIA em Dar-es-Salam) baseada naqueles nomes.»

«Começaram - prosseguiu - a querer saber se havia ou não contradição entre o presidente e o ministro dos Negócios Estrangeiros. Procuraram saber quem é que mandava mais no Ministério da Defesa, se era o Mabote, se era o Chipande. Como é que eles estavam a trabalhar e se não havia conflitos entre eles.»

«Perguntaram se havia harmonia entre Guebuza, Chissano e Chipande, se dentro do governo havia ministros qe tinham sido soldados da Frelimo e outros que não foram. Porque é que estes,que não foram soldados, ganharam simpatia da Frelimo e se tornaram ministros. Procuraram saber, por exemplo, onde o Machungo (ministro do Plano) tinha estudado. Se tinha sido num país socialista ou em Portugal. Onde estudou Salomão Munguabe e eu disse que estudou também em Portugal. Os únicos que eu não tinha a certeza de onde tinham estudado eram o ministro Cabaço e o ministro Baltasar.»

Carneiro Gonçalves: o oficial infiltrado

«Mais tarde começaram a procurar conhecer outros indivíduos da Frelimo e que eu pudesse apresentar. Foi quando eu apresentei ao Smith e à Shirley o Pedro Ximitela, meu instrutor durante a guerra. Outro que apresentei foi Alberto Sande (antigo comandante da guarnição da Matola, também preso...). Outros que conheceram através de mim são os militantes da ANC da África do Sul. Durante algum tempo o Ollivier pedia-me publicações do ANC. Eu disse que não tinha e que o melhor era ele pedir aos próprios. Até que um dia numa recepção no hotel Polana, estavam lá os representantes do ANC e então eu fiz uma breve apresentação.»

Os cubanos

«... Outros que Ollivier chegou a conhecer foram alguns cubanos que frequentavam a minha casa nos fins-de-semana quando eu estava em casa. Vinham tocar alguns discos e ficar a entreter-se porque não tinham nada a fazer. Ollivier, que passava muitas vezes em frente da minha casa, via-os lá e perguntava quem eram. Eu expliquei que eram cubanos que vinham divertir-se. Ele quis saber se no caso de eles estarem lá e ele aparecer, eu estaria ou não de acordo com isso. Eu disse que podia aparecer. Eu não tenho uma política descriminatória para com vocês.»

«Um belo dia, os cubanos estavam lá e Louis Ollivier chegou e tocou a campainha. Eu disse para entrar. Ele fala espanhol, e começou a entender-se com os cubanos em espanhol. Daí não sei se desenvolveram mais contacto. Não faço ideia.»

Massinga, que declarou aos jornalistas estar a fazer o seu relato voluntariamente, «com a permissão do Serviço de Segurança para que me deixem explicar claramente ao público de Moçambique e ao mundo em geral», confirmou ainda ter estado em 1980, na Suazilândia, para um teste de detecção de mentiras.

«Foi no mês de Novembro – disse – o Ollivier soube que eu ia para lá e veio ter comigo ao hotel e convidou-me a ir ter com um amigo dele, um americano. Disse que era para passar um exame que geralmente todos nós passamos para ver se um indivíduo é ainda operacional ou não. Foi então que me fizeram esses testes. Ligaram-me o aparelho a várias partes do corpo e fizeram perguntas. Repetidas vezes as mesmas perguntas: você José Massinga já disse a algum membro do Governo que tem contactos com a CIA, ou não? Tem dito a alguém da sua família que tem contactos com a CIA ou não? Repetindo, repetindo. Eu disse que não, não, não.»

«Um homem que cai...»

Alcido Marcos Chivite, ex-oficial das FPLM, guerrilheiro desde 1965 e recrutado pela CIA no começo de 1978 quando exercia as funções de chefe de material de guerra no Estado-Maior-General, foi outro dos principais instrumentos da conspiração contra a RPM.

Quando, juntamente com outros seis ex-oficiais traidores, descalços, foi apresentado no comício de 14 de Fevereiro por Samora, Chivite tremeu e baixou os olhos ao ouvir o presidente recordar coisas antigas: «ele participou na guerra de libertação nacional mas nunca gostei deste capitão. Nas longas marchas comigo, ficava sempre quatro horas para trás. Já em 1969, em Tete, ele marchou assim várias vezes. Por isso, eu perguntei aos companheiros: porque é que dão a patente de oficial a um homem que cai, que não é capaz de conduzir uma coluna?»

«Foi recrutado – prosseguiu Samora – durante a guerra do Zimbabwe e começou por fornecer as listas de material da Zanu e da Zapu aos rodesianos e sul-africanos (...) mais tarde começou a vender as listas de todo o material militar da República Popular de Moçambique. Às vezes recebia 100 dólares, às vezes 50 mil meticais, quando a lista fosse de valor. Agora, durante os interrogatórios, diz-nos que não tem preço aquilo que vendeu».

Massinga

Chivita

«Tem oficiais preparados...»

Boa parte das informaçoes sobre os refugiados da Matola partiram de Chivite que as dava a James Smith, já citado nesta história, e que veio para o Maputo substituir Frederic Wettering, o primeiro chefe da delegação da CIA no Maputo segundo «contacto» do capitão Carneiro Gonçalves.

«Esse americano ia muitas vezes à África do Sul. Pode ser que as informações que eu dei serviram para esse ataque. Pode ser» – disse Chivite aos jornalistas presentes na conferência.

Interrogado sobre como era possível a um responsável como ele ser tão facilmente recrutado para o inimigo, respondeu:

«A CIA tem oficiais preparados. Convidam-nos para as suas casas, conversam, conversam, tiram aquilo que se deve comer, procuram os nossos gostos. Tentam introduzir-se nos pontos fracos. E corrompem.

Não sei se compreendem. Eles viram que eu gostava de dinheiro, gostava de aparelhagem, música, ofereceram-me a aparelhagem, e ofereceram-me dinheiro antes de pedirem infor-

Setenave
estaleiros de serviço completo

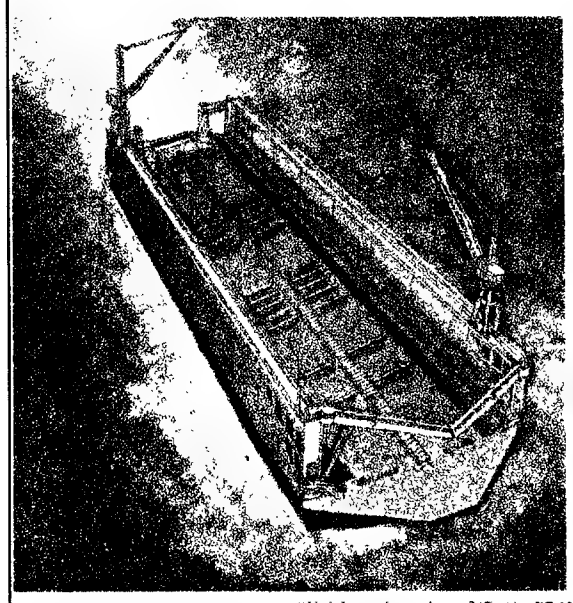
Os armadores dispõem na Europa de um dos maiores estaleiros navais. Onde se constroem e reparam navios até 700 000 tdw.

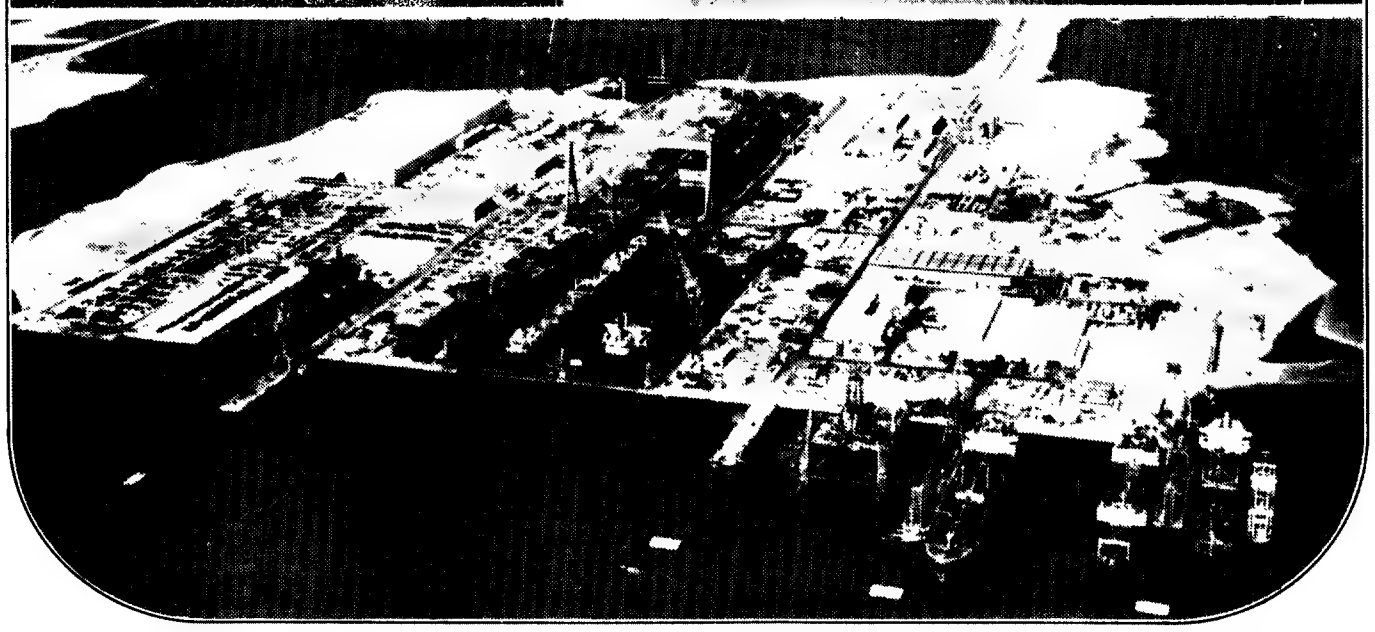
SETENAVE:

Óptima localização
Ultra moderna tecnologia
Máximo rendimento de trabalho
Capacidade de resposta rápida
a quaisquer exigências

setenave
Estaleiros Navais de Setúbal
Tel 06520101, 06520151 — Telex 13143
P O Box 135 – 2902 SETUBAL CODEX — PORTUGAL

HIPER-81-SC





mações, só para me corromperem. Depois de corromperem é quando entram...»

O recrutamento de Chivite ocorreu no começo de 1978. Foi apresentado por outro oficial (Massinga) a James Smith, na altura chefe da delegação local da CIA. Durante o jantar em casa deste, Chivite viu a citada aparelhagem estereofónica e a «célebre» Shirley Smith.

«Eu comecei a trabalhar com o James, que de vez em quando ia para a África do Sul. A Shirley vinha-me chamar, marcava-me encontro e vinha-me buscar no caminho e levava-me para casa dela. Tinha lá uma pequena lista de perguntas, eu respondia» – contou pormenorizadamente Chivite na conferência.

«Eles estavam preocupados em saber se o nosso exército, oficiais e soldados gostavam do nosso comandante-em-chefe, o presidente Samora Machel (...) quis também que procurasse dentro do Estado-Maior-General mais alguns para integrá-los (na CIA). Sempre que me encontrava com ela preocupava-se em saber se eu conseguia arranjar mais amigos. Eu sempre resisti porque era muito perigoso para mim (...) suspeito que possa haver outros. Quando falava com ela, ela tinha uma lista de marcação de encontros.

«Ainda perguntava se eu podia dar as listas de material do ANC. Queria saber se o ANC tinha bases aqui em Moçambique. Eu respondi: «ANC não tem nenhumas bases aqui em Moçambique, por isso eles não possuem material de guerra cá em Moçambique. Somente aqui temos refugiados políticos sul-africanos. Insistia sempre que quando começassem cá a treinar em Moçambique eu deveria informar.»

Antes de abandonarem Moçambique (1978), James e Shirley apresentaram Chivite a Louis Ollivier. O novo oficial da CIA levou então à prática a promessa de James e Shirley de financiarem a construção de uma vivenda para Chivite.

«E eu procurei – explicou o traidor – os que sabem desenhar plantas de casas e comecei a fazer a minha dentro da minha localidade, sem ter em conta que a Segurança Popular iria descobrir. A casa é muito grande: quatro quartos, duas casas de banho, duas salas, cozinha e copa.»

«Levantou-se a casa. Levantaram-se as paredes. Foi nos princípios de Fevereiro que eu fiquei localizado de que estava ligado com a CIA e, encontro-me nas mãos da Segurança onde se continua a fazer as investigações. Mas estou satisfeito porque estou assim como entrei dentro da cadeia. Estou a sentir o sofrimento porque estou fora da minha família, mas vivo normalmente: tenho mata-bicho, tomo chá e pão, almoço, janto. Onde durmo há cobertores. Portanto é esta a situação que me levou a ser detido» – concluiu Chivite.

Interrogado por um jornalista moçambicano sobre se a sua ligação à CIA teria contribuído para a chacina da Matola, disse:

«As informações que eu dava era à CIA e a CIA sempre ia à África do Sul. O imperialismo está ligado com a África do Sul. É possível que isso tivesse permitido essa acção. Não posso confirmar.»

Admitiu, noutra resposta, haver «outras pessoas que fazem contactos» e que estarão agora «alerta, devido à minha situação».

«A luta continua!»

No final da conferência de Imprensa, José Luís Cabaço, ministro da Informação, recusou-se a informar do número de detidos, por se estar ainda em «fase instrutória, implicando segredo de justiça e segredo também de segurança».

Admite-se que além dos moçambicanos (oito já foram apresentados publicamente, mas há mais), há cidadãos de outros países, alguns dos quais cooperantes.

Dos sete portugueses inicialmente presos, apenas Manuel Inácio Botelho Melo Júnior, funcionário da Embaixada nos EUA, no Maputo, continua detido. Em círculos próximos da Imprensa estrangeira acreditada naquela capital considera-se que Manuel Inácio Botelho seria o responsável por alguns dos pagamentos feitos aos elementos recrutados pela CIA na RPM.

Luís Ribeiro Couto, antigo membro da OPVDC, e inspector de tráfego aéreo, e António Manuel Santos Gomes, instrutor de pilotos da LAM, libertados há dias, aquando da visita de Chissano a Lisboa, teriam facilitado – segundo as mesmas fontes – os voos privados, para espionagem fotográfica de dispositivos estratégicos de Moçambique, ao mais recente chefe da CIA, no Maputo, Patrick Luendall, expulso do país juntamente com outros agentes, nos primeiros dias de Março.

Ao nível da Informação da capital moçambicana, afirma-se, significativamente que, em matéria de investigação e de outros nomes e agentes a apurar e deter, «a procissão ainda vai no adro...».

O ministro Luís Cabaço, seria igualmente explícito na referida conferência de Imprensa. Um jornalista tanzaniano perguntou-lhe se a rede da CIA teria sido totalmente desmantelada.

«A luta continua!» – respondeu.

Eugénio Alves

Uma das manifestações de repúdio que se têm feito no Maputo

Na dimensão do espaço...

As asas da TAP Air Portugal cruzam o espaço para todos os destinos. E percorrem milhões de milhas em cada ano.
A dimensão dos Portugueses foi sempre o mundo. Por isso, escreveram na história a epopeia dos descobrimentos. Talvez tivesse sido o mesmo espírito que, há cerca de 3 séculos, levou o Padre Bartolomeu de Gusmão a cruzar "ares nunca dantes navegados". Foi esta a raiz de que nascemos. Com as rodas firmadas na terra portuguesa estendemos as asas aos quatro cantos do mundo. Mantemos em contacto as comunidades portuguesas. Através duma nova imagem queremos que nos conheçam melhor, aqui e em toda a parte. Por isso, os nossos aviões ostentam as cores da nossa bandeira.

... a nossa verdadeira dimensão

Gostaríamos que, você também, nos conhecesse melhor. Voamos para mais de 40 destinos em 4 continentes, e possuímos 71 escritórios espalhados pelo mundo. Gozamos de uma merecida reputação de eficiência, responsabilidade e experiência a nível internacional. Porque sabemos o que é voar. Porque nos preocupamos com o bem estar e o conforto dos nossos passageiros. Porque, no campo da manutenção de aviões, somos reconhecidos entre os melhores de todo o mundo. Porque treinamos os nossos pilotos e o nosso pessoal de terra, em escolas próprias, estruturadas segundo os mais altos índices de modernidade. Não é por acaso que muitas companhias de aviação estrangeiras recorrem às nossas escolas para o treino dos seus quadros e aos nossos serviços para a manutenção dos seus aviões. Não é por acaso que nos orgulhamos de ser

tap AIR PORTUGAL

cadernos do terceiro mundo

Calçada do Combro, 10-1.º
Tel. 320650 – 1200 Lisboa

Assinaturas

Portugal
Anual (12 números)
Esc. 500$00

Semestre (6 números)
Esc. 300$00

Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe.
(12 números, via aérea):
Esc. 950$00 ou US$16

Restantes países: (12 números, via aérea) US$22

RESPOSTA A MATILDE

de

FERNANDO NAMORA

"...Vêm na linha dos contos picarescos ou de certas estórias do inesperado em que Namora é mestre."

Urbano Tavares Rodrigues - Jornal de Letras, Artes e Ideias

"...Fernando Namora acaba de nos dar uma pequena obra-prima."

Pericles Leal - Diário Popular

"É verdadeiramente o cume de uma obra."

Carl-Gustaf Berglin - O Jornal

3ª EDIÇÃO

16.500 exemplares em 4 meses

edições BERTRAND

ALIANÇA SEGURADORA

NÃO NOS PERTURBA O FUTURO ACREDITAMOS NELE

O processo de adesão à CEE encontra-nos habilitados a responder ao desafio que representa.

Somos uma seguradora de gestão baseada em:

- **DIRECÇÃO PARTICIPATIVA POR OBJECTIVOS**
- **FORMAÇÃO PERMANENTE**
- **PLANEAMENTO**
- **ANÁLISE DE RESULTADOS**

ENTRE CONNOSCO NO FUTURO

PORTO

— **Rua do Bolhão, 25**

LISBOA

— **Av. Defensores de Chaves, 8**

ALIANÇA SEGURADORA

A África no ano 2000 ainda pior do que está hoje

A Terra Prometida

A última terra do Mundo ainda repleta de promessas é a África ao Sul do Sara. Mas ela é também a fonte do maior pessimismo, para o futuro próximo, em termos tais que, não obstante todas as suas imensas riquezas conhecidas ou adivinhadas e tendo em conta as previsões económicas dos organismos internacionais, a África estará no 2000 numa situação ainda pior que a actual, em que surge como o continente mais pobre do Mundo e onde o regime alimentar é insuficiente para cobrir as necessidades elementares de nutrição.

Ou, como escrevia em Abril do ano passado, um jornalista americano no «Chicago Tribune», a África estará no ano dois mil, «no mais negro dos abismos». Porque tudo isso? Porque razão cada africano dispõe, hoje, de menos comida do que há dez anos? Que obstáculos se levantam ao aproveitamento das fabulosas riquezas do solo e do subsolo? Porque não cessa de diminuir, regularmente, a produção média alimentar, desde a década de 60?

As respostas a estas e outras perguntas sobre a actualidade económico-social da África subsariana e as pespectivas da sua evolução encontram-se num estudo recente intitulado «Um foco de projector sobre a África», publicado no número de Janeiro de «L'Observateur de L'OCDE» e de que preparámos uma síntese para os leitores do «DL», neste número de aniversário.

Na década de setenta, a taxa anual de crescimento da população na África (2,7 por cento) foi superior em 14% à média do conjunto dos países em desenvolvimento. E enquanto o aumento da população nos restantes países em desenvolvimento deve abrandar, segundo as previsões, nos anos oitenta, na África continuará a crescer, ainda mais, à taxa de 2,9%.

A progressão média do rendimento por habitante nos países de rendimentos escassos (aqueles onde o Produto Nacional Bruto, por habitante, era em 1978, inferior a 360 dólares) foi na África de 0,2 por cento ao ano desde o princípio da década de setenta, enquanto nos outros países da mesma categoria, na Ásia foi de 1,1 e no conjunto dos países em desenvolvimento de 2,9 por cento.

Segundo as previsões fundadas em hipóteses que o Banco Mundial considera optimistas, nos países africanos de rendimentos escassos o aumento anual do rendimento por habitante será somente de 0,1 por cento de 1980 a 1985 e de 1,1 de 1986 a 1900: estes números devem ser comparados com os aumentos anuais de 2 a 2,6 por cento, respectivamente, na Ásia, e de 2,6 e 3,3, no conjunto dos outros países em desenvolvimento.

Esta situação é tanto mais deplorável quanto se sabe que uma boa parte do continente é rica em recursos minerais dos quais grande parte não foram ainda descobertos e muito menos explorados: o seu subsolo é rico em jazigos de petróleo e gás natural ainda não aproveitados e o seu potencial hidroeléctrico, ainda virgem, é omais vasto do Mundo. Exploradas de maneira racional, eficaz e equitativa, as suas riquezas poderiam ser, por um lado, uma fonte de rendimentos para os africanos e de aprovisionamento para o resto do Mundo.

A agricultura no centro da dinâmica nefasta

A agricultura encontra-se no centro desta dinâmica nefasta. O acesso aos mercados de exportação, a tendência irregular dos preços nos produtos de exportação, os obstáculos à transformação mais volumosa dos produtos locais, o desequilíbrio da balança de pagamentos, a necessidade de reformas estruturais, etc. complicam a situação.

De uma maneira geral, a gestão dos recursos hidrológicos, à escala das grandes bacias fluviais e, sobretudo, no quadro dos pequenos projectos, deixa muito a desejar. As epidemias que atacam os homens e os animais não foram ainda jugulados. Se as transformações de tipo clássico são menos necessárias do que noutras regiões em desenvolvimento, as relações entre o homem e a terra, como entre a propriedade privada e a propriedade comunal são complexas sobretudo quando se trata de populações nómadas.

Frequentemente a administração não desenvolve esforços bastantes para suscitar e apoiar as iniciativas locais. Os circuitos de distribuição privados funcionam mal; os organismos semioficiais criados para atenuar estas carências ou para assegurar ao Estado a prioridade nas compras, são muitas vezes pesados, incompetentes e não raro corruptos. Em muitos países as políticas oficiais de oferta e fixação de preços baixos à produção só desencorajam os agricultores.

Este inventário é por demais conhecido e nem é caso para dizer que toda a política do sector deva ser reformulada. As soluções estão por vezes desenhadas em teoria: falta é levá-las à prática e é aí que reside o problema fundamental.

Também não se pode dizer que a degradação agrícola da África se deve à falta de investimentos. Nem a insuficiência dos investimentos nem a indiferença do mundo exterior constituem justificação satisfatória. Segundo estimativas do Banco Mundial, em 1978, os investimentos internos representaram cerca de 18 por cento do PNB dos países da África de recursos escassos. E se é verdade que uma parte relativamente fraca destes investimentos coube à agricultura, é de qualquer modo espantoso que tendo em vista a mediocridade dos resultados, a taxa de investimento tenha sido tão elevada.

É que não se trata só de uma questão de volume dos investimentos. Trata-se, especialmente, da sua produtividade. Quais foram os principais estrangulamentos do sistema que continuam a constituir obstáculo ao rendimento dos investimentos? Três entre eles são particularmente decisivos:

– a explosão demográfica;
– a complexidade da tradição política;
– a insuficiência de infra-estruturas.

A explosão demográfica

Na África pobre, no decurso dos anos setenta, a taxa de crescimento da população ultrapassou a do resto do mundo, não obstante a taxa de mortalidade que é de longe a mais elevada no mundo. Nos anos oitenta, ou a mortalidade cresce mais que a natalidade ou a África pobre e todo o resto da África subsariana será a única região em que a taxa de crescimento da população continuará a aumentar.

Não se trata, evidentemente, de abrandar os esforços para diminuir a mortalidade, que não só seria moralmente mons-

AGORA 6490$00
PROJECTORES DE SLIDES
AUTOMÁTICOS
amena
Agfa
(enviamos à cobrança)
Fotografia e Cinema
FOTOCOLOR L.da
RUA DO OURO, 291 · TELEF. 364242/3 · 1100 LISBOA

NOVAS COLECÇÕES
DE
PRIMAVERA-VERÃO
SEDE: R. MIGUEL BOMBARDA, 41 — FILIAL: R. EÇA DE QUEIROZ, 20
TELEFONE: 2073123 — BARREIRO

Terra Prometida

truoso, como não tomaria em conta a ligação directa entre mortalidade e fecundidade. Fazer baixar a mortalidade, especialmente a mortalidade infantil, é uma forma indispensável de diminuir a fecundidade.

Que a densidade média nos campos seja bastante fraca em comparação com outras regiões do mundo, nomeadamente a Ásia do Sul, não impede que a fecundidade elevada seja uma das causas fundamentais dos maus resultados obtidos em matéria de desenvolvimento. Nos últimos tempos esta tem sido uma questão fulcral nas discussões sobre o problema e está a ser tratada com a mais extrema prudência. Como atenuar até ao fim do século o travão que a fecundidade exerce sobre o desenvolvimento?

Vem depois a tradição política e a forma como a África moderna conquistou a sua independência.

A experiência do colonialismo tornou os jovens Estados extremamente ciosos da sua soberania, pouco dispostos a imiscuir-se nos assuntos dos outros, mas também hipersensíveis às ingerências exteriores. Ela contribuiu também, ao mais alto grau, para reforçar a solidariedade pan-africana que, bem entendido, pode servir a causa do desenvolvimento.

Fronteiras marcadas na Europa

Mas há outros legados históricos que entravam esse desenvolvimento. O primeiro: o fraccionamento político. A juntar à organização tradicional africana em tribus, a marcação das fronteiras pelas chancelarias europeias no fim do século dezanove e o princípio do século vinte, dotou a África independente de um particularmente grande número de Estados – ao Sul do Sara, quarenta e sete.

Em 1978, somente seis dentre eles tinham população de mais de 15 milhões, 26 contavam menos de cinco milhões cada um, dos quais catorze menos de um milhão.

Em segundo lugar vem a violência e a instabilidade política, que têm a sua génese no modo como estes países tiveram de se bater pela independência.

O fraccionamento dos países dificulta o desenvolvimento. Por exemplo, um pequeno país não pode manter uma verdadeira escola de medicina, o mercado interior é muito pequeno e pouco dinâmico não tendo hipóteses de competir nos mercados externos; as infra-estruturas mais caras tornam-se proibitivas por ficarem a um preço per capita incomportável.

A desnutrição, a ausência ou insuficiência dos serviços de saúde primária e de aprovisionamento em água potável, a mortalidade infantil, o analfabetismo generalizado (especialmente entre as mulheres) não são somente chocantes em si, mas opõem-se ao abrandamento da fecundidade, minam a produtividade, desgastam as energias que poderiam ser consagradas aos esforços para o desenvolvimento local autónomo.

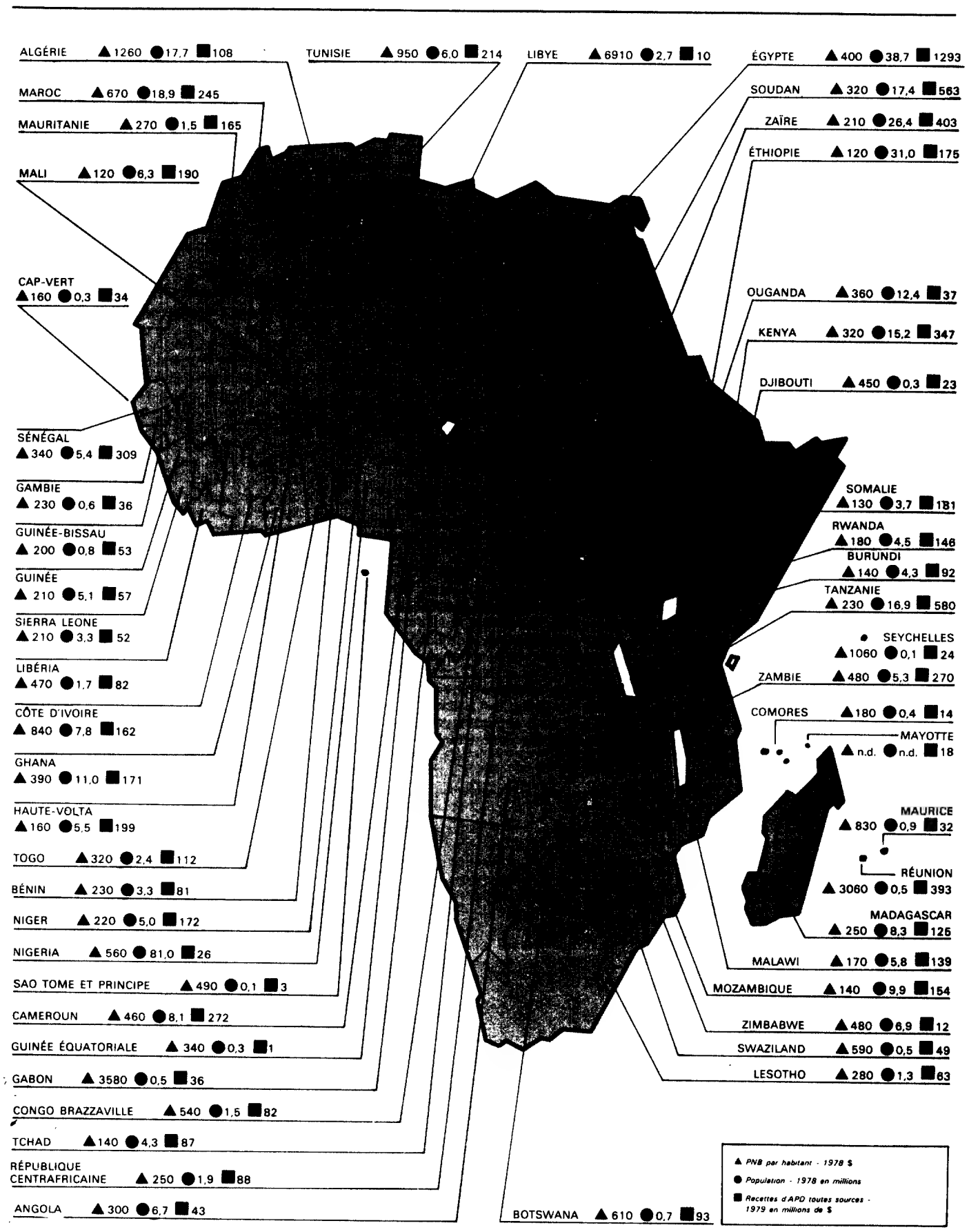
Quase todos os governos africanos estão, em princípio, dispostos a atacar estes obstáculos que paralisam o desenvolvimento. O que lhes falta sobretudo para agir com eficácia é pessoal convenientemente formado e mantido longo tempo nos centros vitais a trabalhar na investigação e divulgação agronómicas, nas administrações locais, nos sectores do ensino, da saúde, nas empresas industriais e comerciais e na execução de projectos de desenvolvimento.

A falta de quadros competentes faz-se sentir tanto ao nível médio como superior e, em consequência, os custos dos serviços especializados são exageradamente elevados em relação aos níveis gerais de rendimento.

A todas estas as dificuldades está a juntar-se a deterioração progressiva da balança de pagamentos da generalidade destes Estados, devido à degradação dos termos de troca. Os preços das matérias-primas de que são fornecedores ou estabilizam (por vezes baixam mesmo, nos mercados internacionais) ou não acompanham os aumentos dos produtos industrializados que são obrigados a comprar aos países desenvolvidos.

As importações de petróleo que em 1970 absorviam 10 por cento das receitas de exportação da África pobre, consomem agora 22 por cento. Segundo uma estimativa das Nações Unidas em dois países africanos a factura das importações subiu em dois anos 50 por cento, em seis ultrapassou 40 por cento e em 19 uns 25 por cento.

Como consequência, os países pobres são obrigados a reduzir o volume das suas importações, mesmo de bens de investimento, o que atrasa os esforços de desenvolvimento, se não os compromete mesmo.



Esboço de um programa de desenvolvimento

Na perspectiva da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico) o esboço de programas de relançamento do desenvolvimento africano deverá passar por etapas de base, a primeira das quais passaria pela constituição de redes de detecção do que é possível fazer a curto termo e com que meios.

Os resultados apurados seriam tratados quer pelas autoridades africanas, nomeadamente através das organizações regionais, sub-regionais e continentais, com os países dadores de ajuda e respectivas organizações superstruturais que, aliás, já trabalham na África ainda que em presença descontínua e desfasada entre os diversos países.

Há, depois, que conceder prioridade à formação de mão-de-obra especializada e iniciar, com urgência, estudos sobre as lacunas de infra-estruturas aos níveis regional e nacional. Estes esforços devem ser dirigidos por africanos mas com a contribuição de outros países e de técnicos e organizações especializados, principalmente dos países dispostos a apoiar financeiramente o lançamento de infra-estruturas económico-sociais nos países mais pobres.

É sublinhado igualmente no estudo da OCDE publicado no número de Janeiro/81, do «Observateur» a importância dos organismos sub-regionais para controlarem e coordenarem os esforços de desenvolvimento.

O caso do CILSS – Clube do SAHEL (Comité de Luta Contra a Seca no Sahel) é um caso flagrante das possibilidades de coordenação de esforços neste campo.

No conjunto da sua acção foi notavelmente eficaz até ao presente e o cenário actual implica não a sua supressão mas a multiplicação de iniciativas segundo o seu modelo.

No fundo, este ponto resume-se a uma das aspirações que podem servir de base para o desenvolvimento sub-regional: detectar e apoiar as possibilidades úteis e plausíveis de colaboração sub-regional, a começar pelas menos ambiciosas, trabalhar para tornar esta colaboração cada vez mais forte, quaisquer que sejam os acontecimentos políticos que se desenrolem no território de cada um dos países membros destes agrupamentos sub-regionais de desenvolvimento.

Pode ser que assim as coisas comecem a mudar, na condição de que o queiramos – não só os africanos – verdadeiramente.

MANUEL RAFAEL
GROSSISTA MATERIAL ELÉCTRICO

DISTRIBUIDORES DE:
★ SIPE ★ E. E. CERÂMICA ★ J. B. CORSINO ★ ATIL
★ EUROTERMO ★ NOVAERA

TRAVESSA DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) TELEF. 371001/2 LISBOA
— AV. ALMIRANTE REIS, 60-C — APARTADO 21295 LISBOA

Realidade e ficções no atentado contra Reagan

Porque disparou John Hinckley?

John Hinckley é um cidadão norte-americano de 25 anos de idade. Nos últimos dias o seu nome e a sua fotografia deram a volta ao mundo. A tão almejada notoriedade! Porém, John é considerado pelas pessoas das suas relações como um homem vulgar. Nada o distingue dos seus vizinhos de Evergreen, no Colorado, ou da maioria dos americanos. Tão igual as outros que praticamente não deixa recordações por onde passa. Vive solidamente instalado no anonimato do homem comum. Talvez também como o homem comum, sente-se frustrado. É um falhado nos estudos, na amizade, um jovem sem futuro. Apesar de ser filho de um próspero industrial, é, na verdade, um John ninguém.

Como muitos outros, projecta a sua ânsia de sucesso em alguém que já o conseguiu. Apaixona-se por uma jovem e bela actriz: Jody Foster. Relacionar-se, amar, casar com uma estrela é por si só um enorme sucesso. Talvez a última esperança de um desiludido. John conhece-a do filme «Taxi Driver» no papel de prostituta, a quem um pretendente declara que «matará o presidente para lhe provar o seu amor». A partir daí são inúmeras as cartas, os telefonemas, as tentativas de contacto directo. Tudo em vão.

John desespera. Percorre os EUA sem parar e é detido em Outubro passado, no aeroporto de Nashville, com três revólveres e 25 quilos de munições. Carter estava na cidade e Reagan deveria por lá passar no mesmo dia. Paga pouco mais de três contos de multa e quatro dias mais tarde é posto em liberdade. Pouco depois, em Dallas, na mesma rua e cidade em que caiu John Kennedy, preenche uma simples ficha burocráica e compra dois revólveres calibre 22.

No domingo 29 de Março chega a Washington, instala-se num hotel, e no dia seguinte escreve uma carta a Jody Foster. São 12h 45 e John começa assim: «É muito possível que eu perca a vida ao tentar atingir Reagan. Resolvo por isso escrever-te agora esta carta. Como já sabes, é muito profundo o meu amor por ti. Nos últimos sete meses fiz-te chegar dezenas de poemas, de cartas e de mensagens na ténue esperança de que te interessasses por mim». Mais à frente, a terminar afirma: «Jody, abandonaria imediatamente esta ideia de abater Reagan se pudesse conquistar o teu coração e viver o resto dos meus dias junto de ti. Reconheço que a única razão que me impele a dar execução ao meu projecto neste momento é não poder esperar

A actriz Jodie Foster tal como aparecia no filme «Taxi Driver»

mais tempo para te impressionar. Tenho de realizar imediatamente algo que te faça compreender claramente que faço tudo isto por ti. Sacrificando a minha liberdade e talvez a vida espero fazer-te mudar de opinião a meu respeito. Escrevo esta carta uma hora antes de partir para o Hilton. Jody, peço-te por favor que examines a fundo o teu coração e me dês ao menos a oportunidade de ganhar o teu respeito e o teu amor através deste acto histórico. Amo-te eternamente».

Duas horas depois dispara seis balas contra Reagan. Uma atinge-lhe um pulmão. O revólver utilizado é um dos que meses antes havia adquirido em Dallas. A notoriedade está alcançada!

O que é que moveu John? A carta para a sua amada nem sequer chegou a seguir para o correio. Deixou-a no quarto do hotel. O amor de Jody, se algum dia o conseguisse, nunca lhe garantiria mais que um apagado segundo plano. Tudo indica que John procurava a luz da ribalta. O amor, esse já não acreditava que viesse a ser correspondido.

Armas em venda livre

Atentando contra a vida do presidente da nação mais poderosa da Terra, conseguiria impressionar não só a Jody como o mundo inteiro.

Mas porquê um tão grande desejo de chamar a atenção dos outros sobre si? Esta, uma complexa questão a que psicólogos e psiquiatras tentam agora dar resposta.

Uma coisa parece certa todavia: o objectivo de 'dar nas vistas' é comum neste tipo de assassínos solitários que regularmente fazem a sua incursão no dia-a-dia dos EUA. O último em data, chama-se Mark Champman e abateu John Lennon há alguns meses. Em geral, nada os une aos «assassínos profissionais» que abundam nesse país, a não ser a facilidade com que têm acesso aos instrumentos de morte. Essa facilidade é aliás ferozmente defendida por um poderoso lobby industrial e comercial que domina o comércio de armas e que até aqui contava com o apoio do próprio Ronald Reagan.

O papel determinante da livre circulação das armas, na espiral de violência que de ano para ano cresce nos EUA, está contudo

por demonstrar. Numa sociedade em que o culto da violência data da conquista do Oeste, do genocídio do povo índio, e da guerra da Secessão, e onde a posse de uma arma sempre foi considerada como um direito fundamental do cidadão, ainda falta provar que uma qualquer regulamentação do comércio de armas poria fim a uma violência que lhe é inerente.

Doentes mentais?

Naturalmente que, para explicar a conduta dos criminosos do tipo de John Hinckley, a saída mais simples é a invocação distúrbios psíquicos. No caso do agressor de Reagan, avança-se mesmo com um curto tratamento psiquiátrico que seguiu durante o último Verão na sua cidade natal. Sem levantar o vasto e insolúvel debate que de há muito se trava à volta de definição de doença mental, não podemos deixar de notar que, num país em que porta sim porta não os habitantes consultam ou já consultaram psiquiátras e psicanalistas, aparece como irrelevante a referência aos distúrbios psíquicos de um qualquer cidadão. O cinema e a literatura norte-americanos são aliás exemplares na demonstração do peso que aí têm as «doenças da civilização». Para lá do livre porte de armas e das doenças mentais, as razões de certos comportamentos violentos e «anormais» parece encontrar-se de facto, segundo numerosos estudiosos, em verdadeiras «doenças da civilização».

Papel da violência na televisão e no cinema

E no meio de tudo isto, qual o verdadeiro papel da violência veiculada através dos meios de Comunicação Social em geral e da televisão e do cinema em particular?

No caso de Hinckley, a presença de Jody Foster e do «Taxi Driver», não pode deixar de fazer surgir esta questão. A resposta do homem da rua não deixa dúvidas: o cinema, os mitos por ele desenvolvidos e violência por ele banalizada, estão directamente ligados à formação da personalidade de John. A verdade parece porém bastante mais difícil de discernir.

Num caso concreto, estudado exaustivamente, poder-se-á eventualmente determinar um efeito directo de imagens violentas sobre o comportamento de um indivíduo predisposto psicológica e culturalmente para receber uma tal influência. Generalizar e deduzir de alguns casos específicos uma qualquer lei que relacione casualmente a violência do ecrã com as atitudes posteriores do sujeito, jovem ou adulto, parece ser uma atitude indefensável do ponto de vista científico.

André Glucksmann, um investigador francês que analisou há alguns anos uma amostra muito vasta e representativa de uma bibliografia de 2500 obras sobre os efeitos do cinema na juventude, a pedido do Ministério da Juventude e dos Desportos de França, conclui no seu relatório final que os numerosos especialistas que ao longo das últimas décadas se têm debruçado sobre o problema não conseguiram uma única resposta unânime às múltiplas questões que se levantam sobre a matéria. Desde as opiniões professadas pelo sociólogo Edgar Morin que não vê qualquer efeito pernicioso do cinema na juventude e reconhce nele um factor positivo de «iniciação do adolescente à vida adulta» (com toda a violência e todo o horror que a caracterizam), até às opiniões opostas que vêem no cinema uma «verdadeira escola do crime», Glucksmann registou um sem número de outras posições sem ser capaz de entre elas encontrar um traço de união.

Destas observações fundamentadas em estudos detalhados e assentes em metodologias científicas resulta que é efectivamente abusivo imputar aos meios de comunicação de massa a responsabilidade da violência.

Tal como salienta Doniol Volcroze num estudo publicado em 1965 «acreditar que existem delinquentes juvenis porque há filmes sobre a delinquência juvenil é pegar no problema às avessas. Há delinquentes juvenis porque há bairros de lata, uma crise da habitação, guerras colonias etc. O cinema não tem nada a ver com isso».

Terá John Hinckley disparado porque a venda de armas é livre nos EUA? Por ter sofrido distúrbios psíquicos? Por ter visto um filme que nele suscitou uma reacção de mimetismo? Os especialistas não darão uma resposta unânme a nenhuma destas perguntas. Talvez reconheçam que algumas dessas razões tenham contribuído para o seu comportamento. Não concluirão seguramente é que todas elas são globalmente motivadoras de uma sociedade violenta; concluirão, isso sim, que elas são mais a sua consequência que a causa, mais o seu reflexo inevitável que o fundamento.

José António Cerejo

PUB.

Melhore o seu nível social exercendo uma boa profissão.

E isso está agora perfeitamente ao seu alcance se optar por um curso do Centro de Instrução Técnica, uma entidade especializada no ensino à distância.

Informe-se. Preencha, destaque e envie-nos o cupão por carta ou colado num simples postal. Mas faça-o ainda hoje!

Estes são os cursos que o CIT tem ao seu dispor: Electrónica, Rádio e TV • Transístores • Desenho de Máquinas • Desenho de Construção • Contabilidade • Organização Administrativa de Empresas • Programação Cobol • Inglês • Francês • Cultura Geral • Corte • Confecção.

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
ENSINO TÉCNICO À DISTÂNCIA

R. D. ESTEFÂNIA, 32
1066 LISBOA CODEX

Grátis e sem compromisso enviem-me informação completa sobre o curso que indico o 01

CURSO _____
NOME _____
ENO EMPREGO _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____
A preencher pelos nossos serviços. | | | 1 | | | | | 1 | 1 | 1 | 4 | 0 |

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

Poder Local no Conselho, dignifica o exercício das Competições e atribuições das autarquias, em colaboração estreita com as Populações organizada

O Poder Local só poderá frutificar quando se verificar a concretização plena da autonomia financeira e da descentralização administrativa

Com trabalho colectivo fazemos cada dia que passa, um conselho melhor.

Obras de

AUGUSTO ABELAIRA

O TRIUNFO DA MORTE

ROMANCE

Uma novidade Sá da Costa

Sessão de autógrafos com a presença do autor e do escritor Fernando Namora que falará sobre a obra, em 9 de Abril, próximo, pelas 18 horas, na Livraria Sá da Costa.

Arábia Saudita corta com o Afeganistão

A Arábia Saudita decidiu romper as suas relações diplomáticas com «o regime ilegal do Afeganistão» anuncia um comunicado publicado pelo ministério Saudita dos Negócios Estrangeiros.

A viagem de Haig

Uma ideia constante – «o expansionismo soviético» – e uma necessidade – vender armas americanas à Arábia Saudita – dominaram até agora a primeira viagem ao Médio Oriente do novo secretário de Estado americano, Alexander Haig, que já parou no Cairo e em Jerusalém, e que chegou ontem à Jordânia.

O sucesso ou o fracasso desta viagem, segundo os observadores, aparecerão depois das etapas na Jordânia e na Arábia Saudita.

O novo chefe da diplomacia americana recordou em Jerusalém que o objectivo da estratégia dos Estados Unidos no Médio Oriente era de realizar um «consenso face à crescente ameaça do imperialismo soviético». Apesar duma advertência síria, formulada através do jornal «Techrine» contra uma «aliança árabe-israelita», Haig conta com o Cairo, Jerusalém, Amã e Riade para erguer uma barricada e isso, nomeadamente graças aos fornecimentos de mais armas americanas.

Assim, tornou-se claro que o secretário de Estado foi a Jerusalém para pôr cobro aos receios israelitas quanto ao fornecimento de equipamentos militares à Arábia Saudita tais como os aviões-radar (AWACS), capazes de penetrarem totalmente no dispositivo aéreo israelita, e os caças «F-15» com um raio de acção superior ao inicialmente previsto.

Por outro lado, a Rádio Israelita referiu uma «feliz consequência para Israel: um aumento da ajuda económica». A Imprensa local já tinha mencionado, na sexta-feira passada, a existência dum documento de trabalho secreto do Departamento de Estado, anunciando o armazenamento de material americano nas bases do deserto do Neguev, entre outras «compensações».

A visita do secretário de Estado americano parece ter lançado para o esquecimento das negociações, mortas à nascença, sobre um regime de autonomia palestiniana nos territórios da Cisjordânia e de Gaza, ocupados por Israel.

Eleições sindicais

Um milhão e meio de trabalhadores israelitas vão hoje às urnas para elegerem a direcção da poderosa central sindical Histadrut.

As eleições, importantes em si, constituem ainda uma sondagem considerada quase infalível em relação aos resultados da votação de 30 de Junho para o Parlamento.

Os trabalhistas são os favoritos para vencer as eleições de hoje e o interesse principal será ver até que ponto a coligação Likud do primeiro-ministro Menahem Begin mantém a sua força.

Guerra ameaça o Líbano

Forças sírias de manutenção da paz defrontaram-se com milícias direitistas cristãs e com o exército regular libanês, em combates que envolveram artilharia e tanques.

Ao mesmo tempo, o governo de Beirute procurou o apoio da União Soviética, com o objectivo de pôr termo aos combates iniciados há seis dias e que conduziram o país à beira da guerra civil.

O presidente libanês, Elias Sarkis, convocou o embaixador soviético, Alexander Soldatov, para um encontro, que durou uma hora e cujo tema foi a discussão dos meios para acabar com a violência, anunciaram fontes governamentais.

A Síria tem, desde há vinte anos, um tratado de amizade e cooperação com a União Soviética e os dois países têm procurado coordenar a sua política relativamente ao Médio Oriente.

O secretário norte-americano de Estado, Alexander Haig, disse hoje aos jornalistas que os Estados Unidos estavam a tomar «medidas sem precedentes, destinadas a influenciar o cessar-fogo no Líbano.

Enquanto isto, um comunicado do Eliseu publicado em Paris informa que o chefe de Estado francês Giscard d'Estaing, designou um enviado especial a Beirute para discutir com o presidente libanês, Elias Sarkis, as modalidades de auxílio ao Líbano nas actuais circunstâncias.

Por último, a agência síria SANA informou que Abdel Halim Khaddam, vice-presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros, está hoje em Beirute «para tomar conta no local do que se passa no Líbano».

Refugiados africanos

As Nações Unidas convocaram em Genebra uma Conferência Internacional que, ao longo dos dias 9 e 10 de Abril, tntará arranjar mais fundos para contribuir para a solução imediata do drama dos refugiados africanos.

O alto-comissário da ONU para os Refugiados (UNHCR), organizador da reunião, preparou relatórios cuja aprovação poderá sugerir uma ração de comida, uma injecção, ou um punhado de trigo para farinha, que são as necessidades mais vitais para os cinco milhões de desalojados em África.

Por seu lado, a Organização da Unidade Africana (OUA) continua a lançar gritos de alarme: a situação, garantem os seus funcionários, é radicalmente distinta da verificada há dez anos, quando o número de refugiados em África era só de 750 mil.

"Cimeira" na Zuazilândia

O presidente moçambicano, Samora Machel, participou na Suazilândia, num encontro de chefes de Estado de países que têm fronteiras com a África do Sul.

A reunião realizou-se a convite dm rei Sobhuza, da Suazilândia, e nela participaram também o rei Moesheshwe, do Lesotho, e Quett Masire, presidente do Botswana.

O primeiro-ministro do Zimbabwé, Robert Mugabe, que notícias provenientes da Africa do Sul apontavam como sendo um dos participantes no encontro, não esteve presente.

O curto comunicado final salienta que os chefes de Estado analisaram as «tentativas da África do Sul para desestabilizar os países vizinhos através de ataques militares e outras formas de subversão».

Foi decidido manter encontros regulares para discussão de questões «de interesse mútuo» para aqueles países.

PAGUE EM 12 MESES
sem aumento de preço
SALORA
A CORES
CINESCÓPIO de 56 cm
a medida que os
exigentes preferem

SALORA
CORES NATURAIS · MAIS NITIDEZ
MAIOR REALIDADE · MELHOR IMAGEM
M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

A guerra no Golfo

Irão rejeita plano islâmico

O Irão rejeitou o mais recente plano de paz apresentado pela Organização da Conferência Islâmica e insistiiu noutras condições para acabar com a guerra que o opõe ao Iraque.

A agência noticiosa iraniana PARS anunciou que o presidente Abolhasan Bani-Sadr estudou o plano com o Conselho Supremo da Defesa tendo chegado à conclusão de que eram «vagas» as propostas formuladas.

Bani-Sadr indicou que as mesmas previam um cessar-fogo, seguido pela demarcação da fronteira entre o Irão e o Iraque pela retirada das tropas iraquianas dos territórios ocupados e por um inquérito às causas da guerra.

O plano de paz foi apresentado na semana passada aos dois países por Habib Chatti, secretário-geral da Organização da Conferência Islâmica.

O Irão deseja que a retirada das tropas iraquianas do território conquistado se verifique logo na altura da proclamação do cessar-fogo e que se determine quem é que desencadeou as hostilidades.

Enquanto isto, na frente militar, um comunicado de guerra distribuído na segunda-feira pela PARS diz que forças iraquianas atacaram a cidade de Ahvaz, capital da provincia do Cuzistão.

Por seu turno, o comunicado diário iraquiano afirma que nas últimas 24 horas foram mortos 135 soldados do Irão, tendo eles próprios sofrido duas baixas.

O conflito armado entre os dois países principiou em 22 de Setembro do ano passado.

A situação na Tailândia

A Tailândia pediu aos Estados Unidos que recusem asilo político ao líder da recente tentativa de golpe de Estado, general Sant Chitpatima.

O Governo tailandês anunciou pretender julgar Chitpatima em tribunal marcial, a par de outras altas patentes envolvidas na intentona.

Pelo menos 13 coronéis e dois generais serão levadoa a tribunal militar para responder à acusação de traição – assinalaram fontes governamentais, acrescentando que o Executivo não pediria para os incriminados a pena de morte porquanto a fazê-lo, poderia dar azo a prolongados ressentimentos.

Responsáveis do Ministério tailandês dos Negócios Estrangeiros disseram que a Embaixada norte-americana em Banguecoque e a secretaria norte-americana de Estado em Washington haviam sido informadas de que a Tailândia não acolheria de bom grado uma eventual concessão de asilo ao general Chitpatima nos Estados Unidos.

Plebiscito nas Filipinas

A Polícia e o exército filipino entraram em alerta geral, na véspera de um plebiscito sobre emendas constitucionais que concedem ao presidente Ferdinando Marcos ainda maiores poderes.

O general Fidle Ramos, chefe da força paramilitar, afirmou aos jornalistas ter ordens para prender os agitadores e impedir uma manifestação de oposição ao plebiscito denominada «barragem de ruído».

A oposição democrática unida, que procura afastar Marcos do lugar que ocupa há 16 anos, pediu aos filipinos que fizessem hoje o máximo de barulho para manifestarem descontentamento pelo regime autoritário.

O apelo foi quase completamente ignorado na populosa capital, Manila, mas algumas das poucas pessoas que o seguiram foram presas, incluindo Francis Laurel, o sobrinho do líder oposicionista Salvador Laurel.

As autoridades justificaram as prisões afirmando que as manifestações – incluindo caravanas de carros, fazendo soar as buzinas – constituíam «um insulto ao processo eleitoral».

Estão inscritos 25 milhões de eleitores e é geralmente previsto um triunfo esmagador do «Sim», que abrirá caminho para uma eleição presidencial em 7 de Junho onde o vencedor certo é o presidente Marcos.

O presidente levantou a lei marcial vigente durante oito anos em 17 de Janeiro e refuta as acusações da oposição de que as mudanças constitucionais se destinam «a perpetuar a ditadura».

Anunciado oficialmente em Bona

Brejnev visitará a RFA ainda este ano

Decorrem actualmente conversações entre Bona e Moscovo para uma visita de Leonid Brejnev à RFA «no corrente ano», confirmou hoje Kurt Becker, pota-voz do Governo alemão federal.

O informador oficial não indicou datas, recordando que o chanceler Helmut Schmidt endereçou um convite ao chefe do Estado soviético por ocasião da sua visita a Moscovo em 30 de Junho de 1980.

Leonid Brejnev manifestou «pelos canais diplomáticos o seu interesse» em visitar oficialmente a RFA, precisou Becker. O Governo federal – acrescentou – «consultará como de costume os seus aliados» em relação a esta visita que deverá efectuar-se «antes do fim do ano» independentemente de um eventual encontro cimeiro Reagan-Brejnev.

O porta-voz governamental não esclareceu se Brejnev tenciona visitar na mesma altura outras capitais da Europa Ocidental.

Aviso de Schmidt

O chanceler alemão federal, Helmut Schmidt, avisou os Estados Unidos de que era melhor reatarem as conversações sobre desarmamento com a URSS sob risco de terem problemas com a Alemanha Federal.

Schmidt disse ao «Sueddeutsche Zeitung» de Munique que, «se as negociações não se realizarem este ano, não haverá apenas dificuldades internas para mim».

«Haverá também dificuldades nas relações com o Governo dos Estados Unidos, mas eu tentarei providenciar para que não cheguemos aí.»

Schmidt disse que era compreensível que a Administração Reagan precisasse de tempo para preparar as conversações destinadas a limitar as armas nucleares.

«É também no interesse dos Estados Unidos evitar uma corrida às armas em território europeu tal como as repercussões que isso teria na situação psicológica na Europa» – acrescentou.

Schmidt considerou que as conversações sobre a limitação dos mísseis de médio alcance na Europa só terão sucesso se a União Soviética perceber que não pode manter a «fantástica» superioridade que detém actualmente com os seus foguetões «SS-2».

Reunião da NATO

O Grupo de Planeamento Nuclear da NATO está reunido hoje e amanhã em Bona.

Poderá verificar-se uma grave divergência de opiniões entre a Administração Reagan, que parece tender a opor-se ao controlo de armamentos e alguns aliados europeus dos Estados Unidos, que consideram necessidade imperiosa as conversações com a União Soviética sobre controlo de armamentos.

O Governo alemão federal anunciou hoje que o presidente soviético, Leonid Brejnev visitará Bona este ano, facto que sublinha o desejo europeu de contactos com Moscovo.

O ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, que regressou no sábado de Moscovo, sublinhou na altura que a União Soviética parecia também estar disposta a conversações sobre o controlo de armamento na Europa.

Genscher teve uma reunião com o secretário-geral da OTAN, Joseph Luns, sobre as conversações que teve na capital soviética.

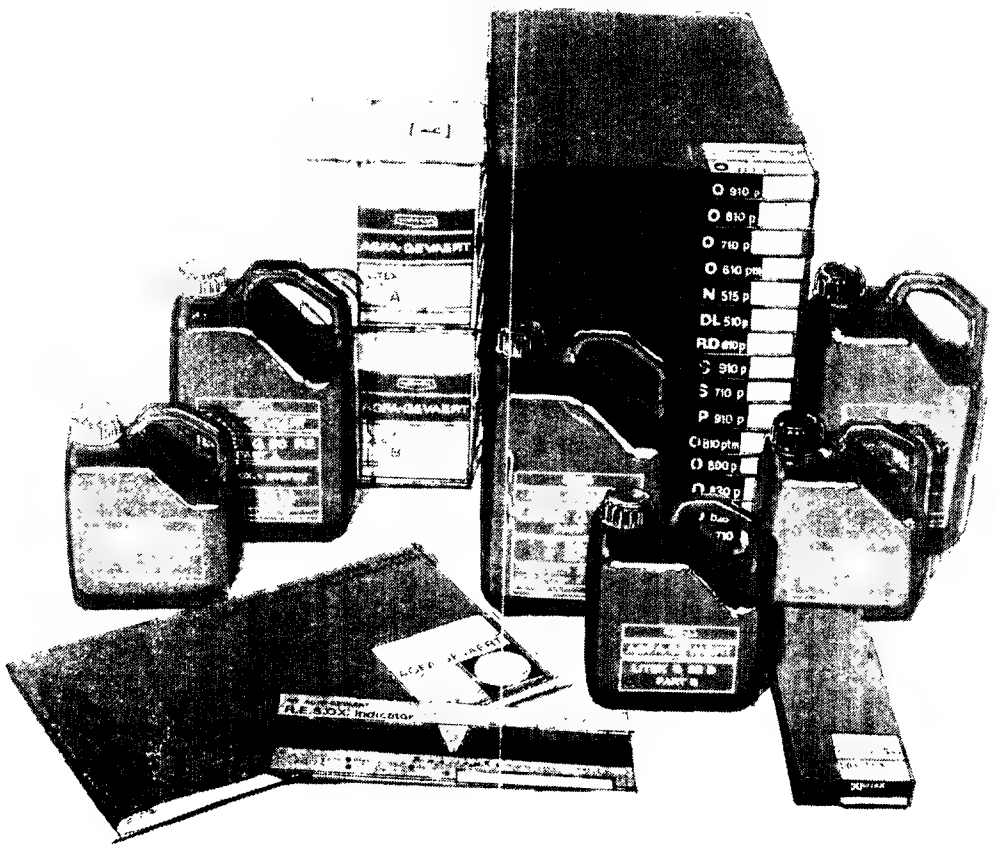
Em torno do Ministério da Defesa, onde vai realizar-se a reunião, foi montado um forte dispositivo de segurança, destinado a guardar o local contra novas manifestações já previstas e possíveis ataques de extremistas.

O Grupo de Planeamento Nuclear é integrado pelos ministros da Defesa da Alemanha Federal, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal e Turquia.

A reunião será presidida por Luns.

GEVAERT AGFA-GEVAERT

PRODUTOS GRÁFICOS E REPROGRÁFICOS



TEMOS TAMBÉM A SOLUÇÃO PARA OS SEUS PROBLEMAS OBTENHA V. MESMO A QUALIDADE DESEJADA CONSULTE A AGFA-GEVAERT

EQUIPAMENTOS • PELÍCULAS • PAPEIS • TRAMAS • QUÍMICOS

O DL UTILIZA MATERIAIS AGFA-GEVAERT NOS SECTORES DE FOTOCOMPOSIÇÃO E FOTOGRAFIA

No Congresso do PC checoslovaco

Husak defende cimeira de partidos comunistas

O presidente Husak propôs ontem a reunião de uma conferência de «todos os partidos comunistas e operários», para «examinar em conjunto» os problemas que se colocam ao movimento comunista.

No seu discurso de abertura do décimo sexto Congresso do PC checoslovaço, Husak declarou: «somos testemunhas da presente hora de acumulação de problemas que dizem respeito a todos os partidos comunistas e operários. Seria útil, na nossa opinião, examiná-los em comum».

Julga-se que um dos problemas a que Husak se refere seja a situação na Polónia. Deste modo a cimeira que ontem as agências noticiosas sugeriam que tivesse lugar em Praga durante a reunião do Congresso, teria assim algum fundamento mas virá a realizar-se posteriormente e abordará um mais vasto leque de questões.

Na sua intervenção de ontem, Husak esclareceu a posição do seu partido em relação à Polónia em termos que nada têm de novo face às múltiplas declarações que nos últimos meses têm sido proferidas por responsáveis dos países do Pacto de Varsóvia. Com efeito Husak reafirmou que os problemas da Polónia não são exclusivos daquele país mas que implicam o conjunto da Comunidade socialista e sublinhou que o último plenário do Comité Central do POUP revelou o facto de que «forças anti-socialistas estão a causar a anarquia e a ameaçar os alicerces do socialismo». O dirigente checo advertiu igualmente que os Estados socialistas defenderão a sua comunidade se alguém tentar servir-se dos acontecimentos na Polónia para causar desordens.

Discurso de Brejnev

Na manhã de hoje, Leonidas Brejenv usou da palavra perante o Congresso proferindo um vibrante elogio à linha política e à actuação do PC checoslovaco. A propósito da Polónia o dirigente soviético afirmou que «a União Soviética foi e continua a ser um amigo fiel da Polónia socialista(...) Os comunistas polacos, com o apoio dos autênticos patriotas, saberão, assim esperamos, ripostar às arremetidas dos inimigos do sistema socialista, que são também os inimigos da independência da Polónia. Eles saberão preservar a causa do socialismo, os reais interesses do seu povo, a honra e a segurança da pátria», acrescentou.

Enquanto isto, em Paris, o jornal «Le Figaro» publicava ontem uma entrevista do vice-primeiro-ministro polaco, Mieczyslaw Rakowski, em que este declarava que a União Soviética «seria o último país a querer invandir a Polónia». «Se alguém pensa que os dirigentes soviéticos estão à espera de ocasião para intervir, está a iludir-se a si próprio de uma forma absurda» – comentou Rakowski.

«A União Soviética tem afirmado e reafirmado – e vocês têm de levar estas declarações a sério – que continua a ter confiança nos dirigentes do partido polaco e que está persuadida de que eles sabem como evitar os perigos e regressar a uma situação estável».

«Têm de perceber que a União Soviética está realmente interessada em manter relações com a Polónia fundadas na confiança mútua e na amizade. Não se trata apenas de táctica» – acentuou.

PC holandês retira-se

O Partido Comunista holandês decidiu, ontem, chamar imediatamente a sua delegação que assistia ao congresso do PC checo em Praga, indica fonte autorizada.

Os comunistas holandeses pretendem assim manifestar o seu desacordo com a declaração do secretário-geral checo, Gustav Husak, a propósito da Polónia, acrescenta a mesma fonte.

Esta declaração, precisam na sede do PC holandês, traça um paralelo entre a situação da Polónia e as questões húngara (1965) e checa (1958).

Tikhonov na Áustria

O chefe do Governo soviético Nikolai Tikhonov deixou ontem Moscovo para uma visita oficial à Áustria.

Esta é a primeira deslocação de Tikhonov ao estrangeiro desde que tomou posse em 23 de Outubro passado, sucedendo a Alexei Kossyguine, que se demitiu por razões de saúde.

Durante a sua estada na Áustria Tikhonov conferenciará com os dirigentes locais sobre temas económicos, nomeadamente sobre a venda de gás natural da Sibéria e a construção de um gasoduto para o seu transporte até à Europa ocidental.

Bélgica já tem governo

O rei Balduino da Bélgica concedeu ontem posse à nova coligação governamental chefiada por Mark Eyeskens e formada por democratas cristãos e por socialistas.

O Governo é praticamente idêntico ao anterior, excepção feita à saída do primeiro-ministro Wilfried Martens e à entrada para a pasta das Finanças de Robert Vandeputte.

No gabinete de Eyeskens, que era até agora ministro das Finanças, Charles-Ferdinand Nothomb mantém-se como titular dos Negócios Estrangeiros

NACIONAL RÁDIO
LIGAÇÃO AO CONFORTO

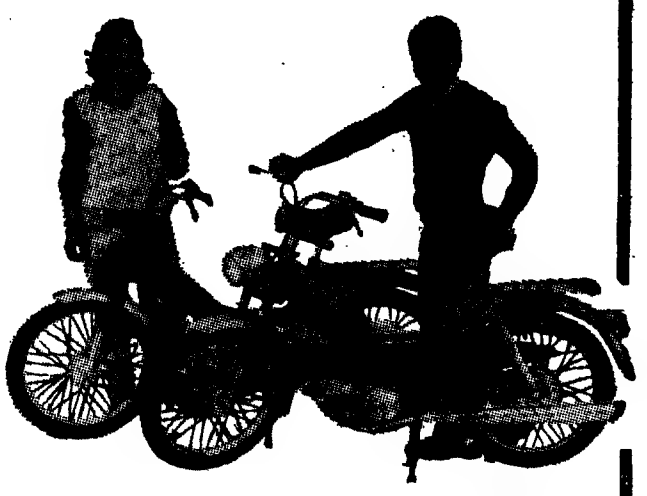
FAGOR
Candy
GRUNDIG
PROGRESS
KING

Quando o televisor, a arca frigorífica, o fogão, o frigorífico ou o aspirador são Grundig, Candy, King, Fagor ou Progress então o conforto é Nacional Rádio.
A Nacional Rádio é uma empresa com uma experiência de mais de 50 anos no sector electrodoméstico.
A alta tecnologia dos produtos comercializados pela Nacional Rádio assegura-lhes mais qualidade aliada à maior economia de utilização.

NR A NACIONAL RÁDIO APOSTA NO FUTURO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL SUL-NACIONAL RÁDIO-RUA BENTO DE JESUS CARAÇA, 17-CRUZ QUEBRADA-1495 LISBOA-OU APARTADO 2096-1102 LISBOA CODEX
NORTE-SANTOS GUIMARÃES & OLIVEIRA - RUA SÁ DA BANDEIRA, 706-6.º DT.º - 4000 PORTO

NÓS ESTAMOS FELIZES POR POSSUIRMOS UMA AUTOMÁTICA QUE GASTA APROX. $68 POR KM.
É ECONÓMICA, DE FÁCIL MANEJO E COM ELA CHEGAMOS SEMPRE A HORAS



Preço ao Público 33.250$00

AGORA EM MARÇO E ABRIL
CUSTA MENOS 2.000$00

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Dr. Amílcar Joaquim Cortez Neves, Juiz de Direito da 1.ª Secção do 5.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que por este Juízo e 1.ª Secção-Proc. 5064 correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando os Réus: João Pedro Glão Toscano Rico, proprietário, com última morada conhecida na Avenida Fontes Pereira de Melo, 22-1.º Dt.º em Lisboa; e Armando Glão Toscano Rico, proprietário, com última morada conhecida na Rua Filipe Folque, 17-1.º Dt.º, em Lisboa, e ambos, actualmente ausentes em parte incerta, para no prazo de VINTE DIAS, posterior àquele dos éditos, contestarem, querendo, os Autos de Acção Ordinária que lhes move o Autor: O BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP, e ainda para confessarem ou negarem a firma, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo Autor.

Lisboa, 30 de Março de 1981

O Juiz de Direito
Amílcar Joaquim Cortez Neves
O Escrivão-Adjunto
José Cardoso da Silva Belém

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

Execução Sumária n.º 7432, 3.ª Secção.

Exequente — O BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP.

Executado — SOCIEDADE DE CONFECÇÕES SIMÕES & OLIVEIRA, LDA., com última sede conhecida na Rua do Município, n.º 143 - Loja - Dt.ª — Brandoa — Amadora.

Lisboa, 26 de Março de 1981.

O Juiz de Direito,
a) Ilídio Gaspar Nascimento Costa
O Escrivão Adjunto,
a) Cândido de Oliveira Marques

Desporto

Nacional hoquista

Sporting «cilindra» Sesimbra

Resultados dos jogos disputados ontem para a 14ª jornada da fase zonal do Campeonato Nacional de Hóquei em Patins, na Zona Norte: Sanjoanense -Valongo, 3-2; Famalicense - Juventude de Viana, 5-3; Relógios Invicta - FC Porto, 5-5-; Paço do Rei - Infante de Sagres, 2-2 e Académica de Espinho - Oliveirense, 4-6. Zona Sul: Física de Torres - Belenenses, 1-8; Cascais - Parede, 3-2; Alenquer -Quimigal, 6-2; Sporting - Sesimbra, 13-0; Benfica - Oeiras, 3-3.

Classificação actual na Zona Norte: 1 – FC Porto, 39 pontos; 2 – Valongo, 36; 3 – Juventude de Viana, 33; 4 – Sanjoanense, 31; 5 – Relógios Invicta, 30; 6 – Oliveirense, 28; 7 – Infante de Sagres, 27; 8 – Paço de Rei, 20; 9 – Ac. Espinho e Famalicense, 18. Zona Sul: 1 – Sporting, 37; 2 – Benfica, 36; 3 – Sesimbra, 32; 4 – Belenenses, 30; 5 – Cascais, 28; 6 – Alenquer, 27; 7 – Física de Torres, 25; 8 – Oeiras, 23; 9 – Quimigal e Parede, 21.

Sem dúvida: o facto mais saliente da ronda hoquista de ontem foi o rotundo sucesso do Sporting perante o Sesimbra europeu, que fracassou totalmente, acusando o desgaste da partida com os franceses do Mestras e, sobretudo, comprovando a veterania dos seus principais elementos.

Depois, há que registar a vitória do Belenenses, a derrota do Juventude de Viana e o empate do Oeiras, como factos igualmente salientes da jornada.

Os «azuis» com o seu triunfo (8-1) em Torres Vedras diante da Física deram um passo importante com vista à qualificação, até porque na sexta-feira recebem no Restelo, o seu competidor mais directo para o 4.º lugar, o Cascais, que desta vez sentiu dificuldades em vencer o Parede (3-2).

Ainda na Zona Sul, o Oeiras, depois de duas derrotas consecutivas, foi à Luz empatar a três golos com o Benfica, conquistando dois preciosos pontos na luta contra a despromoção e permitindo confirmar o abaixamento de forma dos benfiquistas.

Todavia, o grande beneficiado com este desaire foi o Sporting que, diante do Sesimbra, realizou uma exibição ao nível das suas noites europeias, triunfando convincentemente (13-0) sobre a equipa que, quatro dias antes, derrotara o Benfica por 4-0. Os «leões» isolaram-se no comando da zona com um ponto de vantagem sobre o seu eterno rival, sendo por isso aguardado com muita expectativa o embate que ambos vão travar na próxima sexta-feira, no rinque dos campeões nacionais.

Normal o triunfo do Alenquer, no seu recinto, sobre a Quimigal, equipa que dificilmente conseguirá escapar à despromoção.

Na Zona Norte, o Famalicense ganhou pela 1.ª vez e o triunfo (5-3) adquire maior retumbância por ter sido alcançado sobre uma equipa, o Juventude de Viana, que está a fazer uma excelente carreira e que, apesar do desaire de ontem, continua no caminho da qualificação.

A Sanjoanense, ao vencer o 2.º classificado (o Valongo) isolou-se na quarta posição, pois o Invicta empatou a cinco golos frente ao líder (FC do Porto), embora se possa considerar bastante positiva a igualdade imposta aos portistas.

A Oliveirense, isolou-se na 6.ª posição, mercê do triunfo obtido na sua deslocação a Espinho para defrontar a Académica local e do empate cedido pelo Infante de Sagres na sua deslocação ao rinque do Paço de Rei.

365 dias

O desporto não existe

A gente folheia o ano que passa e fica triste: dias sucedem-se a dias e a imobilidade prossegue.

Desporto é o único meio de vida que dá prémios para se cumprir um contrato de trabalho.

A droga campeia no desporto: nenhum diploma tem força de lei.

O Sindicato dos Jogadores não fala: estrebucha.

O Sindicato dos Treinadores não se escuta: lamenta-se.

A Liga dos Clubes não existe: vegeta.

A Federação de Futebol não tem um presidente: tem vários.

O secretário de Estado dos Desportos é uma figura política: não tem passado desportivo.

O director-geral dos Desportos navega num mar de intranquilidade: ao seu lado apenas se vislumbram bem intencionados.

A arbitragem é escorraçada, vilipendiada, agredida: cada dia há mais um traço negro sobre o holocausto de Bencatel.

As «torcidas» são fanáticas: cada minuto aviva a sua visão deturpada da verdade dos factos.

Os jornais de clube recusam a objectividade: pintam os quadros apenas com a cor do patrão de momento.

Os dirigentes das colectividades contam-se pelos dedos de uma só mão: os outros gerentes são exclusivamente pessoas que se servem dos clubes para trepar na vida.

Os governantes não ligam nenhuma ao desporto: excepto quando é período de eleições e têm de correr para os camarotes dos grandes jogos.

Os técnicos viajam entre muita carência de sabedoria: sem bons jogadores não há mestre que se safe.

Os jogadores estão nas tintas para os treinadores: o mais que interessa é estarem nas suas boas graças.

O jogo não interessa pelo jogo: o fundamental são os prémios.

Desporto amador nem o berlinde, quanto mais a sueca: já se recebe até para correr cem metros.

Descentralização é termo vão: onde é que moram outros campeões fora de Lisboa ou Porto?

Num país de marinheiros, quantas piscinas existem?

Num país que dá fortunas a futebolistas brasileiros, quantas escolas se inauguraram à beira das montanhas?

Num país que já não tem guerra, quantos ginásios se construíram com o dinheiro dos canhões?

Quantos alunos de liceus e escolas têm acesso ao desporto nos seus estabelecimentos de ensino?

Qual é o presente de Matateu?

E o futuro de Eusébio?

Afinal, neste País, o desporto existe?

NEVES DE SOUSA

Futebol

Humberto na selecção da Europa

O capitão» benfiquista Humberto Coelho está na lista da UEFA para alinhar, como «líbero», na partida comemorativa do aniversário daquele organismo, a ocorrer em Outubro, entre uma selecção europeia e a turma da Checoslováquia.

Boavista: o dilema

Os jogadores do Boavista consideram que não se deve deixar sair do clube elementos válidos – afirmou Barbosa, um dos veteranos da equipa «axadrezada», referindo-se aos anúncios de demissão feitos no domingo pelos dirigentes do clube Cruz Mesquita e Hernâni Ascensão, por discordância da política seguida pelo presidente do clube, Taveira da Mota, que (por seu turno) também está demissionário.

Barbosa sublinha, a propósito, que «o clube tem vindo a engrandecer-se e por isso não devem sair elementos válidos», opinião partilhada pela generalidade dos jogadores, muito embora (acrescentou) estes «não devam meter-se em políticas, mas também não devem colocar-se à margem delas».

Boavista: hora de eleições

O comerciante Alberto Ribeiro não aceitou participar como cabeça de lista para o elenco directivo do Boavista. Indigitado para presidente do clube do Bessa, numa das listas para as eleições da próxima 5.ª feira, Alberto Ribeiro renunciou, após uma reunião com algumas figuras importantes do Boavista, declarando que não podia nesta altura aceitar o cargo por ser presidente do Candal.

«Só por isto (adiantou) **não podia pensar noutra coisa**

Humberto Coelho: mais um degrau

Placard

Luta livre olímpica

Lutadores do Galitos do Barreiro dominaram os regionais sul de luta livre olímpica, conquistando seis dos 12 títulos em disputa. O Beira-Mar e o Clube Amador de Lagos também estiveram em plano de evidência, ao dividirem entre si os restantes seis títulos.

Vencedores em seniores: 62 quilos - Francisco Santos, Beira-Mar; 68 quilos - João Viegas, Beira-Mar; esperanças: 52 quilos - César João, Clube Amador de Lagos; 57 quilos - Vítor Gomes, Galitos; 62 quilos - João Pedro, Galitos; 68 quilos - José Cotovia, Amador de Lagos; 82 quilos - Eduardo Andrade, Galitos.

Juniores: 45 quilos - Luís Reis, Beira-Mar; 48 quilos - Joaquim Peixoto, Galitos; 55 quilos - Antero Afonso, Galitos; 59 quilos -Luís Silva, Amador de Lagos; 63 quilos - Leonel Pedro, Galitos.

HERMESGRÁFICA

REPRESENTA AS FOTOCOMPOSITORAS MAIS ECONÓMICAS DO MERCADO, FABRICADAS POR

COMPUGRAPHIC

LÍDER MUNDIAL EM FOTOCOMPOSIÇÃO

CG 4600

- **Formatos:** 100 formatos com a capacidade total de 1500 caracteres.
- **Tabulação:** 4 modos de tabulação.
- **Misturas:** 4 tipos e 8 corpos.
- **Matriz:** em português com 118 símbolos por tipo.

Editwriter ED 7500

- Produz composição, texto, tabulação.
- Formatos e paginação de livros misturando 12 corpos de 6 a 72 pontos.
- Permite corrigir ou mostrar no écran enquanto a unidade fotocompositora compõe qualquer outro trabalho contido no disco magnético.
- Possui um disco magnético com capacidade de 300 000 caracteres, reutilizável sempre que se pretenda.

HERMESGRÁFICA

Sociedade Portuguesa de Representações Industriais, Lda.
Rua de Coelho da Rocha, 2 • LISBOA • Telefs. 606849-605481

HERMESGRÁFICA DO NORTE

Representações Industriais, Lda.
Rua de S. Brás, 288 • PORTO • Telef. 483695

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

AUTO-GRÁFICA – Soc. Luso Americana Fotocomposição, Lda.
Rua de Luís Derouet, 11-1.º • LISBOA • Telef. 605481

Câmara Municipal do Concelho do Seixal

EDITAL

EUFRÁZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, presidente da Câmara Municipal do Concelho do Seixal

No uso da competência que lhe confere o art.º 19.º e em cumprimento do estabelecido no art.º 18.º, da Lei n.º 69/78, de 3 de Novembro, faz público que as operações de actualização do Recenseamento Eleitoral têm início no dia 2 de Maio e se prolongam até 31 do mesmo mês.

E para constar se publica o presente, e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de Estilo.

Seixal e Paços do Concelho, aos 3 de Abril de 1981

O Presidente da Câmara
Eufrázio Filipe Garcez José

Nacional de Xadrez em Portalegre

O campeão português de juniores, António Fernandes (Benfica), venceu ontem Paulo Cerqueira (Viana Taurino) na jornada inaugural do Campeonato Nacional de Xadrez do Escalão, em Portalegre. Em juvenis, o cabeça de série, António Santos (Bombarral) foi derrotado por António Agra Gouveia.

A competição de juniores reúne 30 xadrezistas e a de juvenis 28 jogadores. Os campeonatos prolongam-se até dia 15.

Resultados em juniores: Paulo Cerqueira (Viana Taurino) - António Fernandes (Benfica), 0-1; António Fróes (Amadora) -António Antunes (Amadora), 1-0; Fernando Bento (Guarda) -João Assunção (Sport Clube Portalegre), 0-1; Paulo Ferreira (COUP) - Carlos Maia (Coimbra), 0-1; Paulo Leal (FC Porto) -Jorge Gonçalves (GX Correios), 0-1; Paulo Felizes (S. Nicolau, Porto) - António Carrasqueiro (Messines), 1-0; António Sequeira (Portalegre) - Alexandre Reis (Amadora), 0-1; Henrique Galvão (Almadense) - Edgar Punhado (Corroios), 1-0; Luís Martins (S. João da Madeira) - António Ferreira (Estarreja), 0-1; Idílio Gomes (Funchal) - José Fernandes (S. António dos Cavaleiros), 1-0; Alberto Rodrigues (Faro e Benfica) - José Mesquita (S. Nicolau), 0-1; António Oliveira (Alekhine) - Alberto Barreto (Belenenses), 0-1; António Ruivo (GX 12 de Maio) - João Souto (Benfica), 0-1; João Ribeiro (Viseu) - Fernando Ribeiro (Corroios), 0-1 e Fernando Costa (Corroios) - João Rodrigues (Braga), 0,5-0,5.

Juvenis: António Santos (Bombarral) - António Agra (Gouveia), 0-1; Luís Marino (Belenenses) - Luís Galego (CDUPO), 0-1; Mário Caldeira (Progresso) - José Pereira (Águeda), 0,5-0,5; José Nunes (Benfica) - Joaquim Durão (Alekhine), 1-0; Paulo Garcia (Almadense) - Jorge Cruz (Benfica), 0,5-0,5; Vasco Gomes (Belenenses) - Carlos Felizes (S. Nicolau), 0-1; Miguel Conceição (Guimarães) - Henrique Oliveira (GX 5 de Outubro), 0,5-0,5; Mesquita da Silva (CDUP) - Camacho da Silva (Copas do Funchal), 0-1; Luís Barradas (Messines) - Miguel Bogalho (Benfica), 0,5-0,5; Rui Nogueira (S. Nicolau) - Carlos Silva (S. Nicolau), 0-1; Paulo Lé (Figueira da Foz) -Alexandre Teixeira (Copas do Funchal), 1-0; Fernando Ribeiro (Mangualde) - Óscar Malcata (Portalegre), 0-1; José Coelho (Alekhine) - Fernando Rodrigues (Gouveia), 1-0 e Paulo Bochechas (Portalegre) - Fernando Pereira (Sol Brilhante), 0-1.

Pelas 19 horas de amanhã, meio Portugal vai espreitar a RTP e (ou) escutar a Rádio: em Jena (RDA) o Benfica actua perante a turma do Carl Zeiss, na primeira «mão» dos quartos-de-final da Taça das Taças em futebol. Na comitiva, como «relações públicas» dos «encarnados», seguiu Eusébio, que sempre assusta um bocadinho a concorrência. Aqui o temos, no aeroporto da Portela, enquadrado por José Luís, Laranjeira, Nené, Bento e o antigo colega Vítor Martins, que igualmente se desloca na embaixada da águia, a convite de Manuel Barbosa (Mercury). O Benfica já indicou o «team» de abertura: Bento; Bastos Lopes, Humberto Coelho, Laranjeira e Veloso; Carlos Manuel, Alves e Shéu; Jorge Gomes, Nené e Vital

Futebol nacional

Continuação da pág. 49

mente, como me compete o Candal. Todavia, o Boavista merece-me toda a amizade, toda a simpatia e todo o respeito e admito que um dia possa vir a fazer parte da sua direcção» – acrescentou.

O Candal, clube de Vila Nova de Gaia, segue isolado no comando da classificação da 1.ª Divisão Distrital da Associação de Futebol do Porto e tem fortes hipóteses de ascender à 3.ª Divisão Nacional.

Técnico caldense

O Caldas arranjou técnico: trata-se de Armando Santiago, que jogou futebol no Boavista e no Sporting da Covilhã.

Totobola: prémios

Os serviços de escrutínio do Totobola apuraram 34 totalistas referentes ao concurso número 33, cabendo a cada um o prémio de 578 129 escudos e dez centavos (valor provisório). Com 12 resultados certos foram escrutinadas 936 apostas, das quais 18 são de Moçambique, correspondendo a cada uma o prémio de 21 mil escudos e 40 centavos (valor provisório)

Porto: Bodas de Diamante

As comemorações das bodas de diamante do FC Porto começam dia 2 de Agosto e encerram a 28 de Novembro – revelou em Conferência de Imprensa o presidente do clube nortenho. O dr. Américo de Sá anunciou a realização de um encontro internacional de futebol, com adversário a designar (na tarde de 2 de Agosto), de um torneio internacional de futebol júnior (em Setembro) e a disputa dos grandes prémios «75 anos do FC Porto», em ciclismo, natação e atletismo.

O presidente portista, disse, ainda que serão disputados torneios da grande maioria das modalidades amadoras do clube e inaugurados um campo de treinos para o futebol e um ginásio.

Respondendo aos jornalistas, Américo de Sá disse que «as comemorações do 75.º aniversário do FC Porto transcendem os sucessos desportivos: daí que as comemorações terão brilho, apesar de desportivamente o ano não ter corrido tão bem como desejaria».

O FC do Porto foi fundado em 1906 por um grupo de desportistas nortenhos, entre os quais se destacou Monteiro da Costa, primeiro presidente do clube

Maradona dono das Américas

O argentino Diego Maradona foi eleito «o melhor futebolista da América», de acordo com uma votação de cem jornalistas especializados em todo aquele continente, incluindo Canadá e Estados Unidos.

Maradona obteve 485 pontos em 500 possíveis, classificando-se em 2.º lugar o brasileiro Zico, avançado do Flamengo (do Rio de Janeiro) com 292 pontos. O guarda-redes do River Plate, o argentino Fillol, alcançou o 3.º lugar, com 120 pontos.

Os três jogadores receberam os troféus correspondentes numa cerimónia efectuada na Associação de Futebol Argentino (AFA).

Azar de Baptista

João Baptista da Silva («Baptista»), jogador do Inter de Porto Alegre e da selecção brasileira de futebol, fracturou a tíbia direita, o que lhe vai custar um período de repouso forçado de seis meses. Titular da equipa do Brasil, onde joga como médio defensivo, disputou até agora 31 encontros internacionais, participando no último Campeonato Mundial, na Argentina. «Baptista» deveria participar no próximo mês de Maio na digressão europeia dos brasileiros que vão jogar em Londres, Paris e Estugarda.

Atlético de Madrid desesperado

Denúncias de «roubo desportivo» e de «perseguição», lançadas por dirigentes e adeptos do Atlético de Madrid, líder isolado até domingo do campeonato espanhol, agitam o panorama futebolístico de Espanha. Os adeptos do Atlético de Madrid não suportaram a derrota (1-2) em casa, frente ao Saragoça, e criticaram a actuação do árbitro Alvarez Merguenda.

Com esta derrota, o Atlético de Madrid, que parecia embalado para conquistar o título, mantém ainda a liderança, mas em igualdade pontual com o Real Sociedad (40 pontos), que dispõe de melhor «goal-average».

Tudo começou aos cinco minutos da 2.ª parte, quando o árbitro expulsou Marcos (elemento fundamental do Atlético) e os ânimos já de si exaltados com a incerteza do resultado, geraram cenas lamentáveis. Se não fosse a intervenção eficaz da Polícia, poderiam registar-se cenas ainda mais violentas por parte dos descontrolados adeptos do clube madrileno. Um fiscal de linha agredido perto dos balneários, vários espectadores golpeados, objectos estranhos arremessados para o rectângulo de jogo e declarações explosivas ensombraram a partida e o próprio campeonato espanhol.

Se os adeptos do Atlético estavam furiosos contra aquilo que consideravam de «complot» para impedir o clube de ganhar o campeonato, foi o presidente Alfonso Cabezas que proferiu declarações mais fortes e incisivas. «Isto é uma conspiração. Hei-de desmascarar todos os hipócritas que abundam no futebol. Roubam-nos uma vitória à mão armada». «Não me importo que me castiguem, estou farto» – foram algumas das afirmações de Cabezas, no final do encontro. Estas acusações podem originar um castigo severo a Cabezas, por parte da Federação Espanhola de Futebol.

O técnico Garcia Traid, também se enervou e, ainda no campo, manteve um diálogo pouco amigável com vários jogadores do Saragoça.

Para Garcia Traid, o Atlético perdeu as hipóteses de chegar ao título: «Não podemos ganhar a Liga, porque não tenho equipa para domingo, frente ao Valência. Marcos foi expulso, Quique e Robi suspensos por acumulação de cartões amarelos e Ruben Cano encontra-se lesionado.

Não compreendo. Trabalhámos honestamente para conseguir uma boa classificação, mas há três ou quatro jogos que nos perseguem e, no domingo, foi uma provocação». expressou Garcia Traid.

A três jornadas do final do campeonato, cinco equipas têem ainda os olhos no título, pois além dos líderes, Atlético de Madrid e Real Sociedad igualmente Real Madrid, Valência e Barcelona acalentam esperanças de subir ao trono.

TOTOBOLA *jogue connosco*

A. Viseu-Amora	1
Marítimo-Portimonense	1
Guimarães-Benfica	X
Sporting-Braga	1
Belenenses-Varzim	1
Setúbal-Boavista	1
Espinho-Penafiel	1
U. Lamas-Rio Ave	X
Leixões-P. Ferreira	1
Alcobaça-U. Leiria	1
Portaleg.-U. Leiria	1
Farense-Juventude	X
C. Piedade-V. Gama	X

Ciclismo

«Volta» acaba em Gouveia

A Volta a Portugal em Bicicleta deste ano termina na cidade de Gouveia no dia 1 de Agosto. A última etapa da prova será feita contra-relógio, no percurso Seia-Gouveia.

Pedalar lá fora

Quinze ciclistas portugueses encontram-se pré-seleccionados para participarem em três competições internacionais. A Federação Portuguesa de Ciclismo aceitou os convites que lhe foram dirigidos confirmando a presença de ciclistas na «Corrida da Paz» campeonato do Mundo e «Volta à França do Futuro».

A «Corrida da Paz» realiza-se entre 9 e 21 de Maio, o campeonato do Mundo efectua-se a 26 e 29 de Agosto (em Praga) e a «Volta à França do Futuro» disputa-se a 21 de Setembro.

O FC Porto possui o maior número de elementos convocados (quatro), seguido do Campinense e Coelima (três). A lista dos ciclistas convocados é a seguinte: Lousa: Alexandre Ruas e Adelino Teixeira; FC Porto: António Fernandes, Belmiro Silva, Fernando Fernandes e Manuel Zeferino; Campinense: Luís Vargues, Rui Azevedo e Jacinto Paulinho; Tavira: António Coelho e Carlos Santos; Sangalhos: Floriano Mendes; Coelima: Luís Teixeira, Alfredo Gouveia e António Pinto.

Volta ao País Basco

O espanhol Juan Fernandez ganhou a 1.ª etapa da Volta ao País Basco em Ciclismo, disputada em circuito na cidade de Lazkao, na distância de 176 quilómetros. Fernandez gastou o tempo de quatro horas 51 minutos e 46 segundos, batendo ao «sprint» os italianos Floranzo Favero e Silvano Contini, com o mesmo tempo.

Oitenta e oito corredores iniciaram a prova, que consta de 812 quilómetros repartidos por cinco dias. A 2.ª etapa disputa-se hoje, entre Lazkao e Amurrio, na distância de 160 quilómetros.

Placard

Barcos no Tejo

Nos dias 1 e 2 de Maio, incluído nas comemorações do Centenário do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, vai-se realizar um festival náutico que constará de duas etapas: 1.ª – Decorrerá entre Lisboa e Azambuja (Lezirão) das 8 às 16 horas; 2.ª – No dia seguinte, da Azambuja a Santarém das 9 às 13 horas.

MICROSCÓPIO

Corta-Mato «Alavanca»

Numa organização da CGTP-IN e da União dos Sindicatos do Distrito de Santarém, realizou-se naquela cidade o Corta-Mato «Alavanca», que decorreu nos terrenos da Escola de Regentes Agrícolas de Santarém. Participaram nas provas cerca de centena e meia de atletas, de vários distritos do País. Prova de 3000 metros (iniciados femininos): 1.ª, Jacinta Pestana (Setúbal) e 2.ª, Teresa Santos (Setúbal). Prova de 2000 metros (veteranos femininos): 1.ª, Maria Antónia (Setúbal) e 2.ª, Carminda Geral (Setúbal). Prova de 3000 metros (seniores femininos): 1.ª, Belmira Rodrigues (Aveiro); 2.ª, Rosa Fernandes (Aveiro) e 3.ª, Paula Rosa Carapeto (Setúbal). Prova de 4000 metros (veteranos masculinos): 1.º, Manuel Silva (Setúbal); 2.º, Joaquim Neto (Setúbal) e 3.º, Fernando J. Santos (Porto). Prova de 5000 metros (seniores masculinos): 1.º, António Riscado (Lisboa); 2.º, João António Mourato (Portalegre) e 3.º, Fernando Gonçalves (Lisboa).

Esgrima: títulos

Cristina Faro Viana (Vilanovense) e o dr. Miguel Magalhães (CDUL) são campeões nacionais de esgrima, respectivamente em florete (feminino) e sabre (masculino).

Português no Pentatlo

Em Paris, o português Roberto Durão ganhou a prova individual de equitação do encontro internacional de Pentatlo moderno com 1100 pontos. Depois das provas da 2.ª jornada a classificação individual é comandanda por Szuba (da Polónia) com 2178 pontos. Em 2.º lugar está o soviético Lipeev (2096 pontos)e, em 3.º o alemão federal Zimmermann (2074 pontos). A classificação geral por equipas é comandada pela Polónia (6160 pontos) seguida da URSS (6092) e da Hungria (5984).

Com a presença de 12 atletas estrangeiros, a Federação Portuguesa de Pentatlo Moderno leva a efeito, de 16 a 19 do corrente, o «II Meeting Internacional de Lisboa», promovendo, ao mesmo tempo, o 5.º Campeonato Nacional de Pentatlo Moderno, modalidade olímpica para a qual tem em preparação cinco atletas com vistas aos próximos Jogos Olímpicos (1984).

Boxe dramático

Dezasseis dias depois do seu 6.º combate, um jovem pugilista amador turco, Eraslam Kemal, residente perto de Munique, continua em coma. Segundo um dos médicos da Federação Babara de Boxe Amador, **«o seu estado não se alterou»** nos últimos dias e corre o risco de permanecer assim por muito mais tempo.

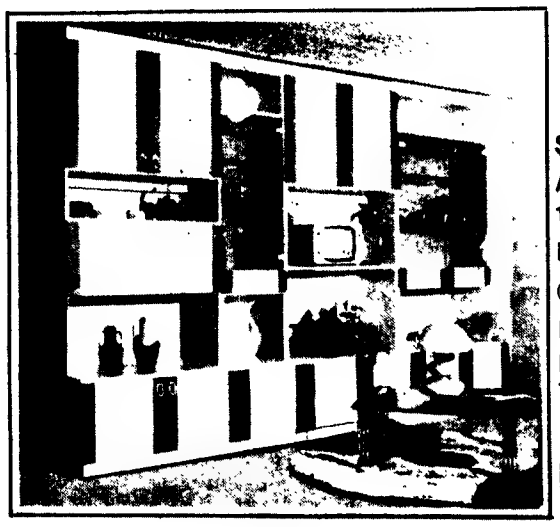
O dramático acidente deste jovem pugilista rcorda dois casos parecidos: em 1978, o pugilista amador Jurgen Krause permaneceu 31 dias em estado de coma e encontra-se agora debilitado; o profissional Jorg Eipel ficou 25 dias em estado de coma após um KO em Creil (França) em 1977, mas não parece ter sido afectado.

móveis Lunda em Queluz

AUGUSTO, GOMES & GOMES, LDA.

A GARANTIA DE BEM SERVIR

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES
ALCATIFAS
ELECTRODO-
MÉSTICOS



SEDE:
AV. JOSE ELIAS GARCIA, 112-A e B
PPC 952350-957610
(AO LADO DA ANTIGA MINABELA)
FILIAL:
R. D. DINIS, 13 e 13-A
TELEFS.
934646-932929
REBOLEIRA

BP GAS AGENTE

Andebol: sportinguistas arrecadaram a «Taça de Portugal

SOCIEDADE TÉCNICA DE ARTES GRÁFICAS, LDA
RUA D. JOÃO V, N.º 2 -3.º — 1200 LISBOA
RUA ÁLVARES CABRAL, 27-29 — 4000 PORTO

Filmes e produtos químicos para artes gráficas
Filmes industriais
Máquinas de revelar
Emulsões fotopolimero

DAINIPPON SCREEN MFG CO LTD
Câmaras fotográficas
Scanners

Repetidoras-tramas de contacto
O amplificador mais versátil do mundo

NEDIOLO — Máquinas de impressão Offset

PRESTO FRANCE Papéis e outros materiais auto colantes

SERICOL Tintas serigráficas para todos os fins

SIASPRINT Máquinas de impressão serigráficas

PUB.

COOPERATIVA AGRÍCOLA FLOR DO TEJO

A DINÂMICA DA NOSSA ACTIVIDADE É A RAZÃO DA NOSSA EXISTÊNCIA

UTILIZAR OS SERVIÇOS DA COOPERATIVA É CONTRIBUIR PARA O ENGRANDECIMENTO DA AGRICULTURA E DOS AGRICULTORES DOS CONCELHOS DE BARREIRO E MOITA

PRAÇA DA REPÚBLICA,22
Tel. 239 00 19 2860 – MOITA

S. R.

CAMARA MUNICIPAL DA MOITA

PREPARAR O FUTURO RESOLVENDO OS PROBLEMAS DE HOJE

O Concelho da Moita, com mais de 50 000 habitantes, tem vindo a sofrer nas últimas décadas os efeitos de suburbanização da grande Lisboa, tal como a maioria dos concelhos da margem Sul.

A situação deveras preocupante levou a Câmara Municipal a mandar elaborar o Plano Director Municipal o qual, para além dos estudos de ordenamento físico como tradicionalmente é visto o Plano, desenvolverá todo um conjunto de programas de investimentos camarários para a sua implantação numa perspectiva de interligação do concelho com os concelhos limítrofes e a região.

Nas grandes opções de desenvolvimento concelhio vamos ter em conta, sem perdá de uma resolução de fundo dos problemas, o encontrar de soluções que no tempo possam, de imediato, resolver algumas das mais prementes necessidades com que se debate a população para a melhoria quantitativa da sua qualidade de vida, não aguardando que a melhor solução se esboce, programe e concretize.

Acima de tudo, iremos procurar que a população de hoje possa, de algum modo, usufruir, com um melhor aproveitamento dos meios existentes, uma significativa melhoria da sua qualidade de vida.

Um dos mais graves problemas que urge equacionar e resolver no concelho é o da habitação. Assim, a Câmara, ao abrigo dos financiamentos do FFH, construiu já 80 fogos que comercializou directamente e está actualmente a construir mais 28 fogos de um programa de 66.Reservou para adquirir ainda este ano 21 fogos para realojamentos. No programa CAR tem previstos 260 fogos que procuramos desbloquear no FFH e cedeu terreno para construção de 250 fogos à Cooperativa de Habitação Económica Banheirense.

Uma das outras preocupações é conseguir habitação para as camadas jovens — futuros casais — o que implica a introdução de programas já no próximo ano com esse objectivo, concretamente de autoconstrução apoiada por técnicos das autarquias.

Outro problema que afecta o concelho é o das áreas denominadas clandestinas, que envolvem milhares de hectares, alguns dos quais belíssimos solos agrícolas, e para o qual a Câmara está atenta procurando a sua reconversão e introduzindo medidas alternativas.

A fixação de indústrias não poluentes merece toda a nossa atenção pelo que se procura definir pequenos parques industriais que não ponham em causa a área agrícola. A negociação com os concelhos limítrofes, para a criação de Parques Industriais, com maior dimensão está a ser estudada havendo já contactos para o avançar com uma destas áreas em associação com o concelho do Barreiro.

A estrutura do abastecimento público que se pretende terá em conta os pequenos e médios comerciantes que operam no concelho, não esquecendo os tradicionais mercados municipais que se continuam a programar e a construir bem como, a criação de estruturas que permitam aos pequenos agricultores da área a comercializar directamente os seus protestos com a população.

Uma outra questão, que merece a nossa atenção são as pequenas hortas, como ocupação de tempos livres, dado que no concelho ocupam já um bom número de munícipes. O estudo deste problema e das suas incidências permitirá, por negociação com os proprietários dos terrenos expectantes e através de regulamentação, encontrar soluções que permitam a utilização da terra dentro destes princípios.

Um outro aspecto, que a Câmara procura incentivar, é a preservação do património cultural e artístico como também os elementos de paisagem concelhia, os antigos moinhos de vento e de maré, os sobreiros, os pinhais, as valas reais, os esteiros do Tejo, as velhas fragatas e inclusive as salinas e os viveiros de peixe, cujo estudo de recuperação se está a efectuar, a fim de propormos aos proprietários negociação para a sua preservação porque pensamos que tudo isto, apesar do passado, é algo que permite a compreensão do presente e porque é também indispensável factor de equilíbrio ecológico.

A história de Judite e Holofernes contada

Francisco António de Almeida, um dos maiores compositores portugueses do século XVIII, dos primeiros pensionistas enviados a estudar a Itália por D. João V, considerado o introdutor da ópera em estilo italiano em Portugal («La Pacienza di Socrate», cantada no Paço da Ribeira pelo Carnaval de 1733, da qual apenas sobreviveram o libreto e o terceiro acto completo), continua a ser quase só um nome conhecido de especialistas, referido nas enciclopédias e dicionários como autor de obras consideradas desaparecidas – obras que a carência secular de uma política cultural de pesquisa, defesa e valorização da função social do nosso património artístico (sobretudo o musical) deixou extraviar e morrer (1).
A recuperação moderna da sua ópera «La Spinalba Ovvero il Vecchio Matto», de 1739, entretanto levada à cena com êxito e gravada em disco, veio provar a indiscutível categoria de Francisco António de Almeida como compositor dramático, pelo menos no género da *ópera buffa*.

Surge agora mais uma contribuição para a definição do seu perfil artístico e o conhecimento do nosso passado musical: a oratória «La Giuditta», cuja ficha encontrei na Biblioteca do Estado de Berlim (República Democrática Alemã) e cuja cópia manuscrita da partitura completa verifiquei depois estar depositada na Biblioteca Prussiana de Berlim-Oeste (2). Acontece, porém, que não se trata de um achado em primeira mão: Filipe de Sousa, incansável investigador da música portuguesa antiga, verificara já, também, muito recentemente, a existência do manuscrito nesta biblioteca e, conforme informação que acabo de receber do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, obtiveram-se entretanto fotocópias do mesmo.

Perdera-se o rasto da obra desde a primeira audição em Roma em 1726, quando o compositor ainda aí se encontrava estipendiado por D. João V (3).

A consulta que fiz aos registos das aquisições, que se encontram na sede originária da Biblioteca Estatal (Berlim-RDA), permitiu apurar que o manuscrito deu ali entrada em 15 de Novembro de 1862. Pertencia ao dr. Guido Richard Wagener (1822-1896) – médico e professor universitário de nomeada em Berlim e Marburg – que o cedeu à biblioteca em troca de uma «doublette». Por intermédio do mesmo coleccionador adquiriu esta biblioteca, entre outros espécimes de valor, nada mais nada menos do que o autógrafo do **Cravo Bem Temperado** (1.º caderno) de Bach! (4)

Quanto ao percurso realizado pelo manuscrito desde 1726, em Roma, até às mãos do «Privatdocent» de Medicina em Berlim (Wagener só se mudaria para Marburg em 1867 (5), portanteo já depois de deixar a «Giuditta» à biblioteca) é ponto em aberto muito difícil de esclarecer (6).

Oratório erótico

O manuscrito compreende dois volumes encadernados. O primeiro (231 páginas) contém a «Introduzzione per l'Oratório a 4 Voci del Sig. Francesco António de Almeyda» e a «Parte Prima» da obra, apresentada nos seguintes termos:

La Giuditta
Oratório a 4 Voci
Concertato con trombe da caccia, obué, flauti, violini e viola (7)
Interlocutori:
Giuditta, soprano
Ozia, alto
Achiorre, soprano
Oloferne, tenore
Partitura del Sig. Francesco António de Almeyda

O volume seguinte (234 páginas) contém a segunda e última parte da oratória.

Grupos de páginas inseridas posteriormente, junto de certas árias, bem como algumas alterações introduzidas aqui e além na cópia manuscrita serão provavelmente autógrafos do compositor.

A obra baseia-se num libreto em língua italiana que segue fielmente as recomendações de Archangelo Spagna no tratado publicado em Roma em 1706 (8).

Numa altura em que, por influência de Alessandro Scarlatti, se consagrava a introdução na oratória do mesmo esquema de recitativos e árias **da capo** da ópera italiana, Spagna, ele próprio libretista, estabelecia os fundamentos estéticos de um género para cuja eforma vinha contribuindo desde meados do século XVII (9).

Assim, e em conformidade com a teoria e a praxis já estão consolidadas, o libreto da **Giuditta** de Francisco António de Almeida, enquanto oratória, apresenta as seguintes características:

– ausência de narrador (supressão do **testo**, o qual permanecera traço distintivo do género até final do século XVII);
– ausência de coros;
– quatro personagens (Spagna prescreve não mais de cinco e não menos de três – como nas tragédias de Séneca);
– decurso da acção durante um dia solar (Aristóteles);
– Texto das árias construído de forma a que a repetição da 1.ª instância não traia o sentido dramático;
– parcimónia no tratamento dos aspectos eróticos.

Em relação a este último ponto, convém recordar que Judite, segundo a descrição do Antigo Testamento, é uma encantadora mas virtuosa viúva que liberta a cidade de Betulia, cercada pelas tropas de Holofernes, através do exercício dos extraordinários poderes de sedução que sabe possuir e a que na circunstância recorre, decerto por inspiração divina, para submeter o inimigo. Consumada a sedução, mas não o desiderato que repugnaria à sua virtude – assim rezam as crónicas, embora a cena se passasse na intimidade da alcova (ou, se quisermos, de uma tenda de campanha...) –, a heroína bíblica aproveita-se do entusiasmo de Holofernes, já ébrio, para lhe decepar a cabeça. Com a ajuda de uma serva, transporta-a depois para fora do acampamento do concupiscente general e fá-la exibir do cimo das muralhas de Betulia, ante a estupefacção e o terror dos sitiantes, que fogem espavoridos.

O tema era dos mais aliciantes em época de contra-reforma. Mostrar o poder de Eros para melhor exaltar a santidade da renúncia ao sexo – a vitória do «espírito» sobre a «carne» – é o propósito de muitas oratórias da época (a princípio, destinadas à execução nas igrejas) que têm como personagens centrais certas figuras femininas da Bíblia. A história de Judite e Holofernes, por exemplo, seria tratada por numerosos compositores antes de Francisco António de Almeida. Contam-se, entre eles, Carríssimi (1656), Benedetto Marcello (1710), Alessandro Scarlatti (este, autor de duas «Judites»: uma de 1695/1700, sobre libreto do cardeal Pamphili, e outra de 1705/1710, sobre libreto do cardeal Ottoboni) e Vivaldi («Juditha Triumphans», com libreto em latim do cavaleiro Jacobi de Cassetti, 1716). O espírito que ditava estas obras era, afinal, o mesmo que inspirava a literatura mística da época, em especial a espanhola (10).

O jovem Francisco António de Almeida, transportado directamente do Portugal da Inquisição para Roma, integrou-se naturalmente no movimento. A sua primeira obra dramática de que há notícia é o «componimento sacro» «Il Pentimento di Davide», cujo assunto (neste caso, a sedução de outra irresistível heroína bíblica: Betsabah, ou Betsabé (11) permite supor tratar-se também de uma peça a inscrever no género «oratório erótico».

Oloferne decapitado

«Mudança de cena»: Achiorre e Ozia falam do desespero da população de Betuli. O conceito tira-o Achiorre na ária «Não basta a esperança para consolar um coração que sofre» **(Moderato,** 4/4, dó maior-lá menor).

Nova «mudança de cena». Após a ária de Achiorre, a orquestra (trompas, flautas, violinos, violas e baixo) estabelece imediatamente a atmosfera de

A Judite de Cranach

tensão dramática que convém ao sanguinário acto que se avizinha. Esta introdução orquestral (fá menor) prepara o recitativo de Giuditta, que se desenvolve em modulações acompanhado pela orquestra. Sobre as palavras «Ecco diviso il capo dall'esecrando busto» (sol menor), inicia-se o recitativo seco, no qual Giuditta se refere à serva que irá ocultar e transportar o «troféu» para a cidade de Betulia. Uma breve intervenção de Ozia, a introduzir uma nova ária do príncipe, cola-se ao recitativo seco de Giuditta, embora seja de pressupor aqui, creio eu mais uma «mudança de cena» (trata-se de um exemplo de construção dramática só compreensível em obras que, em princípio não se destinavam a ser representadas).

Achiorre e Ozia assistem à chegada de Giuditta, junto aos muros de Betulia. «Pressagia-me a alma grande ventura» – exclama o segundo. Giuditta responde com uma exortação á alegria **(Allegro** 12/8, ré menor; **Andante, 3/8, fá maior), finda a qual apresenta aos dois interlocutores o precioso despojo humano. Achiorre, definitivamente reconquistado para a causa do deus da Judeia, manifesta-o com convicção na ária. «Também eu me dirijo a ti, senhor, a oferecer-te a alma e o coração» Tempo giusto,** 3/8, sol menor, **Andante,** 3/8, si bemol maior).

Triunfo em fá maior

«Ma come tant'ardire accogliesti nel seno, Donna?» («Mas, senhora como acolheste no seio tamanho ardor?») – pergunta, surpreendido Ozia...e tudo termina com um dueto de louvores a Deus.

Trata-se de um **Allegro** de carácter festivo, a 3/4, na tonalidade, da abertura (fá maior). A introdução orquestral, que exige trompas, flautas, cordas e baixo contínuo, prolonga-se por 26 compassos, no termo dos quais, sob a indicação **piano, Giuditta começa: «Quel diletto che hó nel petto». Responde Ozia, repetindo o mesmo desenho: «Qual Placer che sento al core». Depois ambos, na dominante: «vien dal ciel ne puo maggiore gioia a noi giammai recar» («o céu não poderia ter-nos bafejado com alegria maior»). O «ritornello» da orquestra comenta forte** as suas palavras e o esquema reproduz-se até final da primeira instância. A segunda instância desenvolve-se a partir da tonalidade relativa menor, sobre as palavras: «Fostes tão pródigo nos dons que nos concedestes, ó Deus, que a nossa alma mais não pode nem sabe ambicionar». **Da capo,** para terminar triunfalmente no fá maior da primeira instância.

Depois de Sade e de Freud

Eis o que pode chamar-se uma leitura apressada da partitura, cujo objectivo é divulgar tão rapidamente quanto possível o conteúdo essencial da mais antiga obra músico-dramática portuguesa «em estilo italiano» até agora conhecida. Penso que se trata de uma obra bem construída, não retardatária para o seu tempo e com interesse musical e dramático bastante para justificar a sua realização moderna. Realização não apenas sonora mas também cénica.

Para já, é necessário fazer a revisão do texto (eliminar os erros óbvios do copista) e, certamente, editá-lo. Mas é sobretudo necessário pensar em trazê-lo o mais depressa possível à circulação social de que andou afastado mais de 250 anos. (A cultura musical de um povo não se faz só no papel. Se assim fosse não estaríamos nada mal servidos...)

Ao concluir esta notícia formulo, pois, com empenho, o voto de que esta nossa Giuditta – esta concepção dramático-musical setecentista de uma figura feminina cujo interesse humano não se confina ao significado religioso mais restrito que resulta da Bíblia (agora é preciso contar com Sade e com Freud: está tudo no quadro de Klimt) – ainda chegue a tempo de representar o seu papel. Precisamos de conhecê-la melhor, a esta mulher que decepou a cabeça do homem que acabara de seduzir: a esta mulher só comparável àquela outra que «faz amor» com a cabeça decepada do homem que recusara deixar-se seduzir...(17)

Libretista desconhecido

Do manuscrito não consta qualquer indicação que identifique o autor do libreto. O anonimato dos libretistas (muitas vezes altos dignitários da igreja) era prática corrente. Um rápido confronto com outras «Judites» de que me informei ou que pude consultar directamente não conduziu a conclusão positiva.

À face dos elementos de que disponho, só posso afirmar, de concreto, que a concepção do libreto da Oratória de Almeida se aproxima da primeira Judite de Scarlatti (coincidem os nomes das personagens, até no pormenor de a serva de Giuditta ser uma personagem muda, mas em Scarlatti há ainda um sacerdote e coros), e pouco ou nada de comum tem com um posterior libreto de Metastasio sobre o mesmo episódio bíblico, que Mozart trataria musicalmente numa das suas obras de juventude («La Betulia liberata», KV 118 (74 c), de 1771 ou 1772) (12).

Encenação «inconveniente»

No que respeita à estrutura musical, a obra corresponde também às características sobressalientes da oratória tal como se generalizam no estilo italiano da primeira metade do século XVIII e que a tornam semelhante à **ópera séria**.Já Archangelo Spagna, no mencionado tratado, sustentava que só o assunto do libreto permitia distinguir uma ópera de uma oratória (13). De acordo com as práticas da Contra-Reforma, que não admitia a representação dramática de assuntos considerados sagrados, a designação de ópera (dramma sério, dramma giocoso, etc.) ou de oratória (componimento sacro, azione sacra, etc.) indicava o destino

UMA ORGANIZAÇÃO COOPERATIVA
DE LEITE E LACTICÍNIOS
AO SERVIÇO DA AGRICULTURA
E DO CONSUMIDOR
ESTAMOS NA JUVENTOS 81
UNIÃO DAS COOPERATIVAS ABASTECEDORAS DE LEITE DE LISBOA
Av. António Augusto de Aguiar, 130-1. . Telefs: 56 34 81 90 - 53 19 31

por Francisco António de Almeida

cénico ou não cénico de uma obra músico-dramática. «A oratória era o único ambiente em que se considerava lícito levar à ribalta musical – sem apontamentos de cena (14) – uma tal personagem bíblica», afirmam Roberto Pagani e Lino Bianchi (15).

Giuditta: a fé e o desejo

A abertura, em estilo napolitano, inicia-se com um tema acórdico nas trompas que veícula obviamente significados marciais. Compreende três andamentos: **Allegro** (4/4) em fá maior, concertante; **Grave** (3/4) em fá menor, de feição **cantabile; Allegro** (3/4), de carácter dançante, novamente na tónica maior.

As duas partes da ópera/ oratória têm estrutura semelhante: alternância de recitativos e árias **da capo** (como era comum no estilo italiano da época), dueto a fechar. Com excepção de dois recitativos acompanhados pela orquestra, ambos da protagonista (logo o primeiro, em que esta, por assim dizer, se apresenta, e, já na segunda parte, aquele em que se consuma a decapitação), todos os outros são secos (isto é, apenas pontuados pelo baixo).

A primeira ária de Giuditta define claramente as duas componentes psicológicas da personagem: na primeira instância (recorrente) afirma ela, em ré maior, a sua fortaleza de ânimo, a que as trompas se encarregam de dar as convenientes pinceladas «heróicas»; na secção central, confessa, em sol menor, quanto sublima no amor a Deus o seu «ardente desejo» (as trompas são substituídas por duas flautas – um trimbre mais «doce» que talvez evoque o amor humano perdido e não tanto o recolhimento casto a que se votou após a morte do esposo).

Oloferne com «voz e voto»

Oloferne «entra em cena» imediatamente a seguir. É colocado assim numa posição determinante para o desenvolvimento da acção. Trata-se da história de Giuditta e Oloferne, o que pressupõe a necessidade de dar vida musical e dramática a ambas as personagens. Que isto não era evidente para todos os libretistas prova-o o facto de Metastasio contar toda a história sem dar voz nem voto ao valoroso cabo de guerra.

Oloferne analisa com Achiorre a situação político-militar. Os poderes de Deus Todo-poderoso que protege Betullia não o assustam: «não há no céu ou na terra deus algum, por mais forte, que possa resistir ao meu valor». Os acentos marciais da ária que se segue (em fá maior, e de novo com intervenção das trompas: os protagonistas medem forças...) não deixam dúvidas acerca dos seus ímpetos bélicos. A passagem para o relativo menor é imposta pelo conteúdo da segunda instância: «cada inimigo exangue imerso no seu sangue sofre o castigo do meu rigor» (aqui soam já as trompas como eco da antegozada vitória, pontuando apenas o rigor que a personagem se arroga).

Giuditta apela à coragem

Em Betulia, Ozia prevê para o seu povo as maiores desgraças. O Príncipe verifica uma situação que a orquestra, ao longo de catorze compassos, se encarregara entretanto de descrever.

Ao desespero de Ozia responde Giuditta com um apelo à coragem: «nunca se deixa vencer pelo medo um coração fiel a Deus». A sua determinação exprime-se agora num **tempo** que o copista marcou de **Andrante moderato** e outrem (o próprio compositor?) transformou posteriormente em dois **temi** distintos:

Allegro assai e Adagio. As metáforas da primeira instância, onde se fala de mar, de tempestade e dá confiança que é preciso ter no «sábio timoneiro» (Deus, é claro), dão pretexto a movimentos ondulantes na orquestra, dominados por dois longos (e temíveis!) vocalisos da heroína. O **Adagio** comporta a tal outra dimensão – a lírica, a amorosa – de um coração ardente que só ao Senhor se entrega...

Do «eterno feminino»

Encontro de Ozia com Achiorre. Este, ao que parece um «trânsfuga» hebreu decidido a regressar ao «bom caminho», vem do acampamento inimigo e mostra-se impressionado com a profissão de fé de Ozia, cujas convicções se acham revigoradas pelos vocalisos de Giuditta (16). É a altura de Achiorre se deixar comover pela «dolce speranza» na divindade que pode mais que o assírio Nabucodonosor: **Affetuoso** («alla breve»).

Em contraste, com o lirismo desta ária, Oloferne irrompe impaciente e furibundo, face à orgulhosa e ímpia Betulia, que se recusa a prestar-lhe «a justa homenagem». O carácter ameaçador das suas palavras («a minha espada fulminará o inimigo») é preparado e sustentado por um cânon que sugere a ideia de processo em marcha (conducente à queda de Betulia). Também aqui adquirem particular relevo os vocalistas, que um cantor atento carregará de inflexões que signifiquem ameaça. O si bemol maior da primeira instância deriva para o relativo menor, ao mesmo tempo que se inverte a marcha do movimento canónico: é, mais uma vez, a previsão do «pós-guerra», isto é, as ruínas, o sangue, e a dor com que o vencedor tirará vingança dos vencidos.

Mas a unidade dos sitiantes já está minada. Achiorre aparece de novo, agora a lamentar a sorte das «púdicas virgens hebreiras», que, «de cabelo em desalinho, tez triste e olhos lânguidos de amar, se movem silenciosas e tímidas. («Decididamente, as hostes de Oloferne eram muito sensíveis ao «eterno feminino»!)

A ária introduzida por este recitativo («Pallida e scolorita la mesta donzelletta sospira»), em ritmo balanceado (a 2/4) poderia dar aso a um apontamento de ballet, ou melhor, de mímica, em caso de montagem cénica.

Quanto a Ozia, faz um novo apelo ao Senhor: «Salva o meu povo do destino iníquo...». A expressão dolorosa deste **Largo** (3/4) é acentuada no plano instrumental pelo violino solo.

O final da primeira parte

O recitativo seguinte reune Ozia e Giuditta, que renova as suas exortações à coragem e à fé. Na ária subsequente da protagonista **(Adagio,** 4/4) a voz entra a descoberto, colando-se-lhe a orquestra no segundo compasso – tal como na anterior intervenção de Ozia. A prece desesperada deste começara com as palavras **Giusto Dio** na configuração metódica descendente do acorde perfeito da tónica. Agora, é com um salto descendente do quinto para o primeiro grau (neste caso, em lá menor) que Giuditta começa a discorrer sobre a firmeza das suas convicções. Que os seus sentimentos lhe vêm bem do fundo do íntimo é o que parece resultar deste seu **«Sento...»** confiado a duas mínimas **ad libitum** (não isentas de sensualidade – espera-se da intérprete). De assinalar o pormenor da indicação «senza cenbalo» (isto é, sem o cravo), uma nuance que modifica a sonoridade do baixo.

O dueto final, em andamento mais vivo, é marcado, na primeira instância, pelos acentos rítmicos (estimulantes, combativos) dos violinos e oboés em uníssono (lá maior), enquanto a segunda instância, através da distensão rítmica e da modificação da tonalidade (relativo menor), tende a interiorizar os sentimentos das personagens. Esta relação de tensão-distensão liga-se ao conteúdo dramático essencial do texto de cada uma das instâncias: a primeira, formulando o voto de que Deus secunde os projectos de Giuditta em relação a uma empresa ainda não revelada, mas que se prevê difícil e cheia de riscos; a segunda, premonitória do suspiro de alívio que a vitória trará («a minha alma já começa a respirar»).

Que pode uma mulher na guerra?

A segunda parte da obra inicia-se com recitativo e ária de Giuditta. A profusão de semicolcheias em andamento relativamente estugado **(Andante ma non presto,** 4/4) e numa tonalidade que o classicismo vienense associaria frequentemente a heroísmo ou luta por nobres ideias (mi bemol maior: a tonalidade «maçónica» de Mozart ou da Sinfonia «Heróica» de Beethoven) estabelece a atmosfera conveniente ao «grito de guerra» lançado pela protagonista: «Dalla destra omnipotente scenda un fulmine fremente» – «grito» cuja carga de violência se expande através de outro «temível» vocaliso que sobe por graus conjuntos até ao sol agudo, em colcheias e semi-colcheias **staccatto** e em mordentes (sobre mínimas), acabando por se resolver na tónica, acompanhado de um **tremolo** da orquestra. Aqui há uma modificação dinâmica (**piano**), sem perda de pulsação rítmica: «tantos ultrajes a vingar...». A alternância entre estes dois planos dinâmicos, aliás típica do Barroco, renova-se, conduzindo à segunda instância.

Achiorre manifesta a Ozia a sua perplexidade ante as disposições bélicas de Giuditta: «Que pode uma mulher fazer na guerra?» («e che giami puó far femmina im belle?»). Ozia responde com um **Allegro** (3/8): «Uma alma forte não teme o áspero rigor de um destino extremo», em mi menor, pois que o acento é posto no rigor do destino; na segunda instância irrompe o sol maior, a condizer com o texto: «e se o seu Senhor a guia com a luz da fé, então tudo ousa e tudo pode».

As «armas» de um e de outro

Aŝ cenas seguintes decorrem no acampamento de Oloferne. «Este é o dia fatal para Betulia», exclama ele, a quem cabe agora a vez de apelar à guerra. Soam as trompas, pedidas obviamente pelo texto: «Date o trombe il suon guerriere» (4/4, decerto em andamento vivo). A profusão de semi-colcheias, os contrastes dinâmicos e a «agressividade» dos vocalisos são comparáveis aos da atrás mencionada ária de Giuditta. A diferente instrumentação terá um preciso significado dramático: as armas de Oloferne são as de um guerreiro, as armas de Giuditta as específicas da mulher – as da sedução feminina. Daí a utilização das trompas só na ária do primeiro e os violinos sobressalientes na ária de Giuditta. Na primeira parte da obra, porém, também aparecem, trompas na ária inicial da protagonista, o que parece lógico: nesse momento, Giuditta ainda não tinha consciência da «subtileza» das armas que podia usar contra o inimigo. Era ainda a mulher à mercê da guerra feita pelo homem...

Andante amoroso...

Enfim, o encontro de ambos. Oloferne mostra-se logo impressionado com a «vaghissima donzella». Giuditta responde com um cumprimento: «infeliz serva sou do teu valor...» Oloferne faz-lhe a corte: **Donna gentil,** na formosura que irradias pôs amor o seu reino». Giuditta, adorável, desviando os olhos com recato: «Ah, não, senhor,

Outra versão de Carnach

decerto troçais de mim...»

E desencadeia a sua «ofensiva», em si menor, **Allegro,** medido a 3/8, com a ajuda de violino solo: «O esplendor que trago no rosto é irradiado pelo deus a que me conservo fiel» (repare-se na duplicidade do sentido que o adjectivo **fiel** aqui pode ter). Depois, no relativo maior: «se ele espalha ainda mais o encanto dos seus raios, tanto mais cresce em mim a beleza» (as faculdades divinas serão na circunstância reforçadas pela luminotécnica e pela representação da actriz-cantora, de modo a revelar algo mais desse «esplendor em expansão»...).

Ardendo já de amor («Mal fixei os olhos nas tuas amorosas pupilas senti crescer mil chamas, em que todo eu ardo...»), Oloferne aceita de boa mente as explicações de Giuditta, consentindo-a no acampamento e convidando-a logo para um festim. As três notas marteladas nos violinos com que se inicia o seu **Andante amoroso** (3/4) em fá menor são talvez a expressão instrumental dos «dardos do olhar» de Giuditta, que «já lhe feriram o coração». A segunda instância, sobre as palavras («Deixa de suspirar, que a ira já em mim foi tolhida pelo esplendor do teu gracioso rosto») é introduzida na tonalidade de dó menor, em vez de se verificar a esperada transição para a tonalidade relativa (neste caso, lá bemol maior). É significativo que seja esta a única ária da obra em que as tonalidades principais justapostas são ambas no modo menor. Amor não logrado? Seria uma interpretação possível das intenções do compositor, que, sem dúvida, quis dar dimensão humana – **humanizar** – a personagem de Oloferne. Se tais não fossem as suas intenções, por quê então Andante **amoroso?**

Mário Vieira de Carvalho

NOTAS

(1) Já em vida sua Francisco António de Almeida foi preterido por um estrangeiro, David Perez, no cargo de mestre da Capela Real (Humberto d'Ávila, «A Ópera em Portugal no Século XVIII», notas de programa de «O Amor Industrioso», Teatro de S. Carlos, 1980, p. 7).

(2) O património da Biblioteca Estatal foi disperso durante a guerra por razões de segurança. A parte que se encontrava no território que viria a constituir-se na República Federal está – na expressão do dr. Wolfgang Goldhan, director do Departamento de Música da «Deutsche Stastsbibliothek» de Berlim-RDA, que considera a questão perfeitamente esclarecida em termos de direito internacional – «ilegalmente retira» nessa outra biblioteca, «Saaatsbibliothelstiftung Preeussischer Kulturbesitz», criada em Berlim-Oeste no pós-guerra.

(3) Cf. Mário de Sampaio Ribeiro, entrada sobre Francisco António de Almeuda, na enciclopédia «Die Musik in Geschichte und Gegenwart», vol. I, 1949-51, col. 358.

(4) O apuramento destes dados relativos há história do documento é devido à amável coabotação do sr. Peter Thueringer, vice-director do Departamento de Musica da «Deutche Staatsbibliothek».

(5) Segundo a biografia publicada em «Biographiesches Lexikon der Hervorragenden Aerzye Aller Zeiten und Voelker», Muenchen- Berlin, 1962, V, p. 811.

(6) Sabe-se, por exemplo, que Wagener adquiriu o autógrafo do «Cravo Bem Temperado» ao compositor Robert Volkman (1815-1883), e o facto de este ter possuído tal manuscrito é mencionado na sua biografia (cf. «Die Musik in Geschichte und Gegenwart», XIII, 1966, col. 1921). Mas, como bem se compreende, a notoriedade da posse de um manuscrito musical não é idêntica para todas as obras nem para todos os compositores...

(7) Instrumentos que acrescem àqueles que normalmente constituíam o baixo contínuo.

(8) Intitulado «Oratorii overo melodrammi sacri con um discorso dogmático intorno l'istessa materia».

(9) Arnold Schering considera-o o pai da oratória sacra em língua italiana («Geschichte des Oratoriums», Leipzig, 1911, p.95).

(10) Neste sentido, cf. Howard E. Smither, «A History of the Oratorio», The University of North Carolina Press, Chappel-Hill, 1977, I, p.301--302.

(11) Uma das «planturosas» mulheres de Rubens, um pintor nada parcimonioso nestas coisas («Betsabé recebendo a carta de David», 1635, Museu de Dresden).

(12) Franz Stieger, no «Opernlexikon, Titelkatalog», Tutzing, 1975, menciona mais de cem obras intituladas «Giuditta» ou «Judith», não contando com a de Almeida, que ignora. Na mesma obra, é ainda mencionada a existência de 31 «Betulia Liberata», na sua esmagadora maioria sobre o libreto de Metastasio. No elenco das obras do compositor português («Opernlexikon, Komponisten»), Stieger nem sequer inclui ainda «La Spinalba».

(13) Diz Schering que as inovações defendidas por Spagna e, em especial, a da supressão do narrador, foram, na altura, combatidas com razão, pois acabavam por significar o fim da distinção entre oratória e drama musical (ibidem).

(14) Apontamentos de cena passaram a ser introduzidos nas oratórias sob a forma de elementos descritivos postos na boca de diferentes personagens. Exemplo desta prática é, na «Giuditta» de Almeida, a cena em que a protagonista descreve, num recitativo o que faz a sua serva. (v. infra).

(15) «Alessandro Scarlatti», Edizioni RAI, Torino, 1972, p.276.

(16) De acordo com as práticas correntes na época, os vocalisos perpassam em todas as árias e são mais ou menos dilatados consoante as exigências de expressão dramática.

(17) Refiro-me, é claro, à Salomé, também muito glosada nas diferentes artes, mas acima de tudo na obra-prima de Óscar Wilde/Richard Strauss (1905).

PUB.

Requintado na precisão
rigoroso na elegância

OTRON Com Célula Solar

O companheiro certo
palpitando ao ritmo da vida moderna

REPRESENTANTE EM PORTUGAL
MOTOPEGAS
R. António Enes 25 C 1000 Lisboa Tels. 5 [illegible]

AGENTES
Patrão Joalheiros — R Visconde da Luz 104 Coimbra
Rosel Joalheiros — Pr do Bocage 120 Setúbal
Moises Joalharia — Av Heróis de Angola 13 Loriga
Ourivesaria S. Francisco — R Serpa Pinto 1 Tomar
Ourivesaria [illegible] — R Henrique [illegible] Caldas da Rainha
Ourivesaria Heitor Ferreira — R Sá Nicolau 7 Santarém

CENSOS 81
O PREENCHIMENTO DOS QUESTIONARIOS
É OBRIGATÓRIO
NO SEU INTERESSE COLABORE!
INSTITUTO NACIONAL de ESTATISTICA

Correspondência inédita de João de Barros

Numa carta dirigida a João de Barros, cujo centenário de nascimento agora se comemora, escrevia do Rio de Janeiro esse espírito gentil e devotado à causa da nossa cultura (logo de amizade) que era Paulo Barreto:

«Viste o discurso do Epitácio, chamando os portugueses compatriotas de além-mar? Tenacidade! Somos nós os autores!»

Nestas palavras o amigo e companheiro de luta pela aproximação luso-brasileira dava uma síntese do esforço e do êxito de dois poetas e escritores, num clima de indiferença em Portugal e de hostilidade no Brasil, a que não faltavam as sevícias em casa ou o auto de fé das redes dos pescadores portugueses na praça pública.

Não fora pacífica, não, a descolonização, correra muito sangue e o próprio príncipe D. Pedro andara à frente das hostes emancipalistas, gritando «morras» aos compatriotas da véspera. Menos de um século depois, a ferida não fechara. Mas Epitácio Pessoa, figura de proa na hostilidade, passara por Lisboa, vindo de Paris presidente já eleito, porque da visita ao nosso País o convencera Paulo Barreto, e não esquecera as gentilezas da fraternidade lusitana, ao regressar ao Brasil.

Estavam lançadas as pontes da amizade por esses dois homens de letras, a que a oratória de António José de Almeida, na sua visita ao Brasil (1922) em festas de centenário, daria definitivo impulso no combate ao nativismo brasileiro.

Até que a morte o levou pela sua campanha empobrecido e pelo cepticismo dos homens magoado, nunca mais João do Rio deixou de lançar sementes de cooperação na terra brasileira. De modo que, ao morrer (1921) Paulo Barreto, literariamente João do Rio, deixava no seu país uma pequena multidão de intelectuais que lhe seguiam o exemplo, a estes outros se agregando, não menos devotados, mas às vezes muito menos desinteresseiros do que ele, João do Rio, pois jamais recebera dos portugueses o reconhecimento oficial da sua missão, esses subsequentes se confrontando em pugnas de conquista de condecorações...

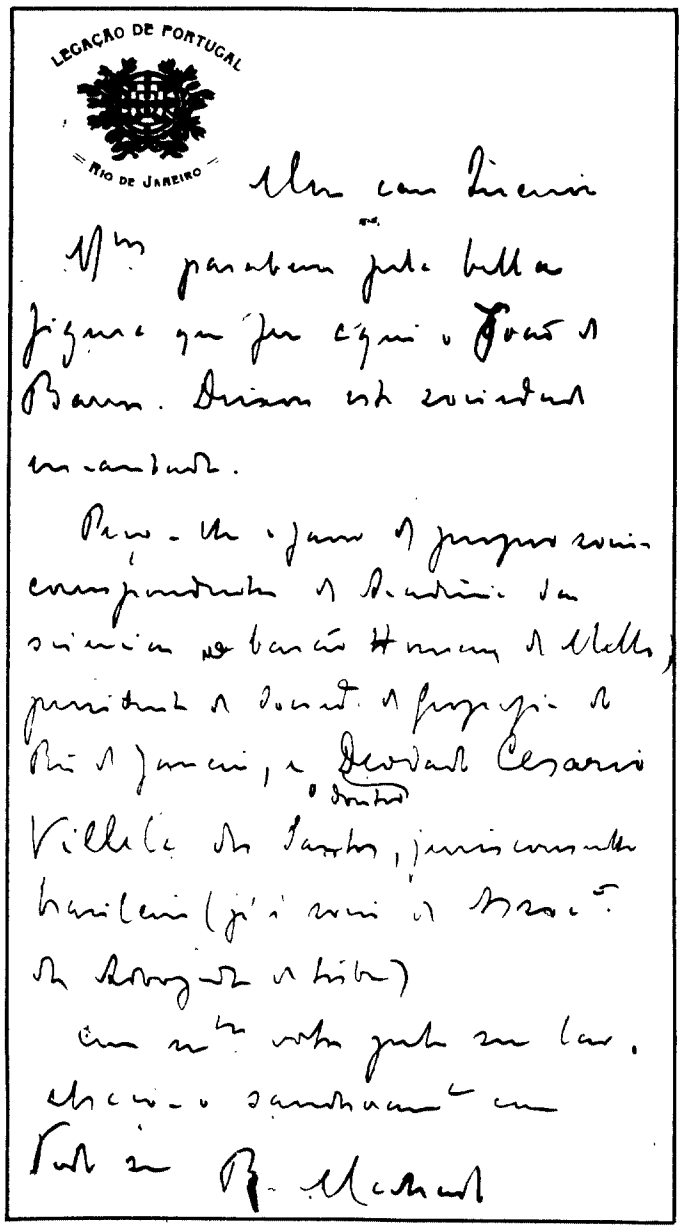
A voz do poeta de «Humilde Plenitude» não ficava assim sem eco da outra voz do Atlântico. E não havia livro, artigo de jornal, alusão pública ao Brasil ou à cultura portuguesa, que não ecoasse através da pena de João de Barros, sobretudo nas páginas deste jornal que era o de Joaquim Manso, dilecto amigo de «tu», vindo do tempo da mocidade de ambos.

De facto, daqui foi, debruçado da primeira página do «Diário de Lisboa» (e João de Barros, simbólico accionista, pertenceu ao seu conselho fiscal, um cargo que presumo tenha também simbolicamente exercido...) que partiram todas as palmas, todos os estímulos, todas as sugestões. Os catorze volumes de «uma Campanha Atlântica» eram por vezes colectânias de ideias lançadas às correntes da amizade e do conhecimento mútuo das culturas dos dois países a que se opunha chamassem intercâmbio, por achar estes de etimologia e semântica duvidosas – para mais câmbios, fossem os do comércio ou da tauromáquica que jamais haviam ocupado o seu interesse.

De facto também, a medida do interesse pelas relações entre brasileiros e portugueses situava-se no mais alto escalão da cultura, pois, por aí havia de começar-se, dizia, uma penetração que devia chegar bem ao âmago das questões.

No sorvedouro das dívidas, a «A Pátria», diário fundado e dirigido no Rio por Paulo Barreto, se afundara, perseguido pelos nativistas. Mas logo, quase a seguir à morte do amigo e do jornal, outro grande quotidiano se arvorara em porta-voz da luso-brasilidade. Era «A Notícia» de Cândido de Campos, amigo do poeta mas com os pés bem assentes na terra da luso-brasilidade. Não era só João de Barros a voz do arauto lá ouvida no Brasil, era uma plêiade de autores brasileiros, e até alguns portugueses, que advogavam a favor da nossa cultura, incensavam os nossos valores culturais, formando uma espécie de corporação sem estatutos nem fronteiras de número, crença ou raça, inspirados, cá destes lados oceânicos, pela batuta do autor de «Euclides da Cunha e Olavo Bilac», por essa altura sétimo de «Uma Campanha Atlântica».

É preciso, porém, compulsar o preciosíssimo e volumoso espólio epistolar de João de Barros, para se ter ideia do que foi essa febril actividade do poeta de «Sísifo», ao longo de meio século. São centenas de epístolas assinadas por dezenas e dezenas de brasileiros e portugueses do Brasil, algumas delas escritas em puro espírito de uma confidencialidade que lhes dá hoje perspectivação singular. Tão singular, que nenhuma história das relações culturais e até políticas luso-brasileiras poderá escrever-se, sem se invocar o testemunho daquelas figuras cimeiras do Brasil, ainda que, em alguns casos, nascidas em Portugal.



Esta carta, sem ano marcado, assinala a primeira viagem de João de Barros ao Brasil (1912), a convite de João do Rio. Bernardino Machado que escrevia ao sogro do poeta, Teixeira de Queirós, já sobraçara a pasta dos Negócios Estrangeiros (Governo Provisório) e fora despachado ministro de Portugal no Brasil, tão importante e urgente João Chagas considerava aquele posto diplomático

Mas, que o projecto dessa relacionação e divulgação conjunta de valores não era quimera de poetas, aí estavam, desde 1915 (15 de Novembro, data da implantação da República brasileira) os quarenta e oito números dessa bela revista chamada «Atlântida», dirigida primeiro por Paulo Barreto e João de Barros, depois da morte daquele, pelo poeta e por Graça Aranha, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, antigo secretário do portentoso político e diplomata Joaquim Nabuco e, então, em missão em Paris (*). O mais entusiasta da Semana de Arte Moderna, de S. Paulo, que depressa abandonaria a Academia por a ter por conservadora, abraçara o projecto da «Atlântida», redigida em francês e português, mas em tão precárias condições que Pedro Bordalo Pinheiro, um dos fundadores do «Diário de Lisboa», era acusado pelo diplomata brasileiro de «amadorismo, desconfiança e inércia», causas maiores das dificuldades materiais da revista, não obstante por ela tanto se sacrificar. A revista literária e artística, ponto de defesa, debate e divulgação da cultura luso-brasileira, inseria, aliás, colaboração de autores franceses e italianos do maior prestígio mental, político e social da Paris de então.

Sumida e consumida a «Atlântida», ficava a João de Barros uma mais ampla varanda sobre o Atlântico. Era o «Diário de Lisboa» que acabava de ser fundado, portas que eram escancaradas por Joaquim Manso (é «teu; usa-o», dissera-lhe) onde cerca de meio século foi figura de proa no desenvolvimento das relações luso-brasileiras. Tinha a seu lado o apoio devotado, amigo de todas as horas e é comovente ler hoje as cartas que o director do jornal lhe escrevia, estivesse onde estivesse, aplaudindo-o, confessando-lhe com humildade e orgulho, a cada artigo que o amigo publicava no seu jornal: «cumprimento-te pelos artigos!»

Para o amigo ele era o maior de todos. E a toda a hora lhe enviava parabéns. Por amizade, puramente por isso, e admiração sincera.

Creio, porém, que nessa corrida sobre o Atlântico («Tu tens o gosto do mar e eu sou o homem da serra», escrevia-lhe) jamais Joaquim Manso embarcaria. E, todavia, o «Diário de Lisboa» era ponto de encontro de sumidades brasileiras, aqui trazidas pela mão de João de Barros.

Gostaria aqui de sublinhar que o poeta não era um elitista, quando insistia numa divulgação de prestígio. O povo português era imigrante no Brasil e precisava de que os brasileiros honrassem a nossa intelectualidade. Do seu prestígio se alimentava o respeito por que ansiavam os esforçados e humildes cabouqueiros.

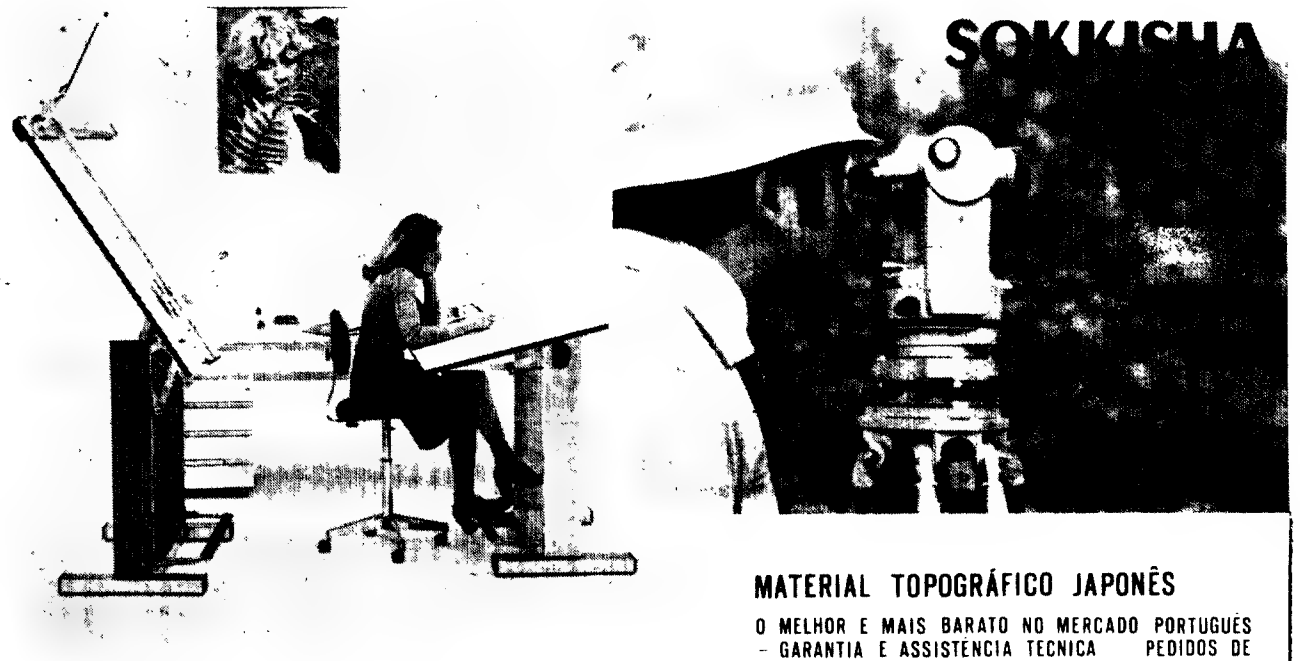
Nunca, aliás, nas cinco vitoriosas visitas que fez ao Brasil, a convite de intelectuais brasileiros, João de Barros deixou de dialogar com os portugueses nas suas associações de acção social e cultura. Mas a lava do seu temperamento ardente e entusiasta era noutras esferas que alastrava e conquistava. Bernardino Machado, ministro de Portugal no Rio, por alturas da primeira viagem do Poeta ao Brasil, escrevia a Teixeira de Queirós: «Muitos parabéns pela bela figura que fez aqui o João de Barros. Deixou esta sociedade encantada».

Três grandes afeições marcaram os últimos anos das relações do poeta com brasileiros, a de Cândido de Campos, a do embaixador do Brasil em Lisboa e depois chefe do Itamarati, Neves da Fontoura, e a do secretário de embaixada, o poeta e contista Ribeiro Couto que morreria embaixador em Belgrado. A correspondência de Cândido de Campos, lúcida, pesada, forma um grosso «dossier» sobre cinquenta anos da vida política e intelectual brasileira; a de Ribeiro Couto, numerosa, cheia de sensibilidade, malícia e ternura, com um sentido eufórico da vida. Era precisamente tudo isso que o ligava ao poeta da «Oração à Pátria», era tudo isso que levava o autor do «Cancioneiro do Ausente» a escrever-lhe: «Quando o veremos embaixador ali (no Brasil) como desejamos **todos** que temos responsabilidade intelectual no país? Que não suceda com João de Barros o que sucedeu com Eça de Queiroz que os brasileiros tanto também lá queriam ver»...

Escrevia isto em 1937 mas o admirável contista de «Uma Noite de Chuva» era dezassete anos mais novo do que o poeta do «Pomar dos Sonhos» e esquecia-se ou ainda ignorava que da Ditadura, João de Barros nada quisera jamais receber, como também jamais nada lhe quisera conceder.

Manuela de Azevedo

* João de Barros foi a alma e a força da criação da cadeira de estudos brasileiros na Faculdade de Letras de Lisboa, recusando-se a aceitar a sua regência, naturalmente por motivos políticos.



MATERIAL TOPOGRÁFICO JAPONÊS

O MELHOR E MAIS BARATO NO MERCADO PORTUGUÊS – GARANTIA E ASSISTÊNCIA TECNICA PEDIDOS DE CATALOGO E PREÇOS AO REPRESENTANTE EXCLUSIVO

MATERIAL DESENHO «NEOLT»
ESTIRADORES. MAQUINAS DESENHAR. HELIOGRAFICAS. GUILHOTINAS. CANDEEIROS. ETC. PEDIDOS DE CATALOGOS E PREÇOS AO REPRESENTANTE E DISTRIBUIDOR:

NUCLEON - EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, Lda.
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO. N.º 57 A 1000 LISBOA
TEL. 770237/770351
TELEX: 16691 - MUNTER - P

BENELUX. PARIS E VALE DO RENO
MARAVILHOSA EXCURSÃO A 5 PAÍSES EM AVIÃO E AUTOPULLMAN DE LUXO
* PARTIDAS *
Abril 7 (Pascoa)
Junho 5 (Feriado)
ACOMPANHAMENTO abreu
8 DIAS DE VIAGEM
VISITANDO:
BRUXELAS - PARIS - LUXEMBURGO - TREVES COLONIA - BONA - AMSTERDAM - ARNHEM UTRECH - ROTERDAM
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
PORTO Av. Aliados 207 • Telef 31 79 21
LISBOA Av. Liberdade 160 • Telef 37 13 41
" Av. Roma, 66 • Telefs. 803609
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs 270 11/2
FARO Av. Republica, 124 • Telefs 25035/6
FUNCHAL Rua Gorgulho, 1 • Telefs 31077/8

TRIBUNAL JUDICIAL DE 7.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA
ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio. Execução ordinária n.º 123/79 2.ª secção. Exequentes o Banco Pinto & Sotto Mayor. Executado JOVEX — Confecções Lda e outro, com sede na Estrada Nacional 294-A Trajouce comarca de Cascais.

Lisboa, 24 de Março de 1981

O Juiz Adjunto,
Fernando Henrique Calheiros da Silva Moreira

O Escivão de Direito,
Maria Fernanda Marques Nogueira Ribeiro e Silva

VENDEM-SE

Máquinas laborat., listagem e ficheiro rotat. Tel. 32 30 51/58 informa até dia 15.

Bailarino e coreógrafo do Bolshoi

já dançou sob a direcção de Carlos Trincheiras

Nos meios baléticos mundiais Vladimir Vassiliev é primeira figura

O nome de Vladimir Vassiliev tem aparecido nos últimos tempos, associado a diversos acontecimentos importantes no mundo da dança clássica. No espectáculo em cena no Bolshoi, «Macbeth», a coreografia e interpretação de uma das primeiras figuras é de sua responsabilidade; foi escolhido para principal actor masculino no filme «A Divina Ana» – uma homenagem a Ana Pavlova; o êxito obtido no Brasil, em Dezembro do ano passado, com «Quebra-Nozes», sob a direcção do bailarino português Carlos Trincheiras, somou-se aos que tivera dançando sob a direcção de Béjard ou interpretando as suas próprias criações.

Vladimir Vassiliev é estrela do Bolshoi desde 1958, mas é a partir de 1971 que ele se destaca não só na União Soviética, como a nível mundial com duas interpretações de que é o autor da coreografia: «Icaro» e «O Feitiço da Música».

«É muito difícil acumular as funções de bailarino e de coreógrafo» – diz Vassiliev. «Ainda aluno na escola coreográfica, sonhava afirmar-me como coreógrafo, mas o meu trabalho no Bolshoi, durante anos e anos não me deu tempo nem forças. Quando me foi proposta a criação de «Icaro» aceitei sem

mesmo conhecer a partitura; o tema era extraordinário...»

A primeira representação de «Icaro» foi em 1971, para 6 mil espectadores, no Palácio dos Congressos do Kremlin, onde a trupe do Bolshoi dá metade dos seus espectáculos. Cinco anos mais tarde criou uma nova versão que foi incluída no reportório do teatro e apresentada em Atenas em Agosto de 1979, onde obteve um sucesso triunfal. As principais interpretações estiveram a cargo de Vassiliev e Ekaterina Maximova, duo com prestígio internacional.

«O Feitiço da Música», que o Bolshoi apresentou em duas temporadas, confirmou os seus dotes de coreógrafo.

«Macbeth», agora em cena no Bolshoi, é o último trabalho de Vassiliev, criado para uma composição de Kirill Moltchanov, a primeira que o músico escreve para «ballet». A propósito desta estreia diz o compositor: «É estranho que depois de ter trabalhado 30 anos no teatro lírico não tenha escrito a música para um único 'ballet'. No entanto é precisamente ao 'ballet' que estão ligadas as minhas melhores recordações... É verdade que mais tarde me dediquei à ópera, pensando que esta, melhor que qualquer outra arte, poderia traduzir a minha concepção do mundo. Há alguns anos, quando exercia as funções de director do Bolshoi, em 1973/76, redescobri o mundo da dança e o meu encontro com Vladimir Vassiliev desempenhou um papel muito importante».

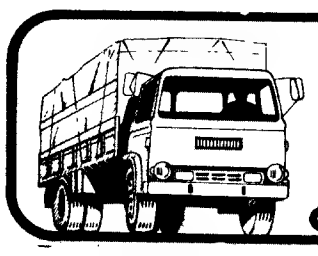
Falando, por sua vez, do seu trabalho de coreógrafo, diz Vassiliev: «Penso que em cada coreografia, tudo deve ser preciso e compreensível. Na minha opinião, o trabalho de um coreógrafo e de um encenador consiste em tornar uma obra clara para toda a gente».

Em «Macbeth», Vladimir Vassiliev interpreta uma das primeiras figuras com Nina Timofeev, que é «lady» Macbeth e Serguei Radtchenko no papel de Duncan. As figuras secundárias foram distribuídas a jovens bailarinos.

Vassiliev preocupa-se, nas suas coreografias, em convidar desconhecidos do grande público, pondo em prática o que afirmou há tempos numa entrevista: «Sou como um jardineiro que cultiva a terra e deita as sementes descobrindo com espanto que elas dão origem a flores desconhecidas que se desenvolvem e deixam de se diferenciar das outras».

A preocupação com os jovens foi-lhe transm tida pelos seus mestres. «Quando estou a trabalhar com os artistas, a exigir atenção, concentração e paixão pelo trabalho – faz notar Vassiliev – exijo o que me exigiram a mim. Compreendi então, o esforço e o amor que os mestres do Bolshoi põem no seu trabalho. É claro que na vida quotidiana, preenchida por espectáculos e ensaios, não notamos a atenção e a paciência que esses colegas mais velhos nos dedicam. É que eles não nos transmitem apenas os conhecimentos, mas partilham igualmente as alegrias e os insucessos dos alunos...»

O trabalho de Vissiliev como coreógrafo não o impediu de aparecer como figura principal em várias criações de outros artistas coreográficos, destacando-se as suas interpretações em «Romeu e Julieta», sob a direcção de Béjard, e em o «Quebra-Nozes», onde dançou à frente de uma companhia brasileira, segundo a coreografia de Carlos Trincheiras.



Sr. Camionista

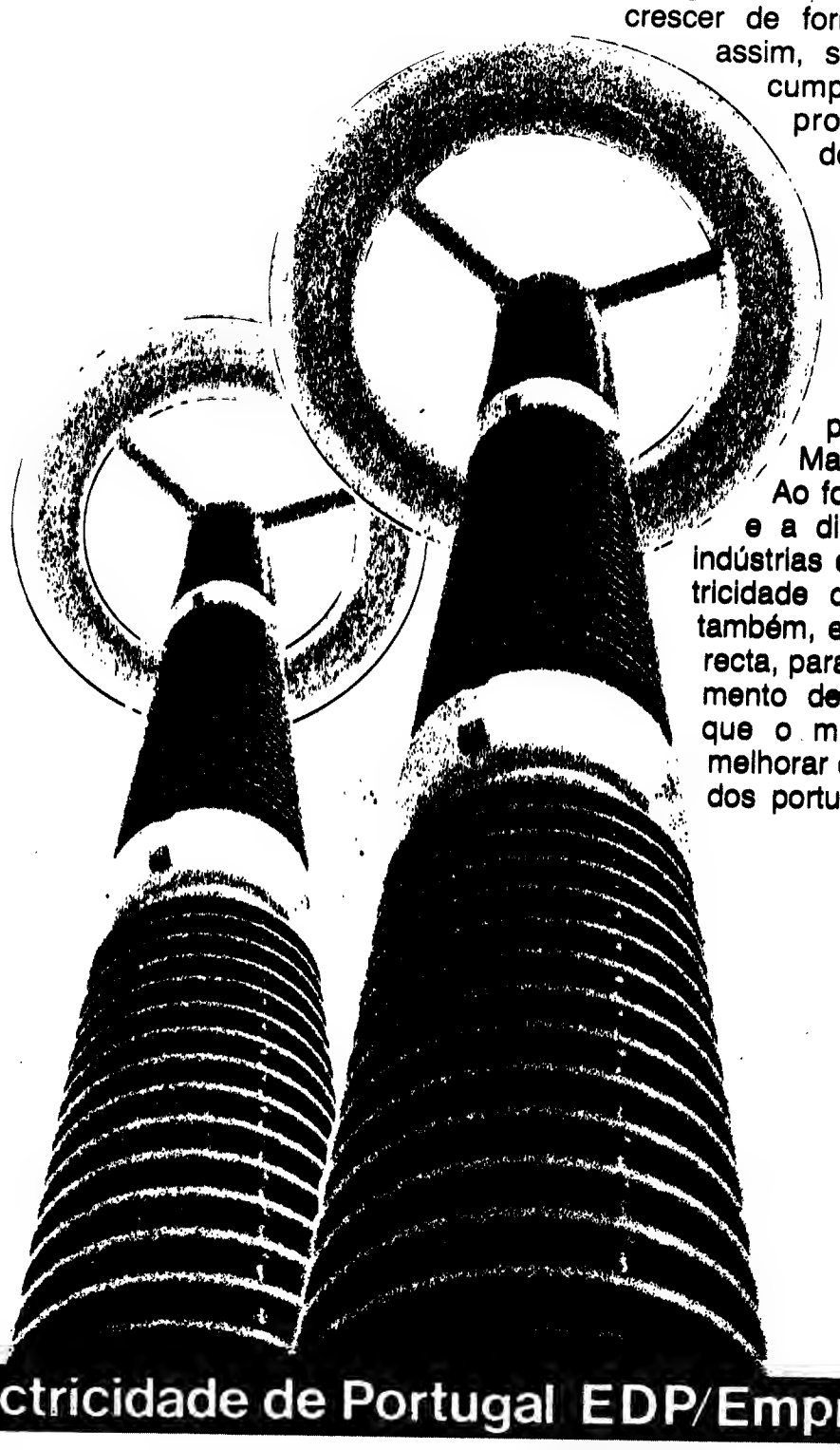
Ao conduzir um veículo pesado, tome todas as precauções para uma boa arrumação da carga.

circular e viver.

À FRENTE DO FUTURO

Existimos para assegurar hoje a energia que Portugal vai precisar amanhã. Investimos mais de 70 mil milhões de escudos nos últimos 5 anos.
Temos mais de 40 mil milhões de escudos de investimento a realizar em 1981. E nos anos seguintes este investimento terá de crescer de forma significativa para, assim, se poder assegurar o cumprimento dos nossos programas: construção de novos Centros produtores de energia eléctrica, Subestações e Linhas de transporte, além de impulsionar a Electrificação do território em extensão e em profundidade.

Mas vamos mais longe. Ao fomentar o lançamento e a dinamização de novas indústrias e tecnologias, a Electricidade de Portugal contribui também, embora de forma indirecta, para um considerável aumento de postos de trabalho que o mesmo é dizer, para melhorar o futuro de Portugal e dos portugueses.



Electricidade de Portugal EDP/Empresa Pública

Bolarte 2/81

De 14 a 26 de Abril

"Que farei com este livro?" no Teatro da Trindade

A peça de José Saramago «Que farei com este livro?» será apresentada pelo Grupo de Campolide no Teatro da Trindade a partir do dia 14 deste mês, onde será dada uma curta série de espectáculos.

A apresentação no teatro do INATEL desta peça, que versa sobre a vida de Luís de Camões, verifica-se um mês depois da primeira data prevista para a deslocação a Lisboa do Grupo de Campolide, há três anos radicado em Almada. As representações de «Que farei com este livro?» deveriam ter sido dadas no mês de Março naquele teatro, a seguir ao termo da carreira do «Baal», conforme estava previsto pelo Grupo de Campolide e de acordo com a direcção do INATEL. Da responsabilidade daquele organismo, chegaram mesmo a aparecer anúncios na Imprensa a indicar a data da estreia.

Dia 7, o Campolide deveria carregar cenários e bagagens e iniciar no Trindade os trabalhos de montagem. Acontece, no entanto, que, por ironia do destino, os destinos do INATEL são confiados a uma nova Comissão Administrativa. Em contacto telefónico com a sede daquela instituição, alguém informa que as portas do Teatro da Trindade deixavam de estar abertas para o «Que farei com este livro?» e que o novo presidente da C.A. tencionava dar outro aproveitamento àquele espaço.

Canto e Castro no papel de Luís de Camões

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades» – diz o nosso poeta. A mudança de dirigentes daquela instituição em cima da data marcada para a primeira apresentação da peça determinou assim o afastamento do Grupo de Campolide da programação prevista para aquela sala de espectáculos. No entanto, quando os ventos são adversos, há que redobrar de obstinação e remar, se tal for necessário, contra a maré. O grupo de Campolide não se vergou e fez que se abrissem as portas do diálogo.

Na sequência deste diálogo, o INATEL, cuja mudança de direcção causou naturalmente grandes prejuízos ao grupo, rectificou parcialmente a situação com a cedência do Teatro da Trindade para onze representações de «Que farei com este livro?».

Os espectáculos realizam-se no dias 14, 15, 21, 22 e 23 às 21.30 horas e nos dias 18, 19 e 26 às 16 horas e 21.30 horas.

«Que farei com este livro?» é a segunda peça de José Saramago levado à cena pelo Grupo de Campolide e tem encenação de Joaquim Benite e cenários de João Vieira. Canto e Castro, tem, no papel de Luís de Camões, uma notável interpretação, considerada pela crítica como uma das mais destacadas da passada temporada.

A peça, que teve quatro meses de representações ininterruptas em Almada, foi apresentada com êxito no Porto, no decorrer do Fitei.

Com algumas contrariedades, que nem por sombras se podem comparar às que Luís de Camões teve de enfrentar para publicar os seus «Lusíadas», «Que farei com este livro?» prossegue a sua brilhante carreira, agora em Lisboa.

Uma história de TV a cores

ALQUEBRADO e encanecido, o velho contador de histórias lembrava uma gravura arrancada a um compêndio de Etnografia.

Apesar do auditório, outrora vasto, se encontrar hoje circunscrito, para além da velha companheira, a uns escassos vizinhos e parentes da sua geração – a quem a Televisão da tenda do ti Francisco não conseguira aliciar – ti Manel Custódio não desistira ainda da «missão histórica» de todos os serões.

Também, pobre dele, arredado da labuta dos campos desde que aquela maldita da gota o atirara sem apelo para o cadeirão de palha que só trocava pela cama seis horas em cada vinte e quatro, que mais lhe restava senão o prazer de desfiar, depois da ceia, as contas do rosário das suas recordações mais remotas?...

E, para além daquele jeito de contar, herdado – dizia-se – de um seu avô também Manel, Manuel Custódio tinha a vantagem de ter sido, nos «seus tempos», um homem conhecedor do mundo: alguns anos na pesca do bacalhau, guerra de 14 em França, mais uma temporada em Lisboa antes de se amarrar, para sempre, à paciente tí Albina e à terra que «me há-de comer os ossos».

Nos últimos sessenta anos, o ti Custódio quase não saíra da recôndita aldeia, mas a imaginação, a memória, a pilhéria... pareciam nunca o ter abandonado.

Naquela noite ainda fria – que na serra a Primavera não perdoa – ti Manel bebera o último copito de geropiga e aguardava, como todas as noites, a chegada dos velhos amigos para a bisca do costume e... as inevitáveis e intermináveis histórias.

A demora deu-lhe para recordar serões antigos. E como eram diferentes, dantes, os serões na velha casa! Então sentia-se o rei de uma festa, sucessivamente trocado por outras festas: os jovens tinham quase todos bicicletas e escapavam-se para a vila em busca dos cinemas e dos cafés... agora as moças, livres das saias maternas, saíam à vontade com os namorados e jamais, se abeiravam dele. Até os mais pequenos, entretinham-se com as histórias aos quadradinhos e iam cedo para a cama «que amanhã há escola». Outros, mesmo já maduros, preferiam a televisão... e assim, se foram, uns atrás dos outros, os antigos consumidores das historietas.

Mas esta noite, que demora tamanha, o que teria acontecido? Oh Albina! Albina! (como esta velha está mouca...) Ah, estavas aí, também o raio destes olhos, nem te enxergava... Qué dele o Januário e o Zé Tamanqueiro? Então hoje esqueceram-se, ou quê?

– Sei lá, homem, queres que vá à pergunta deles?

– Não tá mal alembrado, pois vai lá ver o que há, que esta língua já está a criar ferrugem. E já que estás com a mão na massa, vê se consegues convencer o João, ali o João da burra, diz-lhe que já lhe tenho saudades... e também umas histórias daquelas que ele tanto gosta. Anda, mexe-te.

– Eh Manel, acorda Manel, então não queres saber? Desconfio que hoje o que tens a fazer é meter a viola no saco.

Hum? Qué que tás pr'aí a agoirar? Vá, desembucha.

– É o que te conto, o Januário, mai-lo compadre Zé, mai-lo João da burra, queres saber onde estão, queres mesmo saber? Pois olha, estão na tenda do ti Francisco, a ver a nova televisão que lhe chegou hoje mesmo da vila...

– O quê, mulher, nem posso crer no que me dizes, mas o que tem a porcaria da televisão nova que a outra não tenha? Sim, que diferença faz uma porcaria da outra, bem sabes que eles nunca a trocaram por um bocadinho bem passado aqui à beira do velhote...

– Pois deve ter uma grande diferença, que eu dei uma mirada cá de longe. É tudo às cores, a modos como aqueles livros danados que os fedelhos dos netos aqui do compadre Artur trazem sempre agarrados.

Ti Manel Custódio nem podia acreditar. Ainda tentou retorquir, mas a voz entaramelou-se. O olhar embaciou-se e um arrepio gelado percorreu-lhe os ossos débeis. Em menos de nada o cadeirão de palha abanou tal foi o estremeção, a seguir foi o último suspiro com a ti Albina a amparar-lhe – chorando em silêncio – a cabeça que pendia inerte.

Manuel Custódio, sessenta longos anos legenda de uma aldeia algures na serrania, símbolo de valores quase perdidos, acabara ingloriamente «às mãos do progresso»: uma história negra, que as novas cores da televisão nunca chegarão a contar.

... Era uma vez o ti Manel Custódio, o último dos contadores de histórias, que a televisão a cores matou...

Rodrigues Borges

FINALMENTE... o CAFE-TEATRO da COMUNA
*DEIXO'S POISAR***
QUINTA-FEIRA AS 22 H
SEXTA-FEIRA AS 23 H
SABADO AS 24 H
lotações esgotadas * um espectaculo... diferente
* MUSICA AMBIENTE E DE DANÇA * UM ESPAÇO NOVO DE CONVIVIO *
SERVICO BAR-RESTAURANTE A PARTIR DAS 20 H * MARCAÇÕES TEL 76 26 24
2.º MÊS

O ESPECTACULAR FILME DA PASCOA
"O HOMEM ARANHA" ESTÁ EM LISBOA
A MAIS INCRIVEL AVENTURA
O ESPANTOSO SUPER-HEROI NUMA TERRIVEL LUTA CONTRA OS MAIS PERIGOSOS MESTRES DO KUNG FU
O HOMEM-ARANHA CONTRA O DRAGÃO
Columbia Pictures presents a CHARLES FRIES/DANIEL R GOODMAN Production
SPIDER-MAN AND THE DRAGON'S CHALLENGE · Si com NICHOLAS HAMMOND · ROBERT F SIMON
CHIP FIELDS · ELLEN BRY · Produtor Executivo CHARLES FRIES e DANIEL R GOODMAN
Produção de LIONEL E SIEGEL · Argumento de LIONEL E SIEGEL · Realização de DON McDOUGALL
SPIDER-MAN is a property of Marvel Comics Group The Marvel material appearing herein © 1980 Marvel Comics Group a division of Cadence Industries Corp All Rights Reserved
Copyright © 1980 Danchuk Productions All Rights Reserved © 1980 Columbia Pictures Industries Inc
AVIS
5.ª-feira estreia às matinées
POLITEAMA
PARA TODOS – MAIORES DE 6 ANOS
AGENCIA PORTUGUESA DE REVISTAS edita todas as publicações do "HOMEM ARANHA"
O BANCO FONSECAS E BURNAY colaborou no lançamento publicitario deste filme

SELECCIONADO PARA AS FESTAS DA PASCOA
Na tradição dos pares romanticos de Hollywood
Uma comédia divertidissima como nos velhos tempos
Goldie Hawn
Chevy Chase
Charles Grodin
No estilo inconfundivel de
Neil Simon
o maior argumentista de comédias americanas
COMO NOS VELHOS TEMPOS...
COLUMBIA PICTURES Aprensenta uma produção RAY STARK
CHEVY CHASE GOLDIE HAWN CHARLES GRODIN
IN NEIL SIMON'S "SEEMS LIKE OLD TIMES"
A JAY SANDRICH FILM ROBERT GUILLAUME Musica de MARVIN HAMLISCH
Director de Fotografia DAVID M WALSH Produção Des por GENE CALLAHAN
Produtor executivo ROGER M ROTHSTEIN Escrito por NEIL SIMON
Produção de RAY STARK Realiz. de JAY SANDRICH From RASTAR
5.ª feira às 21.30 — Estreia
CASTIL
NAO ACONSELHAVEL A MENORES DE 13 ANOS

PUB
CENTRO SOCIAL E CULTURAL DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO
COLÓQUIO SOBRE A REVISÃO CONSTITUCIONAL
8 ABRIL ÀS 21.30H
A revisão constitucional e a organização económica e social, com a participação de:
Dr. Carlos Carvalhas (Moderador)
Eng. Veiga de Oliveira
Dr. Luís Marinho
Dr. João Botequilha
Dr. Oliveira Martins
Dr. Herberto Goulart
Dr. César Oliveira
12 Abril às 15H
A Revisão constitucional e a situação da mulher na sociedade portuguesa
SEDE: ROSSIO, 113/116 – LISBOA

Canal da crítica

Mário Castrim

... insultar, aldrabar manipular impunemente

A homenagem ao pintor José Escada tardou. Julgou-se até que não viria mais. Veio. Veio, com preciosas imagens de Henrique da Silva (com provas dadas noutros géneros de trabalhos) e com palavras em directo de Rui Mário Gonçalves, mais dirigidas às raízes, às influências e ao posicionamento da sua pintura, e de Carlos Amado, evocativas do carácter e da capacidade humana de José Escada. Para o sector das artes plásticas permanece a equipa Rocha de Sousa-José Elyseu.

Lamentavelmente depois de tantos anos de trabalho na RTP, ainda não se conseguiu obter uma linguagem no mínimo acessível aos analfabetos, aos ignorantes, áqueles que foram obrigados a ficar pelo caminho. Fala-se demasiado, fala-se difícil, fala-se para gente do mesmo ofício. Assim se fabrica toda uma atmosfera, não de simpatia, mas de rejeição. Não se serve a pintura, não se serve a arte, não se semeia tanto quanto seria possível e desejável, o amor do conhecimento. Ou seja: o principal ficou por fazer.

Também tarefa tão complicada não se esgota numa só emissão. Há que traçar uma rede de emissões, criar hábitos, desejos, exigências – e não se chega lá com uma operação desgarrada de quanto em quando – e ainda por cima sem conveniente aviso prévio.

Até porque muita gente se deve ter passado com armas e bagagens para o Segundo Canal ou para nenhuma parte. Pessoas que não gostam de ratoeiras – e ontem a ratoeira demorou uma eternidade, com a presença logo a seguir ao **Telejornal** de Eusébio de Carvalho, ministro não sei de quê.

Ele gastou mais tempo do que o **Telejornal**! Se soubermos que as condições de telegenia e de dicção do ministro Eusébio não são realmente das melhores, ficaremos com a impressão correcta do que significou ter aquela figura diante dos olhos uma data de tempo. E ainda dizem que a Inquisição acabou...

Não direi que bastas passagens do discurso eusebiano foram de um pirismo intelectual que faria morrer de inveja o conselheiro Acácio. Não direi por desnecessário – tão evidente ele foi.

E também não vou contestar os números apresentados, sendo certo que o melhor «número» foi ele próprio. Não vou recordar a situação de tantos e tantos milhares de reformados, igualmente apontada por Eusébio. Apontada por simples demagogia – pois as considerações substanciais não estão de acordo com a exiguidade das medidas. Infelizmente, para os espíritos pragmáticos e retóricos, os reformados estão fora daquele circuito onde não se sabe como diferenciar os indiferenciados ou como indiferenciar os diferenciados – o que, aliás, não faz diferença nenhuma e quem vê o seu poder de compra bem diferente, para pior, em cada dia que passa.

Nem sequer vou contestar os números com aproximação até às centésimas, relativos às adesões na greve da Função Pública. As percentagens eusebianas, mesmo sem se pretenderem rigorosas (!) apontam para escalões verdadeiramente insignificantes. Aqui, porém, devemos garantir em abono da família, perdão!, em abono da verdade, que o ministro foi de uma grande generosidade. Quando ele nos diz que as adesões foram de 12 ou de 13 ou de 14 por cento, vírgula 58, 66 ou 81, a verdade é que ele está exagerando por bondade do coração. Sabe-se, por exemplo, que, nos dias de greve, as adesões foram nulas e mais: foram negativamente nulas, quer dizer, em locais onde havia 315 trabalhadores compareceram na repartição 400, o que dá uma média de adesões da ordem dos – 85 e uma percentagem de amarelos eusebianos da ordem dos 126,98!

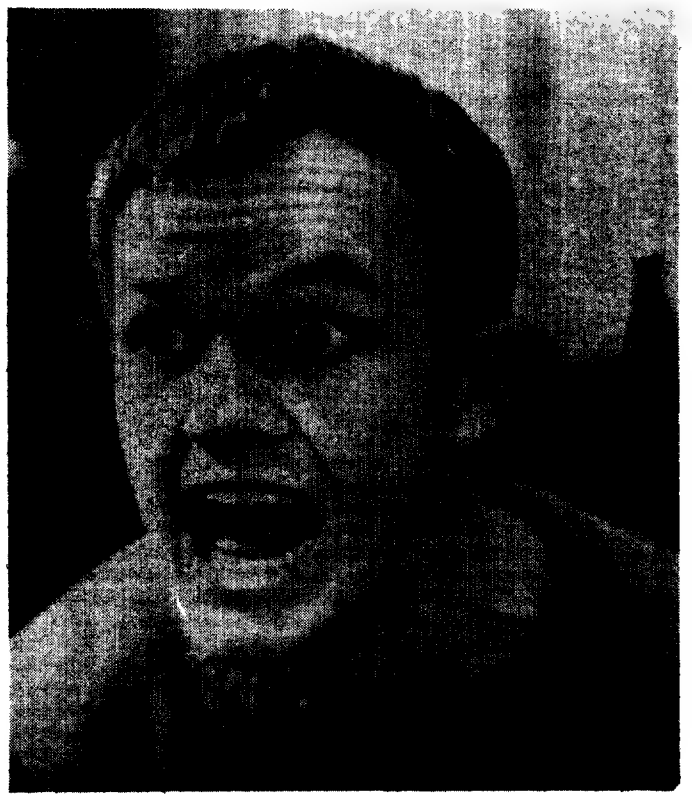
Não falarei nisso. Apenas notarei o oficioso e o oficialismo instalados na RTP. As críticas ao Governo, as notícias incómodas ou desagradáveis para as forças políticas no poder, tudo isso desapareceu dos serviços de informação. Estes agem, no essencial, como órgãos oficiosos do Governo o qual, ainda não contente com isso, se dá ao luxo de mandar os seus balsemões, os seus leitões e os seus eusébios com declarações, entrevistas e palavras do tamanho da Légua da Póvoa! Para dar uma ideia de como andamos a sustentar políticos a pão-de-ló, basta dizer que o tempo de antena ontem ocupado pelo sr. Eusébio **nos** custou muitos milhares de contos. E ainda se fosse para ver jogar o outro Eusébio....

Os políticos, os governantes, ou, se preferirem, os governadantes, só se sentem seguros nos monólogos, sem se darem conta que as conversas em família já não pegam. Por que fazem eles isto? Por que não aceitam dialogar com os trabalhadores, com os dirigentes dos sindicatos, na Televisão, à vista de todos?

O motivo é simples: porque o Governo não tem razão. Porque o Governo tem medo. Porque a sua política é injusta. Porque a sua actividade está voltada para a repressão e não para o diálogo. Porque eles querem insultar, aldrabar, manipular impunemente.

Já conhecemos estes processos. Antes do 25 de Abril só os ministros iam à televisão. Eu pergunto aos meus leitores se concordam com isto. Ou se sou eu que estou a ver mal.

J. MARQUES
Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas
Tel. 573559 - 577706



Em Cine-Clube/2 a RTP-2 exibe esta noite, o filme realizado por Marco Bellochio em 1965, intitulado «I Pugni in Tasca»

Hoje

RTP 1

18.20 Tempo dos Mais Novos
18.45 País, País
19.10 Desporto Regional
19.30 «Água Viva»
20.30 Telejornal
21.00 O Tempo
21.05 Vamos Jogar no Totobola
21.20 TV Show
22.10 **Zoom** – Entrevista com Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português

RTP 2

20.30 Informação/2
21.00 **Cine-Clube** – com o filme «I Pugni in Tasca».

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
RTP-1
TV Show (21.20)
RTP-2
«I Pugni in Tasca» (21.00)
ASSISTÊNCIA TECNICA telef: 2112871

Amanhã

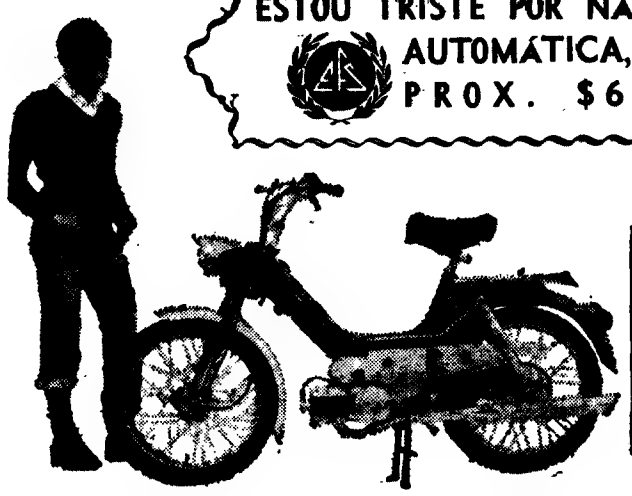
RTP 1

18.20: Tempo dos Mais Novos – **18.55**: Eurovisão – futebol, transmissão em directo do jogo da 1.ª mão das meias-finais da Taça das Taças, entre o Carl Zeiss e o Sport Lisboa e Benfica.; **21.00**: Telejornal; **21.35**: O tempo; **21.45**: «Água Viva»; **22.25**: Autores portugueses.

RTP 2

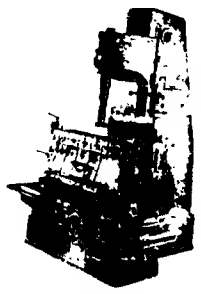
20.30: Informação/2; **21.00**: «O Homem da Montanha» – 6.º episódio 22.00: Os Grandes Mistérios da Música – Erik Satie.

ESTOU TRISTE POR NÃO POSSUIR UMA AUTOMÁTICA, QUE GASTA PROX. $68 POR KM.



AGORA EM MARÇO E ABRIL CUSTA MENOS 2 000$00

PREÇO AO PÚBLICO 33 250$00

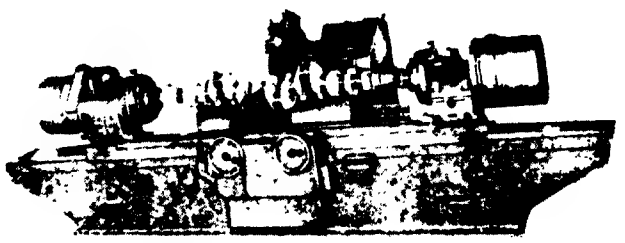


AMÉRICO MARTINS, LDA

OFICINA DE REPARAÇÃO DE PEÇAS AUTO

Máquinas de Rectificar Cambotas, Cilindros, Bielas,
Válvulas e Superfícies Planas
Soldaduras em Alumínio pelo processo ARGON

ENCAMISAGEM DE CILINDROS – TORNOS E MANDRILADORA



Rua de Lisboa, 45 Tel: 24396 7800 BEJA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
12.º JUÍZO
Proc.º n.º 1244-1.ª sec.

ANÚNCIO

pela 1.ª secção deste 12.º Juízo Cível de Lisboa, correm éditos de 30 dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo, citando o réu MÁRIO PINTO DA GUIA, actualmente ausente em parte incerta, mas com último domicílio conhecido na Av.ª da República, n.º 22-3.º Dt.º em LISBOA, para, no prazo de 10 dias contestar, querendo, a Acção Especial do Código da Estrada (art.º 68.º) que contra aquele mesmo réu move ANTÓNIO MANUEL RAMOS DOS SANTOS, e para dele obter o pagamento da quantia de Esc. 193 603$40, proveniente de indemnização por acidente de viação.

Lisboa, 1 de Abril de 1981
O Juiz de Direito
(a)João Alfredo Diniz Nunes

O Escrivão Adjunto
(a) José Manuel Ribeiro da Cruz

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

teatro da cornucopia

NÃO SE PAGA! NÃO SE PAGA! de Dario Fo

3.º MÊS
TODOS OS DIAS ÀS 21.30 h
DOM. ÀS 17.00 h
SEGUNDA DESCANSO

GRUPO DE CAMPOLIDE
«QUE FAREI COM ESTE LIVRO»
de J. Saramago enc. de J. Benite
No teatro da TRINDADE de 14 a 26 Abril
Tel: 323200 Sub-Sec-CMA

ROTEIRO CULTURAL

Teatro

«O Inspector» no Alentejo. A última produção teatral da Companhia do Centro Cultural de Évora, «O Inpector», de Nicolau Gogol, estará amanhã em Vila Viçosa (Cineteatro), sexta-feira em Montemor-o-Novo (Teatro Curvo Semedo) e sábado e domingo em Évora (Teatro Garcia Resende). Este espectáculo tem encenação de Luís Varela e cenários e figurinos de Manuel Costa Dias.

Cinema

Decorre até ao próximo dia 23 de Maio na Casa de Cultura de Moscavide um ciclo de cinema intitulado «Veja Cinema Português», organizado pela secção de cinema e audiovisuais da Frente Cultural Popular de Moscavide. As sessões de projecção realizam-se todas as quintas-feiras e sábados, pelas 21.30. Nesse quadro, serão exibidos amanhã e sábado, respectivamente «Areia, Lodo e Mar», de Amílcar Lyra e «Os Ciganos», de João Abel Aboim.

«Stroszek – A Canção de Bruno S» no Instituto Alemão. Será hoje exibido, às 18.30, no Instituto Alemão, o filme «Stroszek – A Canção de Bruno S.», de Werner Herzog, com Bruno S., Eva Mattes e Clemens Scheitz nos principais papéis. O enredo do filme, em resumo: depois de ter saído da prisão, Bruno S. não consegue viver em paz. Com dois amigos, emigra para os Estados Unidos da América, mas também aí vem a fracassar...

Exposições

Pintura sobre porcelana. Inaugurada no passado dia 1 do corrente, encontra-se patente ao público, na Galeria do Casino da Póvoa de Varzim, uma exposição de pintura sobre porcelana de Sofia Oliveira. Esta mostra, a terceira da pintora, integra cerca de 200 peças, todas subordinadas a um motivo: flores, rosas sobretudo. A exposição prossegue até ao dia 12 do corrente mês.

«Gaibéus e o seu tempo» em Sacavém. A exposição itinerante de homenagem a Alves Redol «Gaibéus e o seu tempo» encontra-se patente até ao próximo dia 10 na Cooperativa «A Sacavenense», em Sacavém.

Amanhã, pelas 16 horas, será inaugurada no Museu de José Malhoa, das Caldas da Rainha, uma exposição de obras de «Belchior de Matos, pintor das Caldas da Rainha – 1595-1628». Trata-se de um acervo de peças, de que se expõe um grupo artisticamente significativo de quadros, que revelam um típico representante do **Maneirismo** até agora desconhecido para a história de arte portuguesa. A actividade do pintor das Caldas, Belchior de Matos, ficou registada em numerosos retábulos e tábuas avulsas, que executou para diversas igrejas e capelas da região nos fins do séc. XVI e princípios do séc. XVII. Como artista regional, das de épocas recuadas até hoje totalmente ignorado, o Museu de José Malhoa orgulha-se de apresentar e identificar boa parte da sua obra num estudo crítico do dr.

Grupo Experimental de Dança-Jazz parte à conquista do Norte

Belchior de Matos revela-se-nos como um pintor não erudito, muito influenciado pelos modelos maneiristas apreendidos com o seu mestre Diogo Teixeira, e a sua obra apresenta um certo **sabor ingénuo,** o que confere ao pintor das Caldas grande importância na pintura portuguesa da época. Trazendo ao conhecimento do público este artista das Caldas, Vítor Serrão, intitulado **Memória Biográfica e Artística sobre Belchior de Matos, Pintor das Caldas da Rainha.**

No âmbito das actividades culturais desta exposição, vão ter lugar no Museu, além de visitas orientadas colectivas, uma série de conferências, colóquios, e debates pelos drs. Adriano de Gusmão, Dagoberto Mrkl, Fernando Castelo Branco, Flávio Gonçalves, Vítor Serrão, José Meco, Pedro Canavarro e Rui Rasquilho. Realizam-se também alguns concertos, nomeadamente um no dia 17, Dia Internacional dos Museus, pelas 18 horas, e outro no dia 10 de Junho, pelas 18 horas, pelo pianista Sequeira Costa. Com esta exposição, que encerra no dia 28 de Junho e ganha itinerância por outras cidades e vilas históricas como Lisboa, Coimbra, Alcobaça e Santarém, o Museu de José Malhoa e a cidade de Caldas da Rainha associam-se às Comemorações do Ano Internacional da Recuperação das Cidades Históricas.

Música

Dirigida pelo maestro Ivo Cruz, a Orquestra Gulbenkian apresentar-se-á amanhã, às 18.30, no Grande Auditório daquela Fundação, num concerto onde, com o apoio do solista e soprano Sigune von Osten, serão interpretadas obras de Schubert, Mozart, Hindemith e Britten.

A pianista Fernanda Soares dará depois de amanhã, pelas 21.30, na Fundação Eng. António de Almeida, um recital de piano durante o qual serão interpretadas «Cenas Infantis, op. 15», de Schuman, «Variações Sérias, op. 54», de Mendelssohn e «Sonata em Si bemol Maior», de Franz Schubert. Fernanda Soares é actualmente solista na Radiodifusão Portuguesa e Sueca e, também, professora na Universidade Musical Internacional de Paris.

Dança

Depois de no passado fim-de-semana se ter exibido pela primeira vez para o público da capital (dias 3, 4 e 5, no Teatro Maria Matos), o Grupo Experimental Dança Jazz, de que falaremos amanhã com maior pormenor noutro espaço deste jornal, parte à conquista do Norte. Assim, estará amanhã em Águeda (Teatro de Cefas); quinta-feira em Aveiro (Teatro Aveirense); sexta em Estarreja (Cineteatro); sábado no Porto (Teatro Carlos Alberto). Um espectáculo a não perder.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	51$95	56$95
ALEMANHA FED. (marco)	26$55	27$65
ÁUSTRIA (xelim)	3$80	4$00
BÉLGICA (franco)	1$555	1$655
BRASIL (cruzeiro)	$643	$893
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	47$80	49$80
(notas de 5 a 1000)	48$30	50$30
DINAMARCA)coroa)	8$45	8$85
ESPANHA (peseta)	$621	$721
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	56$80	58$80
(notas de 5 a 1000)	57$30	59$30
FINLÂNDIA (marka)	13$85	14$45
FRANÇA (franco)	11$30	11$90
HOLANDA (florim)	24$00	25$00
INGLATERRA (libra)	124$80	128$80
IRLANDA (libra)	97$25	101$28
ITÁLIA (lira)	$049	$059
JAPÃO (iene)	$242	$272
NORUEGA (coroa)	10$50	11$00
SUÉCIA (coroa)	12$20	12$80
SUÍÇA (franco)	29$10	30$20
VENEZUELA (bolivar)	11$40	12$40

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco

TEMPERATURAS DO AR
as 9 horas

Viana do Castelo	14°
Bragança	10°
Vila Real	11°
Porto	14°
P. Douradas	6°
Coimbra	12°
C. Carvoeiro	14°
Portalegre	12°
Lisboa	13°
Évora	12°
Sines	–
Beja	15°
Sagres	–
Faro	15°
P. Delgada	12°
Funchal	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.46	4,4 m	11.27	0,6 m
18.08	4,3 m	23.49	0,7 m
Dia 8			
6.52	4,2 m	12.11	0,8 m
18.54	4,1 m	24.37	0,9 m
Dia 9			
7.21	4,0 m	12.59	1,1 m
19.43	3,9 m		

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco; aguaceiros dispersos.

– AMANHÃ –
NASCER ÀS 7.11
OCASO ÀS 20.07

DIA 11 dia 19 DIA 27 DIA 4

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena-1

16.00: Sem margem – quem foi?; **17.00**: Que ambiente temos?, problemas ecológicos; **18.45**: RDP-regiões; **20.00**: Enquanto os outros vêem TV – concerto pedido; **21.00**: «O Marquês de Villemer», de George Sand – programa da noite; **22.00**: Mesa redonda; **00.00**: Disco... tempo; **02.00**: Madrugada na RDP-Lisboa; **05.30**: Terra e mar.

PROGRAMA 2

15.30 Que Quer Ouvir? Ópera em dois actos «La Cenerentola», de Rossini. Concerto n.º 3, em lá maior, de Haydn; **18.00** Música portuguesa; **19.00** Terra Viva, Planeta Azul, um programa sobre ecologia; **19.30** Música de piano de Mozart: Rondó em ré maior, K. 485. Concerto n.º 6, em si bemol maior, K. 238; **20.00** Música coral sinfónica: Um Requiem Alemão, op. 45, de Brahms; **21.30** Música de bailado; **22.30** O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00** Intercâmbio Musical: Temporada de 1979/80 da Rádio Sudoeste da Alemanha. Concerto pelo Conjunto Vocal de Kassel. Salmo da Noite (1977), de Udo Zimmermann. Canto V, de Hans Zender; **23.40** Música de Câmara: Dois concertos, da série «La Stravaganza», op. 4, de Vivaldi; **00.05** Música Sinfónica: Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 55 («Heroica»), de Beethoven; **01.00** Junção com «Antena Um».

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

17.03 TNT (todos no top); **18.00** SH – Jornal; **18.08** Hora de Ponta; **20.03** Quando o Telefone Toca (1.ª edição); **20.30** Diversos; **21.03** Quando o Telefone Toca (2.ª edição); **21.30** Quando o Telefone Toca (3.ª edição); **22.03** Portugal e a CEE; **22.15** Novas de Alegria; **22.30** Desporto; **23.00** SH – Jornal; **23.08** 24.ª Hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03 Rock em Stock; **18.03** Círculo em FM; **19.03** Em Órbita; **20.03** Rolls Rock; **21.03** Abandajazz; **22.03** Café Concerto; **23.00** SH – Jornal.

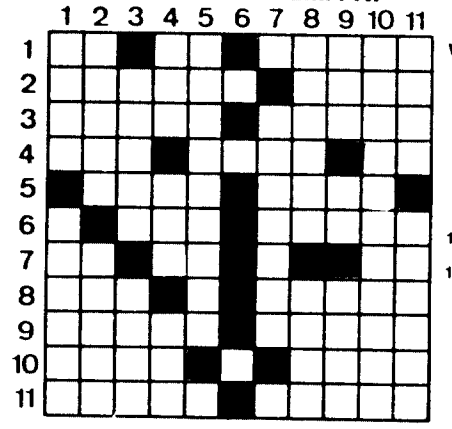
Rádio Renascença

16.00 Aqui e Agora; **17.00** Jornal da Mulher; **18.15** Igreja em Notícia; **18.25** Palavra do Dia; **18.30** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00** Programa da LAR; **19.30** Revista de Imprensa; **20.00** Paju; **21.00** Pentagrama; **21.30** Diálogo e Vida (Curso de Cultura Religiosa); **22.00** Quando o Telefone Toca; **22.30** Meta Final; **22.50** Curso de Inglês - BBC; **23.00** Flash informativo; **23.10** Actualidade Económica; **23.30** Nota de Abertura; **23.55** Meditando; **24.00** Máquinas ao Vivo.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 715 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 12 998



HORIZONTAIS:

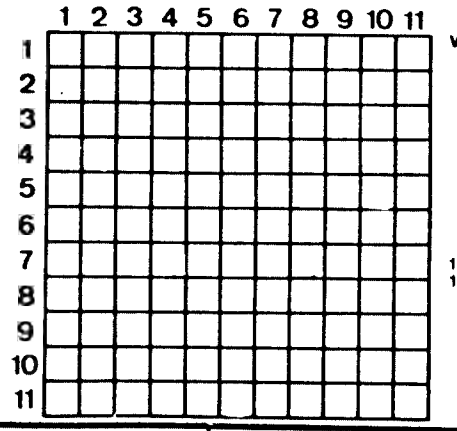
1 Ruim; Nome de Buda, na China; Guardam segredo.
2 Desterro; Nome de peixe.
3 Atraiçoar; Golpear.
4 Suspiros; Erva-doce; Preposição e artigo.
5 Óleo de sardinha; Artigo definido.
6 Rate; Bondoso.
7 Batráquio; Senhor (s.q.).
8 Magnete natural; Seguíamos.
9 Jamais; Ave trepadora.
10 Instrumento para atirar setas; Transigi.
11 Ecoara; Navios.

VERTICAIS:

1 Assassina; Gorjeias.
2 Descerrais; Habito.
3 Nivelar; Quadril.
4 Tempo do verbo ir; Uma das Cíclades; Coragem.
5 O mesmo que ramagem.
7 Guarnição.
8 Procedes; Cofre.
9 Pátria; Amónio (s.q.); Madres.
10 Rio do Brasil, afluente do Chapinézinho; Alentado.
11 Resido; Unis por casamento.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8958



HORIZONTAIS:

1 Aquele que; Percebe.
2 Cantão da Suíça; Oferecer; Alteza Real.
3 Vadios.
4 O mesmo que ion; Onda; Porco.
5 Escândio (s.q.); Apanhar; Alumínio (s.q.).
6 Carta de jogar; Cidade da Arábia; Nota musical.
7 Ósmio (s.q.); Solitários; Item.
8 Avalias; Oceano.
9 Combinava; Apelido.
10 Alvoradas. Um milhar.
11 Guarneceu de asas; Prevê.

VERTICAIS:

1 Semelhante; Conquistar.
2 Ave o mesmo que pega.
3 Enguia; Sovara.
4 Divisões de uma casa.
5 Ofereciam; Juízo.
6 Rabiscos sem nexo feitos geralmente pelas crianças.
7 Seio (fig.); Artigo indefinido.
8 Palmeiras da Amazónia. Suspiros.
9 Rio da Suíça; Nota musical.
10 Aparecerias.
11 Lê mal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 997

HORIZONTAIS:

1 Vagas. Acaba.
2 Irós. Arai.
3 Verso. Atora.
4 Desviam.
5 Rum. Sal.
6 Dor. Ana. Ié.
7 Dar. Ce. AS.
8 Saber.
9 Ua. Pó. Emalo.
10 Erram. Ouras.
11 MMII. Assara.

VERTICAIS:

1 VIVA. QUEM.
2 Are. Rol. Arm.
3 Gorduras. Ri.
4 Assem Rapai.
5 Os. Bom.
6 VENCE.
7 Aí. Aéreos.
8 Catas. Mus.
9 Aroma. Avara.
10 Bar. Lis. Lar.
11 Aiar. Rosa.

Provérbio: VIVA QUEM VENCE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8957

Horizontais:

1 Mal. Mão. Oca.
2 Er. Parco. AT.
3 Lotas. Areio.
4 Amar. Aspa.
5 Dam. Cor. Mir.
6 Arabá. Amora.
7 Arem. Pola.
8 Arecina.
9 Ás. Alana. Pu.
10 Lasso. Assim.
11 Ala. Ser. Ião.

Verticais:

1 Melada. Fala.
2 Aromara. Sal.
3 Tâmara. Sa.
4 Par. Beras.
5 Mas. Camelos.
6 Ar Fo. Cá.
7 Oca. Rapinar.
8 Ora. Monas.
9 Esmola. Si.
10 Caipira. Pia.
11 Atoara. Sumo.

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

MARBEL – Av. Roma, 131 A Tel. 776235; **CASTRO** – Av. Almirante Reis, 76 A Tel. 821973; **VILALOBOS SANTOS** – Rua Cruz St. Apolónia, 90-92; **BASTOS ANDRADE** – Cç Santo André, 107 Tel. 860450; **SANTOS SILVA** – Zona N. 2 de Chelas Bloco III Lt. 226 Loja 22 Tel. 681515; **AÇORIANA** – Lg. Conde Barão, 2 Tel. 661330; **NEVES** – Rua Bela Vista à Lapa, 37 Tel. 661251; **G. SILVA** – Rua Francisco T. Costa, 3 AC Tel. 771873; **BIOTIFAR** – Rua D. João Castro, 27 B Tel. 638824; **SÃO JOÃO DE DEUS** – Rua Pedro Ivo, 1 AB Tel. 885140; **CARDEIRA** – Av. Duque d'Ávila, 32 C Tel. 43495; **BRANCO** – Av. Comb. Grande Guerra, 29 Tel. 2112081; **JOLENI** – Rua Dr. Alexandre Braga, 3 B Tel. 910812; **CRUZ CORREIA** – Est. St. Eloi, 41 A Tel. 992453.

REFORÇO

NOGUEIRA – Rua de Alcântara, 5 AB Tel. 637563; **ALCÂNTARA** – Av. da República, 74 A Tel. 771379; **PINHA-RANDA** – Rua da Rosa, 94-96 Tel. 321534; **PORFÍRIO** – Rua Francisco Metrass, 59 B Tel. 663349; **BASTOS** – Rua Morais Soares, 91 D Tel. 844350; **SALUS** – Rua Luciano Cordeiro, 73 Tel. 42239; **ASCENSO** – Pç do Norte, 11-A Tel. 311216; **SÃO TOMÉ** – Est. do Desvio Lt 12 A Tel. 790704; **MARLUZ** – Cç da Picheleira, 140 BC Rua Prof. Mira Fernandes MAF Tel. 880703; **IMPERIAL** – Av. Guerra Junqueiro, 30 B Tel. 886860; **SOUSA** – Est. de Benfica, 429-431 Tel. 780027; **SÃO SEBASTIÃO** – Lg. S. Sebastião Pedreira, 1/3 Tel. 548642; **CORREIA** – Est. Principal, Lt. 172 Tel. 993148; **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro, 6 A Tel. 970660; **NOVA** – Rua Açores, 11 A Tel. 910305; **MATOS** – Tv. Prioras (Viv. Morgadinho), Tel. 2519939

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616) Até às 21 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.ª, 40-B (Tel. 2690363) Até às 21 horas; PORTO SALVO – Ferreira Bastos – R. D. Firmino Reb.º (Tel. 2421015) Até às 21 horas; **CAXIAS – Nova** – R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 243839) Até às 22 horas, **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Até às 22 horas, **CARCAVELOS – Vilar** – Av. M.ª Conce ª Lote 8 (Tel. 2470777) Até às 24 e das 0 às 9 horas, **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. S. Pedro 29-B (Tel 260085) Até às 21 horas **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 21 horas, **OEIRAS – Alcântara Guerreiro** – P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10 (Tel. 2430691) Até às 24 e das 0 às 9 horas, **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, lote 24 r/c (Tel. 2478737) Até às 21 horas, **PAREDE – Macau** – R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Junqueira Mendes** – Até às 21 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – (Tel. 262313/26/314) Até às 22 horas; **ESTORIL – Marques dos Santos** – R. Ferreira J.A., 15 (Tel 260116) Até às 21 horas; **CASCAIS – Nova** – Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044) Até às 21 horas; **Marginal** – Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 24 e das 0 às 9 horas

Outra Banda

ALMADA – Central – R. de Olivença, 11-B (Tel. 2750504); **COVA DA PIEDADE – Garcia Reis** – R. Dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO – Tóvar Chaves** – Feijó; **COSTA DA CAPARICA – Chai** – Av. General Humberto Delgado, 7-C (Tel 2403218); **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO – Mascarenhas Neto** – R. Almeida Garret, 1 (Tel. 2075454); **AMORA – Nobre Guerreiro** – R. Dr. Emídio Mendes, 31-A (Tel. 2212923; **SEIXAL – Soromenho** – R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTIJO – S. Pedro** – Av. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA – Helónica – R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933813) Permanente; **Glassol** – R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) Até às 22 horas; **DAMAIA – Confiança** – R. D. Maria II, Lote D (Tel. 9710231); **QUELUZ – Vasconcelos; CAMARATE – Nova da Charneca** – R. Cid. Lisboa, 94 (Tel. 2518726); **CACÉM – Garcia** – Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181); **MEM MARTINS – Cristina** – Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 2914820) Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA – Simões** – Estefânia (Tel. 2930058) Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088)

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44 (T. 2518520). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

PASTELEIRA, R. André de Resende, 92; **ALMEIDA CUNHA**, R. Formosa, 327; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636; **BIRRA**, P. da Liberdade, 125; **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444; **SÃO JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727.

DE DIA E TODA A NOITE

CONTUMIL, R. de Contumil, 540; **MARQUES DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 251; **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855; **VAZ TEIXEIRA**, R. do Heroísmo, 56; **SAÚDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689.

Coimbra

DAS 9 HORAS AS 9 DO DIA SEGUINTE

ADRIANA, P. da República, 20-22 (T. 23609); **ESTÁDIO**, R. do Brasil, 348, r/c (T. 72710).

teatros

Lisboa

ABC – «Reviravolta», às 20.30 e 23 (18 anos)
VASCO SANTANA – «Cogumelos» 21.30 (18 anos)
LAURA ALVES – «Chega para Todos», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO – «Não Se Paga Não Se Paga», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «O Patego Olha o Balão», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II – «O Judeu», às 21.15 (13 anos)
MONUMENTAL – «A Gravata», às 21.30 (13 anos)

Outros Espectáculos

CONDES – «Pacto de Sangue», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Torneio Sexual», às 21.30 e 23.00 (18 anos)
CINEARTE – «Fantasma», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «A Águia Vingadora», às 21.30 (18 anos).
PROMOTORA – «Cidade em Chamas» às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Último Padrinho», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «O Segredo do Fedora», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Aeroporto 80» 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Todos pela medida grande» 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Alguém anda a matar os grandes chefes da Europa» 21.15 (18 anos)

outros cinemas

SETÚBAL – Júpiter – «Um bater de corações» 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Vamos a isto que é festa» 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Juramento de sangue» 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-cine – «Tua mulher essa desconhecida» 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Antíssimo Moisés» 17 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Os 4 da vida airada» 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «A torre dos reféns» 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Super Mann II» 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «Hedda» 21.30 (13 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Os banqueiros» 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «A fúria irresistível» 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Disco fever» 21.30 (13 anos)

SACAVÉM – S. José – «Sarilho no Farwest» 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «Meu nome é ninguém» 21.30 (13 anos)
PÓVOA DE ST.º ADRIÃO – S. José – «A espada relâmpago» 21.30 (18 anos)
MOSCAVIDE – Stop – «Triângulo diabólico das Bermudas» 21.30 (18 anos)

Porto

COLISEU «FLASH GORDON», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Os Conquistadores do Oeste», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «O Desvendar de um Mistério», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Alice no País das Maravilhas», às 21.30 (6 anos)
RIVOLI – «A Noite dos Mil Olhos», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Jesus da Nazaré (1.ª parte)», às 21.30 (6 anos)
JÚLIO DINIS – «Ambição Insaciável», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Gardénia, o Indomável», às 21.45 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Tess» 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Encontros Imediatos do Terceiro Grau», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «A Lagoa Azul», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Superman N.º 2», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «Cinco dedos da morte» 21.30 (18 anos)
BEBÉ – «Diário de uma Criada de Quarto», às 21.45 (18 anos)
CARLOS ALBERTO – «Kilas, o Mau da Fita», às 21.30 (18 anos)
LUMIERE – L – «A Fúria de um Herói», às 21.45 (13 anos)
S. JOÃO – «O Tambor» 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Maus Pensamentos», às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Orgia de Verão», às 21.45 (18 anos)

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18 30, 21.30
para todos
O CAVALO NEGRO
Às 23.45 – 13 anos
O REGRESSO DA PANTERA COR-DE-ROSA
c/ P. Sellers
SALA B
Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45
RACING BULL – O touro enraivecido
com Roberto Dentro
Não acons. men. 18 anos

ALVALADE 897480

Av. de Roma
às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não Int. men. 13 anos
PACTO DE SANGUE
Com Sofia Loren
e Mando Mastroianni

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
San J. Jones, Melody Anderson, Ornela Mutti
FLASH GORDON
acons. men. 13 anos
Um filme de Mike Hodges
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque DÁvila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não cons. men. 18 anos
Os seus punhos tinham a força de um tigre, por isso lhe chamavam . . .
O TIGRE DE HONG-KONG
Com Kao Peng – Cheng Piso

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21 30
GENTE VULGAR
Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos

Um filme de Robert Redford
Technicolor
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
14 00, 16.00, 19.00, e 21.30
Não acons. men 13 anos
ALICE NO PAÍS DAS FADAS
para todos technicolor
falado em português

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
PIPOCAS E GELADO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Às 14 15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
UM AMOR EM COMPETIÇÃO

Às 23.45 – Não acons. men. 18 anos
HAIR
de Milos Forman

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Interdito men. 18 anos
AS ESCRAVAS DO SEXO
Pornográfico – «hardcore»
Às 24 horas – Não acons. men. 13 anos
O OFÍCIO DE MATAR

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O TAMBOR
Um dos espectáculos mais surpreendentes que o cinema jamais nos ofereceu.
Um filme de Volker Schlomdorff
Com: David Bernnent, Mário Adorf e Charles Aznavour
Às 00.30 – Interd. men. 13 anos
O EXECUTOR IMPLACÁVEL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
A CONSPIRAÇÃO DO URÂNIO
Um filme de Ramesh Sippy

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Interd men. 13 anos
A história sensual dum amor puro
A LAGOA AZUL
Com Brooke Shields e Christopher Atkins

Às 23 45 - Não acons. men. 13 anos
BÚFALO BILL E OS ÍNDIOS

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
Às 15 30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O PEQUENO BURGUÊS

D. JOÃO V 971794

Pr. Centro Comercial – Damaia
Às 21.30
Não acons. men. 13 anos
A DEUSA COBRA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16 30, 19 e 21.30
Não cons. men. 13 anos
Burt Lancaster, Rod Steiger e John Savage em
OS CONQUISTADORES DO OESTE
Um filme de Lamont Johnson colorido

ESTÚDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Interd. men. 13 anos
O FILME MAIS MALUCO DO MUNDO
Sábados e domingos
Às 15-17-19 e 21.30 h

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Um dos espectáculos mais surpreendentes que o cinema nos ofereceu!
O TAMBOR
3.ª semana
C/ David Bernnent, Mário Adorf e Angela Winkler

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30
para todos
com os divertidos
LES CHARLOTS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Ainda mais (muito mais) espectacular que o primeiro
SUPERMAN N.º 2
A aventura continua

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Colorido
O ÚLTIMO METRO
O novo filme de François Truffaut

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Som: Dolby Stereo
3 sessões: 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Dino de Laurentiis
FLASH GORDON
Sam J. Jones, Melody Anderson e Ornella Muti

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
A guerra não permitiu uma paixão impossível
NATÁLIA NO INFERNO NAZI
2.ª semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14, 16 30, 19 e 21.30
O DUETO DA CORDA
C/ John Balushi, Dan Aykroyd e James Brown
Um filme de John Landis – Technicolor
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
A mais expressiva obra do mestre Alberto Lattuada
FRANCESCA
Um amor impossível
O filme terá início logo após o começo das sessões
Sessão das 24 horas
MILAGRE EM MILÃO
de Vittorio de Sica

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
DESTINO FATAL
Um filme indiano – com Rismi Kapoor
(O filme é projectado no início da sessão)

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
OS CONQUISTADORES DO OESTE
Colorido – com: Burt Lancaster, Rod Steiger e Diane Lane

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
ALIEN VOLTA A ATACAR
Belinda Mayne, Marc Bodin, Robert Barrese

QUARTETO 1376

R. Flores Lima, 16
SALA 1 – 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons men. 18 anos
SALVE-SE QUEM PUDER
SALA 2 – 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24
Maiores de 18 anos
KILAS O MAU DA FITA
SALA 3 – 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons men. 18 anos
AGORA É A MINHA VEZ
SALA 4 – 15, 17, 19, 21.30, e 23 30
Maiores de 18 anos
AS MÃOS SOBRE A CIDADE

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30
Interd. men. 18 anos
O DESVENDAR DE UM MISTÉRIO

ROXY 548568

Av. Almirante Reis, 20
Estreia às 21.30
Não acons. men. 13 anos
JUVENTUDE DE UMA RAINHA
O mais belo espectáculo da Pascoa
Às 14.15, 16.30 e 18.45
O DUETO DA CORDA

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
«Oscars» para melhor actor e melhor montagem
RAGING BULL
O Touro Enraivecido
de Martin Scorsese com Robert de Niro
ATENÇÃO: As sessões iniciam-se com o filme

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15-17 19 e 21 30 h.
Para todos
O GAROTO DE CHARLOT
Charlie Chasplin e Jackie Coogan
filme de qualidade
em complemento:
OS OCIOSOS
de Charlie Chaplin
Sexta, Sábado e Domingo
Int. men. 13 anos
ALVORADA ZULU

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.30, e 21 30
Int. men. 13 anos
O MEU TIO DA AMÉRICA
com Gerard Depardieu e Nicole Garcia
11.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13.15, 15.30, 18.00, 21.30 e 24.00
UM AMOR EM COMPETIÇÃO
(filme de qualidade)
com Richard Dreypuss, Ami Irving-Lee Renick
O filme começa logo no início da sessão

TIVOLI 570595

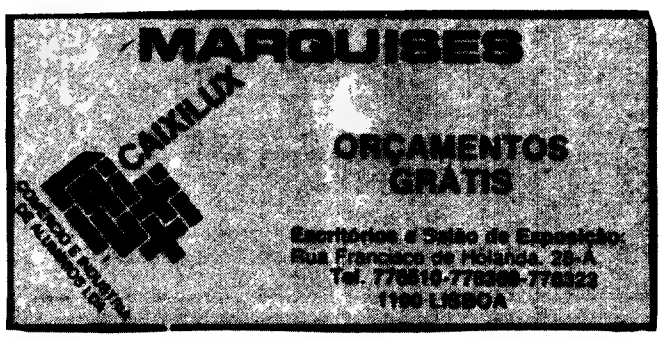
Av. da Liberdade, 188
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Walt Disney Productions apresenta
ALICE NO PAIS DAS FADAS
para todos em technicolor
Falado em Português

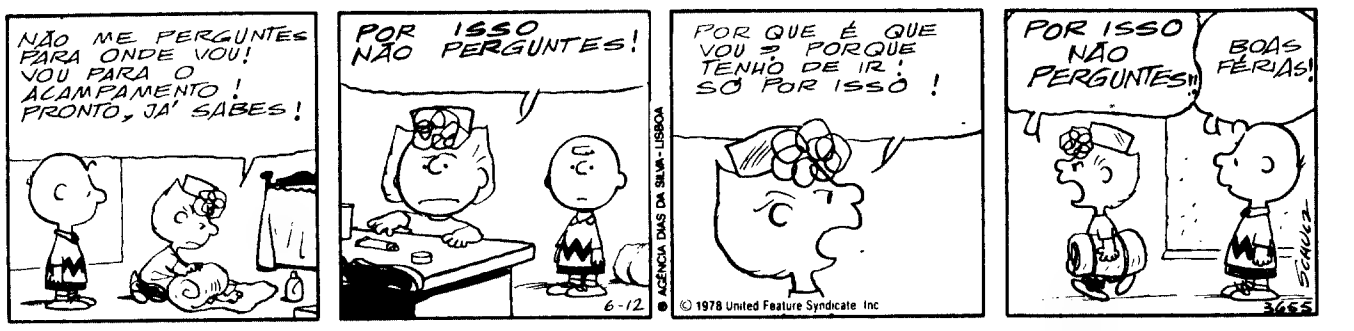
VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Ainda mais (muito Mais) espectacular que o primeiro
SUPERMAN N.º 2

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O MEU PRIMEIRO AMOR
Uma história de amor excepcional





PORTE PAGO
DL
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA
Telefones 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade - 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones 654531/2/3
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro - 321154
Redacção 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Almada, 30-2.º
Telefones 20954/5 4000 PORTO

Membro das "FP-25" detido em Setúbal?

Numa rusga aparatosa realizada no último sábado, pela madrugada, na periferia de Setúbal, com especial incidência no Bairro da Camarinha, teria sido detido um elemento das autodenominadas «Forças Populares 25 de Abril», cuja última acção foi o atentado perpetrado no Dafundo, contra Manuel Inglês Esquível, administrador da SAPEC e governador civil de Setúbal antes do 25 de Abril.

A notícia, divulgada pelo jornal «O Setubalense», não foi, no entanto, confirmada nem desmentida esta manhã ao «DL» pelo Comando-Geral da PSP, através do comissário Serra, que nos remeteu para um comunicado a ser distribu ainda esta tarde pelo Comando Distrital de Setúbal. Entretanto, na PJ não constava nenhum elemento sobre o assunto. Na rusga, em que teriam sido identificados cerca de duzentos indivíduos, para além de elementos da PSP local participou também um efectivo importante do Corpo de Intervenção.

Três doentes, mais a desilusão

Síndroma de Oeiras: de Londres "a zero"

As doentes afectadas pelo chamado «síndroma de Oeiras» deverão regressar hoje a Lisboa, depois de 15 dias num hospital londrino, onde se submeteram a diversos exames médicos. Com as três funcionárias da Estação Agronómica de Oeiras viaja a desilusão pessoal de não terem obtido da parte dos médicos ingleses qualquer esclarecimento sobre o mal que as afecta.

O silêncio dos médicos ingleses, mesmo depois das observações a que submeteram as pacientes, parece de resto corresponder a uma prática naquele país. Por isso, também a Embaixada portuguesa não obteve quaisquer elementos, devendo os resultados dos exames ser entregues a um responsável da Direcção-Geral de Saúde, dr. Vieira Lisboa.

Enquanto permaneceram em Londres, as três funcionárias não receberam qualquer tratamento, tendo a sua estadia no St. John's Hospital servido exclusivamente para a concretização de sucessivos exames, desde as análises à urina e ao sangue, às radiografias tanto à zona afectada (arcos costais) como à cabeça.

A tumefacção dos arcos costais continua a afectar estas pacientes e todas as restantes em quem foram detectados os sinais que no conjunto permitem a designação de «síndroma de Oeiras». Simultaneamente, têm uma dor no local afectado, alternando com melhoras durante alguns dias.

As três doentes, que se deslocaram a Londres por decisão do MAP, já tinham manifestado há alguns dias a sua desolação por se encontrarem desamparadas num ambiente alheio, sem qualquer apoio da parte dos responsáveis. Agora pretendem saber, exigir, dados concretos sobre o que os médicos ingleses conseguiram ou não apurar.

Rejeitados os salários impostos

Função Pública vai desencadear novas formas de luta

O ministro da Reforma Administrativa revelou a noite passada na televisão a nova tabela salarial que o Governo pretende impor à Função Pública.

A tabela, que foi comunicada ao Sindicato dos Quadros Técnicos e à Frente Sindical da Administração Pública (FESAP), contempla um aumento médio de 15 por cento a partir de 1 de Maio e é inferior (em cerca de 200 mil contos) à que o Governo apresentou aos sindicatos em 20 de Março e muito mais ainda (700 mil contos) relativamente à que na semana passada esteve em estudo no Conselho de Ministros.

Na intervenção, Eusébio Marques de Carvalho referiu as limitações das verbas do Orçamento Geral de Estado para os aumentos salariais da Função Pública e abordou o crtério seguido para a elaboração da tabela, com base nas disponibilidades financeiras.

A posição governamental recusa aumento das diuturnidades e não apresenta qualquer proposta quanto ao subídio de almoço.

Entretanto a FESAP num comunicado agora divulgado, considera rompidas as negociações com o Governo e convocou para amanhã um plenário para adopção de medidas de luta.

Critica nomeadamente que a nova tabela é inferior à inicialmente apresentada pelo Governo e que o aumento proposto é de 15,2 por cento, ou seja, 1,4 por cento abaixo do ritmo da inflação no ano passado, violando – acrescent a FESAP – a promessa de que os aumentos nunca seriam inferiores à taxa de inflacão.

Últimas

Contactado para responder às perguntas que Pedro Alvim e Augusto Vilela fizeram a quarenta personalidades, **Luís Fontoura**, secretário de Estado da Comunicação Social, que esteve ausente e por outro lado «a braços com grande sobrecarga de trabalho», não deixou todavia de corresponder à solicitação que o «DL» lhe dirigiu.

Eis a opinião do responsável pela Comunicação Social sobre o nosso jornal:

«Leio o 'DL' há 20 anos sempre com o maior interesse. Jornal que nunca perdeu a sua personalidade, assume hoje, com frontalidade democrática, uma clara perspectiva do futuro da sociedade portuguesa. Não é dispensável por quem deseje manter-se informado, abrangendo todo o leque do pulsar político do País.»

Ruptura eminente no seio da CAP

Na última assembleia de delegados da CAP, realizada no sábado passado em Lisboa, surgiu uma proposta no sentido de ser tomada uma atitude definitiva, quanto às posições assumidas pelas associações de agricultores do Alentejo, que têm levantado objecções à linha que neste momento orienta aquela organização. Entretanto foi marcada uma nova reunião para 9 e 10 de Maio, a fectuar possivelmente em Aveiro, onde as coisas se irão aclarar de uma vez para sempre. E o mais provável é que aconteça a ruptura.

Entretanto José Manuel Casqueiro continua a participar em reuniões de agricultores no Alto Alentejo, numa tentativa para isolar os seus adversários. Ainda antes de ontem esteve no Redondo com cerca de 130 agricultores que manifestaram, segundo o secretário-geral da CAP, interesse em aderir ou mesmo ingressar nas fileiras da organização de que é fundador.

Isto revela como os outros estão isolados na medida em que, a nivel distrital, não conseguem reunir mais de cinquenta pessoas...

A propósito José Manuel Casqueiro descreveu a assembleia de sábado como **uma reunião pacífica,** para o que contribuiu a ausência dos contestatários. **O diálogo tornou-se, portanto fácil.** Mas o mais importante foi, sem dúvida, o facto das decisões, aprovadas nas assembleias do Porto e Lisboa, terem sido rectificadas, o que elimina quaisquer procedimentos de carácter jurídico, da parte das citadas associações. Assim, a minoria que dentro da CAP contesta a orientação preconizada por Casqueiro e José Manuel Queiroga não poderia pôr em causa a legitimidade das deliberações tomadas nas anteriores assembleias.

José Manuel Casqueiro, em declarações prestadas ao «DL», referiu-se ainda às **calúnias de tão baixo nível** com que um matutino de direita o tem vindo a brindar nos últimos meses. **Nem merecem o meu comentário. Trata-se de um tipo de linguagem que não me diz nada. De um recado encomendado, ao articulista, por parte de gente que naõ tendo conseguido controlar a CAP, tenta agora destruí-la. Estamos perante um discurso de extrema-direita, baseado na mentira deliberada...**

O secretário-geral da CAP lamenta que o citado matutino corte o direito de resposta a alguns dos atingidos, apresentando como exemplo o caso da Associação de Agricultores de Coruche que apesar de ter enviado a sua posição, em carta registada para a redacção desse jornal, não viu o texto publicado.

Nós queremos a revisão das leis da Reforma Agrária, só que a nossa proposta difere muito das deles. Claro que não coincide se não estariam todos de acordo. É verdade que pretendemos a revisão mas dentro dos princípios que defendíamos em 1976 e que na altura foram aprovados por todas as associações, mesmo por aqueles que agora nos contestam...

José Manuel Casqueiro acha que a terra deveria ser entregue não só a pequenos agricultores mas ainda a seareiros, rendeiros e trabalhadores rurais com vista à formação de novos proprietários...**Aliás,** acrescentou, **o presidente da CAP já disse que não há possibilidade de conciliação entre o nosso projecto e o outro que as associações contestatárias subscrevem».**

Pão pão, queijo queijo

Um senhor muito bem vestido, muito descontraído, muito seguro de si, veio à ribalta e esclareceu dúvidas muito importantes que andavam a preocupar as pessoas. Este País que vive ou vivia na injustiça ia mudar rapidamente. A pouca vergonha dos preços receberia um golpe de misericórdia e a justiça, finalmente, ia sobrevoar os horizontes da Pátria portuguesa. A mudança prometida estava aí a chegar.

Portanto, segundo garantiu aquele senhor muito bem vestido, muito descontraído e muito senhor de si, os preços (principalmente dos comes e bebes) iam subir!... Finalmente a injustiça acabava!...

Um coro de alegria percorreu serras e vales e o País estremeceu como se se tratasse de um tremor de terra. O preço do pão subiria cerca de cinquenta por cento, com um acompanhamento correspondente das outras coisas: carne, peixe, arroz, açúcar, vinho e tal e etc., bem como o queijo. Era, enfim, a liberdade!

Proclamando bem alto a liberdade dos preços, aquele senhor bem vestido e bem falante provocou o tal coro de alegria, a tal onda de satisfação que fez estremecer o País, como se se tratasse de um tremor de terra.

E o que dizia o País para exprimir, pão, pão / queijo, queijo, a sua enorme alegria?

Apenas isto: «Que grandes filhos da Pátria»!

O coro cresce, cresce. O País é abalado por este choque de alegria irreprimível. Começa a recear-se que este tremor abra fendas, como se se tratasse de um terramoto.

Manuel de Azevedo

Amieirinha na expectativa

Apesar de a situação se apresentar calma ao fim da manhã na povoação da Amieirinha, onde, conforme noticiámos, a população cortou a via, na sequência de um acidente grave na passagem de nível local, tudo se poderá agravar nas próximas horas caso a solução trazida de Lisboa pela delegação da Câmara da Marinha Grande não satisfaça a principal reivindicação: a construção de uma cancela ou a contratação de um guarda.

Entretanto, segundo conseguimos apurar, a CP teria proposto à delegação da Câmara da Marinha Grande a sua comparticipação para a automatização da passagem de nível, alternativa que poderá levar à solução do conflito.

O "Exclusivo" publica-se amanhã

O nosso suplemento dedicado à vida internacional, que habitualmente se publica às terças-feiras, será desta vez incluído na edição de amanhã em consequência das numerosas páginas que formam o jornal de hoje, comemorativo do 60.º aniversário do «DL». No «Exclusivo» de amanhã incluem-se, entre outros assuntos de actualidade, artigos sobre o momento da política argentina; os vinte anos da vitória da Baía dos Porcos; o programa nuclear brasileiro, uma fábrica de dívidas; os meninos da cidade de bambu; a guerra dos satélites, etc, além das secções habituais.

JOGOS DE MAPLES E SOFÁS — CAMAS
.COMPRE NO FABRICANTE
TEMOS EM EXPOSIÇÃO GRANDE VARIEDADE E EXECUTAMOS TODOS OS MODELOS
FACILIDADES DE PAGAMENTO
REQUINTE — Móveis e Estofos
AV. ALMIRANTE REIS, 110 (Perto da Praça do Chile)

RESERVE O SEU
o professor
DIRECTOR ROGÉRIO FERNANDES
JÁ ESTÁ À VENDA O N.º 27
UMA REVISTA DE
EDUCAÇÃO ENSINO CULTURA
DE PROFESSORES PARA PROFESSORES
CDL
ASSINATURAS Á COBRANÇA

O mundo nas suas mãos... connosco!

Em negócios ou turismo,
evite problemas desnecessários.
Nós asseguramos-lhe a sua deslocação
para qualquer parte do mundo.
Não se esqueça!
Europeia
UM NOME ANTIGO COM UMA NOVA DINÂMICA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778062
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Viv. Sant'Ana Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

concurso DL

3

1.º Álbum SEMPRE FIXE

8 PÁGINAS

QUINTA-FEIRA
Lisboa--20 de Maio-1926

5 TOSTÕES

sempre fixe 2

semanario humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇAO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

A ultima esperança do doente

Se chega a dar-lhe a desejada injecção, a hemorrégie será fatal

PHILIPS
CoresNaturais
TVcor Philips

RECORTE POR AQUI

1.º Álbum SEMPRE FIXE

O primeiro concurso literario

Oldemiro Farrusca

Em virtude do nosso primeiro numero se ter esgotado, repetimos hoje o têma do concurso organizado para o *Sempre fixe* por André Brun:

Concurso I

O leão e o incesto
ou
Os inconvenientes da bigamia

Oldemiro Farrusca, empregado nas Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, casou há cêrca de vinte anos com D. Olegaria Pimenta, a quem ocasionou um filho com olhos azuis, que teve o nome de Raul. Passados alguns mezes, Oldemiro já citado apaixonou-se violentamente por D. Engracia Vilarinho, oriunda de familia distinta, á qual—Engracia—conduziu á igreja em *coupé* de trintanario. Só depoi de realizado o enlace e a meio do copo d'agua, Oldemiro se lembrou de que já era casado com D. Olegaria acima referida. Era um pouco tarde. D. Engracia, —uma impulsiva, aqui para nós—tinha tal empenho em ser mãe que o foi dali por três semanas duma menina robusta, a quem na pia baptismal foi posto o nome de Alzira.

Para disfarçar a sua bigamia e viver em paz com suas esposas, Oldemiro valia-se do emprego. A' D. Olegaria explicou que, durante o dia, tinha de espeitar os bicos que se acendiam á noite. E gastava os seus dias com D. Engracia. A' D. Engracia explicou que, durante a noite, tinha de contar os candieiros que teimavam em estar apagados. E gastava as suas noites com D. Olegaria.

Assim decorreram cerca de vinte anos. O menino Raul, a quem já se fez alusão anteriormente, está um homenzinho, como Vv. Ex.as podem calcular. A menina Alzira, fruto, como se disse, do segundo matrimonio, não lhe fica atrás.

Mas eis que—como dizia Ponson du Terrail—uma noite, em casa de D. Olegaria, Oldemiro vê, no chão, uma carta dobrada. Desdobra-a e lê-a. E' uma missiva de Alzira a Raul. Sem saberem que são irmãos, os dois encontraram-se na musica da Avenida e amaram-se. Na carta que Oldemiro tem entre mãos, a sua filha—impulsiva como a mãe, aqui para nós—participa ao seu filho que está disposta a deixar-se raptar e, nessa noite, ao bater das duas, ta-

D. Olegaria

D. Engracia

par o automovel que deve comparecer á esquina da rua.

Oldemiro perde a cabeça. São quasi uma e meia. O caso não permite delongas. E' preciso evitar que aquelas crianças cometam tão grande loucura. Pega, pois, no chapeu-e, mesmo em cuecas, sem se despedir da D. Olegaria, abala pela escada abaixo em direcção dos penates da D. Engracia.

Ao chegar, porém, ao patim do primeiro andar, o desventurado bigamo, que se não podia aguentar com pressa, tem a mais extravagante, a menos concebivel das surprezas. Imaginem que vinha tranquilamente subindo a escada, em sentido contrario, *um leão*...

Que succedeu?

O jury

O juri que ha-de apreciar as respostas dos concorrentes será composto pelos nossos colaboradores Norberto de Araujo e Alvaro de Andrade e por André Brun, organizador do concurso.

As condições

Juntamente com o texto do concurso, foi por André Brun entregue em carta lacrada, que ficou depositada no cofre da direcção do *Sempre fixe*, o resto da

Raul

Alzira

historia, palpitante, como se vê, de misterio e de interesso.

Os nossos leitores, que queiram mostrar a sua imaginação e o seu espirito, enviar-nos-hão as suas respostas *até sabado, 22 do corrente*, a fim de que o juri possa dar a sua opinião a tempo das soluções premiadas serem publicadas no nosso terceiro numero.

O primeiro prémio será distribuido á solução que mais se aproxime da que se encontra lacrada e em deposito.

O segundo premio será distribuido á mais espirituosa das soluções, na opinião do juri.

Caso nenhuma solução se aproxime da solução oficial, os dois prémios serão distribuidos ás duas respostas mais espirituosas.

As respostas deverão não exceder quarenta linhas, ser assinadas, indicar a morada do concorrente e ter o seguinte endereço:

Rua da Rosa, 57
LISBOA
Concurso do leão

Os premios

O primeiro prémio é constituido pelas três primeiras séries de *Os meus domingos*, de André Brun, ilustradas por Francisco Valença e editadas por Guimarães & C.ª. Estes três volumes serão encadernados com ferros especiais e reunidos numa elegante *pochette*. Terão, além disso, uma dedicatoria do autor ao vencedor do concurso.

O segundo prémio é constituido pelos três volumes humoristicos, igualmente de André Brun, *Sem pés nem cabeça*, *Cada vez pior* e *Sem cara possivel*, tambem encadernados especialmente, reunidos em *pochette* e com dedicatoria do autor ao vencedor do prémio.

concurso DL

4

C'rôa, ó graxa!!!...

— Então o senhor tem uma bota preta e outra encarnada?

— Que queres? Com a pressa e ás escuras — foi o que se poude arranjar...

BRIC-À-BRAC

por João Fernandes

De... lapidações!...

Esses maçons, que nunca mais avançam
Co'a estatua de Pombal, que já mal cheira,
Querem-lhe, á democratica maneira.
E até a apedrejá-lo se abalançam.

Homens do maior credito afiançam
Que a pedra que lhe atiram quinta-feira,
É, pelas suas contas, a terceira
Das três *primeiras* pedras que lhe lançam.

Prova este excesso de lapidação
As delapidações que por 'hi vão,
Quando ha muita travessa por calçar,

E já tanto estadista desanima
De encontrar pedras para pôr em cima
Dos escandalos que ha p'ra sufocar...

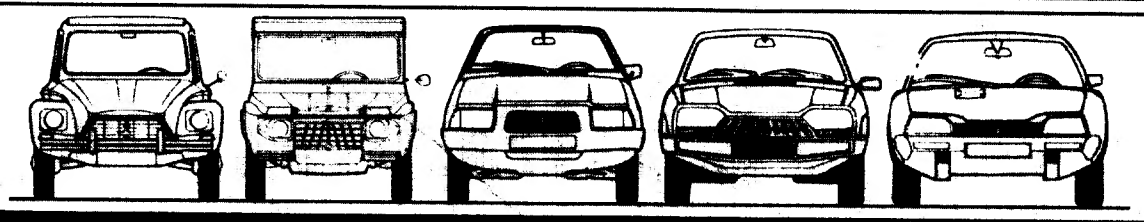
No Pelourinho

Isto, meu querido leitor,
Vai de mal para pior;
E agora o vereador
Tem um *Dodge* ao seu dispôr
P'ró povo servir melhor!...

A *Epoca* no-lo diz,
E, invectivando a quem explora
Tão miseravel pais,
Diz que urge pôr os edis
Do Pelourinho p'ra fóra.
Pois eu, para punição
Da massa ter descaminho,
Como justa expiação,
Deixava a vereação
Amarrada... ao pelourinho.

De Leal Conselheiro

— Esta Acção Realista... é uma "má acção realista"!...



CITROËN
a gama mais completa

RECORTE POR AQUI

concurso DL

15

1.º Álbum SEMPRE FIXE

QUINTA-FEIRA
Lisboa--1 de Julho-1926

5 TOSTÕES

8

sempre fixe

semanario humoristico

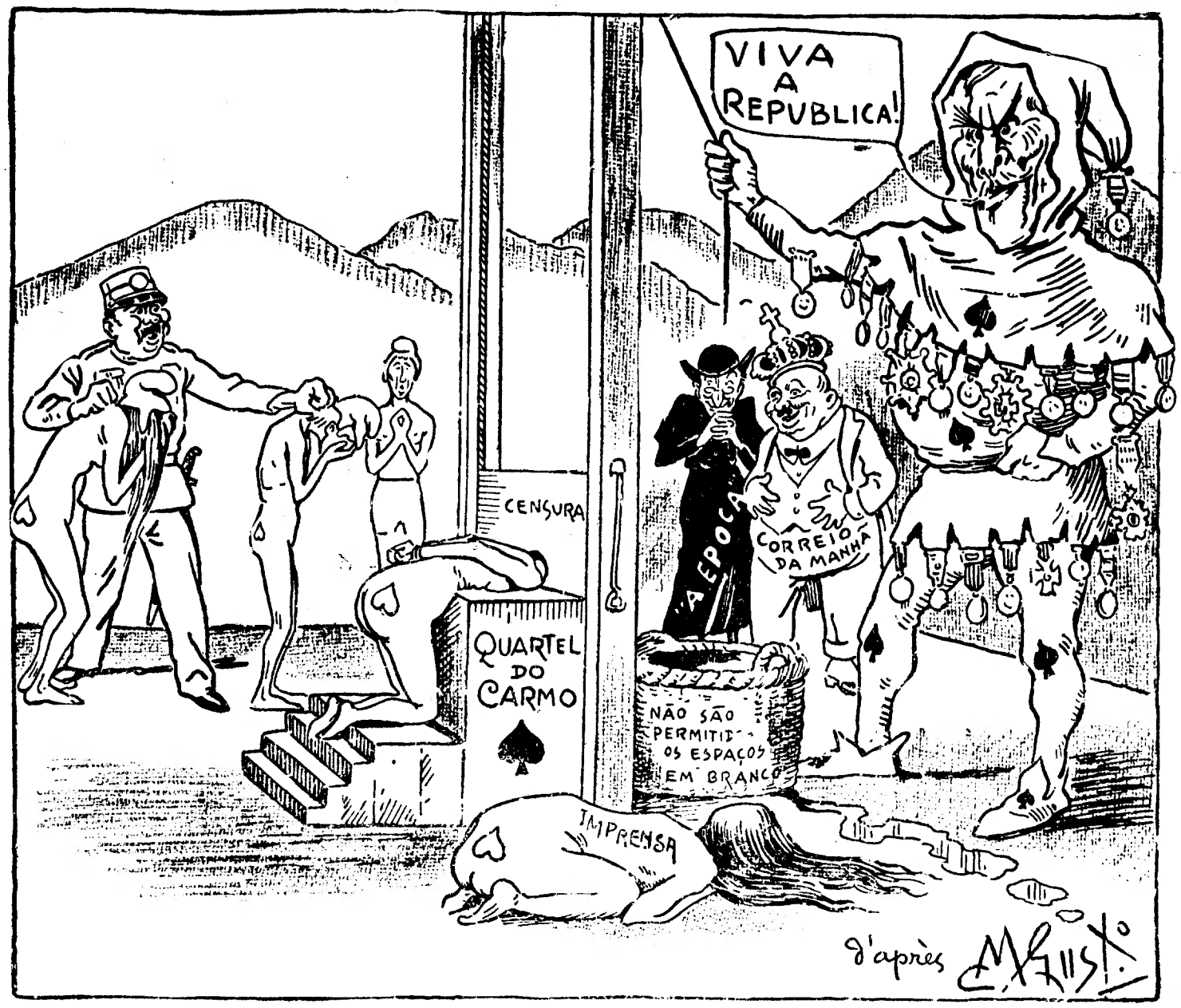
Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇAO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

Executor de alta justiça

(Adaptação de uma pagina de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, publicada na "Parodia", de 19 de Setembro de 1900)

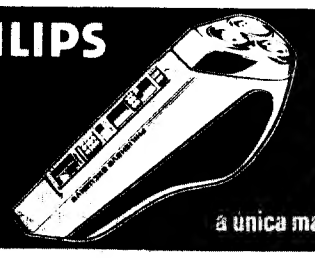


A Historia repete-se. Que saudades do juiz Veiga!...

RECORTE POR AQUI

Nova Philishave de acção dupla

PHILIPS



prepara o corte e barbeia mais rente

a unica máquina eléctrica de barbear de acção dupla

1.º Álbum SEMPRE FIXE

concurso DL

16

Galarim

Fui no sabado passado
Tomar um sorvete á "Chic"
E ouvi, na mesa ao meu lado,
Um dialogo travado
Sobre o dr. Ruy Ulrich.
E um, que me estava ao pé,
E ao qual eu não contradigo,
Chegou a dizer até:
—"Qual Ulrich, meu amigo!
Ulriquissimo é que ele é!"

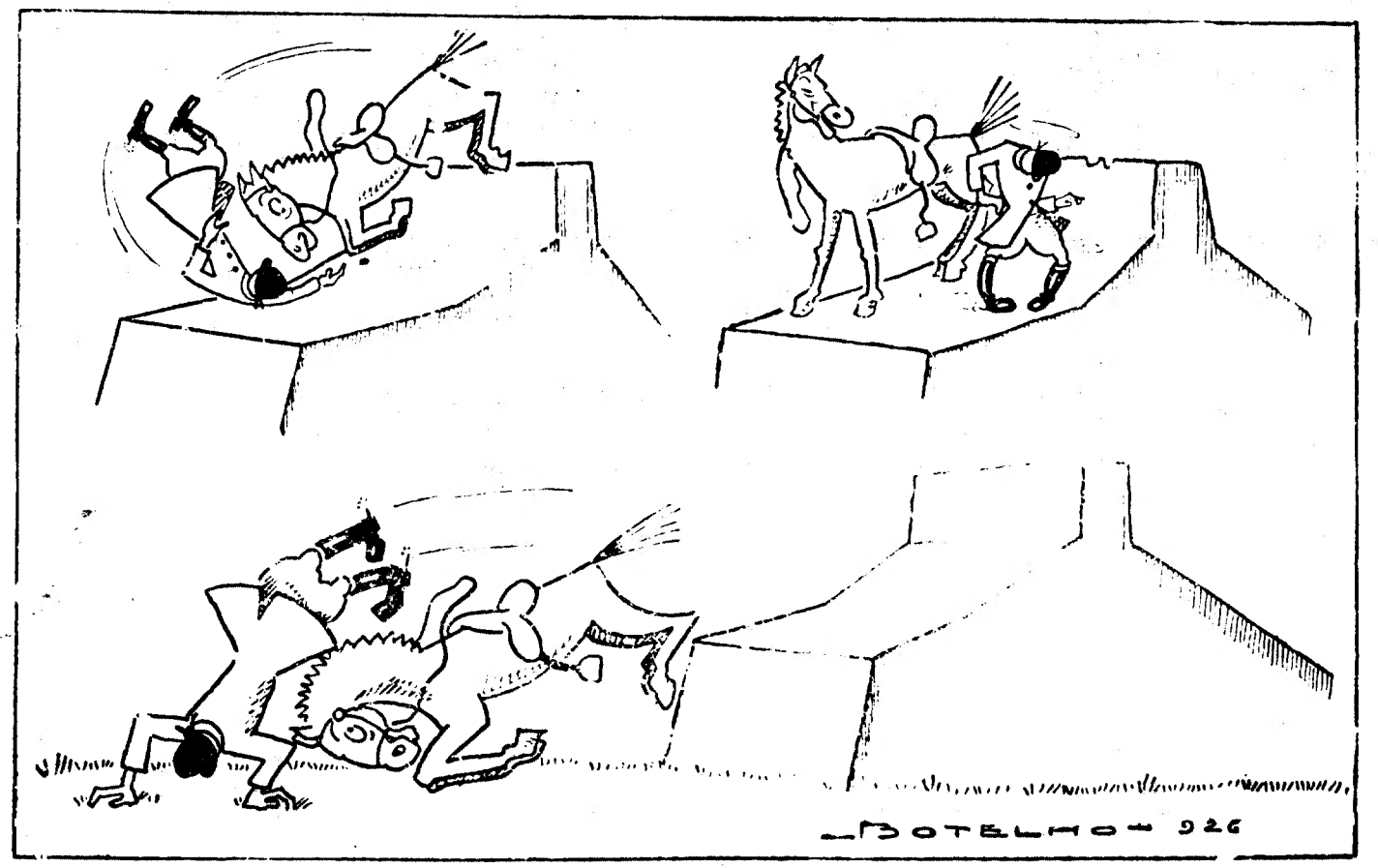
Reporter Y.

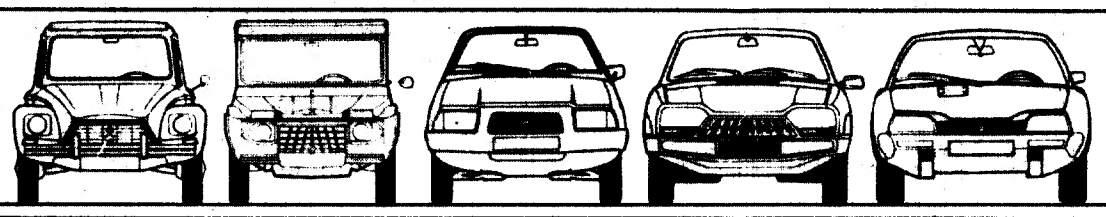
BRIC-À-BRAC

Tenho assuntos com fartura,
E os que sei os não revelo,
Que estamos em dictadura,
E eu dos córtes da censura
Tenho um medo que me pélo.
Este governo viril,
Não quere que dele discordem,
E eu temo que um aguazil
Me meta a Musa na ordem,
Ou no Governo Civil.
Sob a ferrea durindana,
Põem-se as coisas tão feias,
Que ainda a outra semana
Foram prender o Pestana,
Que é director das cadeias.
Este caso verdadeiro
Deixou a todos surprezos
E assombrou o mundo inteiro,
Por ver que hoje em dia os presos
Vão buscar-se ao Limoeiro.

Sobre a nudez forte da verdade,
o manto diafano da fantasia.

Grande Concurso Internacional de Estoiros em Palhavã





CITROËN
a gama mais completa

CITROEN

RECORTE POR AQUI